

O MEU HOMICÍDIO

E SE A MORTE QUE TIVÉSSEMOS
DE INVESTIGAR FOSSE A NOSSA?



«HÁBIL, ORIGINAL E IMPREVISÍVEL. KATIE WILLIAMS
INVOKA E SUBVERTE ATREVIDAMENTE A TRAMA
CONVENCIONAL DO ASSASSINO-EM-SÉRIE-
-A-PERSEGUIR-MULHERES-ATERORIZADAS.»

THE WASHINGTON POST

TOP
SEL
LER

KATIE WILLIAMS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O MEU HOMICÍDIO

E SE A MORTE QUE TIVÉSSEMOS
DE INVESTIGAR FOSSE A NOSSA?



«HÁBIL, ORIGINAL E IMPREVISÍVEL. KATIE WILLIAMS
INVOKA E SUBVERTE ATREVIDAMENTE A TRAMA
CONVENCIONAL DO ASSASSINO-EM-SÉRIE-
-A-PERSEGUIR-MULHERES-ATERORIZADAS.»

THE WASHINGTON POST

TOP
SEL
LER

KATIE WILLIAMS

KATIE WILLIAMS

O MEU HOMICÍDIO



os livros em primeiro lugar

Índice

O Meu Homicídio

Créditos

Dedicatória

O Meu Homicídio

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre a autora



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: junho de 2024

O MEU HOMICÍDIO

Titulo original: *My Murder*

© 2023, Katie Williams

Publicado por Riverhead Books,
uma chancela de Penguin Random House LLC, Nova Iorque.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Publicado por acordo com

Sterling Lord Literistic e MB Agencia Literaria

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a previa autorização por escrito do editor.

Tradução: José Remelhe

Revisão: Maria João Fonseca

Capa: Wonder Studio/Ana Teixeira

Design da capa: Grace Han

Ilustração da capa: Giselle Dekel

ISBN: 978-989-583-167-8

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.editora](#)

Instagram: [topseller.suma](#)

Para Fia e Frank,
Se pudesse, clonava-vos

Deveria estar a vestir-me para a festa, a primeira desde o meu homicídio. Em vez disso, andava às voltas com o ralo do chuveiro, que estava a escoar muito devagar, deixando o interior da banheira coberto de sabonete e salpicado de sujidade. Com isso, não estava vestida, nem um sapato, um brinco, umas cuecas. Para dizer a verdade, estava nua e de cócoras na banheira, a enfiar uma cruzeta de arame desdobrada pelo cano, tentando capturar uma bola de cabelo de outra mulher.

A cruzeta raspou a lateral do cano, voltou a raspá-la, mas depois (apanhei-te!) afundou-se em terreno mole.

— Vesti as calças! — disse o Silas do outro lado da porta.

Ao ouvir a voz dele, a cruzeta rodopiou-me nos dedos e a extremidade veio à superfície com uma pequena bola de gosma. Disse um palavrão.

— Agora as meias! — anunciou.

Enfiei novamente a cruzeta no ralo. Seria disparatado compadecer-me da banheira, que retia toda aquela água, que via toda aquela água escoar por si? De certeza que, depois de todos os banhos que aconteceram no seu interior, a pobre coitada esperara ser deixada limpa.

— Estou a dar o nó na gravata — informou o Silas. — Demora um minuto. Dois.

O Silas era assim. Sempre fora assim. Quando estamos atrasados, anuncia em tempo real cada passo concluído da sua preparação para sair. Nestes momentos, o meu marido transforma-se num cronómetro da higiene pessoal.

— Estou mesmo a sair do chuveiro! — respondi.

Não era verdade. Mas quase apanhara a bola de cabelos. Senti a sua minúscula resistência ao puxar a cruzeta para fora. Lá estava ela, uma bola de cabelos pretos a reluzir dentro da sua placenta de sabonete. Era do tamanho de um rato. Mexi nos cabelos com a ponta da cruzeta. Este cabelo era meu.

Este cabelo não era meu.

Este cabelo era dela.

Bateram à porta da casa de banho.

O Silas abriu-a antes de eu ter tempo de responder.

— Borracho? Está tudo bem aí?

Não era costume fazer isto, entrar assim de rompante, mas decidi esquecer isso, pelo menos por agora, pelo menos esta noite, porque sabia que ele se preocupava, que estava sempre preocupado. E era cuidadoso, tão cuidadoso, como se eu fosse um copo de água cheio até cima que ele tinha de levar de sala em sala à procura da pessoa que pedira algo para beber. Mas depois havia ocasiões em que a sua preocupação o deixava muito pouco cuidadoso, muito pelo contrário, como era o presente caso, com a porta.

O Silas inclinou-se mais para dentro da casa de banho. Demorou um minuto para me avistar na banheira com o meu amontoado de cabelos do ralo. Que outra coisa poderia ele dizer que não:

— Que nojo!

— Os cabelos não são meus — informei.

E não eram. Ao chegar a casa depois do hospital, fui à cabeleireira e pedira-lhe para me cortar o cabelo comprido pela nuca. Uma mulher a cortar radicalmente o cabelo para demonstrar o quanto a sua vida mudou. Um lugar-comum? Com certeza. Mas não fora por isso que o fizera. Fizera-o porque adorava a sensação do ar no pescoço.

— Também não são meus. — O Silas passou uma mão pela cabeça, mostrando-me os dentes.

Há muito, muito tempo, o Silas tinha o cabelo tão comprido que lhe dava pelos ombros, tão comprido que me caía em cima da cara durante o sexo. Agora usava-o curto, e, num certo ângulo, com certas condições de luz, conseguia-se ver o brilho da careca.

— São os cabelos *dela* — disse-lhe. — Da tua primeira mulher. Devia ser cá um animal! Tinha uma escova, ao menos?

O Silas brindou-me com um sorriso forçado. Eu sabia que ele não gostava das minhas piadas sobre a sua «primeira mulher», mas não me conseguia conter. Deixaria de o fazer assim que me conseguisse conter.

— Está certo — disse ele. — Bom trabalho. Mas achas que...

— Eu sei, eu sei, vou-me já vestir.

O Silas baixou a cabeça e desviou o olhar, e eu lembrei-me da minha nudez. Desde que a comissão me trouxera de volta, tinha tomado uma consciência do meu corpo como nunca acontecera até aí, nem mesmo em grávida. Agora, tinha consciência não da aparência do meu corpo, do que ele era capaz de fazer ou do que continha, mas do que *era*, da sua existência. Consequia senti-lo mesmo agora, a carne dos meus lóbulos, o nó do umbigo, a espiral de cada impressão digital. Eu estava no meu corpo. Eu era o meu corpo. Estava viva. E sentia

excitação e efervescência em todos os meus contornos, como se o meu ser tivesse sido despejado no meu invólucro até ao bordo. Levantei-me, sentindo as últimas gotas de água a saltarem de mim.

— É que o Travis é muito esquisito com as festas — estava o Silas a dizer. O Travis era o colega de trabalho dele, o que fazia anos, um número redondo. Trinta? Quarenta? Não me lembrava ao certo. — Está a contar que toda a gente chegue a horas, como se fosse para o trabalho.

— Bem — disse eu, como quem diz: *E não é?*

O Silas deu-me a mão para me ajudar a sair da banheira.

— Ouve — levantou a minha mão até ao nível da boca dele, como se lhe fosse beijar as costas —, podemos dizer que não vamos.

— Não podemos fazer isso.

— Podemos ficar em casa, ver um filme. Mandar vir uma *pizza*. Essas coisas todas.

— Queres dizer as coisas todas que temos feito desde o meu homicídio?

O Silas estremeceu. «O meu homicídio» era outra coisa que detestava que eu dissesse.

— Estou apenas a dizer que se uma festa for demasiado... — começou.

— Não é demasiado.

— Se for demasiado cedo...

— Não exageres. É só uma festa.

Abeirou-se de mim e beijou-me levemente. Retribuí o beijo de uma forma que ele não esperava, demorada e profunda. Os seus lábios eram familiares e com um pouco de cieiro, e, por detrás, uma fila de dentes duros.

Afastei-me.

— Quero ir à festa.

— Acredito — disse ele, pestanejando com o beijo.

Recebi uma mensagem no telemóvel.

— A *babysitter* chegou.

Enquanto o Silas foi lá abaixo abrir a porta à Preeti, que deixava pedaços de batatas fritas no molho e me tirava fotografias às escondidas para enviar às amigas, vesti-me. Peguei numas meias, desemaranhei-as. *Queria* ir à festa; a verdade era essa. Tinha sido assassinada, mas agora estava viva. Queria aproveitar tudo ao máximo. Queria comer até ver o fundo do tacho. Queria sentir o formigar do ar na nuca. Queria rir, foder e desentupir o ralo da banheira. Queria sentir o roçar destas meias na pele destas pernas.

Bolas. Tinha acabado de abrir um buraco nas meias com uma unha, naquelas meias com o desenho de teia de aranha. Amarrotei-as e larguei-as em cima da bebé, que estava no ovo em cima do tapete,

aos meus pés. A Nova levou as meias à boca e depois dedicou-se a chuchar um dedo do pé. Fui ao armário e decidi-me antes por umas calças, vesti-as, apertei o cinto. E, no chão do armário, lá estava o saco de lona verde, aquele que eu costumava levar para o ginásio. Estava cheio, com o fecho corrido.

A Nova fez um som atrás de mim. Um arrulhar. Tinha o pé da meia completamente enfiado na boca. Senti um calafrio de vergonha. Meias: perigo de asfixia. E eu tinha-lhas dado. Devia estar a pensar, a observar, devia estar alerta.

— Desculpa, pequerrucha. Não podes ficar com isso.

Peguei na bebé ao colo e tirei-lhe as meias, agora molhadas com o cuspido dela. Já estava tão grande, uma raparigona adorável, já precisava dos dois braços para lhe pegar. Nove meses. Estava cá fora há tanto tempo como estivera dentro de mim. (De mim, não.) Quando lhe tirei as meias, a Nova começou a espernear. Depois, de repente, desatou a chorar, como se fossem a sua única paixão na vida.

Antes do meu homicídio, a Nova nunca costumava chorar, não muito, nada para dizer a verdade. Fazia muitos outros barulhos, frequentes e tranquilizantes: balbuciava, mamava, peidava-se e estalava a língua nas gengivas, que brilhavam a um ponto alarmante, como uma coisa que deveria ser mantida em segredo, um segredo húmido e cor-de-rosa. Claro que às vezes ficava agitada, sobretudo durante o sono, como se existisse algo nos sonhos a incomodá-la, de cenho franzido como um pano amarrotado. Mas não chorava. «Os bebés choram», dizia toda a gente. Só que a Nova não chorava. Até que eu desaparecera, reaparecendo meses mais tarde, como se estivéssemos no jogo das escondidas mais assustador de sempre. Agora chorava sempre que eu pegava nela, chorava e mais nada.

O Silas regressou. Tinha as sobancelhas levantadas por a bebé estar a chorar. Senti outra vez aquele calafrio de vergonha, agora como que elétrico: tinha deixado a porta do armário aberta, o saco de lona verde ali mesmo no chão, se ele olhasse por cima do meu ombro... Recuei e fechei a porta com o calcanhar.

— Deixa-me pegar nela. — O Silas deu um passo para mim com os braços abertos. — Podes vestir uma camisa.

— Pensei em ir assim.

— Feliz aniversário, Travis. — Ele esticou os braços. — Deixa-me pegar nela.

O Silas é um homem maravilhoso; toda a gente concorda neste aspeto. É atinado, tem os pés bem assentes no chão, mas não o deixei pegar na bebé. Em vez disso, debrucei-me por cima dela. Os seus guinchos ficaram mais desvairados agora que estava cercada pela pessoa que mais odiava, ou seja, eu. Encostei a cara ao cocuruto da cabeça dela. A moleirinha estava finalmente fechada, graças a Deus.

Quando a Nova nasceu, tive medo de enfiar um polegar no ponto mole, como o rapaz daquela cantiga infantil que mete o dedo na tarte e tira de lá uma ameixa. Tive medo de, por acidente, lhe pisar o tórax e de o partir como se fosse um copo de vinho. Agora já não tinha medo dessas coisas, não agora, que estava ciente de todas as outras maneiras de como certamente a iria desiludir.

— Está tudo bem — disse-lhe. — Está tudo bem, pequerrucha. Calma. — Virei-me para o Silas. — Ainda devo ter o cheiro do hospital. É por isso que ela está a chorar. Os bebés e os cães farejam coisas que nós não conseguimos cheirar, não é?

— Os cães e as abelhas — disse o Silas. — Medo.

— Os cães e as abelhas têm medo de quê?

— Não. É isso que conseguem farejar: o medo.

— Então, talvez os bebés consigam farejar os hospitais.

— Bom, já lá todos estiveram. — O Silas teve o cuidado de não deixar transparecer na expressão o que lhe ia na alma, mas eu sabia o que ele estava a pensar: eu estava em casa há três meses. O cheiro do hospital que pudesse ter havido há muito que teria já desaparecido.

O Silas franziu o sobrolho.

— Borracho...

— Não faz mal — atalhei antes de ele ter tempo de dizer mais alguma coisa. — Não faz mal que ela chore. A sério. — Deitei a bebé no ovo, onde se calou de imediato. — Olha. Parou.

— De certeza que não queres...

— Vamos à festa. — Enfie uma blusa e comecei a apertar os botões com movimentos decididos, para lhe dar a entender que estava a falar a sério. — Leva a bebé à Preeti. Já lá vou ter.

Assim que ouvi os passos do Silas nas escadas, voltei ao armário. O saco ainda lá estava. Onde mais poderia estar? Abri ligeiramente o fecho e vi uma camada de roupa de desporto. Por baixo estava o meu passaporte, o cartão da Segurança Social e outros artigos necessários, uma pulseira que o meu pai me deu quando eu tinha 8 anos e um envelope com o que restava do cordão umbilical seco da Nova.

Quando emalei este saco, algumas semanas depois do nascimento da Nova, disse a mim mesma que isso não significava que iria abandonar a minha família. Emalar o saco era apenas um exercício para gerir o inominável, todos os sentimentos que não sentia, a vacilante coluna de pavor que ocupava o espaço onde o sentimento da maternidade — a alegria firme e acalentadora que me tinham assegurado que sentiria — deveria estar. Emalar aquele saco tranquilizara-me, dobrar as roupas em quadrados muito direitos, esconder os tesouros por baixo e correr o fecho sobre tudo isso. Desde então, fora assassinada e clonada, desmanchada e reconstituída. E agora conseguia ver o saco como aquilo que era: um quase acidente,

uma cagada em três atos, um erro terrível. A minha Nova. O meu Silas. Como pôde sequer passar-me pela cabeça deixá-los? Empurrei o saco para o fundo do armário e fechei a porta. Trataria dele amanhã. O Silas nunca teria de saber.

Ele estava à minha espera lá em baixo. Regressei à casa de banho para aplicar rímel e batom. Pó no rosto. Parei com o pincel encostado ao queixo e fitei-me, aproximei-me mais e mais, até encostar a ponta do nariz ao vidro.

— Estou aqui — disse para com os meus botões. — Estou aqui e vou a uma festa.

Desconhecidos

O ano que antecedeu o meu homicídio foi o ano de ser reconhecida por desconhecidos. O fenómeno começou no início da gravidez, era a Nova apenas uma secreta circunflexão no meu ventre. Na rua, as pessoas começaram a fitar-me, chegando mesmo a virar a cabeça quando eu passava por elas. Os revisores dos transportes públicos sorriam para mim e diziam: «Olá outra vez!» Os empregados dos restaurantes davam palmadinhas no queixo e perguntavam: «De onde é que a conheço?» Para mim, era um mistério. Ter-se-ia mudado um grupo de familiares afastados para a região? Seria parecida com alguma atriz que tivesse ficado recentemente famosa?

Então, certa tarde, a meio do segundo trimestre, o meu patrão, o Javier, tinha aparecido em minha casa, a tremer de energia. Até o bigode vibrava.

— Javi, mas que diabos? — perguntei-lhe, saindo para o alpendre.

Agarrou-me pelos ombros. Nunca o tinha visto assim. O Javi estava sempre relaxado, sempre à vontade e bem-disposto. O seu estilo de gestão consistia em disparar elogios pela porta do gabinete.

Ali, no alpendre, o Javi nem parecia o mesmo, de olhos esbugalhados e dentes cerrados. Disse-me que estivera na baixa e que, pelo canto do olho, vira num ecrã uma reportagem sobre uma vítima de homicídio. Julgara que era eu. Mesmo depois de ter olhado com mais atenção e percebido que a cara da mulher era somente parecida com a minha, e não a minha, ainda não tinha conseguido afastar a sensação de que ela era eu. Disse que precisara de me ver com os próprios olhos. Depois, colocou as mãos sobre as minhas orelhas e suspirou de alívio, como se tivesse tido medo de que as suas mãos me atravessassem o crânio e batessem palmas.

Portanto, aqui estava a explicação do mistério. Era essa a pessoa por quem os desconhecidos me tomavam, uma das mulheres amarfanhadas aqui e ali pela cidade, uma das mulheres que tinham assombrado os noticiários, uma das mulheres com os sapatos alinhados ao lado do corpo, como que à espera de que os voltasse a calçar.

Depois de o Javi ir embora, fiquei diante do espelho do vestíbulo, procurei a fotografia dela no telemóvel e comparei as nossas fisionomias, ovais pálidas por detrás de vidro. Éramos as duas mulheres brancas com cabelos escuros e compridos, na casa dos trinta. Ela era mais bonita do que eu, pensei, esta mulher que fora assassinada, uma tal de Fern, tão luminosa quanto eu era desenxabida, tão delicada quanto eu era grosseira, tão simétrica quanto eu era torta. Aos poucos, porém, virando a cabeça num determinado ângulo e estreitando os olhos de uma certa forma, consegui perceber o que os desconhecidos viam. Éramos parecidas.

Despejei uma embalagem de tinta na cabeça, um tom ruivo a roçar o roxo. A cor deixou uma mancha cor-de-rosa ao longo das raízes dos meus cabelos, como uma queimadura. Porém, não fez a mínima diferença. Os desconhecidos continuavam a parar-me na rua. Continuavam a semicerrar os olhos e a dar palmadinhas nos queixos. Continuavam a achar que me conheciam de algum lado. Habituei-me a ficar quieta, pacientemente à espera enquanto eles percorriam várias colegas de escola e apresentadoras locais da meteorologia. Aprendi a sorrir e a dizer: «Tenho uma daquelas caras que parecem familiares.»

E depois estava na festa, sob as luzes fracas de uma sala de estar desconhecida, e o *spray* de limpar o pó e a fragrância das velas a enevoarem a atmosfera. Desejara música alta, com ritmo, desconhecidos e dança. Em vez disso, viera parar a um género de ocasião voltada para vinho, delicadezas e conversa de circunstância. Os convivas rodopiavam à minha volta. Tocavam-me no braço ou não. Abeiravam-se de mim aos pares ou aos trios, como se eu fosse a poncheira, como se eu fosse a travessa dos queijos, como se eu fosse o monte de pequenos guardanapos dispostos em leque. Há meses que não estava perto de tanta gente. As atenções que me votavam enervavam-me, o cruzar de olhares accidental, os murmúrios que poderiam ser o meu nome. Aliás, pareceu-me ouvir alguém a trautear aquela rima, aquela que as crianças cantarolam enquanto batem palmas:

*Edward Early, numa escuridão sem fim
Edward Early, deixou Angela no jardim
Largou Fern no carrinho
Deitou Jasmine no caminho
Edward Early, que homem tão cruel
Rodou Lacey no carrossel
Edward Early e os seus assassinatos
À Louise tirou-lhe os sapatos*

Olhei em redor à procura do Silas, que, depois de tanta preocupação e confusão, tinha decidido deixar-me sozinha. Não fazia ideia de para onde fora. Bem, não é verdade. Tinha a certeza quase absoluta de que se esgueirara até ao pátio das traseiras com o Travis para fumar. Pisguei-me para a cozinha e encontrei uma coisa roxa para servir no meu copo.

Quando me virei, os convivas tinham-me encontrado outra vez. Eram quatro. A namorada do Travis (que eu apelidei secretamente de Já Tocada), um casal, agarrados um ao outro como se pudessem cair

para o lado caso não o fizessem, e uma mulher solitária que fungava bruscamente, não sei se por causa de uma constipação ou por desgosto.

Havia quem se opusesse à comissão de replicação, por motivos religiosos ou pelos escândalos do ano anterior. Depois, havia quem se opusesse a mim especificamente, sendo da opinião de que eu não merecia ser trazida de volta, porque, bem vistas as coisas, quem era eu? Uma pessoa insignificante, uma desconhecida. Deveria ter sido a sua cantora preferida, a avó de que mais gostavam.

— Lou! — gritou a Já Tocada, fazendo jus ao nome, vermelhusca no nariz e nas maçãs do rosto. — Estamos muito felizes por estares aqui!

Não percebi se com «aqui» ela queria dizer na festa ou, bem, viva. Além disso, não me lembrava do seu nome. Assim, levantei o copo e disse:

— Parabéns ao Travis!

— Não — disse um elemento do casal de abraçados —, parabéns a *ti*!

— Não é o meu aniversário — expliquei.

— De certa forma até é, não é? — retorquiu o outro elemento do casal.

— Talvez se possa dizer que é um renascimento — disse o primeiro. Tirou-me a garrafa de vinho da mão e levantou-a. — Feliz renascimento! — Bebeu um trago.

— Vamos brindar à Lou — interveio a Já Tocada com um olhar de advertência para os amigos. Esticou o braço e tocou-me na manga. — Não é, malta? Um brinde à Lou?

— À Lou! — gritaram de forma dissonante.

Levantei o copo em resposta. Toda a gente bateu palmas.

— Então, conta lá — disse o homem à medida que a ovação ia diminuindo de intensidade.

— Conto o quê? — indaguei.

— Como foi?

— Como foi o quê?

— Nascer, é claro!

A Já Tocada disse o nome do homem, mas não o conseguiu travar; além disso, não afastou a mão do meu braço.

— Vá lá — disse ele. — Não me lembro do *meu* nascimento. Tu lembras-te do teu?

— É claro que não — respondeu a Já Tocada. — Era bebé.

— Pois, mas *ela* não! — O homem apontou para mim. — Ela era... como é agora.

Olhei por cima deles à procura do Silas, mas não havia sinal dele. Os convivas estavam a mirar-me com a atenção obsessiva que os

bêbados conseguem ter, uma firmeza hesitante. Passou-me pela cabeça desatar a correr. Podia gritar uma desculpa qualquer ao escapulir-me. *Casa de banho!* ou *Campainha!* ou *Fred!* Quem era o Fred?

Mas depois pensei melhor. Pensei: *Querem saber como foi? Querem que lhes diga? Então, diz-lhes.* E disse.

— A primeira coisa de que me lembro é de um barulho que pensei que fosse água a correr.

Os convivas entreolharam-se, depois olharam outra vez para mim.

— Água — repetiu um, baixinho.

— Que águas eram essas, não sabia. O meu próprio sangue? O lava-louça da cozinha? Ondas no oceano do ser e não ser? No final de contas, não era água. No final de contas, não era água, mas sim o barulho da minha pele a esfregar a minha pele, as palmas das mãos a esfregar na parte de cima das coxas. *E foi assim* que descobri que tinha palmas das mãos! E coxas!

Ao ouvir isto, riram-se. Pelos vistos, era cómico ter um corpo. Ou se calhar era cómico eu ter este corpo, cujo braço a namorada do Travis ainda estava a tocar, talvez exultante, talvez desiludida, talvez ambas as coisas, por parecer um braço banal.

— Quando abri os olhos — prossegui —, tive a certeza de que estava debaixo de água outra vez. Ou as coisas estavam desfocadas ou esborratadas, ou então esborratadas ou desfocadas. E pensei: *Apareceu alguém e esmagou o mundo numa papa.* Mas depois pestanejei e percebi que eram as minhas lágrimas. Eram as minhas lágrimas que estavam a transformar o mundo numa grande papa. E assim que percebi o que eram, escorreram-me pela cara.

— Estavas a chorar? — alguém perguntou.

— Apenas tecnicamente. Os médicos tinham-me irrigado os olhos com líquidos para manter as membranas humedecidas. Quando pestanejei, tudo ficou focado.

— O que viste?

— O meu marido e a minha filha. O Silas, sim, estava a chorar; mas o Silas também chora por tudo e por nada, chora quando vê anúncios de cartões de crédito ou quando vê móveis abandonados na berma da estrada, chora *só de pensar* na avó a fazer sopa.

Eles soltaram alguns risinhos ao ouvir isto, o seu colega de trabalho, o estoico Silas, a chorar só de pensar na avó a fazer sopa.

— Reconheceste-os? — alguém perguntou.

— Claro que os reconheci. Ainda tinha as minhas memórias. De contrário, o que seria eu? Não eu. Apenas um corpo. Apenas uma grande papa.

Os convivas riram outra vez, agora desconfortáveis. A Já Tocada olhou de relance para a mão, ainda pousada no meu braço, mas acabou por não a afastar. Talvez mais tarde nessa noite esfregasse os

dedos e sentisse que trouxera um sedimento meu, alguma escama, quando na realidade apenas estaria a sentir-se a si mesma.

— E de que mais te lembras?

— Lembro-me dos cheiros. Os cheiros do hospital: desinfetante, os invólucros de plástico em que os meus lençóis vieram e uma coisa que alguém disse ser o almoço. E o *aftershave* que o Silas usa. Limão e pétalas.

— Cheiraste a tua família.

— Sim, a minha família.

Os convivas brindaram-me com sorrisos mais largos ao ouvir isto, sorvendo o seu vinho ao mesmo tempo. Por fim, a Já Tocada afastou a mão do meu braço para se abraçar a si mesma. Esta história reconfortava-os. Do olvido vimos e para o olvido vamos, blá-blá-blá. Queriam acreditar naquilo em que toda a gente acredita, que depois de todas as lágrimas e do caixão baixado, quando abrissem os olhos para ver o que vinha a seguir, a sua família seria a primeira coisa que lhes apareceria.

Não lhes contei o resto da história. Não seria um tema de conversa agradável para uma festa. Não lhes falei do puxão de um cateter a ser-me arrancado do meio das pernas; da verruga no queixo da médica, um borrão a ver-se por detrás da maquilhagem como um eclipse solar; a voz do Silas a dizer «Ela consegue...?» e a distante noção de que «ela» era eu. *Ela consegue o quê?*

Não lhes falei da dor, não transparente e acutilante, como seria de esperar da dor, mas mais como uma comichão, informe e sobre a qual não podiam ser aplicadas ligaduras, como uma língua com queimaduras de terceiro grau, como o buraco na boca onde a língua costumava estar presa.

Não lhes falei da indignidade de despertar e dar de caras com uma equipa de médicos a espreitar e a debater, com grande pormenor e frieza, a forma exata da minha vulva.

E não lhes falei dos tempos em que não gostava de pensar, quando a Gert tinha aparecido no meu quarto de hospital acompanhada de um fulano qualquer da comissão de replicação que não parava de ajeitar as mangas do fato como se não quisesse que lhe vissem os pulsos. Tinham-se sentado em duas cadeiras ao lado da minha cama, e a Gert tinha-me dito que eu simultaneamente era e não era a mulher que pensava ser. Essa mulher morrera, tinha-me explicado ela. Fora morta, atrevera-se finalmente a dizer o fulano da comissão de replicação. Fora assassinada, disse ninguém. E eu? Eu fora criada a partir de uma amostra das células dela. Na verdade, eu era uma cópia dessa mulher, a primeira e original Louise. Mas eu nunca deveria encarar-me dessa forma, como uma cópia, apressaram-se a corrigir. Quando o disseram, os seus olhos passaram pelo meu semblante, como o braço luminoso

das fotocopiadoras.

Foi assim o meu nascimento. Os convivas também me fizeram perguntas sobre a minha morte. Para dizer a verdade, apenas um deles, a mulher que estava sempre a fungar, a qual se deixou ficar depois de os outros dispersarem. Enquanto falei sobre o meu nascimento, ela limitou-se a recusar aperitivos e a olhar para o seu reflexo na janela por detrás da minha cabeça.

— A minha morte? — repeti. — Oh, não. Não me lembro disso.

Toquei com os dedos na têmpora, o mesmo gesto que a Gert fizera quando me informara. No hospital, a Gert tinha batom nos dentes. Bem, no dente, apenas num. Eu sentira um certo alívio por isso, por ela não ser sofisticada.

— As memórias de curto prazo não sobrevivem ao processo — expliquei à mulher, tal como me explicara a Gert. — Além disso, sabes como é, há o trauma.

— Oh, eu *sei*. — A mulher levou uma mão ao peito. — Quero dizer, não sei por experiência *própria*, mas já li sobre o trauma. Deve ser horrível.

— De facto, sim, é.

— Então, estás a dizer que não te lembras de nada? Nadinha de nada?

— Nadinha.

— Que pena.

Senti-me afogueada, do vinho ou talvez não.

— Que pena não me lembrar do meu homicídio? — exclamei, mas pareceu-me que ela não percebeu a mudança no meu tom.

— Quer dizer, não tens curiosidade? Eu teria.

— Curiosidade? Não. Contaram-me o que aconteceu.

— Contaram? — Ela inclinou-se para a frente, sôfrega, o vinho no copo a rodopiar até ao bordo dourado, ela a espumar-se para ouvir.

Não sei. Esforço-me por ser boa pessoa e simpática, simpática e boa pessoa. Mas às vezes perco as estribeiras.

— Ele disse aos inspetores que andara a vigiar o caminho por onde eu costumava correr — expliquei. — Disse que me seguiu durante dias, que tirou apontamentos sobre mim num pequeno bloco de notas destinado especificamente a esse fim.

— Que assustador! — disse a mulher.

— Ele disse que se escondeu à espreita no meio das árvores, que memorizou o barulho das minhas sapatilhas, que depois de eu passar a correr saltou para o caminho, atrás de mim, agarrou-me pelo rabo de cavalo e torceu-o.

— Que horror! — exclamou ela.

— Disse-lhes que foi perfeito, perfeito para ele, obviamente, pois o movimento puxou-me a cabeça para trás e deixou o pescoço exposto,

pronto para ser cortado.

— Que coisa horrível! — disse ela.

— Disse-lhes que foi rápido.

— E indolor — sussurrou ela.

— Indolor? — Fitei-a. — Porque seria indolor?

— Não, eu...

— Uma garganta cortada seria *doloroso*. Ele teve de me cortar a pele, os tecidos, a traqueia. E depois respirei o meu próprio sangue. Consegues imaginar a sensação, tentares respirar o teu próprio sangue?

Ela levou uma mão ao pescoço.

— Bem, o resto já sabes — prossegui. — Leste as notícias, viste as reportagens, por isso sabes que ele me deixou lá caída, julgando que eu estava morta. Só que não estava. Ainda não. Sabe-se lá como, corri, ou se calhar rastejei, pelo meio das árvores. Encontraram-me três dias depois, numa valeta. Estava a tentar chegar à estrada, pensam, para pedir ajuda a algum carro. Mas não cheguei lá. Em vez disso, morri. Mas... não me recordo de nada disso — concluí. — Como disseste: que pena.

A mulher estava lívida. Eu esvaíra-lhe o sangue. No início, soube-me bem fazê-la sofrer, mas depois foi horrível, até que não senti coisa alguma. Passei pela mulher e saí da cozinha. Pareceu-me que estava a observar-me a mim mesma por trás, a observar a minha nuca escura, ao passar pelo meio dos convivas para atravessar o corredor e entrar no quarto do Travis, o quarto que, sabia, estaria deserto.

Fitei o monte de casacos dos convidados em cima da cama. Sem mãos a saírem pelas mangas, sem cabeças pelos colarinhos, sem peitos a subir e a descer ao ritmo da respiração. Corpos incorpóreos. Deitei-me na cama e enterrei-me debaixo dos casacos. Puxei as bainhas de lã, algodão e *nylon* sobre o peito, sobre a cara, até ficar coberta por uma chusma de tecido vácuo, braços e costas e ombros que não tinham pessoas lá dentro.

Fiquei assim durante um minuto. Minutos. Passado algum tempo, consegui ouvir os convivas, estridentes, a cantar os parabéns na outra sala. Alguém deve ter levado o bolo. Consegui até sentir o cheiro a cera derretida quando sopraram as velas. Afinal, aquele homem que me questionara acerca do meu nascimento tinha razão. Eu tinha nascido duas vezes. Mas não os acompanhei na cantoria. Não, não estava para cantorias.

A porta abriu-se e alguém entrou.

— Lou? — disse o Silas. Uma pausa. Esperei que me visse os pés.

— O que estás a fazer?

— Nada de especial. A ser um casaco.

O colchão afundou-se. Depois, um a um, as mangas e ombros

foram levantados da minha cara e o Silas apareceu por cima de mim. Fitou-me, de testa franzida, os lábios apertados. Não disse nada sobre os casacos, não disse que deveríamos ter ficado em casa, não disse *Eu bem te disse*. Como já referi, é um bom homem, toda a gente concorda com isso. Eu concordo.

Baixou-se e tocou-me na cara.

— Estás bem?

— Eu? Bestial. Tenho forro de seda e botões de latão. Sou um casaco de trespasse. Tenho um pacote de pastilhas elásticas no bolso. Estou preparada para o inverno.

Ele fez uma careta.

— Foi cedo demais para uma festa?

— Talvez um pouco — admiti.

— Desculpa ter-te abandonado. Pensei que estavas bem.

— E estava — disse-lhe. — E depois deixei de estar.

— E depois eras um casaco.

— Com botões de latão.

— O que farias se alguém entrasse aqui para vir buscar o casaco?

— Não sei. Teria ido para casa com eles?

O Silas abanou a cabeça, mas estava quase a sorrir.

— Talvez — disse eu, devagar — vá para casa contigo.

Pronto. Agora estava a sorrir.

— Talvez? — disse.

— Talvez, não. Vou mesmo.

Estendeu-me a mão, os casacos caíram atrás de mim, e puxou-me até eu ficar de pé.

— Vamos para casa — disse.

Aniversário

O primeiro aniversário de que me recordo é o terceiro ou o quarto, um daqueles primeiros e de memórias vagas. Alguém — quase de certeza o meu pai — decidira que eu adorava cisnes e comprara um bolo com a forma de um. Nessa altura, vivíamos num bairro planificado, eu e os meus dois papás, e havia dois cisnes a boiar no centro do bairro.

A verdade é que eu não gostava daqueles cisnes, nem um pouco. Na realidade, tinha medo deles. Enviesavam os pescoços e silvavam como gatos e sujavam o pequeno lago com penachos de merda verde. Aproximara-me, certa vez, demasiado das aves, e uma delas tinha-me perseguido. Depois disso, passei a apontar e a gritar sempre que os via. A ideia para o bolo deve ter vindo daí: o meu pavor confundido com alegria.

Apesar de ter o formato de um pesadelo, o bolo era um prodígio da doçaria, com caracóis de chocolate branco e raspas de coco a fazer de penas. Raramente comia doces porque o meu outro papá, o Odd, que era enfermeiro, achava que as crianças eram treinadas a associar o açúcar ao carinho. O Odd tinha o queixo anguloso, óculos quadrados, ombros quadrangulares e um talento para evitar os despropósitos, como se isso lhe fosse inato. Motivo pelo qual teria sido o meu pai, que era guloso e não tinha qualquer sentido prático, a mandar fazer o bolo. Provavelmente, o Odd tinha razão em relação ao açúcar e ao resto, mas depois da morte do meu pai, lamentei todas as sobremesas que ele não comera.

Mas comemos o bolo de aniversário do cisne. E o meu pai ficou com uma fatia enorme. Parece que estou a vê-la à frente dele, um triângulo de lanugem branca. Consigo ver o sorriso dele.

Eu? Azar. Apanhara a gripe que os miúdos do bairro andavam a passar uns aos outros e tinha uma bola de ranho na parte da frente da cabeça. Parecia que estava a usar uma máscara quente que causava comichão, como uma segunda camada de pele por debaixo da cara. Ao mesmo tempo, a gripe assumira proporções trágicas. Quais eram a probabilidades, lamentava-me, de adoecer naquele dia? No *meu* dia?

Pior ainda, por causa da gripe, não consegui saborear o bolo. Alguém tirou uma vela para eu lambar, disso lembro-me. O granulado do açúcar e o turbilhão da cera por baixo, as duas coisas como uma só na minha língua.

— **T**ive de romper com ele — disse a Angela. «Ele» era o namorado da Angela. Não era novidade nenhuma. A Angela rompera com o gajo há semanas, mas estava constantemente a rever a decisão, chegando sempre à mesma conclusão, como um caminheiro na floresta a andar em círculos e a chegar sempre ao mesmo toco de árvore. O problema do namorado era que não podia perder a Angela de vista. Uma reação comum, disse-nos a Gert, olhando à nossa situação. A Angela fez uma careta.

— Mas ele nem sequer me deixava fechar a porta da casa de banho.

O grupo de sobreviventes de assassinos em série reunia às terças-feiras à tarde. A comissão de replicação arrendara esta sala de reuniões a uma clínica médica familiar que estava a passar por dificuldades. Afetada, em tons pastel, indistinta — era uma sala que fazia lembrar o peito de uma tia velha. As cadeiras eram forradas a cetim com tachas. Paisagens melancólicas deixavam cicatrizes nas paredes, vistas de um mundo como um *crouton* deixado demasiado tempo num prato de sopa. No alto, perto do teto, a ventilação zumbia incessantemente. Dava-me a sensação constante de que uma das outras mulheres estava a murmurar entre dentes. Éramos cinco no grupo de sobreviventes: a Angela, a Jasmine, a Lacey, a Fern e eu. A designação do grupo era um logro. Nenhuma de nós sobrevivera.

— Ele continua a seguir-me — prossegue a Angela. — Está lá fora no parque de estacionamento neste preciso momento. No carro dele. E eu vim de autocarro. Ele seguiu-o o caminho todo, parando em todas as paragens. — Pousou uma mão no pescoço, num gesto protetor.

A Angela tinha o pescoço comprido e o queixo pequeno, que inclinava para o alto como se estivesse sempre a espreitar por cima de uma prateleira alta, o que lhe dava um aspeto de ganso ou — para ser mais simpática — de cisne.

A Angela fora a primeira do grupo. Tinha sido encontrada num banco de jardim por um praticante de *jogging* madrugador ou por alguém a passear o cão, o pescoço cortado, as sandálias muito direitas

ao lado dos pés descalços. E já repararam como são sempre estas pessoas a descobrir cadáveres, estas pessoas cujas vidas são tão organizadas que se podem levantar suficientemente cedo para encontrar outro ser humano atirado para o chão?

— Decidi deixá-lo continuar, só isso — prosseguiu a Angela, referindo-se ao namorado. — É só mais fácil assim. Às vezes, é até... tranquilizador. Tipo, tenho a sensação de estar a ser seguida, olho por cima do ombro e, ufa, é só ele.

— Mas não é *ele* o motivo dessa sensação? — indagou uma das outras mulheres. Não vi quem foi porque estava absorta a pensar na utilização que a Angela dera à palavra «só», como uma pequena moca a bater na superfície de todas as suas frases. *Só, só, só.* A Angela estava a pousar a mão no pescoço exatamente no sítio onde tinha sido degolada. Imaginei o sangue a escorrer-lhe por entre os dedos.

— É isso que estou a dizer — retorquiu a Angela. — Quando vejo que é ele, sinto um alívio.

— Não me refiro a *essa* sensação. À sensação de que alguém está a seguir-te. Não será porque ele *está* a seguir-te?

Era a Lacey quem falava, a Lacey, que usava o batom mais escuro possível, fazendo com que o resto do rosto desaparecesse atrás daquela boca de erva-moura. A Lacey era a pessoa do grupo que gostava de ser do contra; gostava de contradizer tudo o que os outros diziam, fosse o que fosse; mas eu não podia ser demasiado dura com ela. A Lacey era a mais nova, tinha apenas 20 anos; ainda vivia com a mãe. Fora encontrada no carrossel de uma escola primária, uma perna pendurada, o dedo do pé a tocar no chão, e um círculo perfeito desenhado na areia. Queria isso dizer que ele a tinha pousado no carrossel e o tinha posto a girar.

— Não sei — disse a Angela. — É possível que tenha essa sensação independentemente do resto. Vocês nunca têm a sensação de estarem a ser seguidas?

Murmurámos o nosso acordo: era verdade. Todas tínhamos essa sensação.

Olhei de relance para a Jasmine, que estava sentada ao meu lado. A Jazz era a mais velha do grupo, quase uma década mais velha, trinta e muitos ou quarenta e poucos, o cabelo já a ficar grisalho, devido à idade, à tinta ou ao trauma. A Jazz tinha sido encontrada num cruzamento, deitada de costas no meio da rua. Fora uma sorte não ser atropelada. Para dizer a verdade, não. Sorte? Alguma de nós tinha tido sorte?

— Estás a ver? — exclamou a Angela. — Às vezes, sentimos que estamos a ser seguidas!

— Continuo a achar que é mais provável quando alguém *está* a seguir-nos — insistiu a Lacey.

— Achas que devo pedir-lhe para deixar de o fazer? Ele não vai deixar de o fazer.

A Angela olhou em redor para as restantes de nós, uma a uma, como que a fazer o registo. Quando chegou a mim, parou e abriu a boca. Baixei os olhos, mas já era tarde demais. Vira para onde eu estivera a olhar. Para a sua mão, no seu pescoço. Corou e pousou a mão no regaço, contraindo-a uma vez. *Merda*. Decidi que lhe iria pedir desculpa discretamente, se voltasse a olhar para mim, coisa que não estava a fazer agora.

— E tu, Lou? — perguntou a Gert nesse preciso instante.

A Gert não era uma de nós, não era uma vítima de homicídio, um clone. A Gert era uma profissional, com formação especializada. Enviada pela comissão de replicação de DC para o Michigan para orientar o nosso grupo de apoio, para harmonizar as relações no rescaldo do que nos tinha acontecido. Pouco depois de sermos clonadas, o resto da comissão, os cientistas e os engravatados, tinham ido embora, mas a Gert continuava cá. E a Gert era intensa. A Gert era inflexível. Usava o cabelo numa trança justa que lhe atravessava o meio da cabeça como a crista no dorso de um lagarto. Usava camisas de ganga, calças de lona e botas de biqueira de aço, como se a nossa terapia fosse como pintar uma casa ou reparar uma fuga na canalização. A abordagem terapêutica da Gert era um pouco assim. «Então, o que vais fazer com isso?», gostava de dizer em resposta às nossas confissões e revelações. «Como podes usar isso?» Como se as nossas vidas fossem uma coisa que pudesse ser consertada com uma chave de parafusos.

A Gert ainda estava à espera da minha resposta. Eu não iria dizer aquilo que realmente pensava, que era que a Angela se deveria livrar do gajo, que deveria romper com ele de uma vez por todas, que deveria mandá-lo foder-se sem hesitar. Pensei no saco de lona verde no fundo do meu armário; depois fechei a porta a esse pensamento.

Em vez disso, disse:

— Acho que a Angela deve fazer aquilo que quiser com o namorado.

— Ex — corrigiu-me a Angela.

— Se quiser deixar que ele a siga, ele que a siga.

— Então, devemos todas fazer o que quisermos? — disse a Lacey.

— Isso não é realista!

Ao mesmo tempo, a Angela disse baixinho:

— Eu não o deixo. Ele é que o faz.

— Não te estava a questionar sobre a situação da Angela — explicou a Gert. — Estava a perguntar sobre a tua situação. Queres falar-nos da tua semana?

— A minha semana? — disse eu, atropalhada, perdida. — Fui a

uma festa.

— E como é que foi? A festa?

Pensei na mulher que me fizeram perguntas sobre a minha morte, sobre o seu rosto sem pinga de sangue quando passei por ela, sobre o peso dos casacos enquanto os puxava para cima de mim, um e depois outro e outro, como pazadas de terra.

— Barulhenta. Apinhada de gente. Fui para casa cedo.

— Fascinante — murmurou a Lacey.

A Gert lançou-lhe um olhar zangado.

— É um bom começo — disse-me. — Regressaste a casa quando teve de ser. Estavas ciente das tuas necessidades... — E continuou a falar sobre o poder da autocontemplação positiva e da importância de cuidarmos de nós mesmas.

Não quero parecer superficial. Só que já ouvira essa conversa e nada disso resultara comigo. Dizer a mim mesma que estava tudo bem só me parecia um sinal de que não estava.

— E tu, Fern? — quis saber a Gert, virando-se para a única que ainda não falara. — Queres partilhar alguma coisa?

A Fern prendeu o cabelo atrás das orelhas num gesto eficiente, e eu tive o vislumbre que por vezes tinha das nossas parecenças, não como irmãs ou primas, mas como se houvesse um artista inexperiente a fazer vários esboços do rosto da mesma mulher.

— Hoje não — disse a Fern, que era o que a Fern dizia sempre, mas com um desejo vago, como se estivesse na verdade a dizer *Um dia destes. Em breve*. Era tão bonita; provavelmente, colocavam-na muitas vezes na posição de ter de fazer promessas que não tencionava cumprir. — Hoje não — repetiu a Fern, como se fosse o refrão de uma cantiga.

A Fern foi a segunda vítima, três antes de mim, que fui a última. A Fern fora encontrada no extremo do parque de estacionamento do Lansing Mall, enfiada dentro de um carrinho de compras, de joelhos encostados ao queixo. O sítio mais piroso de sempre, gostava de se lamentar. Nem sequer costumava fazer compras nesse centro comercial.

À porta da clínica estava um homem à espera dentro de um carro dourado, que estacionara de frente para as portas. Endireitou-se quando eu saí. Depois, recostou-se novamente, quando o sol me incidiu sobre o rosto. Devia ser o ex-namorado da Angela. Tinha-o imaginado com o ar esgaldado e petulante dos colegas de trabalho do Silas. Na realidade, era macio e rotundo, com o nariz proeminente e os olhos muito juntos, o que lhe conferia uma expressão de espanto embrutecido, o pato do ganso que era a Angela.

Nesse preciso instante, como se o meu pensamento a tivesse

invocado, a Angela saiu da clínica e roçou o braço ao passar por mim. Não foi propriamente *roçar*, porque o corpo dela não tocou no meu, apenas deslocou o ar em redor. Trotou até à paragem do autocarro do outro lado da rua sem sequer olhar para o carro dourado, embora o condutor a observasse, extasiado.

Fiquei na dúvida se deveria informar a Angela de que o ex-namorado estava ali, mas é claro que ela sabia; dissera-o na reunião. Não obstante, senti-me incomodada e dei por mim a chamá-la. A Angela virou-se, mas não consegui perceber a sua expressão. Tinha os olhos obscurecidos por causa do sol, como se tivessem sido arrancados.

— Desculpa — disse eu. E o que queria dizer era *por te fazer sentir desconfortável por causa do teu pescoço*, mas o que me saiu da boca foi apenas o mais ínfimo e pior resumo desta frase. — Por causa do teu pescoço.

Desculpa por causa do teu pescoço.

Horrível.

A Angela fitou-me durante alguns instantes, depois virou-me as costas e pôs-se debaixo da paragem do autocarro, petulante e imóvel, como uma ginasta prestes a fazer as suas acrobacias. Entretanto, o ex-namorado estacionara o carro mesmo atrás dela, deixando o motor ao *ralenti*. Durante todo este tempo, a Angela não olhou sequer de relance para ele. Durante todo este tempo, ele, que eu não perdera de vista pelo canto do olho, não desviou o olhar da Angela, nem mesmo quando eu gritei o seu nome.

— Ei! — A Fern estava ao meu lado. Tinha uma linha de marcas de acne ao longo do maxilar, visível apenas debaixo do sol intenso. De algum modo, até essas marcas lhe assentavam bem, como bordas irregulares de um papel caro. — Queres ir a algum sítio?

Fiquei espantada, depois lisonjeada.

— Queres dizer, tipo, almoçar? — perguntei.

— Claro. Tipo, almoçar.

— Só um minuto — disse-lhe. — Quero dizer, sim. Sim, quero. Mas podes esperar um minuto? A Angela estava a...

— A Angela estava a fazer o quê?

— Desculpa. Só um minuto.

Mas a Angela tinha desaparecido. Varri o parque de estacionamento com o olhar; nem sinal dela. Não vira para onde fora, mas conseguia imaginar a bifurcação de possibilidades. Numa, o autocarro tinha chegado, as portas tinham sido abertas e a Angela tinha entrado, sendo engolida pelo colosso. Noutra, a Angela tinha tido a sensação de estar a ser seguida, sentindo os olhos dele fixos na sua nuca. A sensação tinha aumentado até que, por fim, se tornara insuportável. Até que se tinha virado para trás e o vira. Vira-o onde

ele estava sempre. Então, com um suspiro, tinha dado alguns passos até ao sítio onde ele a esperava, tinha puxado o manípulo reluzente da porta do carro e entrado.

Locais dos crimes

UM. A Angela no banco de jardim, a cabeça inclinada para trás, degolada, duas sandálias de couro entrançadas no chão, à sua frente, como se as tivesse descalçado por um minuto para descansar os pés.

DOIS. A Fern dentro do carrinho de compras, à porta do centro comercial, os joelhos dobrados até ao peito, a testa encostada aos joelhos, sangue derramado e coagulado no seu rosto, sapatos de tacão *vintage* enfiados na parte desdobrável do carrinho, no sítio onde é costume colocar as crianças ou a mala.

TRÊS. A Jasmine sob o semáforo, a fitar o céu, as pernas juntas e os braços abertos, formando um T, os sapatos pousados ao lado de uma das mãos, como se os agarrasse enquanto caminhava descalça pelas ruas da cidade.

QUATRO. A Lacey no carrossel, enroscada e de lado, as botas ao centro da diversão infantil, a perna pendurada, o dedo do pé a arrastar, como se quisesse sentir a areia, sentir o movimento giratório.

CINCO. A Louise no extremo do parque, caída na valeta à beira da estrada, as sapatilhas a quilómetros de distância no meio das árvores, no trilho, como se as tivesse descalçado e tentado escapar a correr.

— **N**ão consigo falar naquele sítio — disse-me a Fern. — Não à frente daquelas *mulheres* todas.

Mas, pelos vistos, conseguia falar aqui, apenas à minha frente. Aqui era o Bar None, a alguns quarteirões da universidade onde a Fern estudava algo que não me lembrava, História ou Arte. História da Arte? Arte da História?

— E depois há a Gert — continuou a Fern.

— O que tem a Gert?

— É como se estivesse à espera de que lhe agradecêssemos alguma coisa, como se tivesse sido *ela* a trazer-nos de volta.

O Bar None era aquele tipo de cubo industrial que se enchia de corpos contorcidos à noite e que os varria para a rua pela manhã. Numa tarde de terça-feira, havia apenas um punhado de clientes. Porém, na noite anterior, o bar devia ter estado à pinha e a servir bebidas especiais que brilham no escuro, porque, depois de nos servir, o empregado do balcão pegou na esfregona e dedicou-se outra vez a lavar as manchas luminescentes do chão de betão.

A Fern rodopiou o *whisky* no copo e cheirou-o. Bebeu um pouco para experimentar e, logo de seguida, cuspiu-o para o copo.

Eu ri.

— Não é o que estavas à espera?

— Não estava à espera de nada — disse a Fern. — Nunca bebi... tomei... ingeri?

— Acho que a palavra que procuras é *beberiquei*.

A Fern sorriu.

— Nunca beberiquei *whisky*. É como se alguém tivesse feito uma bebida — passou a língua pelo interior da boca — com os sapatos.

— Queres trocar? — Empurrei o meu *gin* na sua direção. — O meu marido bebe *whisky*. Aprendi a tolerá-lo.

— «Marido». Meu Deus. Esqueci-me de que tinhas um desses.

— É verdade.

— E também um bebé, não é?

— Está na creche — apressei-me a explicar.

A Fern brindou-me com um olhar por cima do copo.

— Bem, não imaginei que a tivesses deixado na berma da estrada.

— Não, eu sei. É que... — É que eu já não pensava na Nova há uma hora, há horas, desde que saíra de casa nessa manhã. Isso não podia ser normal, próprio de uma mãe. — É que terei de a ir buscar quando sair daqui — disse.

Outra mentira. O Silas iria buscá-la à creche quando saísse do trabalho. O Silas ia sempre buscá-la.

Quando a Nova nasceu, eu costumava ficar com a camisa molhada na zona dos mamilos só de falar dela, uma dor pura e embaraçosa. Olhei para o peito. Estava seco, é claro. Estes mamilos nunca tinham ficado molhados, nunca a tinham amamentado. Depois do meu homicídio, o Silas mudara a alimentação da Nova para leite em pó. Passara a comprar a marca que vinha naquelas pequenas bolsas, cada uma com uma propriedade que, alegadamente, iriam ser conferidas ao bebé (força de espírito, cordialidade, sinceridade), como se as fadas lhe viessem dar prendas.

— Quer dizer — continuou a Fern — que és uma adulta viva e de verdade.

Uma adulta viva e de verdade. E como é que isso tinha acontecido? Ainda há poucos anos eu era como a Fern, solteira, sem filhos, sem outra pessoa para limitar ou restringir, os meus dias feitos expressão da minha vontade e dos meus caprichos. Por outras palavras, sem os mamilos molhados, mas, bem vistas as coisas, eu também não tinha os mamilos molhados. Fora isso que desejara ao meter as coisas no saco?

— Então? — Apontei para as nossas bebidas. — Trocamos?

— Obrigada, mas quero levar isto até ao fim. — A Fern levantou o copo num pequeno brinde e, com relutância, sorveu mais um pouco. — Além disso, não posso beber *gin*.

— Ressaca?

— Não. Bem, não no sentido que lhe queres dar. O *gin* era a bebida *dela*. Era o que *ela* bebia, por isso, eu não bebo. E também brindava sempre. A cada rodada, era um brinde numa língua diferente, *bonne santé, salud, kanpai, prost*, como se tivesse estado nesses sítios, como se conhecesse essas palavras, como se não as tivesse procurado um segundo antes no telemóvel. — Enrugou o nariz. — Não achas isso odioso?

— Acho que sim.

— Porque ela *não* tinha estado nesses sítios. Não tinha estado em sítio *algum*. — A Fern bebericou mais um pouco de *whisky*; desta vez, não se retraiu com desagrado.

— Estás a falar da tua ex-namorada? — perguntei.

— Oh! Lou! — A Fern deu uma gargalhada tão forçada que a respiração dela fez mexer os minúsculos pelos das minhas têmporas.

— Oh, adoro que tenhas dito isso!

— Não era a tua ex-namorada?

— Estava a referir-me a mim, pateta. *Ela* sou eu. A pessoa que eu era antes.

— Referes-te a ti mesma na terceira pessoa?

— A mim, não. A *ela*.

— Mas... mas tu é que pedias *gin*? Tu é que fazias os brindes?

A Fern passou um dedo pela borda do copo.

— A outra eu, sim.

Passou a explicar como ela, tal como eu, acordara no hospital sem qualquer memória de como lá tinha chegado. Os pais e o irmão, que tinham vindo de avião do Arizona, estavam sentados na beira da cama, enquanto a Gert e um fulano qualquer da comissão de replicação explicavam o que lhe tinha acontecido: perseguida, assassinada e clonada. Também como eu, fora-lhe afiançado que era a mesma mulher de antes, que não se deveria encarar de uma maneira diferente. Mas, apesar de supostamente ser a mesma mulher que sempre fora, a família quisera que ela desistisse da faculdade e se mudasse para o Arizona.

— Mas eu não desisti da faculdade. Nem me mudei para a merda do Arizona — disse a Fern. — Eles não me podiam obrigar. Não são a minha família.

— Não são a tua... — Calei-me ao ver a expressão da Fern.

— Não — asseverou.

— Quero dizer, achas mesmo que *não*?

— Não gosto de ver as coisas por esse prisma.

— Então, quem são os teus pais? — Não sei porque estava a insistir neste assunto, mas aquilo incomodava-me. — Os médicos? A comissão de replicação? A Gert?

— *Esses* também não. — A Fern encolheu os ombros. — Se calhar, não tenho pais. Se calhar, fiz-me por conta própria. Se calhar, estou a cantar a minha própria canção. — Recostou-se. — Diz-me uma coisa, Lou. Já alguma vez cantaste a tua própria canção?

— Não sei como responder a isso.

Ela sorriu.

— Exatamente.

Quando teve alta hospitalar, a primeira coisa que a Fern fez foi regressar ao seu apartamento, cuja renda os seus não pais tinham continuado respeitosamente a pagar. Aí, tinha esvaziado o armário com o seu acervo de vestidos *vintage* de padrões florais e camisolas bordadas, reunido ao longo dos anos por *ela*, a Fern de antigamente. A Fern que estava aqui, a Fern de agora, enfiara a preciosa trouxa em sacos do lixo e largara-os na beira do passeio. Nem sequer tinha olhado para lá quando o camião do lixo apareceu ruidosamente na

manhã seguinte. Não, já tinha ido a uma loja das redondezas e comprado sete conjuntos das mesmas calças de ganga e camisolas escuras, a mesma roupa que envergava agora, o mesmo conjunto que usava sempre, tal como eu já tinha reparado.

Que mais? A Fern mudara a cama, que estava encostada à parede, exatamente para o centro do apartamento. Pusera a almofada no sítio onde costumavam ficar os pés, e os pés, na cabeceira. Tinha oferecido os policiais que se empilhavam a um canto e entrado para uma liga de *fantasy football*. Tornara-se vegana. Em vez de duches de água quente, passara a tomar banhos de imersão de água morna.

— Como *borscht* — disse-me, com um piscar de olho.

Começara, aliás, a pôr uma moeda num dos sapatos, um truque, lera ela, utilizado por um ator famoso para caminhar de maneira diferente durante a rodagem de um filme.

Na semana passada, contou-me ainda, adotara um gato e dera-lhe atum em lata até ele a adorar, ignorando o facto de ser alérgica a gatos e de agora só ter roupas escuras, sete conjuntos que estavam cobertos de pelos amarelos. Para o provar, apontou para o peito, salpicado de pelos.

— O *Spoon* só me conheceu a *mim* — disse ela.

— O *Spoon* é o gato?

— Dei-lhe o nome da primeira coisa que vi. Uma colher. *Ela* teria pensado imenso no assunto, ter-lhe-ia chamado qualquer coisa como *Francesca* ou *Adelaide* ou *Drusilla*.

— A tua outra tu teria chamado *Adelaide* a um gato macho?

— Talvez. Ela não primava pela inteligência. Ah, e fui para a cama com a dona do *Spoon*. Com a antiga dona, quero dizer. Quando mo veio deixar. Ela não o queria abandonar, mas o prédio onde mora não permite animais de estimação e o senhorio ouviu-o a miar do outro lado da porta. Pareceu-me bastante perturbada com isso. Chorou baba e ranho. Era gira, mesmo ranhosa. E era o mínimo que eu podia fazer.

A Fern de antigamente afastara-se um único passo da virgindade. Esse passo assumira a forma de um namorado da universidade, um finalista de Comunicação chamado Wendell.

— Era finalista de Comunicação *porque* se chamava Wendell — disse a Fern. — Pelo menos, é a minha teoria. Quando tínhamos relações, ele costumava perguntar: «Posso entrar em ti?» E estou a citá-lo.

— Blherg. Não pode.

— Posso entrar em ti? — repetiu a Fern num tom sério.

Peguei no meu *gin*; o copo estava vazio. Fora bebericado. O empregado do balcão aproximou-se, a esfregona na sua mão parecia um animal marinho lúcido, e perguntou se queríamos outra rodada.

A Fern olhou para mim com um sorriso cúmplice e disse-lhe:

— Posso entrar em ti?

O empregado franziu a testa.

— O que é que isso leva? Rum?

Não me consegui conter. Desatei-me a rir. E depois não consegui parar. Agitei as mãos para os dois, desculpando-me, mas só me deu mais vontade de rir. Consegui sentir o olhar do empregado e da Fern, primeiro, divertidos, depois, preocupados, mas o ataque de riso não me largou, até que deixou de parecer riso, mas antes algo que o meu corpo quisesse expelir.

Felizmente, a Fern pediu outro *whisky* e o empregado bateu em retirada. Quando regressou, eu já me tinha conseguido controlar.

A Fern recebeu o *whisky*, tocou ao de leve na lateral do copo e disse-lhe:

— Continuo a odiar isto, sabe? Não estou a começar a apreciar. Dizem que é costume as pessoas tomarem-lhe o gosto, mas, pelos vistos, não sou uma pessoa.

— Já o servi — retorquiu ele. — Tem de me avisar antes de o servir.

— Não, não, eu *quero-o*. Estou só a dizer que detesto. Na verdade, já que está aqui, posso pedir outro?

— Outro copo de uma bebida que detesta?

— Sim, se fizer o favor.

O empregado nem sequer esperou até estar de costas para revirar os olhos. A Fern sorriu abertamente, se não percebendo a irritação dele ou agradada com isso, não sei. Virou-se para mim e levantou o copo.

— *Skoal!* — disse, animada.

Ao fim de três *whiskies* e sem almoçar, a Fern estava tão embriagada que achei melhor ir com ela no veículo autónomo, embora fosse o computador a conduzir. E ainda bem que fui, porque acho que ela não teria conseguido chegar ao apartamento sozinha. Parecia que o álcool se desviara da cabeça e fora diretamente para os tornozelos, dobrando-os para os lados e obrigando-a a arrastar os pés e a tropeçar enquanto eu a ajudava a subir as escadas.

A Fern morava numa das colmeias de vários pisos do outro lado do *campus*, arrendadas aos alunos, todas com cores alegres e capciosos códigos de construção. Uma eternidade e três lanços de escadas mais tarde, chegámos finalmente à porta do apartamento. O mal de oscilação que afetara os tornozelos da Fern estava agora a fazer-se notar no pescoço dela; a cabeça não parava de se inclinar enquanto ela tentava alinhar os olhos com a câmara da porta.

Segurei-lhe a cabeça entre as mãos e mantive-a direita. Senti os seus ossos nas palmas das mãos, a cartilagem das orelhas e as madeixas do cabelo. Imaginei o seu crânio como um recipiente duro e

redondo, cheio de vida, um terrário cheio de trepadeiras e lagartas, como um náutilo com um ser pálido e lustroso enroscado no centro da sua casca.

A câmara tremeluziu no olho dela, o ferrolho abriu e cambaleámos lá para dentro.

— Luzes — disse eu. O apartamento continuou às escuras. — Luzes.

— É baratucho. Tens de gritar — disse a Fern, e depois gritou: — Luzes! Acender!

Quando as luzes se acenderam, percebi que a Fern de antigamente deveria ter sido uma pessoa organizada, porque o apartamento onde nos encontrávamos era uma completa e absoluta barafunda. Ali, no centro da divisão, estava a já referida cama, mas o caminho para lá chegar estava juncado de brinquedos para gatos, fitas e ratos de pelo; malgas de cereais ainda com as colheres lá dentro; e charcos escuros de camisolas e calças de ganga, como se a Fern despisse as roupas onde quer que estivesse, no preciso momento em que tal lhe ocorresse, o que, agora que pensava nisso, era quase de certeza o que acontecia.

Avancei com dificuldade pelo meio da desarrumação, com a Fern a reboque. Quando chegámos à cama, ela deixou-se cair. O seu cambalear trabalhou a nosso favor. Pousei os pés dela em cima das minhas pernas e comecei a tirar-lhe uma bota, tarefa que se revelou complicada, pois a Fern ainda tinha os tornozelos embriagados.

— E se te trouxer um copo de água? — perguntei, assim que consegui descalçar-lhe as botas.

A resposta foi um gemido.

— E uma tigela, para o caso de teres de vomitar?

Desta vez não gemeu, o que eu interpretei como sendo uma resposta afirmativa.

Encontrei uma tigela na bancada da cozinha, a qual continha não restos de leite e cereais, mas um monte de correspondência por abrir. Pousei os envelopes na bancada, regresssei com a tigela e fui dar com a Fern a esfregar a cara na almofada. Quando, por fim, parou, a pele à volta dos olhos estava borratada da maquilhagem, como a máscara de um assaltante. Olhou fixamente para a tigela que lhe passei para as mãos como se o seu fundo ficasse longe, muito longe, o mais profundo dos poços.

— Não contas às outras do grupo? — perguntou com uma voz fraca.

— Não lhes conto o quê?

— Se eu vomitar.

— Não conto — jurei e afastei-lhe a franja da cara.

Ela fechou os olhos com força.

— Lou?

— Sim?

— Eles continuam a ser os meus pais.

— Eu não...

— Aquilo que eu disse antes? Eles continuam a ser os meus pais.

— Está bem.

— Acreditas em mim?

— Claro que sim.

Deitou-se na cama, a tigela pousada na barriga.

— Se pudesses não pensar em mim como...

Esperei que concluísse o raciocínio.

— Se pudesses não pensar em mim como... — recomeçou e, mais uma vez, desistiu a meio com um suspiro torturado.

— Não penso — disse eu. — Não penso em ti dessa maneira. — Embora não fizesse ideia do que ela estava a tentar dizer.

Ela olhou-me fixamente e levantou uma mão, curvando-a, como que para a encostar à minha bochecha, embora eu não tivesse a cara minimamente perto dela. Tinha os olhos semicerrados, cintilando por detrás das jaulas das pestanas. Estava corada e desgrenhada e emanava um cheiro intensamente animalesco, a suor, roupa de cama e *whisky*. Pensei nos nossos outros corpos, que estavam noutro sítio, o dela e o meu, algures debaixo de terra, a serem transformados em fertilizante pelos insetos, e, de fertilizante, a passarem para as raízes das plantas, e daí para as nervuras das folhas, onde, por fim, se abriam e receberiam o sol.

Fiquei com a Fern até ter a certeza de que ela estava a dormir, e depois regressei à cozinha. Peguei nos envelopes que estavam na tigela e folheei-os até encontrar aquilo que me parecera ter visto antes. Sim, lá estava o logótipo, tão familiar: Smyth, Pineda, and Associates, a sociedade de advogados que defendera o Edward Early.

Vasculhei o resto da pilha e encontrei mais dois envelopes da Smyth, Pineda, and Associates, todos eles selados. Senti um formigueiro na nuca. Olhei para trás, como que esperando dar com a Fern mesmo atrás de mim, a respirar-me junto ao pescoço, mas ela continuava a dormir na cama. O formigueiro continuou. Olhei para cima. Estava um gato amarelo a olhar para mim em cima do frigorífico.

Fitei o gato.

O gato fitou-me.

— Olá, *Spoon* — murmurei.

— Lou? — gemeu a Fern na cama.

— Estou aqui — disse eu.

— Obrigada por me trazeres a casa.

— Não tens de quê.

— Vais agora buscar a tua bebé?

— O quê?

— À creche? Tens de a ir buscar.

— Sim, tens razão. Vou buscá-la. — Enfiei um dos três envelopes no bolso.

A respiração da Fern ficou mais pesada e eu saí em bicos de pés. Prestes a fechar a porta do apartamento, ouvi-a dizer:

— Deves ser uma mãe fantástica.

Quando cheguei, a casa estava deserta. O Silas ainda estava no escritório, e a Nova, na creche, durante mais uma hora. Ainda assim, tranquei-me na casa de banho, sentei-me no tapete e abri as torneiras para que, caso chegasse a casa mais cedo, o Silas pensasse que eu estava a tomar banho. Tirei o envelope do bolso, rasguei um dos lados e puxei a única folha datilografada.

A linguagem do advogado era educada e precisa, como uma fonte serifada e elegante, o que, na realidade, fora o tipo de letra utilizado na redação da missiva. O advogado começava por acusar a receção das cartas anteriores da Fern e a expressar a sua compreensão pela situação dela. No entanto, lamentava ter de, uma vez mais, recusar o pedido de visita ao seu constituinte. Depois de consultar o Sr. Early, tinham ambos chegado à conclusão de que era melhor, por motivos legais e do foro psicológico, que o nome da Fern *não* fosse incluído na lista de visitas aprovadas.

Li a carta novamente, e é claro que dizia a mesma coisa da segunda vez. Mesmo assim, não compreendi. A Fern insistira que era uma nova pessoa. *Ela*, fora assim que chamara à versão de si mesma que fora assassinada, *a minha outra eu*. Porque queria, então, falar com *ele*, de entre todas as pessoas?

Tentei dobrar a carta conforme estava, mas não consegui seguir os vincos. Acabei por a dobrar à pressa, levantei-me, saí da casa de banho, atravessei o quarto e fui ao armário. Puxei o saco verde, abri o fecho com um puxão e enfiei a carta lá dentro. Depois, fechei o saco, empurrei-o para o fundo do armário, bati a porta e sentei-me com as costas apoiadas nela.

Como é que se costuma dizer? Senti o coração na garganta. Mas não era aí que o meu coração estava. O meu coração não era um peso metálico aveludado ao fundo da língua. O meu coração estava por todo o meu corpo, chegando às orlas do meu ser, fazendo todo o meu contorno estalar com a estática de cada batimento. Todo o meu corpo me dizia para fugir dele. Dizia-me para correr.

Early

Durante algum tempo não soubemos o nome dele. Quiséramos sabê-lo desesperadamente. Ele andava a deixar mulheres por todo o Michigan central, atiradas para cima de bancos de jardim, em estradas, em diversões de parques infantis, enxovalhadas, como um rasto de papéis de rebuçados prateados. Deixava o calçado ao lado delas para que se soubesse que fora ele, que elas lhe pertenciam.

Não sabíamos como lhe chamar, mas, mesmo assim, falávamos dele. Como poderíamos não o fazer? Acordávamos e dávamos com ele nos *feeds* de notícias matinais, e o choque de o encontrar fazia-nos levantar o olhar e cruzá-lo com o dos nossos familiares.

Outra?

Outra.

Ele estremecia como uma sombra sobre nós na fila do supermercado, onde trocávamos algumas frases sinistras com outro cliente, ambos a abanar a cabeça num acordo tácito sobre a depravação do mundo. *Como é que alguém...*

Borbulhava no refrigerador de água do escritório, no gorgolejo das bolhas de ar. *Nem consigo imaginar...*

E estava gravado em todos os nossos ecrãs, pelo que quando não andava nas bocas do mundo, estava nos nossos olhos, sempre nos nossos olhos, um grão de poeira, embora nunca lhe tivéssemos visto a cara.

Precisávamos de saber o nome dele. Tentámos descobri-lo. Vasculhámos cada recanto dos corpos das mulheres mortas à procura de uma espiral da sua impressão digital, uma gotícula do seu sémen. Criámos algoritmos, aplicados a esmiuçar registos militares e reclamações de RH e recibos de cartões de crédito. Olhávamos de soslaio para o homem que passeava um cãozinho (seria um adereço?), para o homem que nos interrompia numa reunião (agressivo?), para o homem com quem partilhávamos a cama (até que ponto conhecemos uma pessoa?). Ele não era um homem específico. Era qualquer homem. Era um homem num mundo que odiava mulheres.

Por fim, acabámos por ficar a saber que se chamava Edward Early.

Parece um nome inventado, mas não é. A mãe dera-lhe esse nome, Edward Early, como algo saído de uma balada de antigamente, acordes corridos, uma voz rouca e uma morte a lamentar.

Às vezes, penso na mãe dele. Não gostava de pensar nele, mas à mãe consigo dedicar um pensamento. Nada sei sobre ela para além do que vi nas imagens do julgamento. Não li qualquer artigo, nem assisti a entrevistas. Nem sequer sei o seu nome próprio. *Mãe Early* — é assim que a trato mentalmente.

A Mãe Early esteve presente na leitura da sentença do filho. Assisti pela televisão. Está sentada na primeira fila da galeria, mesmo atrás do filho, e levanta-se com ele e os advogados quando chega a hora de saber o número de anos a que será condenado. Não é suposto que se ponha de pé. O juiz pede-lhe para se sentar, mas ela abana a cabeça desvairadamente e ele acaba por permitir que ela assim permaneça. Quando proclamam a pena de prisão perpétua do filho, ela assente com a cabeça, já sabia. Quando anunciam que a pena incluirá quarenta anos de trevas, o que também não deveria ser surpresa, ela tapa os olhos com as mãos, como uma criança a fazer a contagem decrescente enquanto as outras se escondem. Depois começa a soluçar.

Às vezes, gosto de a imaginar. Bem, talvez *gosto* não seja a palavra certa. Às vezes, imagino-a. É, tão-só, uma coisa que faço. Quando imagino a Mãe Early, ela não é uma mulher de meia-idade de pé numa sala de tribunal, a tapar os olhos com as mãos de nós dos dedos cor-de-rosa. Não, ela é da minha idade e usa um vestido azul com botões à frente. Porquê azul? Porquê botões? Não sei. Nunca tive um vestido assim. Na minha imaginação, a Mãe Early está sentada numa sala, numa cadeira, os cabelos tapam-lhe um lado da cara, tem um bebé nos braços. Então, alguém abre a porta, deixando entrar a luz do corredor, e ela levanta a cabeça para ver quem é. É isto, toda a imagem que me vem à mente.

Deu ao filho o nome de Edward, ciente de que o apelido seria Early. Talvez lhe agradasse a toada das palavras. Às vezes, abraço os joelhos junto ao peito e balanço-me para trás e para a frente. Às vezes, penso como será nunca mais voltar a ver um filho, para o resto da vida, ainda que estejam os dois vivos. Às vezes, saio de casa e caminho o mais depressa que consigo sem chegar a correr. Às vezes, imagino-a a ela, àquela mulher, a levantar a cabeça quando ouve alguém a abrir a porta.

— **E**is que os problemas me batem à porta — disse o Javi.

Brindou-me com um sorriso como se nada o fizesse mais feliz.

Problemas. Referia-se a mim. Isto foi no dia seguinte, dia de trabalho, e eu estivera de pé no corredor, à porta do gabinete a observar o jogo de sombras do vulto dele através do vidro fosco. Sabia muito bem por que motivo fora convocada ao gabinete dele; era por causa do que acontecera com o Sr. Pemberton, do que eu fizera. Depois de horas à espera, na realidade apenas minutos, o vulto do Javier avolumara-se, e depois a porta abriu-se, revelando o Javi propriamente dito, de camisola e um fino bigode por cima do lábio a atestar que bebera o café com natas.

— Problemas com uma expressão macambúzia. — O Javi franziu a boca de forma exagerada. — Oh, problemas, o que fizeste?

Estava a tentar arrancar-me um sorriso. Eu ter-lhe-ia dado um se conseguisse, mas os gracejos do Javi pouco me reconfortavam, não quando sabia, e eu *sabia*, que ele seria capaz de passar o tempo todo a sorrir enquanto me despedia.

O Javi fez sinal para eu entrar no gabinete, e eu sentei-me na cadeira defronte da secretária. Ele sentou-se do outro lado e juntou os dedos como um campanário.

— Muito bem. Conta lá.

— Conto o quê?

— Precisamente isso: o quê? O *que* pensaste que estavas a fazer?

Eu não tinha uma resposta boa para dar.

— Nada. Não sei.

Regressara ao trabalho um mês antes com o meu bonito, mas confortável, vestido de primeiro dia. Os meus colegas tinham organizado uma pequena festa em minha honra no salão. O Javi comprara *cupcakes* de chocolate com uma cobertura de *glacé* a dizer «Bem» e *cupcakes* de baunilha a dizer «Vinda», pelo que as pessoas tiveram de comer um de cada. Foram todos simpáticos. Ninguém se comportou de forma esquisita. O Benjamin elogiou o meu vestido, o Zeus falou-me da sua última iguana e a Sarai imitou o Javi a

mordiscar toda a circunferência do seu *cupcake* antes de dar uma enorme trinca até ao centro. Depois de comermos os *cupcakes* todos, o Javi acompanhou-me ao meu cubículo e colocou-me o capacete na cabeça. Quando baixou a minha viseira, disse:

— Fico feliz por regressares para junto de nós, meu doce.

E pareceu-me que talvez tivesse sido isso que eu fizera. Não, não tinha sido assassinada por um assassino em série, escolhida por uma comissão governamental e clonada por uma equipa de médicos. Apenas me perdera numa floresta e caminhara pelo meio das árvores até avistar a linha prateada da estrada por entre os ramos e dirigir-me para lá. Depois, o meu capacete piscara e eu *estava* de regresso. O meu corpo ainda estava sentado no meu cubículo, mas quando abri os olhos, estava outra vez na minha Sala. A minha Sala estava no modo predefinido; uma saleta decorada com bom gosto, dois sofás e uma lareira. Sentei-me num dos sofás e cliquei na opção de acender o lume. As chamas crepitaram; o calor chegou-me ao rosto. Sentia-me bem aqui. Isto era bom.

O canto do meu capacete piscou com um alerta, um cliente em dez segundos. A Sala mudou para o cliente que se aproximava, as formas e cores da saleta ficaram indistintas e a modificaram-se para os verdes esbatidos do quarto de um hospício. A minha forma e as minhas cores também mudaram e, quando olhei para mim mesma, era um idoso com os pulsos nodosos e a barriga proeminente a empurrar os botões do pijama às bolinhas. Deitei-me na cama de espera. Entrou um homem de meia-idade. Deitou-se na cama de hospital comigo e abracei-o, e quando se aconchegou em mim e começou a chorar, esfreguei-lhe as costas em círculos lentos, como o meu pai me costumava fazer quando eu estava doente.

O meu cliente seguinte foi uma mulher esgalgada. A Sala mudou para um campo soalheiro, e eu, para a minha pele de trabalho padrão. A mulher fechou os olhos enquanto lhe afaguei os cabelos nas têmporas.

Depois, foi um adolescente, cuja pele era meio de criança, meio de gato. Ficou inerte e vigilante nos meus braços.

O trabalho era isto: abraçar pessoas. Somente abraçá-las. Embora não deva dizer «somente». Sabem tão bem como eu que não é «somente». Quem faz este trabalho sabe que é como qualquer outro, como cortar cabelos, como preparar refeições, como transacionar na bolsa; é preciso experiência e habilidade. É preciso aprender a ler as pessoas, a intuir quando diminuir a intensidade do abraço, quando cingir com mais força, quando largar a pessoa completamente.

Há já alguns anos que eu trabalhava na Sala, e era competente no que fazia. Talvez até mais do que competente. O Javi começara a destacar-me para os turnos com mais movimento e a atribuir-me os

clientes mais difíceis. As críticas dos meus clientes eram positivas. Tinha uma carteira de clientes habituais. Ou melhor, o eu de antigamente tinha essas coisas. *A minha outra eu*, como diria a Fern. O eu do aqui e agora estava em apuros.

— Esqueceste-te das linhas de orientação? — perguntou o Javi, no seu gabinete, a tamborilar no tampo da secretária.

— Eu sei quais são as linhas de orientação — retorqui.

O Javi franziu o cenho. Dera-me uma escapatória, mas eu não a aproveitara.

— Se calhar, foram as minhas mãos. — Olhei fixamente para as dele. — Se calhar escorregaram.

Tanto o Javi como eu sabíamos que isso era um disparate; além disso, sabíamos que o outro sabia. Ele sugou os lábios, depois soprou o seu minúsculo bigode, uma reflexão posterior apumada na perfeição.

— O que hei de fazer contigo? — cantarolou baixinho. — O que hei de fazer com a Lou?

— Podias despedir-me — disse-lhe, para ser eu a primeira a proferi-lo.

Imaginei-me a regressar a casa e a dizer ao Silas que tinha sido despedida. Imaginei como ele afetaria uma expressão de preocupação para esconder o alívio. O Silas não quisera que eu regressasse à Sala. Não era por voltar ao trabalho, dissera, era o trabalho em si, a Sala, as peles, a forma como teria de pôr de parte o meu próprio eu (*frágil*, não o disse) pelos clientes. Eu não disse ao Silas que era precisamente *por* isso que queria regressar, que seria um alívio ser eu a reconfortar os outros.

Falara da ideia de regressar ao trabalho no grupo das sobreviventes, convicta de que as outras mulheres tomariam o meu partido. Sentira-me acanhada por causa disso, como se estivesse a suplicar solidariedade. Porém, as mulheres não reagiram conforme eu esperara. Pelo contrário, insurgiram-se com uma rajada de lugares-comuns: «Dá um tempo. Tu mereces. Tens a vida inteira para trabalhar.» Depois, a Angela gritara acima dos murmúrios das outras: «Não terás saudades da tua bebé?» Quando olhámos todas para ela, encolheu os seus ombros de ganso. «Se eu tivesse um bebé, ia amá-lo demasiado para me conseguir afastar dele.» E eu senti o peso da vergonha a invadir-me até às plantas dos pés, ao ponto de, caso me levantasse e fosse embora, deixar um rasto de pegadas húmidas no chão.

Numa explosão de certeza, que pode bem ter sido um acesso de despeito, dissera ao Javi para me incluir outra vez na ordem dos trabalhos. Porém, é evidente que todos os outros tinham razão e eu estava errada. É evidente que não devia ter regressado ao trabalho; não devia ter comido o *Cupcake* Um.

— Podias despedir-me — repeti, e fiquei à espera da concordância do Javi.

Pensei em voltar aos longos dias em casa, dias como partículas de poeira suspensas ao sol, dias em que a Nova chorava sempre que eu lhe tocava, sempre que eu *dava a entender* que lhe iria tocar. Os longos dias em que pusera a tocar repetidamente as cantigas de embalar para bebés. Não a pensar na bebé, mas em *mim*. Pu-las a tocar em modo de repetição durante horas, até as conseguir ouvir mesmo quando não estavam a tocar, no silêncio, com o Silas deitado ao meu lado, um incessante zumbido no ouvido.

Nessa mesma manhã, estivera a esvaziar a minha mala no meu cubículo e encontrara lá uma das pequeninas meias às riscas da Nova, junto com o almoço e o batom. «Oh! Eu fiz a mesma coisa quando regresssei ao escritório», dissera a Sarai ao vislumbrar a meia quando ia a passar. «Tive a meia da Chloe no bolso durante semanas.» Brindara-a com um sorriso que, esperava, parecesse cúmplice. Não fora capaz de lhe dizer que a meia, tão-só, ali caíra.

— Não sou uma má mãe — disse agora com brusquidão ao Javi.

Ele pestanejou muito depressa.

— O quê? Ninguém está a insinuar isso.

Tapei a cara com as mãos.

— Não me despeças — pedi através delas.

Ouvi o Javi a contornar a secretária e a encostar-se a ela, à minha frente.

— Lou... então? — Bateu com os nós dos dedos nas costas das minhas mãos. — Lou, tem calma. Não te vou despedir.

— Não?

Gesticulou delicadamente com uma mão.

— Achas que despeço toda a gente que recebe uma reclamação? Se fizesse isso, estaria a trabalhar sozinho nestas Salas.

— Mas foi mau, não foi? Aquilo que eu fiz? — Arranquei um lenço da secretária dele e limpei a cara.

— Não te vingues no teu nariz.

— Ele ficou muito transtornado?

O Javi inclinou a cabeça.

— Ele está bem.

— Isso quer dizer que ficou muito transtornado.

— Isso quer dizer que não tens de te preocupar. Apresentei as desculpas em teu nome. E sou ótimo a pedir desculpa.

O Sr. Pemberton entrara na Sala pela primeira vez há uma semana. Estava a usar a pele de um homem franzino de meia-idade, com cabelos encaracolados e uma camisola de gola alta esmeralda. Pedira um simples segurar de mãos. Sentáramo-nos em cada ponta do sofá e eu segurara-lhe as mãos. No início, as mãos dele tinham tremido, mas,

passados alguns segundos, haviam deixado de o fazer. Ao fim da meia hora, o Sr. Pemberton murmurara «Obrigado» e afastara as mãos. Eu não sabia ao certo o que ele retirara da sessão («Nós damos-lhes não o motivo, mas sim a sala», como diria o Javi), mas deve ter sido alguma coisa, pois agendara uma segunda sessão.

— Lou — disse o Javi, apertando os lábios.

— O que foi? — disse eu, e depois, antes de ele ter tempo de perguntar: — Não é isso.

— Sabes que podemos cingir as tuas sessões a mulheres.

— Não é isso. — Senti-me a corar e desejei ainda estar na minha pele de realidade virtual para o Javi não perceber o tom rosáceo. — A minha mão escorregou.

Nessa segunda sessão, o Sr. Pemberton fora mais afetuoso, mais simpático. Sentara-se na outra ponta do sofá e perguntara-me como estava. Eu respondera que estava bem. Não, estava melhor do que bem. Estava ótima. Era um bom dia. Desde que regressara que sentira uma forte vontade de dizer isso, não dar uma resposta automatizada, mas uma promessa: que estava ótima. E o dia também.

Tomei-lhe as mãos e, desta vez, não tremeram, nem um pouco. Conversámos durante a sessão, sobre isto e aquilo, sobre nada em particular. E eu segurava-lhe as mãos, sentindo as pontas dos nossos dedos e as palmas a aquecerem com o contacto. Ao ouvir o aviso sonoro a assinalar o fim da sessão, ele agradeceu com um menear da cabeça e começou a afastar as mãos das minhas.

E foi então que eu o fiz.

Agarrei-lhe os pulsos. Com força.

Ele olhou-me bruscamente, espantado e aturdido. Tentou afastar-se, mas eu estava a agarrá-lo com muita força. Não se conseguia libertar. Eu não permitia que se libertasse. Debateu-se. Depois, de repente, deixou de se debater e ficou apenas a mirar-me, curioso e talvez até triste. Não, triste não. Compadecido, é essa a palavra.

Naquele momento. Naquele momento é que eu o poderia ter libertado, mas não o fiz. Naquele momento estava a fazer aquilo que estava a fazer, tão simples quanto isso. E a verdade é que a sensação era fantástica. Sentia-me eufórica e cruel e como se estivesse a cantar e livre. Eu tinha as mãos dele. Ele não as podia reaver. Porquê? Porque eu não o *deixaria* reavê-las.

— Ei — dissera ele.

A voz dele assustou-me. Quase me esquecera de que ele estava ali; eu estava a agarrá-lo com imensa força.

— Ei — repetiu. — Sente-se bem?

Foi o que bastou. Abri as mãos. As mãos dele deslizaram das minhas. Ele olhou para elas, livres do meu aperto férreo. Depois esgueirou-se. E eu fiquei sozinha na Sala com o meu próprio espanto e

a minha vergonha.

— A empresa compadece-se daquilo por que passaste — disse o Javi. — Tem toda a compreensão do mundo. Compreendemos que estas coisas podem demorar, que o trauma pode vir ao de cima e apanhar-nos de surpresa. Nós reconhecemos o teu valor, Lou. *Nós*, a empresa, e *nós*, eu.

Ajeitei-me no meu lugar.

— Fico reconhecida.

— E *nós* estamos-*te* reconhecidos. Mas — levantou um dedo — isto é um negócio.

— Eu sei — murmurei.

— Não te vou despedir — repetiu o Javi —, mas ficas avisada.

Mantive-me imperturbável. Ele não me iria despedir, isso era o que importava.

— Além disso — acrescentou o Javi —, vais para casa o resto do dia.

Levantei-me devagar, refreando o impulso de lhe virar costas e desatar a correr dali para fora. O Javi rodou na sua cadeira, para a esquerda, para a direita.

— E é isto — murmurou, como que para si mesmo.

— Até amanhã, Javi — disse eu, e saí porta fora, aliviada por ele não me corrigir, por não dizer: «Pensando melhor, vai. Vai e não regresses.»

A Sala

A Sala fora construída à semelhança de uma sala do jogo *Iron Feathers*. Aquela que ficava no torreão do castelo em ruínas à beira-mar, com paredes circulares de pedra já sem cor e uma mesa cheia de seres marinhos ressequidos, retirados do mar que rugia, torvelinhava e se estendia por debaixo da solitária janela.

A sala do *Iron Feathers* era um quebra-cabeças com duas maneiras possíveis de avançar no jogo. Se o jogador escolhesse o pau de coral ressequido da mesa e esfregasse a ponta na folha de papel de cima, surgiriam as indentações de uma velha mensagem, instruções sobre como abrir a porta e encontrar um barco a remos na costa rochosa lá em baixo. Ou então, se o jogador esperasse até o sol entrar pela janela da forma certa, o feixe incidiria sobre uma pedra solta na parede, por detrás da qual se encontrava a chave. Se o jogador enfiasse a pedra solta propriamente dita ao bolso, seria conduzido a um afloramento de pedras idênticas na praia, por detrás do qual se ocultava o barco a remos.

Tinha jogado *Iron Feathers* em adolescente. Claro que sim. Toda a gente jogara. O jogo fora um sucesso, as pessoas partilhavam pistas, avançavam com teorias e criavam grupos de apostas *online* para ver quem chegava mais longe, mais depressa. Ainda agora, se alguém falar do jogo, por exemplo num jantar, os presentes desatam a dar gritinhos de reconhecimento e gozo.

Quando eu tinha vinte e poucos anos, numa viagem a São Francisco ao longo da costa com um homem com quem andava, dei por mim a gritar para ele *parar*, para parar o carro na saída seguinte. Ele parou e eu fui aos tropeções até à grade de proteção, meia entontecida ao ver o mar lá em baixo. Havia algo na disposição dos penedos. Algo na forma como a água salpicava e ondulava. Ele aproximou-se.

- Sentes-te bem? — perguntou. — Estás maldisposta?
- Sim. Não. Já aqui estive.
- O quê? Quando eras criança?
- Deve ser isso.

Só que não era. Nunca estivera na Califórnia antes daquela viagem, nunca percorrera a costa antes daquele dia. Não sabia por que motivo a orla costeira me parecia familiar, só sabia que tinha de parar e ver. Desculpei-me outra vez, voltámos para o carro e seguimos viagem. A explicação ocorreu-me uns dias mais tarde, assomando-me à mente como um rochedo quando a maré vaza. Aquela paisagem aparecia precisamente no jogo, no *Iron Feathers*. Fiz uma pesquisa e cheguei à conclusão de que estava certa. Os programadores tinham utilizado aquela extensão de costa como um dos seus modelos.

Cerca de um ano depois do lançamento, o *Iron Feathers* foi retirado do mercado, devido a ameaças de ação judicial. Havia pessoas que entravam no jogo e não regressavam. Estavam a despedir-se dos empregos e a deixar relações e, por vezes, até a negligenciar as necessidades básicas. Descobriu-se que a grande maioria dessas pessoas desaparecidas tinham estado sentadas naquela sala no castelo à beira-mar. *Podiam* avançar no jogo — depois de horas e dias, tinham descoberto as duas maneiras de abrir a porta trancada —, mas não saíam daquela sala. Diziam que queriam ficar ali sentadas. Não sabiam explicar porquê. Queriam, simplesmente, ficar lá.

Foi a partir desta mesma sala, o torreão do castelo à beira-mar, sem os ouriços-do-mar ressequidos ou a chave escondida, e desmantelada até às suas vigas virtuais, que a empresa desenhou a Sala, a saleta com dois sofás e uma lareira. A ideia não era que os clientes reconhecessem a sala do *Iron Feathers* — agora parecia uma saleta —, mas que tivessem a mesma sensação de familiaridade que eu tivera naquela viagem pela costa. Que tivessem vontade de se sentar e ali ficar.

O que posso dizer? Eu própria o sentira. Esse magnetismo. Essa atração. Às vezes, ficava na minha Sala depois de todos os clientes irem embora. Às vezes, ia lá na minha folga. Às vezes, de noite, esgueirava-me até lá para ficar sozinha.

Cheguei a casa a meio da tarde, ainda envergonhada do raspanete, ainda embasbacada com aquilo que fizera. Imaginem o meu espanto quando dei de caras com o Silas em casa também. Andava de um lado para o outro na sala de estar com a Nova a espreitar-lhe por cima do ombro. A cara dela era como a tetina fervida de um dos seus biberões, os caracóis frisados como ondas de calor a emanar da sua cabeça. Estava com trinta e nove de febre. Tinham ligado da creche ao Silas, o contacto dos pais que constava dos ficheiros.

O contacto dos pais que constava dos ficheiros, repeti apaticamente na cabeça. E não consegui deixar de sentir que, de alguma forma, a febre da Nova também era culpa minha. Porque não pusera a sua pequena meia de propósito na minha mala, porque ali caíra por acidente.

— Porque é que não me ligaste? — perguntei ao Silas, caminhando ao lado dele.

— Não quis...

— O quê? Preocupar-me? Mas agora vou andar sempre preocupada, com receio de que lhe aconteça alguma coisa e tu não me liguês porque não me queres preocupar.

— Essa... — Ele parou de andar de um lado para o outro. — Essa lógica faz sentido.

— Podes crer que faz sentido, porra.

— Desculpa, borracho. A sério. Juro. Tenho apenas andado a fazer isto, a andar com ela de um lado para o outro. As urgências do hospital só a recebem se a temperatura atingir os quarenta graus.

— Devíamos ligar ao Odd. Ele há de saber o que fazer.

O Odd atendeu ao quarto toque. Recusara a videochamada, coisa que começara a fazer apenas desde o meu homicídio. Fiz um esforço para não reparar, mas é claro que reparei. Talvez fosse penoso demais para ele ver-me agora, aqui outra vez, depois de já ter chorado a minha morte. Fiz um esforço para não pensar nisto, mas é claro que pensei. Foi um alívio ouvir a voz do Odd a dizer olá. Passei a chamada para o ecrã de parede, para o Silas também o poder ouvir. A voz do

Odd ecoou pela sala de estar.

— Louise? — disse ele. — Espera um pouco.

— A Nova está com febre, mas o médico não a recebe — explodi.

— Espera um pouco — disse ele. — Tenho de ir para outra sala. — Não parecia haver barulho onde ele estava. Até consegui ouvir os seus passos enquanto ia para outro sítio. — Pronto — disse-me. — Repete lá.

— Estás no trabalho?

Há anos que ele se recusava a aposentar-se do emprego no hospital. Argumentava que mais ninguém percebia o seu sistema perfeito e não era possível ensinar o seu sistema perfeito. Além disso, o que iria fazer depois de se aposentar? Dar caminhadas? Ler romances? Plantar uma horta? Quando eu dissera sim, sim e sim, fizera um barulho que parecia expetoração a descolar na garganta.

Mas essas conversas tinham sido antes do meu homicídio, quando costumávamos conversar durante uma hora todos os sábados, o seu dia de folga. Ainda conversávamos aos sábados. Não posso dizer que ele tivesse deixado de me ligar, mas agora os nossos telefonemas eram de dez minutos, no máximo, até ele dizer que tinha de voltar ao que estava a fazer, fosse lá o que fosse.

O Odd só me fora visitar uma vez desde que me tinham trazido de volta. Foi na semana depois de me despertarem. Pareceu constrangido na minha presença. Passou a visita a atormentar os médicos, a pairar no vão das portas e a deixar pratos de comida ao lado da minha cama. Quando se foi embora, deu-me uma palmadinha no ombro, timidamente, como se a sua mão pudesse ficar colada. Eu já tinha conversado com o Silas sobre isso, sobre como o Odd faz o que lhe dá na gana, e fiz um esforço para não ficar magoada com isso. Vira como ele se comportara depois da morte do pai, regressando ao trabalho no dia a seguir ao funeral. O Odd era quem era; o Odd era quem sempre fora.

— Estou em casa — disse o Odd, mas não deu mais pormenores. — A febre?

— Fomos ao médico ainda a semana passada para a consulta dos nove meses — expliquei, como se isso fosse importante. Não referi que fizera há pouco tempo o meu próprio *check-up* dos três meses com os médicos que me tinham sido atribuídos pela comissão de replicação. — O Dr. Voss disse que ela estava ótima. Bestial. Cumpria todos os requisitos. Todos os percentis.

— Qual o valor? — interrompeu-me o Odd.

— Do percentil?

— Não. Da temperatura.

— Ah, trinta e nove.

— E as urgências dizem para esperar até?

— Até aos quarenta.

— Certo, é normal. Aplica-lhe um pano frio na testa. Se estiveres preocupada, podes meter-te no carro quando chegar aos trinta e nove e meio.

— Estou preocupada.

— Eu sei que estás. Mas não estejas. Uma vez tiveste febre e o teu pai passou a noite contigo dentro do carro no parque de estacionamento em frente ao hospital.

— A sério? Nunca ninguém me disse isso.

— Porque foi um disparate. Passar a noite inteira dentro de um carro com uma bebé doente? Porque é que um homem tolo atravessa a rua? Foi o que perguntei ao teu pai. E sabes o que ele me disse? Para chegar ao outro lado vinte minutos mais depressa do que se tivesse de ir desde casa.

— E *tive* de ir para o hospital?

— Não. Tiveste febre. Os bebés têm febre. Ele era um tonto que te amava muito. — Era esta a eterna descrição que o Odd fazia do meu pai.

— E a ti — acrescentei. — Ele também te amava.

— Olha, Louise...

— Tens de voltar para o que estavas a fazer, seja lá o que for.

— Certo.

— Mas posso ligar-te se acabarmos por ter de ir para o hospital?

Fiquei de súbito ciente do silêncio do outro lado da linha, e, nesse silêncio, do meu receio de ele poder dizer que não. Pensei no que a Fern dissera no bar sobre os seus pais. *Não são a minha família*. Pensei no ex-namorado da Angela, que nunca a perdia de vista. E depois a voz da Angela soou na minha cabeça outra vez. *Se eu tivesse um bebé, ia amá-lo demasiado para me conseguir afastar dele*.

— Claro — acabou por dizer. — Quarenta graus. Podes meter-te no carro se chegar aos quarenta graus.

Depois desligou.

A Nova fitou-me desde os braços do Silas; os seus olhos eram um charco, dando a entender que, se espetasse lá um dedo, formaria uma ondulação. Fitou-me, depois libertou um braço e varreu o ar na minha direção. Estaquei. Fiquei imóvel.

— Espera. Si. Viste aquilo?

— O quê?

— Posso pegar nela um segundo?

— Tens a certeza? Ela vai desatar a... — *Chorar*, não o disse. *Porque tens um cheiro estranho, desconhecido*, nunca o diria. *Porque não és a mãe dela, não propriamente*, nunca o diria, mas pensá-lo-ia?

— Ela pediu-me colo — disse eu. — Agora mesmo.

— A sério? Quero dizer, claro — corrigiu-se. — Claro que podes

pegar nela. Toma.

E fizemos a dança dos novos pais de passar o bebé do colo de um para o outro. Inclinei-a para trás nos meus braços de maneira a ficarmos frente a frente.

— Uau. Consigo sentir o calor a emanar dela.

Ela continuava a fitar-me, a pele mosqueada, os olhos de um lado para o outro, a tentar focar, mas sem conseguir. Esperei que enrugasse a cara, como fazia sempre, que comesse a chorar. Em vez disso, fez aquilo outra vez, aquele movimento de há pouco. Estendeu um braço e varreu o ar perto da minha orelha.

— Olha! Viste?

— Está febril. Está a tentar deitar a mão ao teu brinco — disse o Silas.

— Achas?

Podia ser verdade; os meus brincos eram grandes e reluzentes. Tirei um da orelha e ofereci-lho, mas ela olhou para além dele, oscilando o braço outra vez para a mesma orelha, fechando os dedos perto da minha cabeça.

— Não — disse eu, atónita —, está a tentar chegar ao meu cabelo.

— Ao teu cabelo?

— Onde eu *tinha* cabelo. Antes de o cortar. Ela lembra-se de quando era comprido.

— É nova demais para ter memórias. As obras de referência dizem...

Mas depois ela fez aquilo outra vez.

— Ei... Vejam só — disse o Silas baixinho, sorridente.

— Lembras-te de mim, pequerrucha? — Encostei a testa à dela, sentindo a febre a irradiar entre as duas. — Lembras-te de mim?

A Nova deixou-me pegar nela, hora de transpiração após hora de transpiração. Mais do que isso, colou-se a mim. E eu senti-me a resplandecer com o meu próprio tipo de febre. Quando tentei passá-la ao Silas, ela agarrou-se a mim, fazendo com que as suas unhas afiadas deixassem dolorosas luas crescentes na minha pele. Eu não invejava o Silas pelo amor que ela lhe tinha, o seu favoritismo, mas depois de todas as vezes que ela me rejeitara, não pude deixar de sentir uma serena satisfação por agora, quando estava doente, ela desejar-me a mim. Afinal de contas, nós as duas — o nosso suor, a nossa saliva, a nossa pele — já estávamos misturadas a um nível profundo. Ter um bebé tem destas coisas: ele é uma parte de nós que está fora de nós, pelo que o podemos amar de uma forma que não suportamos amar-nos a nós mesmos.

Quando a febre da Nova atingiu os trinta e nove graus e meio, o Silas preparou-se para chamar o veículo autónomo, mas nesse preciso instante a febre parou e caiu a pique. O dia parou ao mesmo tempo,

caindo a pique para a noite. Formaram-se gotas de suor na testa da Nova e a sua pele tornou a parecer pele e não uma radiância de calor. Deitei-a no berço. Eu e o Silas ficámos juntos a vê-la a adormecer. De vez em quando, encostávamos-lhe uma mão à testa para verificar a temperatura.

— Uma última vez — prometemos de todas as vezes.

Não sei a que horas, o Silas colou um emplastro de temperatura no pé dela e disse-me:

— Vamos dormir.

Na cama, quando estávamos os dois a cair no sono, pensei outra vez no saco verde, ali, naquele preciso momento, do outro lado do quarto, por detrás das portas do armário, nas trevas. Ainda não o desfizera. E se o fizesse agora? E se me levantasse da cama às escuras e começasse a retirar objetos do saco, um após o outro, fazendo-os desfilar diante do olhar devastado do Silas? E se eu gritasse: *Olha! Vê só o que a tua primeira mulher pôs aqui.*

— Silas — desembuchei, o nome dele como um sopro na minha boca.

— Estava quase a dormir.

Mas não lhe disse. O que ganharia com isso? Só iria servir para o magoar. E para quê? A mulher que emalara aquele saco não fora eu. Ela não sabia o que eu sabia, como era quase perder tudo. Era uma pobre coitada, debaixo de sete palmos de terra. Enquanto aqui estava eu, a respirar.

— Lou? — murmurou o Silas. — O que foi?

Em vez disso, fiz outra confissão:

— Fiz uma asneira. No trabalho.

Disse-lhe como agarrara os pulsos do Sr. Pemberton, como o Javi me avisara, que estava agora num período à experiência. Preparei-me para o Silas dizer aquilo que sabia que ele iria dizer: que isto só comprovava que eu não devia ter regressado ao trabalho. Que agora devia ficar em casa. Que ele bem me dissera.

Fiquei espantada quando, em vez disso, ele disse:

— Faz sentido.

— Faz? Para mim não.

— Claro. Precisaste de te agarrar a alguma coisa.

Virei-me de lado, de forma a ficar de frente para ele.

— Lamento ser eu a dizer-te, mas isso parece a letra de uma canção *pop* ranhosa.

— Todos precisam de se agarrar a alguma coisa.

— Isso parece a letra de uma canção *pop* ainda *mais ranhosa*.

— *Todos precisam de se agarrar a alguma coisa* — cantou, num tom nasalado e desafinado. — *Até aos pulsos de um velho.*

— Si?

— O que foi?

— Podes falar a sério um minuto?

— Posso falar a sério *dez* minutos.

— A sério? Porque ainda estás a falar com a voz do cantor *pop*.

— Desculpa. Agora estou a falar a sério. Estás a ver? Voz normal.

— Olha para isto. — Puxei a perna do pijama. — A minha cicatriz desapareceu.

Apontei para a barriga da perna, onde tivera uma cicatriz filamentososa que fizera em criança. Agora, a pele era macia e imaculada.

— Só reparei no outro dia — disse eu. — Tem piada, sabes? Lembro-me de como a fiz. Tinha 9 anos. Fiz uma curva apertada demais, caí da *swiftboard* e bati com a perna na beira de um banco. Sangrou como o diabo. Pararam montes de desconhecidos para me ajudar. Quase desmaiei. Sei que aconteceu. Sei que me aconteceu a mim. Porém, não aconteceu a *esta* perna. Que é a *minha* perna.

— Hum — disse ele.

Passsei a mão por debaixo da minha *t-shirt*, fiz deslizar os dedos pela pele da barriga, macia desde o umbigo até à púbis, sem a estria de tecido cicatrizado, sem os altos das suturas, a outra cicatriz que não o era, a da cesariana. Antes, passara os dedos sobre ela, pressionara-a. O médico dissera que a cicatriz iria parecer-se com um sorriso. Eu pressionara-a outra vez para sentir aquela ténue dor. E agora, nada — nem cicatriz, sem sorriso.

O Silas aproximou-se e agarrou a minha mão.

— Estou diferente? — perguntei-lhe.

— Diferente?

— Não te finjas desentendido.

— Não estou a fingir-me desentendido. Diferente em relação a quê?

— Em relação a antes. Diferente... de mim?

Não sabia bem o que queria que ele dissesse — *Sim, és uma mulher completamente diferente, nova e melhorada. Não, és o mesmo velho borracho que sempre foste.*

— É claro que sim — foi a resposta dele.

— Pensei que ias dizer não. — Pressionei o sítio na perna onde estivera a cicatriz, seguindo a sua linha, o melhor que me lembrava. — Porque estou a tentar... — Contudo, não sabia *o que* estava a tentar fazer.

— Ei. Espera — disse o Silas. — Deixa-me corrigir.

— Corrige lá.

— Continuas a ser *tu*. — Afastou a minha mão da perna e apertou-a para eu parar de remexer. — É claro que és tu. Apenas queria dizer

que as experiências mudam uma pessoa. E tu passaste... bem, passaste por umas merdas. Não foi?

— Acho que sim.

— Eu também estou diferente, não estou?

— Não sei. Continuas a deixar os pratos espalhados por toda a parte.

Ele bufou pelo nariz.

— Borracho, quando digo que estás diferente, acho que quero dizer que *nós* estamos diferentes. Os três. — Por fim, senti-me com coragem para olhar para ele. Estava a olhar para as nossas mãos, os dedos entrelaçados. — Depois de a Nova nascer, tu... bem, eu achei que a médica poderia...

— Poderia o quê? — interrompi-o, mas num tom que não esperava uma resposta. Sabia qual seria o diagnóstico da médica se lhe tivesse dito como me sentia. Uma nova mãe que se sentia morta por dentro; sabia o que era isso. Mas não queria pensar nisso; não queria que o Silas o dissesse, como se proferi-lo pudesse chamar a atenção desse pensamento, pudesse virar o seu horrível e velado olho novamente para mim.

— Poderia receitar-te alguma coisa — disse ele, em vez disso. — As coisas estavam... bem...

— Mal — atalhei.

— Ia dizer *tensas*. E tu parecias...

— Desesperada — disse eu.

— Ia dizer *triste*. E agora pareces...

— Melhor — aventei.

— Ia dizer *melhor*. — Consegui perceber o sorriso na sua voz.

— E estou melhor — disse eu.

— Ótimo — disse ele. — Eu também.

Levantou o olhar das nossas mãos e vi que estava a chorar.

— Estou feliz por estares de volta — disse-me.

— Si... — comecei.

Ele abanou a cabeça.

— Deixa-me corrigir. Estou feliz por estares aqui.

Silas

Por intermédio de uns amigos», decidíramos eu e o Silas responder quando nos perguntassem como nos conhecêramos. Se tiverem tempo suficiente, as pessoas fazem sempre essa pergunta.

A verdade é que eu e o Silas nos conhecêramos porque ele era o namorado da rapariga com quem eu partilhava a casa. Eu e essa rapariga não éramos amigas, pelo menos não ao início. Conhecêramo-nos através de uma aplicação. Era uma coisa em que ambas concordávamos, que era mais fácil partilhar um apartamento com uma desconhecida, pois havia mais probabilidades de, assim, todas lavarmos a louça e limparmos a caixa da areia do gato e essas coisas. A rapariga com quem eu partilhava a casa chamava-se Jessup; não era o diminutivo de Jessica, e não queria que lhe chamassem Jess. Chamava-se *Jessup*. Devo tê-la ouvido explicar isso às pessoas pelo menos uma dezena de vezes.

Entendíamo-nos bem, eu e a Jessup, estando a nossa indulgência alicerçada no facto de pendurarmos sempre os casacos e dividirmos as contas irmãmente. Além disso, eu simpatizava com ela. As suas sobrancelhas soerguiam-se e juntavam-se consoante o seu estado de espírito, como dois sinais de pontuação. Cantava desafinada músicas *rock* dos anos setenta, sarrabiscava passarinhos nas nossas listas das compras e levava para casa *mabrooma* polvilhada com pistácio da padaria da tia. Era muito opinativa e dava explicações sem hesitar. Dizia «Tenho uma teoria sobre isso» com tanta frequência que eu começara a repetir essa expressão só para a arreliar. «Tenho uma teoria sobre isso!», exclamava eu quando ela me dizia que comprara mais detergente da louça. «Tenho uma teoria sobre isso!», quando ela me dizia que tínhamos a renda em atraso. Ela ria-se quando eu brincava com ela, outro sinal do seu bom carácter.

Bem lá no fundo, não sabia como é que a Jessup podia ter todas aquelas opiniões sobre tantos temas. Não era que não me tivessem ensinado a pensar; era que me tinham ensinado a ver uma coisa de uma perspetiva e de outra e de outra ainda, até ter um magote de perspetivas na cabeça. Tinham-me dito que tomar uma posição não

era apropriado, era sinal de insensibilidade, de preguiça, era, até mesmo, grosseiro. Porém, secretamente, pareceu-me que poderia ser uma sensação magnífica, como dar palmadas nos traseiros das pessoas quando passam por nós a correr.

Eu era mais pacata do que a Jessup, muito mais pacata. A minha pacatez permitiu que os homens me atribuíssem noções românticas. Permitiu-lhes inventar aquilo de que eu gostava e a minha maneira de ser. E, na maior parte das vezes, permiti que fizessem isso mesmo. Como era eu realmente? Apesar de ser pacata, estava sempre a pensar em como as pessoas eram e naquilo que faziam, e, vezes demais, em como me viam. Que idade tinha eu então? Talvez 23? Ou 24? A infância da idade adulta.

Além disso, tinha vários pensamentos maldosos e, por vezes, esses saíam-me pela boca sem que eu quisesse. Imaginava ter uma lagarta peçonhenta enroscada dentro de mim, uma daquelas com todas as cores e segmentos e cerdas, que, de vez em quando, se escapulia pelos meus lábios. Quando isso acontecia à frente de um homem com quem andava, ele reagia com prazer, como se esta malvadeza fosse uma coisa que *ele* descobrira sobre mim, como se eu já não o soubesse.

Não me lembro da primeira vez que me cruzei com o Silas. Foi provavelmente no meu quarto, que ficava onde deveria ser a sala de estar. As divisões do apartamento eram seguidas e ao comprido, de modo que, quando alguém entrava pela porta da frente, dava de caras com o meu quarto, tendo de o atravessar para chegar ao quarto da Jessup, e depois atravessar o da Jessup para chegar à cozinha, e atravessar a cozinha para chegar à casa de banho, que ficava ao fundo.

A Jessup tomava duches demorados e estava sempre atrasada, pelo que eu e o Silas nos teremos conhecido numa dessas vezes em que ele ia a passar pelos quartos, enquanto esperava que ela estivesse pronta. Não me recordo da data exata, mas recordo-me das várias vezes em que ele e eu estávamos a conversar e a Jessup passava por nós embrulhada numa toalha, a pedir desculpa aos gritos, de sobranceiras levantadas, como pontos de exclamação.

— Ela é um comboio-bala — disse eu certa vez depois de ela passar a toda a brida.

— É um cometa — retorquiu ele.

— É uma chita — acrescentei.

Ele franziu o cenho.

— É uma chata?

— Não! Uma *chita*. O animal.

— Ah, ufa! Por instantes, pensei que estavas a querer avisar-me de alguma coisa.

— Queria dizer que ela anda sempre a abrir.

— Não é muito simpático dizer que a nossa colega de casa anda sempre a abrir. — O Silas sorriu.

Nessa altura, ele tinha cabelos pretos, compridos, compridos para homem, dando-lhe pelos ombros, um pouco ondulados em baixo e a toda a volta. O seu *look* à *Príncipe Valente*, como eu dizia, embora não soubesse bem quem era o Príncipe Valente e, para ser franca, ainda não sei. É um príncipe cujo cabelo se encaracola em baixo; acho que é isso. O Silas não era alto, apenas dois ou três centímetros mais alto do que eu, mas gostava de insistir que éramos da mesma altura. Certa vez, medimo-nos, marcando as nossas alturas na ombreira da porta da Jessup, como se fôssemos crianças. Recordo-me de comentar com alguém, talvez até com a Jessup, que ele tinha uns braços muito sensuais. Naquela época, gostava de escolher partes do corpo dos homens e dizer que me atraíam, não os abdominais ou o rabo, mas algo mais obscuro. Durante uns tempos, foram os lóbulos das orelhas; dizia às pessoas que preferia os lóbulos ligados diretamente à cabeça. Quando conheci o Silas, o que me atraiu foram os braços. Isto era principalmente uma brincadeira que fazia comigo mesma. Acho que nunca ninguém percebeu a não ser eu.

Reparei que o Silas começou a chegar mais cedo para se encontrar com a Jessup, alguns minutos mais cedo de cada vez, ao passo que a Jessup se atrasava sempre o mesmo tempo. E não era como se eu tivesse de o procurar ou ele procurar-me a mim. A disposição do apartamento juntava-nos, como contas num cordel. Naquele tempo, eu era muito caseira, a levar a cabo os últimos gestos vagos de um fim de relação, no qual eu e o meu ex-namorado nos encontrávamos numa sala de realidade virtual para discutir e foder, pois éramos completamente incapazes de nos entendermos no mundo real.

De início, pensei que estava a ser atenciosa, fazendo companhia ao Silas enquanto a Jessup se preparava para os seus encontros. Nos filmes, havia sempre uma colega de casa que assumia esta tarefa, de cabelo puxado para trás e apanhado com travessões, sendo a sua única finalidade dar conselhos sensatos aos namorados confusos. Era algo inocente. Não era nada. Eu e o Silas ficávamos na galhofa até a Jessup finalmente aparecer vestida.

— Tchau, Lou! — diziam ao sair porta fora.

Quando dizia isto, o Silas baixava sempre a cabeça, como se a porta fosse baixa, que não era, ou como se ele fosse alto, que não era.

O Silas não namoriscou comigo e eu também não namorisquei com ele. Eu nunca era a primeira a namoriscar. Era uma questão de princípio, dizia a mim mesma, mas a verdade era que tinha medo de ser rejeitada. Presumi que, fosse como fosse, o Silas nunca se sentiria atraído por mim, dado que, numa das vezes, eu estava com os meus calções de corrida mais curtos e ele não olhara para as minhas pernas

uma única vez. As minhas pernas eram a minha única certeza. Eram compridas e adelgaçadas e boas, e quando estavam à vista até eu as admirava. Uma vez, apanhei o Silas a olhar fixamente para o meu tornozelo, em específico para o pequeno osso saliente na lateral, mas depois ele saiu do transe e eu percebi que estava apenas a fitar o infinito e, por coincidência, o meu tornozelo estava no sítio para onde os olhos dele estavam a olhar.

Soube que poderia estar interessada no Silas quando não lhe falei dos meus encontros nas salas de realidade virtual com o meu ex-namorado, e depois quando lhe *falei* desses encontros para avaliar a sua reação, a qual teve o volume apropriado de preocupação com o meu bem-estar emocional.

— És tão *adequado* — disse-lhe certa vez, não por causa daquilo com o meu ex, mas em relação a outra coisa qualquer, não me lembro o quê.

Disse-o como piada, mas ele fez uma expressão esquisita. No dia seguinte, a Jessup anunciou que tinha terminado a relação com o Silas. Quando lhe perguntei porquê, tive o cuidado de controlar a voz para que ela não percebesse o favo de mel que surgira de súbito na base da minha garganta, dourado e a zumbir. Ela respondeu com uma espécie de encolher de ombros e eu nem sequer me atrevi a perguntar o que isso queria dizer.

Decidi que não queria dizer nada, porque depois disso o Silas não me contactou de nenhuma das muitas formas que me poderia ter contactado. E também não veio mais cedo para os seus encontros com a Jessup porque não havia mais encontros com a Jessup. *Foi imaginação tua*, disse para com os meus botões. *Estavas cheia de ti mesma*, disse para com os meus botões. E então redobrei os meus esforços na bolha de realidade virtual em que estava embrenhada na altura para manter a depressão sob controlo e o meu ex-namorado à distância. Planei, expandi-me e multipliquei-me e resplandeci. Não chorei e não me consumi. Tornei-me muitas bolhas e, mais do que tudo, esqueci o Silas. Ele fora uma possibilidade que não se concretizara numa realidade. Paciência.

Três meses depois do dia em que a Jessup me informara do fim de relação — *três meses certinhos*, dei-me ao trabalho de ir verificar —, o Silas enviou-me uma mensagem. Fora a Jessup quem lhe dera o meu número. Perguntava se eu queria sair com ele.

— Ele pediu-te o meu número? A *ti*? — perguntei mais tarde à Jessup, e sabia o suficiente para estremecer ao fazer esta pergunta, apesar de, por dentro, estar a zumbir outra vez, só pólen e mel.

— Não. Eu dei-lho. Quero dizer, ofereci-lho. Depois de ele me revelar as intenções dele em relação a ti. — A Jessup estava encostada à ombreira da porta entre os nossos quartos, aquela onde eu e o Silas

tínhamos marcado as nossas alturas. Na realidade, tinha a mão apoiada mesmo acima da cabeça, exatamente nas marcas do lápis que fizéramos, embora ela não o soubesse.

— As *intenções* dele? Ele disse isso? Quero dizer, usou essas palavras?

Ela fez uma careta.

— Sim.

— Que piroso. Devia dizer-lhe que não só por causa disso. — Mas não o faria. Gostei que tivesse dito isso, as intenções dele. Além disso, já lhe dissera que sim. — Desculpa — disse à Jessup. — Sinto-me uma besta.

— Não sintas. — Ela juntou as suas sobranceiras cheias de vida, depois relaxou. — Não fizeste nada de mal. E ele agiu da forma certa.

— Sim, ele é muito adequado.

— Adequado. — Ela levou uma mão ao peito e encostou-se à ombreira. — Calma, meu coração desassossegado.

A Jessup mudou-se menos de um mês depois. Eu e o Silas estávamos então oficialmente juntos, embora ele nunca tenha ido ao apartamento esperar por mim enquanto eu me preparava, e fui sempre eu a passar a noite em casa dele. Era este tipo de drama que estava a tentar evitar ao partilhar a casa com uma desconhecida, explicara-me a Jessup quando se fora embora. Estava outra vez encostada à ombreira, mas agora à outra, a que dava para o exterior. Eu estava de pernas cruzadas em cima de um monte de lençóis na minha cama, acabada de acordar e dando com ela já de mala aviada e pronta para sair. Era evidente que ensaiara o que ia dizer e evidente que eu deveria sentir-me envergonhada.

Esclareceu que o que estava em causa não era eu e o Silas, estava a marimbar-se para isso, mas que na realidade teria sido melhor se tivéssemos caído nos braços um do outro, disse ela, se tivéssemos andado na marmelada às escondidas, se a tivéssemos enganado. Da forma como as coisas se tinham dado, disse, achava que tinha sido tratada com bastante frieza.

Cheguei cedo à reunião das sobreviventes, na esperança de apanhar a Fern antes de começarmos, um plano disparatado, pensando bem, pois ela chegava sempre atrasada. Fui à casa de banho, em parte para urinar, em parte para passar o tempo, e quando saí do cubículo dei com a Lacey ao espelho a aplicar camada sobre camada de batom escuro, transformando a boca num espaço negativo. Ela tapou o batom, inspecionou os dentes e depois encostou-se ao lavatório ao lado do meu.

— Tenho um convite — disse.

Durante as duas últimas semanas reparara na Lacey a observar-me durante a reunião. Era impossível não sentir o seu olhar penetrante e avaliador — agulha, agulha. E quando olhava de volta, ela não desviava o olhar, como seria de esperar de uma pessoa normal. Continuava a fitar-me, pestanejando uma ou duas vezes, devagar, até, por fim, olhar para outro sítio.

— Para quê? — inquiri.

— Para ti. — Sorriu. — Não te preocupes. Não é uma coisa má.

— Não é uma coisa má? Isso é bom.

Passou a explicar que se juntara a um grupo de detetives amadores que investigavam casos arquivados, casos de agressões, homicídios e violações que nunca tinham sido resolvidos. Chamavam-se Luminols. A Lacey explicou-me que luminol era um pó que os detetives usavam para polvilhar as cenas de crimes, de modo a identificar os sítios onde o sangue tinha sido limpo. Havia sete Luminols que se reuniam com regularidade para apresentar as suas teorias e debater as provas recolhidas. A sua investigação processava-se exclusivamente *online*, esmiuçando documentos fiscais e contas de telecomunicações, comparando depoimentos de testemunhas, etc. «Não é como se andássemos por aí de gabardina com umas lupas», esclareceu a Lacey.

— E então... — disse ela.

— Então o quê? — respondi.

— Então, estou a convidar-te.

— Para ir a esse teu grupo?

— Para pensares nisso, Lou. O Early foi apanhado. Confessou. Sei quem me assassinou. — Encostou um polegar ao esterno. — Mas imagina o que é não saberes quem te fez mal, não saberes quem matou alguém que amavas. Ou pensar que sabes e estares equivocada.

Queria que eu experimentasse ir a uma reunião; mais do que isso, que considerasse a possibilidade de me juntar a eles de forma permanente.

— Não sou só eu — disse ela. — Queremos todos que te juntes a nós.

— Todos os Luminols?

Ela apertou os lábios.

— Gozar é fácil.

— Não estou a gozar — afirmei. Mas é possível que estivesse, só um pouco. — Vais convidar as outras? A Fern e o resto?

— Só a ti.

— Porquê eu?

Ela pensara que eu aceitaria o desafio, explicou, que o acharia revelador. Fulminou-me com o olhar ao dizer essa palavra, «revelador», como se estivesse a desafiar-me a gozar com ela outra vez. A sério, eu não achava que tivesse piada o facto de a Lacey se ter juntado a esses tais de Luminols. Para dizer a verdade, estava feliz por haver pessoas que a compreendiam, fosse lá qual fosse a maneira como ela pensava que essas pessoas a compreendiam. Sempre que falava com ela, não conseguia deixar de imaginar aquele círculo na areia, aquele feito pelo seu dedo do pé a arrastar, aquele que fora feito depois de o Early a ter deixado no carrossel e de o ter feito girar. E sempre que pensava nisso, sentia uma pontada de gratidão por ter corrido, rastejado, escapado dele, vá-se lá saber como. Apesar de, na realidade, não ter escapado.

Disse à Lacey que iria pensar no assunto, mas sabia que estava a mentir ao dizê-lo. Nunca fora daquelas mulheres que leem policiais ou que participam em realidades virtuais de crimes reais. Não precisava de tentar compreender a violência perpetrada por desconhecidos a desconhecidos. As pessoas eram inescrutáveis e a vida era um caos, isso sabia eu.

Além disso, não precisava dos Luminols. Tinha os meus próprios planos.

A Fern chegou a meio da sessão. Entrou e ocupou o seu lugar como se só tivesse ido beber um copo de água.

— Lamentamos imenso a interrupção, Angela — disse a Gert, olhando para a Fern, que não se mostrou minimamente arrependida. — Por favor, continua.

A Fern olhou para mim e pôs a ponta da língua de fora. Eu estava

bastante ciente da carta que roubara do apartamento dela, aquela que depois voltara a retirar do saco de lona verde, aquela que estava dobrada no meu bolso neste preciso momento.

A Angela estivera a falar-nos do seu novo emprego. Estava bastante satisfeita, como um ganso feliz, de pescoço curvado e penas aveludadas. Não é simpático dizer isto, mas a alegria das outras pessoas é irritante, e, para mim, o caso da Angela era um desses. Não sabia se a culpa era minha (porque que diferença é que me fazia onde a Angela passava os seus dias?) ou se a culpa era da Angela (porque estava a falar deste novo emprego com presunção, de queixo espetado, como se tivéssemos sido todas entrevistadas para o emprego e apenas ela tivesse sido escolhida).

O emprego anterior da Angela fora na AutoGoGo, no qual tinha a posição de responsável pelo registo de pequenos danos provocados nos automóveis quando estes eram devolvidos: uma pastilha elástica colada no suporte para copos, um arranhão no tabliê provocado pela sola de um sapato, coisas do género. Era responsabilidade da Angela organizar os formulários, enviar os pedidos de limpeza necessários e cobrar as deploráveis coimas. Eu estava a par de tantos pormenores sobre o trabalho da Angela porque ela se queixava dele todas as semanas. O trabalho não prestava. Ou melhor, as pessoas é que não prestavam, tão desleixadas que eram, irrefletidas e incapazes de cumprir regras básicas. O que ficara por dizer: em comparação, a Angela era boa, retificando os estragos provocados pelos outros.

Mas agora ela arranjava um novo trabalho, algo melhor. Descreveu o trabalho com vagos lugares-comuns. Era «um desafio aliciante» que lhe permitiria «ultrapassar limites» e utilizar o seu «acervo de competências», levando-a ao «patamar seguinte»; iria, aliás, algumas vezes a Detroit para participar em reuniões e, enfatizou a palavra, *sessões*. Olhava-nos intensamente enquanto falava, com os seus olhos insensíveis e as narinas arrebidadas. *Desafio-te*, diziam aquelas narinas. *Eu bem te disse*, diziam também. Senti alívio quando o olhar dela deixou de estar sobre mim. Não fazia ideia do que o meu semblante poderia transparecer em resposta.

Por fim, a Lacey fez a pergunta que as restantes estavam a pensar:

— Mas o que é que *fazes* exatamente?

Era óbvio que a Angela estivera à espera de que uma de nós perguntasse precisamente isto. Abanou a cabeça devagar, deixando o sorriso a espalhar-se pelo rosto.

— Lamento muito — respondeu. — Não posso dizer. Não apenas a vocês. Não posso dizer a ninguém. Assinei um NDA. Ou seja...

— Um acordo de confidencialidade — interrompeu-a a Lacey. — Toda a gente sabe o que isso é.

O sorriso da Angela vacilou.

— Não posso violar esse acordo. É muito rigoroso. Mas não se preocupem. Vamos lançar-nos no mercado muito em breve, e então ficarão a saber.

— E então ficarão a saber — repeti depois da sessão, sozinha com a Fern numa padaria na baixa, enquanto nos dedicávamos à vertiginosa torre de pastéis que ela pedira, de dedos pegajosos por causa da cobertura açucarada. — A Angela fala como se nos estivesse a ameaçar.

— É óbvio que se juntou a um culto — disse a Fern.

— Ou isso, ou então tornou-se delegada de informação médica — arrisquei.

— Acho que vai ser um tigre.

— Acho que vai ser uma bola de pura energia.

— Acho que vai ser um penso higiénico.

— Um penso higiénico? — perguntei.

— Com abas. — A Fern abriu os braços e dobrou-se por cima da mesa.

Era fácil gozar com a Angela. E se foi pouco simpático, e é claro que foi, foi também uma forma de perguntarmos sem perguntar: *Sou como ela? Não, não és como ela. Está bem, bolas, tu também não és como ela.* Não é preciso dizer quantas amizades femininas se alicerçam nestas firmes fundações.

— Olha — disse eu à Fern.

Ela enfiou um pastel na boca.

— Estou a olhar.

Mas as minhas palavras ensaiadas dissolveram-se-me na língua como o açúcar. Tirara a carta do bolso assim que nos sentáramos e tinha-a em cima das pernas desde então, segurando a ponta do envelope agora amassada pelos meus dedos nervosos.

— Roubaste o meu correio — disse a Fern. — É isso que vais dizer?

— Sabias? — indaguei, fitando-a.

Ela inspecionou o caramelo na ponta dos dedos e chupou um.

— Pensei que não irias reparar — disse eu. — O envelope ainda estava fechado.

— Não os abro porque já sei o que dizem.

— Mas eu *abri*. — Mostrei-lhe a prova. — Desculpa. Fiquei curiosa.

— Achas que eu não compreendo a curiosidade? Menina, eu sou *feita* de curiosidade. Se a curiosidade matou o gato, sou uma centena de gatos mortos.

— Posso perguntar...

— O quê? Porque é que o quero visitar? — disse ela.

Fitou-me com um olhar empedernido, como que a avaliar-me, depois lançou o mesmo olhar à torre de pastéis, tirou um do monte e

deu uma trinca enorme. Falou de boca cheia, abafando as palavras com a massa do pastel.

— Não é por querer um pedido de desculpa, disso podes ter a certeza. É o que os advogados dele pensam. *Desculpa ter-te assassinado?* De que é que isso me iria servir? E não quero gritar com ele. Ou vê-lo chorar. Ou perguntar-lhe porque o fez. Acho que nem *ele* sabe a resposta. Só tenho uma pergunta.

Engoliu audivelmente, mantendo um dedo esticado.

— Porquê eu — disse ela. — Há tantas pessoas no mundo, tantas mulheres, seja lá quem for, que ele poderia... Por isso, sim: porquê *eu*? Será assim uma loucura tão grande perguntar isto ao homem que me matou?

— Não é loucura.

— Bem, eles fazem-me *sentir* que é. Mesmo quando há *efetivamente* um louco sentado à mesa mesmo à minha frente. — Recostou-se com tanta força que a cadeira rangeu. — Ou *não* sentado à mesa à minha frente, melhor dizendo.

— Não ia perguntar porque o que queres ver — esclareci.

— Ah, não? Então, o que ias perguntar?

— Ia perguntar se posso ir contigo.

Pronto. Estava dito.

Ela soergueu as sobrancelhas e levou mais pastel à boca. Esperei enquanto mastigava.

— Claro — acabou por dizer.

— A sério?

— O quê? Queres que recuse? Posso recusar.

— Pensei que primeiro me irias fazer a vida negra, obrigar-me a listar todos os motivos, obrigar-me a prometer que, se conseguíssemos vê-lo, eu não fugiria da sala aos gritos.

Ela encolheu os ombros.

— Fugir da sala aos gritos parece-me uma reação razoável, dadas as circunstâncias.

— Mas não o farei.

— Olha, Lou, durante meses, toda a gente, os meus pais, os médicos, a comissão de replicação, a Gert, estes malditos advogados, me disse o que eu podia e não podia fazer. Achas que te vou fazer o mesmo? Nem pensar. Eu não. — Empurrou um pastel na minha direção. — Fazes aquilo que quiseses.

— Não vais perguntar-me porque é que *eu* o quero ver?

— Não. — A Fern cruzou os braços.

A padaria aqueceu à minha volta em vagas de canela e fermento; a campainha da loja tocou; alguém deu uma gargalhada enérgica; os pastéis à minha frente eram muito doces. Era, sem dúvida, um mundo terrível.

— Quase morremos — disse eu.

— Quase? — perguntou ela com uma gargalhada.

— Percebes o que quero dizer.

— Está bem. Claro. Mas estamos aqui.

— A questão é essa. Eu não o quero ver. — Fechei o punho, o açúcar como saibro na palma da mão. — Quero que *ele* me veja *a mim*. E, desta vez, não terei medo.

Falcão

Comecei a jogar *Hawk* em realidade virtual depois de a Nova nascer, numa época em que me parecia que não conseguia tocar em nada, mas em que tudo estava sempre a tocar-me. A boca da Nova, as mãos do Silas, os lençóis, as minhas roupas, o ar, os minutos da tarde, tudo isso a roçar-se contra mim, a pressionar os pequenos pelos dos meus braços, a esborratar o contorno que me delimitava do mundo em meu redor.

Quando a Nova adormecia, eu ficava a olhar para ela como uma palerma. Conseguia ver as veias lilases que serpenteavam nas suas pálpebras. Sabia que deveria sentir alguma coisa por aquelas fiadas filamentosas, mas a graciosidade da minha filha parecia ser a única coisa que não me comovia, por muito que me esforçasse por senti-lo. Qual era o meu problema? O que havia de errado comigo?

Enquanto a Nova dormia, eu punha o capacete, calçava as luvas e transformava-me no falcão. Pairava nas alturas. O deserto lá em baixo fazia lembrar ossos antigos. Vislumbrava algo a mexer na areia e mergulhava, ouvindo o meu próprio guincho nos ouvidos. Depois, subitamente, tinha um coelho nas garras. Conseguia sentir o seu coração a vibrar nas plantas dos pés. Depois disso, era uma questão de encontrar um penedo onde me empoleirar para poder despedaçar o coelho com o bico afiado, virar a cara no vapor das suas vísceras e arrancar um pedaço de carne, puxando-o até ele se separar do osso com um estalido.

Limpava o histórico do sistema para que, quando o Silas regressasse a casa, não visse quantas horas eu estivera naquele jogo em vez de estar a cuidar da bebé. Assim que ouvia a porta da frente, apumava-me na cadeira, de cobertor por cima do ombro, com a bebé por cima do cobertor, e a sensação da carne ainda entre os meus dentes.

A Fern tinha razão quando me dissera para não me dar ao trabalho de escrever à Smyth, Pineda, and Associates a perguntar se podia visitar o Edward Early. A resposta chegou em menos de uma semana, idêntica à que lhe tinham enviado, apenas com os nomes trocados. Era exasperante. Porém, calculo que, para eles, eu devia ser apenas mais uma mulher, a Vítima Cinco em vez da Vítima Dois. Ou então, se calhar, achavam que, pura e simplesmente, não tinham mais nada a dizer-nos.

Faltavam apenas dois meses para porem o Edward Early no mundo das trevas. Assim que os médicos o pusessem nesse estado, ele ficaria em estase, que era essencialmente um estado de coma, durante os quarenta anos da pena a que fora condenado. Sonharia os sonhos desenvolvidos pelos psicólogos para aumentar a sua empatia, de cabeça espetada com um nimbo de agulhas cuja disposição visava a estimulação dos espaços vazios do seu cérebro.

Depois disso, eu e a Fern seríamos já um par de velhas quando voltássemos a ter a hipótese de falar com ele. O ridículo da situação era que *falaríamos* com ele então. Se dessemos autorização, falaríamos. O processo de reabilitação exigia que os agressores falassem com as vítimas sobreviventes e respetivos familiares. O Edward Early iria então ao nosso encontro, todos aqueles anos depois de recusar receber-nos. Eu teria 72 anos. A Nova seria mais velha do que eu e a Fern éramos agora. Imaginem só! Imaginei o Edward Early no meu alpendre, eu a levantar a cabeça grisalha ao ouvi-lo a bater à porta.

Não disse ao Silas o que eu e a Fern estávamos a fazer. Uma mentira por omissão, é assim que lhes chamam, as coisas que não se dizem. Mas, na realidade, não são tantas as coisas que deveríamos ter dito e não dissemos? Não são, na verdade, aos milhares?

Quando o Silas me perguntava se eu estava bem, eu dizia que sim, o que, de alguma forma, me parecia a pior mentira de todas, apesar de ser a menor. Fiz outras coisas para o compensar, pequenas gentilezas, pedrinhas colocadas no outro prato da balança. Tocava na unha que ele lascara quando era criança; tinha lesões nos nervos por debaixo da

unha e gostava da sensação de descarga elétrica. Dobrava todas as suas meias em pequenas rosetas e aconchegava-as na gaveta, dispostas por cor, azul-marinho e cinzento-azulado até ao vermelho lustroso e ao castanho. Ficava com a pior fatia de bolo, a fatia mais seca por estar exposta ao ar.

Se o Silas reparasse que eu fizera alguma dessas coisas, se me agradecesse por elas, então não contavam e tinha de pensar noutra coisa para fazer. Infelizmente para mim, o Silas era bom observador e educado. A única forma que eu tinha de compensar o registo da minha culpa era à noite, enquanto ele dormia, quando o abraçava. As costelas dele a subir e a descer. Eu pensava em como estas albergavam todo o tipo de coisas no seu interior, os emaranhados de veias, as esponjas de tecidos e as joias facetadas dos seus órgãos. Ele era lindo quando estava a dormir, e, com isto, refiro-me ao seu rosto. Conseguia lobrigar feições da Nova, a parte dela que não era eu. Em silêncio, eu pedia-lhe que me perdoasse.

Ah, por falar em perdão: o Sr. Pemberton apareceu durante o meu turno na Sala. Imaginem o meu espanto quando vi o nome dele na minha agenda. Agendara uma vaga à última hora, pelo que nem tive tempo de me preocupar com isso. Primeiro, foi o aviso sonoro de um cliente a aproximar-se, depois o nome dele na minha agenda e, por fim, lá estava ele no sofá diante de mim, a camisola de gola alta, desta vez dourada, a cara a germinar da gola, os olhos semicerrados, a boca num sorriso circunspecto.

— O senhor regressou — disse eu, que coisa tão tola de se dizer.

Cruzei as mãos no regaço, que estava rechonchudo e coberto por uma saia de bombazina. Estava a usar a minha pele de trabalho predefinida, um compósito de características físicas que os nossos clientes identificavam como sendo mais reconfortante: velha, faustosa e feminina. Essencialmente, era uma mulher que fazia lembrar uma poltrona.

— Sim... regressei — assentiu.

— Quero dizer-lhe que lamento aquilo que aconteceu. Foi um ato impulsivo. Soa a desculpa. Não é uma desculpa. A questão é que não sei explicar.

Ele inclinou a cabeça.

— Já explicou: foi impulsivo.

— Sim.

— Também já agi por impulso.

— É simpático da sua parte dizer isso.

— Não sei se é simpático. É verdade. — Olhou para lá de mim, pela janela que não era uma janela. — Sei como é. Apresentamos as nossas razões depois do ocorrido, explicações para termos feito o que

fizemos, mas parece que estamos a enganar-nos a nós próprios. Uma história sobre nós mesmos.

— É exatamente isso — murmurei. E era. Ele compreendia.

Levantou o queixo e um ombro, um meio encolher de ombros cortês.

— Se calhar o melhor seria dizermos apenas: «Tive os meus motivos. Mesmo que não saiba quais foram, têm de existir, pois fiz o que fiz.»

— Somos um mistério mesmo para nós mesmos. É isso que quer dizer?

— Talvez sejamos também a solução.

— Isso é muito filosófico.

— Bem, eu sou muito elevado.

Não esperava que ele dissesse uma piada. Ri e ele pareceu agradado.

— Posso perguntar-lhe uma coisa? — disse-me.

Era uma regra tácita que não deveríamos falar sobre nós mesmos com os clientes, conversa de circunstância tudo bem, mas evitar questões pessoais, evitar intimidades. Porém, dadas as circunstâncias, o que podia dizer eu a não ser «Claro»?

E o que ele perguntou foi:

— A senhora está bem?

— Não. — Não tencionara dizê-lo. Tapei a boca com a mão. Era verdade. Sabia que era verdade. E agora tinha-o dito em voz alta. Suspirei contra a mão que me tapava a boca. Foi um alívio dizê-lo em voz alta. Baixei a mão devagar. — Aconteceu-me uma coisa — expliquei — e às vezes vem ao de cima.

— Por exemplo, quando... — Ele apontou para as minhas mãos, ainda inocentemente cruzadas em cima das pernas.

— Por exemplo, quando o agarrei. Mas — acrescentei — estou a aprender a lidar com isso.

— Está?

— Estou.

— Tem a certeza? — perguntou ele, e era justo que tivesse as suas dúvidas depois do meu comportamento da última vez.

— Tenho — insisti. E tinha, disse para com os meus botões. À minha maneira, estava. — Olhe, estamos a usar o seu tempo todo — disse eu, mudando de assunto. — Pretende a sua sessão? Juro que não... bem, que não o vou agarrar.

Ele olhou para mim por instantes, depois estendeu as mãos.

Nessa mesma tarde, encontrei-me com a Fern num café para pensarmos numa maneira de convencer o Edward Early a receber-nos. O mais provável era que eu não reparasse na mulher que estava a

algumas mesas de distância, não fosse o facto de ela estar sempre a espreitar na nossa direção. Era velhota e roliça, com cabelos de um viçoso azul-marinho que praticamente lhe escorriam da cabeça como espuma. Tanto quanto parecia, a Fern não tinha reparado na mulher, mas era difícil saber em que é que a Fern reparava ou não. Além disso, nesta fase todas nós estávamos habituadas a ter pessoas a olhar para nós.

Quando eu e a Fern nos levantámos para ir embora, a mulher também se levantou, contornando as mesas de forma que o seu caminho se cruzasse com o nosso. Segurei a porta daquela maneira que não é propriamente segurar a porta para ceder passagem a alguém, mas apenas deixar a mão a segurá-la alguns instantes para que a pessoa que vem atrás tenha mais hipóteses de a agarrar. Também não olhei para trás para me certificar de que ela o fizera.

— Menina? — ouvi chamar nas nossas costas. — Menina? — repetiu, com mais veemência. — Por favor, menina!

Foi a Fern quem parou, apesar de ser eu quem já estava à espera do chamamento da mulher. Só parei porque a Fern parou. Quando me virei, a mulher estava mesmo atrás de nós, a centímetros. Reparei então que aquilo que, ao longe, me parecera um corpo roliço era, na realidade, carne descaída, provocada por uma perda de peso muito rápida.

— Obrigada! — disse-nos. — Oh, obrigada, obrigada por pararem.

Não fizéramos nada a não ser parar, e aquele agradecimento tão profuso deixou-me relutante. Olhei de relance para a Fern, mas ela não me devolveu o olhar. Estava a observar a mulher daquela maneira intrigante que era seu apanágio, como se as pessoas fossem minúsculas e ela as segurasse na palma da mão, virando-as para um lado e para o outro para ver todas as suas faces.

— Posso mostrar-vos uma coisa? — disse a mulher.

Levantou o seu ecrã, no qual se podia ver uma adolescente de traje académico. A rapariga tinha o cabelo encaracolado e pintado do mesmo tom de azul do seu cabelo. A mulher tocou no ecrã e, de repente, a projeção da rapariga surgiu no meio de nós, trémula sob a luz do sol.

«Mas eu não tenho nada para dizer!», protestou a rapariga. «Pronto. Faço isto.» Tirou o chapéu do traje, fez de conta que o iria atirar ao ar, mas no último instante não o fez, apertando-o contra o peito. A imagem tremulou até ao início e o chapéu saltou novamente para a cabeça da rapariga. «Mas eu não tenho nada para dizer!», repetiu a rapariga. «Pronto. Faço isto.» Chapéu fora, finge atirá-lo, peito, cabeça. «Mas eu não tenho nada para dizer!», disse a rapariga mais uma vez, para sempre. «Pronto. Faço...» A mulher mexeu no ecrã e tirou o som à projeção; a imagem da rapariga continuou no seu ciclo

repetitivo e silencioso.

— É a Laurel — disse a mulher. — A minha mais nova.

— Parabéns — disse a Fern.

A mulher pestanejou depressa.

— O quê?

— Parabéns? — A Fern gesticulou para a projeção. — Acabou o curso?

— Não. Ou sim. Acabou. Mas não é... — A mulher olhou para a rapariga e depois para nós. — O que quero dizer é que ela é como vocês. Ela é tal e qual vocês.

A Fern permaneceu em silêncio, à espera de que a mulher revelasse mais pormenores. Eu não queria ouvir nem mais uma palavra. Não tinha o menor interesse em saber porque é que esta mulher acreditava que a filha era tal e qual como nós.

— O que quero dizer é que... está morta — disse a mulher, como eu sabia que iria dizer.

— Lamento — murmurei e peguei no braço da Fern para irmos embora.

— Pela minha perda? — perguntou-me a mulher. — É isso que lamenta?

Parei. As palavras pareciam querer ser sarcásticas, mas o tom não era suficientemente mordaz. Passou os dedos por um dos seus caracóis azuis, examinando as pontas espiçadas. Percebi então que pintara o cabelo da cor do da falecida filha.

— Bem, ela não o quis deixar — disse a mulher. — Algumas pessoas têm dificuldade em compreender isso. *Porque é que ela simplesmente não o deixou?* As pessoas não me *dizem* isso. Sabem que não mo devem *dizer*. — Humedeceu os lábios. A língua tinha um aspeto pouco saudável, membranosa. — Ele não lhe batia. É outra coisa que as pessoas não compreendem. Isso já me *perguntam*. «Ele batia-lhe?» Tento explicar como foi, como ele a obrigou a fazer uma série de dietas. Não a deixava comer carne. Por causa do cheiro com que ela ficava, contou-me ela. E escolhia as roupas dela. Não quero com isto dizer que lhe comprava as roupas, embora lhe dissesse o que comprar e o que não comprar. O que quero dizer é que, todas as manhãs, dispunha a roupa aos pés da cama, para que ela a vestisse. Como no último aniversário dela, quando lhe ofereci um casaco. Parei o carro no meio da rua quando o vi na montra, dei meia-volta e fui lá comprá-lo. Achei que era a cara dela, que o iria adorar, que lhe ficaria a matar... bem. Ela abriu a caixa e devolveu-mo, assim mesmo, ainda embrulhado no papel de seda. Agradeceu, que era um casaco muito bonito, mas que lamentava, não podia usar verde, ele não gostava de a ver de verde. Eu disse-lhe que ela ficava linda de verde. Ela disse que a questão não era como lhe *ficava*, era o que a cor *desencadeava* nela.

«O comportamento que *desencadeia*», disse ela. E eu perguntei como era isso possível. E ela diz: «Mãe, tu sabes melhor do que ninguém a puta que eu posso ser.» Portanto, dá para entender que, embora ele não lhe batesse... — A mulher tocou na cabeça e depois no peito, os seus movimentos espelhavam os da rapariga, chapéu na cabeça, chapéu no peito. — Mas é verdade que ele não lhe tocou — prosseguiu. — Até que lhe fez aquilo que fez. E a ele mesmo. E pode dizer-se que foi a bala que lhe tocou. Tecnicamente. «Pelo menos está morto», dizem as pessoas. «Devia estar muito doente», dizem.

A mulher enrugou os lábios, deixando antever o branco de um dente. Compreendi o que queria dizer. Este homem não se limitara a matar a filha dela; acorrentara a sua própria morte à dela. «As Vítimas de Edward Early», fora assim que os noticiários tinham aludido à Fern, a mim e às outras mulheres. «As Vítimas de Edward Early», com a preposição «de», de pertença.

— Não pretendo desconsiderar a vossa experiência — continuou a mulher. — Não quero dizer que não passaram por aquilo que passaram. Sei que não *tiveram* hipótese de ir embora. Mas não acham que, quando ele lhe apontou a arma, que a minha Laurel também teve medo? Não acham que sentiu dor quando a bala... quando entrou... entrou... entrou...

Era horrível ver a mulher a balbuciar aquela palavra, como o holograma da filha no seu ciclo ininterrupto. Eu já estava confrangida, à procura de uma forma de bater em retirada, mas a Fern segurou-me o braço com firmeza.

— Entrou no corpo dela — disse a Fern.

— Entrou no corpo dela — repetiu a mulher com um suspiro. — Sim, obrigada. Entrou no corpo dela. Agora vou desligá-la — disse, referindo-se à projeção. Passou o dedo ao longo do bordo do ecrã. — Só por agora — sussurrou para a filha, não para nós.

E a rapariga desapareceu.

— Vocês são boas raparigas — disse ela. — Dá para perceber.

A Fern riu.

— Não somos, não.

— Não, não, não, não, não. — A mulher agitou uma mão. — As pessoas podem dizer que não são, mas são. A Laurel também era uma boa menina. — Franziu o sobrolho. — Eu ia dizer «apesar de tudo». Mas não digo. Ela *era* uma boa menina. Era... boa. Portanto, talvez, se vocês acharem por bem, se acharem que é a coisa certa, talvez pudessem falar dela à vossa gente? Falar da Laurel?

À nossa gente? A primeira coisa que me ocorreu foi que ela estava a referir-se às outras mulheres do grupo de sobreviventes. Eu não iria, isso era certo, contar-lhes esta triste história porque, para começar, não era nada de novo, e, além disso, já não havia nada a fazer. Pensei

no ex-namorado da Angela a segui-la, a *persegui-la*, corriji-me. Há já algum tempo que ela não falava dele. Talvez ele tivesse deixado de a perseguir. Eu esperava que sim.

— À vossa gente — repetiu a mulher, gesticulando para lá de nós, para o fundo da rua, e foi então que percebi que se referia à comissão de replicação. — Acho que se soubessem aquilo pelo que a Laurel passou, talvez a considerassem para... — Gesticulou para mim e para a Fern. — Sei que não é tão entusiasmante como o que vos aconteceu.

Senti a mão da Fern a apertar-me o braço com mais força ao ouvir a palavra «entusiasmante».

— Sei que poderá não haver a mesma compaixão — prosseguiu a mulher. — Porque a Laurel o podia ter deixado. Poderia. É verdade. Só que, sabem, na verdade não podia.

— Sim — disse a Fern, avançando um passo. — Sim, nós vamos falar dela.

— A sério? — perguntou a mulher e, pela forma como o disse, consegui perceber que esperara que disséssemos que não.

— Claro que sim — respondeu a Fern. — Falaremos da sua Laurel.

— Estás a ver? — disse a mulher para alguém invisível, para o céu. — Estás a ver? Boas raparigas! Boas! Querem ficar com o meu número? Podem dizer-me qual foi a resposta deles. E assim eles saberão onde me encontrar se... Bem, se decidirem...

A Fern disse que sim e a mulher deu-nos o número. Agradeceu-nos muitas mais vezes, desordenadamente, até que se tornou impossível continuar a aceitar tantos agradecimentos, pelo que apenas anuímos com a cabeça até ela se calar.

— Vais falar dela à Gert? — perguntei à Fern quando já estávamos no quarteirão seguinte e não havia sinal da mulher.

— O que é que a Gert poderia fazer? — zombou a Fern.

— Então a quem? À comissão de replicação?

— Lou — disse a Fern. — Tem dó.

— O quê? A quem?

— Não há ninguém a *quem* falar. Eles não vão clonar a filha daquela mulher.

Devo ter estremecido ao ouvir aquela palavra, «clonar», a qual as pessoas raramente utilizavam por uma questão de delicadeza, porque a Fern riu-se na minha cara. De qualquer forma, o que a Fern disse era verdade. A equipa de replicação não iria trazer de volta uma rapariga qualquer assassinada pelo namorado. Quantas raparigas havia assim? Para dizer a verdade, eu conhecia o número: três por dia, todos os dias.

Para começar, o país já tinha pessoas a mais. Não era possível clonar toda a gente que morria ou até mesmo toda a gente que era assassinada, era esse o raciocínio. O processo cingia-se a

circunstâncias especiais. O critério deveria ser um contributo significativo e constante para a sociedade, com supervisão governamental para assegurar que assim acontecia. Por isso, fora um escândalo quando, há cerca de um ano, se soubera que algumas das pessoas trazidas de volta tinham feito consideráveis donativos à comissão de replicação. Para fins de investigação, alegara esta. Porém, dava a ideia que dava, e era uma ideia negativa, em especial depois de se saber que um político trazido de volta pela comissão violara duas estagiárias. Houve manifestações, inquéritos e reprimendas, e pareceu a certa altura que a comissão de replicação poderia fechar portas, até que o Edward Early começou a assassinar mulheres, e uma história eclipsou a outra.

A verdade era que a comissão não nos teria clonado, a nós as cinco, se não fossem as notícias, a caça ao homem, os vários assassínios, se não fossem as atrizes e estrelas *pop* que tinham reclamado pelo nosso regresso, as mulheres que tinham traçado linhas com batom no próprio pescoço.

— Mas disseste-lhe que falarias do caso a alguém — disse eu à Fern, ainda no passeio. — E agora ela tem esperança.

— Já tinha esperança antes.

— Não estás a perceber. — Parei de caminhar para a Fern também parar. — Ela não vai esquecer a tua promessa. É a *filha* dela. — Ao proferir estas palavras, ocorreu-me a imagem de alguém a matar a Nova e fiquei sem fôlego. Só de pensar nisso senti que cometera um ato de violência.

— Posso não ser mãe, mas *tenho* uma, não tenho? — A Fern inclinou a cabeça e acrescentou baixinho: — A questão é que o Edward Early também.

Pais

Nunca duvidei de que os meus dois pais me amavam. Sei que sou uma felizarda, e muito, pois há imensas pessoas que não podem dizer o mesmo dos seus. Não sei o que é não ter a certeza do amor dos pais ou, talvez pior, ter a certeza de *não* o ter. Só consigo imaginar que exista um vazio no nosso âmago impossível de extrair, não como o caroço de um fruto, mas como um óleo que se infiltrou em nós, como se a pessoa tivesse sido marmoreada.

O Odd é direto e íntegro. Chamamos-lhe Odd porque, quando eu era pequena, ele dizia que era o «outro papá»¹, mas eu só conseguia dizer «Odd» e o nome colou. É chefe dos enfermeiros num hospital enorme. Foi possivelmente graças a ele que acabei a trabalhar na Sala, se é que se podem racionalizar estas coisas.

O meu pai era um solucionador em empresas. O cargo era de «Consultor de Eficiência», mas ele dizia sempre que era um *solucionador*. Ao contrário do Odd, o meu pai era compassivo e, para ele, estava sempre tudo bem. No geral, penso que é uma falta de visão presumir que, quando duas pessoas estão juntas, uma é severa e a outra compassiva, mas no caso dos meus dois pais, as coisas eram mesmo assim.

O Odd sabia fazer-me tranças de todos os tipos. Como as escamas dos peixes, dizia. Como uma corda, dizia. Como uma coroa. Deixei-o fazer tranças no meu cabelo até entrar para a secundária, o que naquele tempo foi embaraçoso, mas hoje recordo com ternura. Dias houve em que me pareceu que aquelas tranças impediam que me desmantelasse, como se fossem um cesto entrelaçado onde guardar todos os sentimentos lamechas da adolescência que, de outro modo, escorreriam do meu cérebro e salpicariam todos aqueles que estivessem por perto.

O meu pai gostava de me dar coisas à socapa, pequenos presentes e baldas às aulas e guloseimas. Para ser mais rigorosa, ele *fingia* que estava a dar-me coisas à socapa. Até que um dia o ouvi a segredar ao Odd: «Finge que não vês aquela pulseira que ela está a esconder debaixo da manga.» Senti-me alarmada, depois, atraída. *Ele tinha-*

lhe contado? Porém, de um momento para o outro, a traição dobrara-se sobre si mesma e percebi que poderia participar neste jogo de segredos: o Odd fingia que não sabia que o meu pai me estragava com mimos e eu fingia que não sabia que o Odd sabia, e, no final de contas, era só amor, não era?

Desde o início que me disseram que uma amiga deles, a Talia, fora a barriga de aluguer, mas que não era minha mãe, nem biológica nem de outro tipo. Vi a Talia apenas algumas vezes em miúda. Ela viajava muito, sobretudo ao estrangeiro. Quando aparecia — e era assim que eles o descreviam, a Talia ia *aparecer* —, usava cores que não combinavam, comia com as mãos (a única coisa que a vi comer com um talher foi a sopa) e dava palmadinhas na barriga quando ria, como um velho satisfeito. Eu não pensava na Talia como sendo uma pessoa, mas mais como uma ave que tinha entrado por acidente por uma janela aberta e que andava agora a bater as asas pela sala. Tratava-me com o mesmo bom humor distante com que tratava toda a gente, exceto o Odd, o qual era, sem dúvida, o seu predileto.

Uma vez, não teria eu mais de 7 anos, a Talia apontou para mim e disse:

— Tu! Tu aí! Fizeste-me varizes nas pernas!

— Desculpa? — retorqui, assustada, e todos riram.

Não sentia qualquer ligação especial à Talia; não a considerava minha mãe, mas sentia orgulho de ter crescido dentro dela.

Também não pensava na minha mãe biológica, a não ser às vezes, quando me punha a imaginar como seria ela, e fazia um jogo em que olhava discretamente para as mulheres que passavam por mim na rua para ver se conseguia vislumbrar as minhas feições nos seus rostos. Mas era tão parecida com o meu pai que a forma de um rosto desconhecido me parecia algo descabida. Nos meses que se seguiram à morte dele, olhava-me demoradamente ao espelho porque ainda o conseguia reconhecer nos meus ossos.

Nada disto importa. O que importa é que os meus dois pais me amavam com um amor paternal, o que é quanto basta e, em simultâneo, demasiado. E eu sabia que nunca deixariam de me amar. Mesmo depois de o meu pai morrer, senti que o seu amor se juntara ao do Odd, que era algo que eu e o Odd tínhamos como uma membrana interdigital, como o cordel no jogo da cama de gato.

E era por isso que eu sabia que, quando precisasse dele, o Odd me acolheria.

¹ Em inglês, *other Dad*. [N. T.]

A mãe do Edward Early chamava-se Celia. E o seu apelido já não era Early, mas Baum. Resgatara o nome de solteira depois de o filho ser detido e confessar o homicídio de cinco mulheres. A Celia Baum tinha 59 anos. Era coordenadora do gabinete do superintendente do distrito escolar de Haslett. Casara e divorciara-se duas vezes. O Edward era o seu único filho.

Eu e a Fern descobrimos estas informações com facilidade com os nossos ecrãs, ali mesmo, no passeio. Fora a mulher de cabelos azuis, a mãe da Laurel, que dera a ideia à Fern: iríamos solicitar a ajuda da Celia Baum e fazer com que *ela* convencesse o filho a receber-nos.

— Olha para este — disse a Fern, mostrando-me o seu ecrã, no qual estava a ser reproduzido um vídeo.

No início, não reconheci a Celia Baum, que surgia com apenas 14 anos, uma menina, toda ela ritmo fervoroso e a testa cintilante. O vídeo tinha aquele aspeto estranho e pouco consistente das gravações antes dos hologramas, de uma pessoa comprimida a mover-se com rapidez por detrás de um vidro. A Celia adolescente estava a fazer uma crítica à sua série preferida, cujo final a desiludira. Falava a um ritmo urgente, os dedos a adejar no enquadramento, como se houvesse um realizador fora do plano prestes a dizer *corta*.

Olhei para a rapariga e cheguei à conclusão de que a detestava. Afastei a ideia assim que me surgiu, mas isso não a impedia de ser verdade. Odiava-a porque o Edward Early estava ali, pelo menos uma parte dele, uma pequena fibra enterrada num dos seus ovários, e ela era apenas uma rapariga que não fazia ideia do que lhe iria acontecer, e a culpa não era dela, mas, mesmo assim, não consegui deixar de a culpar.

Não me ocorreu culpar o pai do Edward Early, mas ele fora-se embora ainda o Edward era bebé, seguira o seu próprio caminho, como os homens podem fazer e fazem.

— É perfeito — disse a Fern —, um amor de mãe.

Tu nem sequer falas com a tua mãe, não disse eu à Fern.

— Tenho de ir — disse-lhe em vez disso, virando costas ao ecrã.

— O quê? Agora?

— Tenho de ir buscar a Nova. — Já estava a afastar-me, sentindo um acesso de ódio a crescer-me no peito.

— Isto é bom — disse ela nas minhas costas.

— Bom! — disse eu por cima do ombro.

— Isto é um plano! — gritou.

Levantei a mão para indicar que a ouvira, mas não olhei para trás.

Tinha mesmo de ir buscar a Nova; isso era verdade. Era a primeira vez que ia à creche em semanas. Era sempre o Silas quem a ia deixar e buscar, pois a creche ficava no mesmo quarteirão que o escritório dele. Hoje, porém, enviara-me uma mensagem a dizer que lhe aparecera um imprevisto no trabalho e a perguntar se eu podia ir buscar a bebé quando fosse para casa. E é claro que eu podia.

O edifício era um cubo de estuque amarelo localizado no meio de um enorme relvado irregular, como um bocado de bolo que alguém deixara cair ao chão. Lá dentro, a iluminação era difusa, e o chão, pontuado por colchões. Chegara a meio da hora da sesta. Na penumbra, as rugas dos rostos dos bebés a dormir davam-lhes uma aparência estranhamente velha, até mesmo ancestral. Tentei identificar a Nova no meio dos adormecidos, pensei que a encontrara, mas depois percebi que era outra criança, um desconhecido.

Uma das funcionárias foi ao meu encontro, mantendo um dedo encostado aos lábios. Passou pelo meio dos colchões sem sequer olhar para onde estava a pousar os pés. Inquieta, observei-a a caminhar pelo meio dos pequenos corpos, mas, como que por artes mágicas, os seus pés assentavam unicamente nas faixas de alcatifa entre os colchões. Tinha os cabelos ondulados, macios e brancos, como algodão da máquina de secar. A creche estava a abarrotar de estudantes de Serviços Sociais e Educação, os quais acumulavam as suas horas de prática sob a vigilância de um supervisor sitiado que, gracejara o Silas, parecia estar sempre na cozinha a fatiar maçãs.

— Eu vou buscá-la — sussurrou a jovem dos cabelos como algodão.

— É a Nova — informei-a, tentando também um murmúrio. — A minha é a Nova.

E ela anuiu com a cabeça, como quem diz *sim, sim, sim*.

Mas como é que ela sabia? Eu tinha a certeza de que nunca a tinha visto. Mexericos, compreendi com uma sensação de desânimo, deve ter sido assim. Imaginei as outras funcionárias da creche a apontar para a Nova com o queixo, a dizer entre dentes: *Aquela, a da mãe assassinada. Nunca a vi aqui. É sempre o pai que vem. Mas ela também não é mesmo a mãe, pois não? Se pensarmos bem, é mais como uma madrasta.*

A funcionária apareceu com a Nova ao colo. Quando a minha filha me viu, estendeu os braços para mim e senti uma vibração no meu

âmago, como se alguém tivesse puxado uma corda. E assim se esfumaram as vozes imaginárias. Quando a segurei nos braços, ela enterrou a cara ensonada no meu ombro, com força, os olhos semicerrados e a boca húmida.

— *Sonecus interruptus* — anunciou a mulher. Eu fiz um sorriso forçado ao ouvir o gracejo e tentei convencer-me de que ela não estava a recriminar-me.

— Pode trazer-me o colchão dela? — pedi.

— Oh. — A mulher olhou de relance para o colchão abandonado, ainda no meio do chão de crianças adormecidas. — Vai levá-la?

— Sou a mãe dela — respondi mecanicamente, e a mulher arregalou os olhos. Retratei-me. — Quero dizer, vou levá-la para casa.

— Eu... Desculpe... Pensei que ia só levá-la a passear.

A funcionária voltou atrás e foi buscar o colchão. Quando mo entregou, espreitou por cima do meu ombro e disse à Nova:

— Sortuda! Hoje vais para casa com a mamã!

Eu sabia que ela estava a tentar aliviar a tensão, a desanuviar o ambiente, mas, mesmo assim, senti que estava a ser julgada, a mãe ausente, e dei por mim a dar explicações.

— O pai trabalha mesmo ao fundo da rua. Por isso, vem sempre buscá-la, mas hoje calhou-me a mim. A mamã! — disse para a Nova tola mente, balouçando-a nos braços. — A mamã!

Percebi que se passava algo de errado assim que o Silas entrou na cozinha. A Nova estava na cadeirinha enquanto eu lhe dava a comer uma embalagem de puré de legumes. *Equilíbrio*, prometia a embalagem, embora o facto de a Nova espalhar metade do puré na cara contradissesse a alegação. O Silas beijou o cocuruto da cabeça da Nova e depois a minha cara; trazia o ar do exterior preso nos lábios. Quando se afastou, notei alguma rigidez na sua postura e nos cantos da boca.

— Porque é que estás esquisito? — indaguei.

— Olá para ti também — disse ele.

— Não. Desculpa. Quero dizer, tens algum problema?

— Hum. Vejamos. Alergia ao marisco. Joanetes. — Sentou-se pesadamente à mesa. — Dúvida existencial.

— Esqueceste-te de *tendências evasivas*.

Ele sorriu, mas uma fração de segundo tarde demais, e passou-me o pano para limpar a boca.

— Estou a falar a sério, Si. Há algum problema?

— Não sei. Não? Sim? Talvez?

— Vais-me dizer? — perguntei enquanto limpava o puré da cara da Nova. — Ou devo começar a tentar adivinhar?

— Estou a tentar decidir se não será melhor apenas mostrar-te.

— *Mostrar-me?*

— Um dos gajos lá do trabalho mostrou-me uma coisa.

— Ui! Vou ver pornografia esquisita de escritório?

Como o Silas não reagiu, eu disse:

— Espera lá! É mesmo pornografia esquisita de escritório?

Ao ver a expressão dele, achei melhor parar de o azucrinar. Estava com um ar desgraçado.

— Não é... pornografia — disse, como se não fosse *não* pornografia. — É um jogo. Uma espécie de jogo.

— Uma espécie?

— É um jogo sobre ti — disse-me, inexpressivamente.

— Um jogo sobre *min*? — repeti, e a Nova grasnou. Eu parara a colher a meio caminho da boca dela. Levei-lha à boca, mais comida esparramada, mais nódoas. — Não estou a perceber.

— Do teu homicídio, Lou. — Ele levou as mãos à cara. — Lamento muito. Alguém criou um jogo sobre o teu homicídio.

Um jogo sobre o meu homicídio. Repeti a frase mentalmente. Fiz um esforço para não sentir o gume da faca no pescoço.

— Tu jogaste? — perguntei-lhe.

— Vamos processá-los — disse ele.

— Não vamos *processar* ninguém.

— Mas temos de lhes fazer *alguma coisa*.

— Sim, claro, vamos fazer-lhes *alguma coisa*. Eles vão ver.

— Raios partam! — Passou uma mão pelo cabelo e a bebé olhou fixamente para ele, que raramente subia o tom de voz.

— Ei — disse eu. — Sei que estás zangado...

— *Estou* zangado, pois. Estou zangado por ti. Porque é que não nos podem deixar em paz?

— Preciso que não estejas zangado neste momento — disse eu.

— Não sei se...

— Si, eu *preciso* que não estejas zangado neste momento. Está bem? Isso não me ajuda.

Ele baixou as mãos, com o cabelo agora em desalinho.

— Pronto, está bem. Em vez disso, posso ficar triste?

— Claro. Podes ficar triste.

— Então estou triste por terem feito isto. Um jogo. — Abanou a cabeça. — A porra de um jogo.

— Quero jogar esse jogo.

— Lou.

— Preciso de o jogar. — Pus-me de pé. — Preciso de ver.

— Eu... Está bem. Vou ligar à Preeti. Podemos jogar juntos.

— Não, Si. Quero jogar sozinha.

Estava quente na despensa, e ainda mais quente com o capacete e as

luvas do sistema de realidade virtual. O ar estava seco e poeirento das especiarias. Dei uma volta completa devagar e agitei os braços para me certificar de que não batia nas prateleiras dos enlatados. Reparei que a massa estava a acabar. Dei outra volta completa. De algum modo, senti-me calma, tranquila, como se estivesse a pairar alguns centímetros acima da minha própria cabeça, como se eu fosse o avatar do jogo, a controlar-me. *Vamos lá*, disse-lhe. Levantei a mão e abri o menu do sistema de realidade virtual; a despensa desapareceu. Encontrei o ícone do jogo que o Silas carregara. Dei uma estocada no ar, uma estocada no ícone. Entrei.

Cheguei a uma porta. A porta tinha uma aldraba de bronze e uma fila de vidraças que lançavam retângulos de uma luz quente pelo alpendre escuro. A porta dava acesso à casa de uma família, iluminada na noite. Quão mau podia um jogo ser quando começava com uma porta assim? Mas depois olhei com mais atenção para a aldraba e reparei que fora moldada com a forma da cara de uma mulher, os olhos de bronze arregalados de pavor, os lábios repuxados, os dentes a morder a argola. Gravado na placa por cima dela, onde deveria estar o nome da família, liam-se as palavras «*Early Evening*»².

Early. Senti-o nos pulsos e no pescoço. Era nessas partes do corpo que eu sentia o nome dele, como se alguém tivesse enterrado os polegares para me sentir as pulsações e estivesse à espera do próximo batimento do meu coração.

Suponho que poderia ter tirado o capacete naquele preciso instante, poderia ter arrancado as luvas, poderia ter saído da despensa e voltado para junto do Silas e da Nova, para a cozinha e para o puré. Em vez disso, levei a mão à placa com o nome por cima da aldraba, Early, um reflexo. A mão do meu avatar apareceu à minha frente, mais esguia e de um branco-azulado ao luar, as unhas pintadas de vermelho-vivo. A mão de uma mulher. Uma mulher de unhas arrançadas, com verniz vermelho-vivo. Afastei a mão. Não iria bater com aquela horrível aldraba, não iria tocar na argola presa pela boca da mulher. Restava-me o puxador da porta, o qual abriu à primeira tentativa. Entrei.

Dei por mim não no interior de uma casa, mas numa rua iluminada pela luz do dia: lavandaria, padaria, mercearia da esquina e uma loja de artigos para festas. Ao longe, a cúpula do capitólio erguia-se como uma pústula. Conhecia aquele sítio; era um quarteirão na baixa de Lansing. Reconheci-o pelos letreiros das lojas; embora os nomes tivessem sido desfocados, as cores e as formas eram iguais. Eu morara neste bairro. O meu apartamento e da Jessup ficava a poucas ruas de distância.

Abri a mão com um repelão e tive uma perspectiva aérea do jogo, uma vista sobre a minha cabeça. Percebi que eu era a Angela. Não

fiquei completamente surpreendida, pois alguma coisa naquelas unhas vermelhas a tinham denunciado. Os programadores tinham dedicado mais tempo à personagem do que às cercanias. Consegui reconhecer a Angela, ainda que uma Angela envergando um *top* branco e calças largas com bolsos laterais, a indumentária feminina clássica dos jogos. A personagem fora modificada como é apanágio dos jogos: olhos, mamas e rabo maiores; cintura, braços e pés menores.

O avatar da Angela inclinou o queixo e enrugou os lábios, um movimento criado para indicar que o jogo estava à espera de que o jogador fizesse alguma coisa. Era também, estranhamente, o mesmo gesto que a Angela fazia no grupo das sobreviventes, com a sua pequena cara de ganso a fitar as restantes. Mas, pensando bem, não era nada estranho, pois não? Os programadores teriam observado esse movimento na própria Angela — era evidente que este era o novo emprego de que ela tanto se gabara. Sacudi o pulso outra vez, recuei para o corpo da Angela e avancei pela rua.

Ele matou-me antes de eu conseguir chegar ao quarteirão seguinte. Apareceu subitamente, vindo da lateral de um prédio, e esventrou-me. Não senti dor, apenas a sensação de um golpe integrada no jogo, como uma unha a desenhar uma linha desde a barriga até ao peito. Depois estava a cair, e o passeio desfazia-se numa explosão de *pixels* enquanto a minha cara dele se aproximava.

Voltei ao ponto de partida, saí pela porta para a rua. Desta vez, caminhei noutra direção. Espreitei pelas esquinas e atravessei os cruzamentos a correr, mas ele não se atirou a mim. Da primeira vez, não vira propriamente o agressor, apenas uma mancha indistinta de movimento e o lampejo da lâmina. Mas sabia quem devia ser. Não sabia se seria parecido com o verdadeiro Edward Early. Foi então que me ocorreu uma coisa, com um baque: teriam os criadores do jogo contratado o Edward Early como tinham contratado a Angela? Não... De certeza que isso não seria permitido.

As ruas da cidade estavam praticamente desertas. Via apenas outras Angelas a deambular. Outros jogadores. Uma delas acenou-me. Outra dobrou uma esquina, como se tivesse medo de mim. Então, ouvi um estalido e a noite caiu rapidamente sobre a cidade, como uma persiana a baixar, e a Lua e as estrelas surgiam como pálpebras a abrir. Continuei a caminhar. Cheguei a um parque onde, no mundo real, não havia um parque. Do outro lado da vegetação havia um bosque, um trilho a serpentear por entre as árvores. Também reconheci este lugar. Conhecia aquelas árvores; conhecia aquele trilho. Não iria por ali. Nem pensar.

Porém, quando me virei e caminhei na direção contrária, apareceu à minha frente a mesma mancha de verde. Virei-me outra vez e segui por um terceiro caminho, mas o parque materializou-se novamente à

minha frente. A única alternativa era entrar. Acabara de pisar a relva quando ouvi passos atrás de mim, mais e mais rápido, em corrida. Quando me virei, já a faca estava por cima de mim, num um arco descendente.

Reapareci uma terceira vez defronte do mesmo parque. Só então me ocorreu que a ideia era eu ter medo, que este jogo era uma realidade virtual de terror concebida para provocar medo nos jogadores. Eu, todavia, não estava com medo algum.

Não sei. Houvera outras ocasiões ao longo dos últimos três meses em que a minha respiração se transformara em trovões súbitos, em que a minha respiração se tornara na respiração do mundo em meu redor, em que sentira que era uma traça apanhada nas fibras dos pulmões de um ser monstruoso. Tivera medo ao ouvir a Nova gritar ao meu colo como se não me conhecesse. Tivera medo ao acordar ofegante a meio da noite, com o Silas a dormir ao meu lado. Agora, contudo, não me sentia assim. Talvez porque o jogo fosse muito óbvio, recorrendo à forma mais óbvia de se assustar uma mulher.

À terceira tentativa, caminhei diretamente para o parque, entrei, sentei-me num banco, o banco da Angela, e esperei que ele aparecesse. Nem foi preciso esperar um minuto para ele assomar do meio dos prédios e atravessar o relvado, brandindo a faca. Fiquei sentada, muito quieta, com os dedos entrelaçados por cima dos joelhos, e esperei que ele me matasse, o que, é claro, ele acabou por fazer.

*

Quando saí da despensa, a cozinha estava deserta. Encontrei o Silas e a Nova na sala de estar, o Silas a ler um livro ilustrado sobre uma ursa que se mete em sarilhos ao fazer um bolo. O Silas olhou para mim, parada na soleira da porta, com uma expressão inquiridora estampada no rosto. Atravessei a sala e aconcheguei-me ao lado dele.

— Podes continuar a ler? — pedi-lhe antes de ele ter tempo de dizer alguma coisa.

Ele nem sequer disse que sim, o meu marido, o meu amor. Limitou-se a virar a página e continuou a ler, com a sua voz quente e grave, sobre a ursa e o bolo e os seus sarilhos e a cobertura do bolo. Encostei a cara à camisa do Silas, senti a lanugem da flanela, a solidez do braço dele, e, por debaixo disso, o músculo, o osso, a medula óssea. A Nova fez um som e tocou na minha cabeça, que estava agora ao seu alcance. Eles eram reais. Isto era real. A mulher com a argola na boca era apenas um punhado de *pixels*.

² Em português, «final de tarde»; trocadilho com o nome do assassino, Edward Early, podendo também ser lida como «noite de Early». [*N. T.*]

Equipa de buscas

Por vezes, assisto à cobertura jornalística do meu próprio desaparecimento. Assisto às filmagens do local, no meio das folhas onde encontraram o meu ecrã e, a alguns metros, onde encontraram as minhas sapatilhas, alinhadas a meio do trilho. Assisto à fila de desconhecidos que lavraram o parque como uma debulhadora à minha procura entre as árvores.

O tempo arrefeceu no dia após o meu desaparecimento. Os elementos da equipa de buscas usavam casacos de cores garridas, corais e cobaltos e calêndulas, como que para se assegurarem de que, se também eles desaparecessem, os seus corpos seriam avistados no chão. Aqui e além reconhecia alguns deles, a cabeleireira que me fez um corte horrível, um casal do curso de preparação para o parto, um colega de trabalho do Silas. Não sei se se lembravam de mim ou se tinham visto a minha cara a passar no *feed* de notícias e tinham gritado para alguém na sala ao lado: «Esta mulher... De onde é que a conheço?»

Por vezes, o Silas aparece nestas reportagens, o Silas em triplicado, com uma equipa de reportagem a entrevistá-lo e as outras a aproveitarem-se. No ecrã, o Silas tremeluz. A sua voz, os seus olhos, os seus próprios contornos, todo ele tremeluz, como se estivesse a ser colado desde outro local, embora a imagem das pessoas que estão por trás dele — os repórteres, inspetores e voluntários — seja de uma extrema nitidez. Quando esfrega o alto na cana do nariz, parece mais insubstancial do que nunca, como se fosse somente uma mancha no ecrã, como se eu o pudesse limpar com a manga do casaco.

— Lamento, Si — digo-lhe. E lamento, lamento realmente.

Por vezes, clico na opção de realidade virtual e junto-me à equipa de buscas, lado a lado, bem encostadinhos. E embora saiba que não me irão encontrar — o anúncio do meu cadáver será feito dois dias depois e a quilómetros de distância, na direção oposta —, os meus dedos nas botas são dez faíscas efervescentes, como se a qualquer momento pudessem embater num corpo caído na relva, pudessem embater em mim mesma.

— **E**ntão, jogaram? — perguntou-nos a Lacey. Anuímos. Todas tínhamos jogado.

Tinha os seus olhos argutos fixos na Angela, que estava sentada ao meu lado, meio escondida por detrás dos seus compridos cabelos ruivos. A Angela trazia um colar vermelho ao pescoço, fino e justo, *uma gargantilha*, embora eu já não suporte esse nome. Era uma peça de joalheria inusitadamente estúpida para a Angela usar neste dia em particular, a peça mais estúpida para tirar do guarda-joias, mas, como era típico da Angela, não consegui perceber se estava a ser provocatória ou apenas obtusa.

As mulheres que tinham implorado pela nossa clonagem, aqueles milhares de mulheres, e é claro que também alguns homens, tinham desenhado linhas com batom vermelho no pescoço. Tinham começado a desenhá-las depois do terceiro assassinio, o assassinio da Jasmine, dois antes do meu. Vira-as pela cidade quando eu era a minha outra eu — na mercearia, à espera do autocarro, a preparar o meu café, na Sala, uma risca vermelha e cerosa no pescoço, um protesto, um vincar de posição. Sabia que o movimento crescera depois do meu homicídio.

— *Todas* vocês? — quis saber a Lacey.

Voltámos a assentir com a cabeça.

A Lacey cruzou os braços.

— Pois *eu* é que não entro ali. Assim que entramos, estamos a dar-lhes números. É o mesmo que lhes dar dinheiro. Além disso, estão a dar-lhe atenção *a ela*. — Sacudiu o queixo na direção da Angela. — Ou seja lá qual for a merda que ela está a ganhar com isto.

— Lacey — avisou a Gert. — Atenção aos ataques pessoais.

— Está bem. Claro. Tens razão, Gert. Isto não é *nada* pessoal. Por isso, numa nota completamente *impessoal*: fazes ideia das consequências que isto vai ter nas nossas vidas, Angela?

— É um jogo — murmurou a Angela.

— O que é que disseste? — A Lacey debruçou-se para a frente.

— Ela disse que é um jogo. — Só ouvi porque estava sentada mesmo ao lado dela, e o seu rosto estava voltado para mim.

Não planeara abrir a boca. O meu plano fora ficar sentada sem me mexer e esperar que a discussão passasse, que vagueasse para o sítio que as discussões vagueiam depois de acontecerem, deixando para trás o seu sudário de maus sentimentos; porém, dei por mim irritada com a Angela e, ao mesmo tempo, com um sentimento de proteção para com ela, tão surpreendida com a fúria da Lacey como solidária com ela. Impossível, impossível.

— Um jogo? — A Lacey abanou a cabeça. — Um jogo!

— A bem dizer — atalhou a Fern —, em termos técnicos...

— Sabem quantas ameaças de violação vamos receber por causa deste jogo?

Ninguém respondeu. Todas nós tínhamos recebido a nossa dose de ameaças do género quando fôramos trazidas de volta. As ameaças tinham sido feitas por homens que achavam que tínhamos recebido um tratamento especial, que achavam que deveríamos voltar para o nosso sítio. Que, presumo, fosse debaixo da terra. Também houvera mulheres que tinham feito ameaças de morte, sobretudo mulheres do tipo religioso que acreditavam que a nossa existência era uma violação da vontade de Deus. Ficariam espantados com o número de mulheres que o fizeram. Ou se calhar até não.

— Isso aconteceu? — perguntou a Gert. — Têm recebido ameaças?

Eu não recebera ameaças recentemente, desde aquelas primeiras semanas. Os noticiários tinham transformado o nosso regresso numa história de vitória, sendo a equipa da comissão de replicação o herói, e nós, as donzelas que foram salvas, uma história familiar, uma história segura. Depois disso, as ameaças tinham parado.

— Mas vão receber — prometeu a Lacey. — Deem um minuto aos violadores.

— Lacey — interveio a Jazz.

— O que foi?

— Calma.

A Lacey fez uma expressão carrancuda, mas recostou-se.

— Sabem que eu comunicarei ameaças, quaisquer ameaças, à comissão — informou a Gert —, a qual adotará as medidas necessárias para garantir a vossa segurança.

— Depois de acabarem de clonar o último violador — disse a Lacey entre dentes, suficientemente baixo para a Gert a ignorar.

Nenhuma de nós confiava muito na comissão de replicação. A não ser pelo ocasional exame geral, que mais parecia ter por finalidade recolher os nossos dados clínicos, a comissão seguira o seu caminho, deixando a Gert como responsável pela nossa recuperação. Segundo as últimas notícias que eu tivera, a comissão estava a replicar um futebolista profissional que morrera de *overdose*; ficara famoso pelo seu invulgar estilo de remate.

— O que achaste? — perguntou-me a Lacey.

— Eu?

— Tu, Lou. Disseste que jogaste.

Olhei de relance para a Angela.

— Nada de especial.

— Vá lá — insistiu ela. — *Tens* de ter uma opinião.

— Acho que não é assim que as opiniões funcionam — disse a Fern.

— Lacey... — começou a Gert.

Mas então a Angela falou:

— É possível matá-lo, sabem?

E com isto chamou a nossa atenção.

— É possível matá-lo antes de ele nos matar — explicou.

— É verdade — concordou a Jasmine. — Eu já o fiz.

E então estávamos todas a olhar para a Jazz. Ela pestanejou, de olhos turvos por detrás dos óculos e o sobrolho carregado.

— Não estou a dizer que é fácil — disse ela. — Se calhar só se consegue uma vez em cinquenta tentativas. Mas se conseguirmos sacar-lhe a faca, é possível matá-lo.

— Jogaste aquela porcaria *cinquenta vezes*? — perguntou a Lacey.

— Joguei umas cem vezes. Não consigo parar de jogar. Todas as noites, depois de jantar, antes de ir para a cama, vou ao sítio onde morri, no jogo, claro está. Meto-me debaixo do semáforo e espero que ele me encontre. Na maioria das vezes, é verdade que ele me mata, mas já o matei *duas vezes*. — Encolheu os ombros. — E agora consigo dormir. — Olhou de relance para a Angela. — Dantes não conseguia.

Naquele instante, apareceu no centro do círculo uma segunda Angela. Esta Angela estava apoiada num banco de jardim, os braços despidos, a cabeça inclinada para trás e os longos cabelos a pender de forma dramática. Era a Angela do jogo. Tinha, é claro, o pescoço degolado.

Olhei da Angela verdadeira na sua cadeira para a Angela assassinada. A Angela verdadeira estava muito quieta, com o rosto toldado pelo cabelo. Do outro lado do círculo, a Lacey projetava a imagem da outra Angela a partir do seu ecrã, o olhar pétreo. A Angela do jogo fora captada a preto-e-branco, com sombras aveludadas e a pele despida matizada em tons de azul. A garganta aberta era de um azul mais escuro, o seu sangue era tinta, como se o ferimento fosse o gotejar de uma caneta, como se tudo aquilo devesse revestir-se de uma certa beleza. E a Angela *era* bela na projeção, a pele, o cabelo, as luzes, o ângulo das costas arqueadas. Calculei que os criadores conhecessem todos os ângulos.

— Lacey — disse a Gert, num tom de advertência.

— O que foi? — disse a Lacey.

— Não é permitido usar ecrãs nas sessões.
— Mas é relevante. É um anúncio. Do jogo dela.
— Como é que tens isso? — inquiriu a Angela. — Ainda não saiu.
— Foi um amigo que me arranjou.
— Um pirata informático.
— Sim, um pirata informático — respondeu a Lacey, quase com agrado.

— Não sei se temos de ver isto neste momento — disse a Gert.
— Temos, Gert. São só trinta segundos. Temos. Elas têm o direito de ver, não achas? Como as mortes delas estão a ser retratadas? A ser *publicitadas*?

A Angela verdadeira estava a fitar a projeção de si mesma. A sua postura era tensa. Tinha os dedos enroscados à volta da beira do assento da cadeira, as unhas enterradas no tecido, como que na iminência de se levantar de um pulo e fugir da sala.

Na projeção, ouviu-se o bater irregular de um coração. Não saído do interior do peito da Angela, percebi, mas do parque à sua volta. Um batimento. Depois, outro. A cada batimento, o pescoço da Angela começou a fechar-se, o sangue a escorrer de volta para o interior do seu corpo, os tendões e a traqueia a alisarem-se debaixo da pele. Por fim, o seu peito elevou-se com uma respiração. Ela sentou-se direita. Viva. Tinha o cabelo desgrehado e com a maquilhagem escura esborratada, tornando o branco dos olhos tão intenso e brilhante que senti o impulso de lhe dizer para os fechar, para os fechar depressa, caso contrário ele veria o seu fulgor. Assim que tive este pensamento, ela levantou-se como uma bala e desatou a correr pelo parque. O batimento deixou de ser o bater de um coração e transformou-se nos passos dele, que se aproximavam-se depressa.

E então os passos eram dados por quem segurava a câmara, a correr. Na orla do ecrã, reluzia uma faca na mão de um homem. A câmara deslocou-se para a esquerda, depois para a direita, até se fixar na Angela a fugir pelo relvado. Era uma perspetiva na primeira pessoa, como quando estamos a jogar um jogo, só que a perspetiva deixara de ser a da Angela. Era a dele.

As palavras «*Early Evening*» surgiram de baixo para cima.

Depois «A 8 de abril».

Depois «Tu és ele».

A imagem piscou e desapareceu. Ficámos a olhar para a Lacey, que se recostou na cadeira com uma elegância presunçosa, entrelaçando os dedos sobre as pernas e cruzando os tornozelos com delicadeza.

— É possível jogar com a personagem dele? — perguntou a Fern. Virou-se para a Angela. — As pessoas poderão jogar como sendo *ele*?

Quem respondeu foi a Lacey.

— É como dizem no anúncio. O lançamento será na próxima

semana. Não é, Angela?

Passado um momento, a Angela assentiu uma vez com a cabeça.

— Acho que seria aconselhável fazermos uma pausa agora — disse a Gert.

Nenhuma de nós se mexeu.

— Ninguém o fará — disse a Jazz. — Ninguém irá querer jogar na pele de um assassino em série.

— Hum, Jazz... — disse a Fern. — Já *conheceste* seres humanos?

— É um *jogo* — repetiu a Angela.

— Pois — disse a Lacey. — Acho que o problema é mesmo esse.

Assim que a Gert deu por encerrada a sessão, a Fern levantou-se de um pulo, atravessou o círculo e agarrou as minhas mãos.

— Anda daí — disse.

As outras mulheres olharam para nós enquanto pegavam nos casacos pousados nas costas das cadeiras, e eu senti um rubor de embaraço e afeto entrelaçados, não muito diferente dos dedos da Fern nos meus.

Acabámos a caminhar pelo quarteirão da clínica, com os cachecóis a cobrirem-nos os queixos, como duas raparigas da escola sem um sítio para ir. Ou como os jogadores do jogo de homicídio, suponho.

— Vê lá isto — disse a Fern.

Atirou uma coisa do seu ecrã para o meu. Ri quando vi o que era, mas depois percebi que não era uma piada, e o riso chocalhou na minha boca até o engolir. A Fern comprara um talão de oferta para uma sessão comigo na Sala. O talão dizia que era cortesia do escritório de advogados do Edward Early, a Smyth, Pineda, and Associates. E o titular era uma tal de Celia Baum.

— Compraste isto? — perguntei.

— Sim.

— Fizeste crer que quem comprou foram os advogados dele. — Toquei com um dedo nos nomes.

— Foi fácil. Já tinha o papel timbrado deles. Sabes, de quando nos mandaram foder.

— O que é isto?

— É o nosso plano! A Celia recebe o talão de oferta dos advogados do filho. Vai ao teu encontro. E *tu* convencê-la a falar com o Early.

— Não seria muito mais fácil batermos à porta dela?

A Fern abanou a cabeça de forma enfática, de nariz cor-de-rosa e húmido por causa do frio.

— Ela mudou o nome.

— E então?

— Então, tem vergonha. Ou está escondida. Se nós recebemos ameaças, já imaginaste quantas *ela* deve receber? O filho dela

assassinou pessoas. E as pessoas atiram sempre as culpas para a mãe.

Não havia como o refutar.

— Se lhe batermos à porta — prosseguiu a Fern —, ela fecha-a na nossa cara. Mas se ela for ao teu encontro — a Fern agarrou uma ponta do meu cachecol e fez-me cócegas no nariz com ela —, de início não saberá que és tu. Já estarás na sala com ela.

E era verdade que, desde que regressara à Sala, começara a utilizar um pseudónimo. Tivera de ser — demasiados esquisitoides, demasiados fanáticos de crimes reais. Além disso, usava sempre a minha pele profissional, aquele compósito reconfortante, o afetuoso colo de uma mulher. Se a Celia fosse ao meu encontro, eu estaria disfarçada.

— Isto é um disparate — disse eu. — És doida.

— É perfeito — disse a Fern. — Sou brilhante. Tu conversas com ela algum tempo. Abraça-la ou fazes seja lá o que for.

— Chama-se toque terapêutico.

— Está bem. Tocas-lhe terapeuticamente. E depois, quando ela estiver confortável, quando sentir que pode confiar em ti, pedes-lhe.

— Nem pensar. Já estou numa alhada no trabalho.

A Fern arregalou os olhos, deliciada.

— O que foi que fizeste?

— Uma estupidez. Uma coisa muito parecida com o que sugeres.

Tínhamos dado a volta completa ao quarteirão e estávamos outra vez à porta da clínica. Estava tudo calmo. As outras já se tinham ido embora. As portas de vidro encrespavam o nosso reflexo, duas mulheres de frente uma para a outra, uma a segurar a ponta do cachecol da outra. Passou-me pela cabeça rodopiar e desenrolar o cachecol do pescoço até a Fern ficar sozinha com uma fita comprida e vermelha na mão. Passou-me pela cabeça rodopiar para mais perto, enrolar, até o tecido me puxar para ela e sentir a sua respiração na minha cara.

— Alhada — repetiu a Fern. — Será que não compreendes? — perguntou ternamente. — Numa alhada já estamos nós. Temos estado numa alhada todo este tempo.

Enfiou a ponta do meu cachecol por dentro da gola, mesmo ao lado da minha bochecha. A questão era que ela estava certa. Ela estava certa e eu sabia disso. Há já algum tempo que eu estava numa alhada. Desde que regressara. Desde bastante antes disso.

— Ela nunca irá utilizar o talão de oferta — disse eu.

A Fern começou a dançar sem sair do lugar.

— Obrigada! — gritou. — Obrigada, Lou!

— Não tens de quê — suspirei.

É claro que a Fern reconheceria um *sim* sob todos os seus vários disfarces.

No dia seguinte, pedi à Preeti para ficar a tomar conta da Nova. Agradei-lhe por vir tão em cima da hora.

— Não demoro — disse. — Tenho algumas coisas a tratar. Sabes como é, ir comprar qualquer coisa para o jantar, comprar uns sapatos.

A rapariga baixou o olhar para os meus pés, precisamente para onde eu não queria que olhasse. Estava a falar demais.

Não vestira a roupa com que costumava ir correr, o tipo de roupa com a qual fora assassinada, porque não queria que a Preeti, ou qualquer outra pessoa, me visse assim vestida. Porém, calçara as sapatilhas de correr, um par antigo, sentia os pés assentes nas palmilhas macias, sentia as solas suaves, transparentes como gomas. Passara uns bons dez minutos à procura das sapatilhas mais novas até que me ocorra, com um sobressalto, que essas estavam algures num arquivo de provas.

— A Nova adormeceu há cerca de uma hora — informei. — Podes acordá-la daqui a pouco. Preparei um lanchezinho.

A Preeti assentiu com a cabeça, absorta. Estava a passar um dedo pela aresta dos óculos de pontas douradas. Reparei que eram uns óculos digitais. Há meses que andava a chatear os pais para lhe oferecerem uns.

— Ei, conseguiste os óculos! — comentei, apontando para os olhos dela.

— Até que enfim — assentiu ela. — Fui a última das minhas amigas a deixar de usar um ecrã.

— Eu ainda uso um ecrã — disse-lhe, mostrando-lhe o meu.

Ela não reagiu. Tocou nos óculos outra vez. Perguntei-me se estaria a tirar uma fotografia às minhas velhas sapatilhas malcheirosas para enviar às amigas.

A rapariga tinha um *feed* dedicado a mim, no qual ela e as amigas avaliavam a minha aparência e o meu comportamento. Ela não sabia que eu sabia. No início, eu não quisera ver (Deus nos proteja dos juízos de moda dos adolescentes), mas acabara por ir espreitar e ficara comovida ao perceber que os comentários das miúdas eram ternurentos. Por exemplo, uma rapariga de olhos húmidos com o identificador PandaforPrez dissera de uma velha camisola grumosa do Silas que eu vestira certo dia: «Parece confortável. Quero que ela se sinta sempre confortável.» A partir das fotografias que a Preeti tirara à cozinha, tinham descoberto quais eram os meus *snacks* prediletos. Uma delas tinha feito uma leitura de *tarot* para mim. Percebi que, para estas adolescentes, eu era como um animal de estimação.

— Se eu não chegar dentro de uma ou duas horas, envia a equipa de buscas — disse-lhe.

A Preeti voltou a olhar para mim. Percebi o que dissera e estremeci. Continuava a falar demais. Mas a expressão da rapariga não

mudou.

— Divirta-se a comprar sapatos — disse-me.

No início do trilho, mudei o peso de uma perna para a outra. Estava aqui para fazer o que não conseguira fazer no jogo, o que não conseguira fazer nos últimos três meses. Ia visitar o sítio onde fora assassinada. Para provar que era capaz? Porque tinha de o ver? Porque estava a chamar por mim? Seria capaz de enunciar alguns motivos, mas pareceu-me idêntico a percorrer futilmente as cartas de um baralho, os ouros vermelhos, os olhos dos reis, tudo a faiscar sem sentido. Comecei a caminhar pelo trilho.

O parque fora renovado no âmbito da iniciativa Recuperação Ecológica, uma campanha contra a apatia e o mal-estar provocados pela realidade virtual. A autarquia adquirira o terreno a um empreendimento imobiliário que entrara em insolvência quando o financiamento fora por água abaixo. Alguém desviara fundos, creio. A autarquia abriu uma série de caminhos entrecruzados no terreno, espalhou alguma brita para o espaço não ficar enlameado e estava feito. O resultado era o parque da cidade menos bonito e, por conseguinte, o menos frequentado, precisamente o motivo pelo qual eu o escolhera para ir correr.

Antes disso, costumava correr em sítios mais frequentados, pelos passeios, pelos bairros e no *campus*. O problema era a forma como os desconhecidos gostavam de acenar e gritar quando eu ia a passar por eles, quando ia afogueada e toda transpirada e mal conseguia respirar. «Vais muito bem!», costumavam gritar. «Já falta pouco!» ou, o que era estranho, «Fazes-me ficar mal!». Os comentários eram amistosos, eu sei, eram como uma forma de saudação inocente. Não obstante, davam-me vontade de ser invisível, não ser mais do que uma aragem a passar pelas pessoas, nada mais do que um sopro do meu próprio suor.

Certa vez, quando ia a correr pela baixa, cruzei-me com dois homens de fato que tinham parado no passeio para conversar. Conforme me aproximei, os homens olharam para mim e depois continuaram na cavaqueira. Estavam a ocupar o passeio inteiro, pelo que fui obrigada a desviar-me deles e a passar para a estrada. Assim que passei por eles, ouvi uma coisa a cair ao chão (uma das suas pastas, percebi mais tarde) e passos de alguém a correr atrás de mim. Um momento de perplexidade depois, apercebi-me de que era um dos homens, de fato, a correr a toda a brida. Chegou-se às minhas costas e aí ficou, a respirar junto ao meu pescoço. Pelo canto do olho, consegui ver os cotovelos a bombear, e ouvi-o a inspirar e a expirar. Estava a gozar com o meu exercício. Fiquei aterrorizada e depois envergonhada, ao que se seguiu uma reviravolta, ficando então furiosa comigo mesma por me permitir estes sentimentos. Por fim, o homem

desistiu, a rir, e suponho que terá voltado para junto do amigo, que provavelmente também estava a rir. Não tenho a certeza disso, de quem estava ou não a rir, pois continuei a correr sem olhar para trás.

Segui pelo caminho do parque a correr devagar. Era a primeira vez que corria desde o meu homicídio e estava destreinada, sentia rigidez nos gémeos e nas plantas dos pés. Além disso, não estava equipada a rigor, a não ser pelas sapatilhas. Mesmo assim, estava a correr. Receara não o conseguir fazer. Receara entrar em pânico ou desatar a soluçar ou enroscar-me em posição fetal no chão. Em vez disso, soube-me bem esticar os membros, controlar a respiração e entrar no meu ritmo.

Era meio da tarde de um dia de semana. Estavam poucas pessoas no parque: duas raparigas a passear um cão que mais parecia um lobo; mais uma ou duas pessoas a correr; um grupo de adolescentes espalhados na relva num círculo largo. Quando ia a passar pelos adolescentes, ouvi um grito e um guincho. Fiquei tensa, mas estavam apenas na brincadeira uns com os outros. Baixei a cabeça e retomei o meu ritmo. Passei pelo banco onde o corpo da Angela fora encontrado. Não estava lá ninguém sentado.

Duas testemunhas tinham-me visto no parque no dia do meu homicídio. Uma fora um jovem universitário que também fora correr; a outra, uma mulher mais velha que fora dar uma caminhada com a vizinha e o cão desta. (A vizinha não se lembrava de me ter visto. O cão, quem sabe?) Eu estava a correr, facto confirmado pelas duas testemunhas, por volta das quatro da tarde. A mulher conseguira identificar o meu casaco; o jovem universitário descrevera o meu boné de corrida. As duas testemunhas tinham-me visto num ponto diferente do caminho, que consistia num circuito fechado de quase cinco quilómetros. O jovem universitário descreveu o meu comportamento como normal. A senhora mais velha disse que eu parecia pensativa.

A terceira «testemunha» fora o meu ecrã, que os inspetores encontraram na relva a cerca de um metro das minhas sapatilhas. O controlador de quilómetros indicava que eu ia na segunda volta ao circuito quando o ecrã caíra ao chão. Desconfiaram de que isto acontecera quando ele me agarrara. Do mesmo modo, as sapatilhas tinham sido encontradas logo depois da marca dos três quilómetros e duzentos, onde o caminho sobe uma pequena ladeira e serpenteia pelo meio de umas árvores. As minhas sapatilhas estavam lado a lado no meio do caminho, com as biqueiras viradas para a frente.

As sapatilhas foram a primeira coisa a ser encontrada e, durante dois dias, toda a gente tivera a esperança de que ele me tivesse capturado com vida e me tivesse prisioneira em algum sítio. Ou, melhor ainda, que eu lhe tivesse escapado e estivesse no meio dos fetos, escondida e magoada, talvez abalada. O parque confinava com

uma grande extensão de floresta e campos não arranjados. Fora criada uma equipa de busca, voluntários a caminhar lado a lado, a dobrar ramos e a calcar erva alta. Procuraram durante três dias, mas nada encontraram. No fim, foi um cão da polícia que encontrou o meu cadáver numa valeta, a cerca de três quilómetros e duzentos metros das sapatilhas. Não tinha sido enterrada e, além da garganta cortada, não fora molestada. Quase chegara à estrada antes de me esvair em sangue.

Aqui, agora, parei de correr. Perdi o fôlego. Tive de abrandar o ritmo e caminhar até chegar ao cimo da ladeira. Às vezes, o meu novo corpo parecia muito fatigado, mas creio que era eu, dentro do meu corpo, quem estava cansada.

Não me lembrava da minha morte, não me lembrava de apertar os atacadores e de ir correr no parque nesse dia. A Gert e os médicos tinham-me explicado que isso era um efeito da replicação; as memórias de curto prazo não perduravam. O meu homicídio e, na realidade, os dias que o antecederam, eram um vazio, um terreno baldio, como se as minhas memórias tivessem embatido na traseira do meu crânio. «Uma bênção», disseram. E eu não discordei.

Cheguei ao cimo da colina. Não se via viva alma. Era só eu. Rodeei sobre mim mesma, formando um lento círculo. Comecei a sentir-me esquisita, como se estivesse uma pessoa mesmo atrás de mim a virar-se exatamente ao mesmo tempo, pelo que eu nem sequer a conseguia vislumbrar, nem uma madeixa do cabelo, nem uma ponta do ombro, nem um sopro da respiração.

O Edward Early dissera aos inspetores que se escondera atrás de uma árvore e esperara por mim. Que árvore teria sido? Procurei possíveis candidatas e escolhi um dos troncos mais largos, que ficava a alguns metros do caminho. Fui até lá e fiquei parada atrás dele. Sim, daqui conseguia ver-se o cume da colina. Seria possível chegar ao caminho com rapidez. Tentei memorizar a árvore, a sua localização na colina, a aparência das suas folhas e casca. *Hei de perguntar-lhe*, pensei. *Quando eu e a Fern falarmos com ele, pergunto ao Early se foi esta árvore.*

E depois, por algum motivo, pus-me por detrás dela. Deixei-me ficar muito quieta e não tive a sensação de estar à espera de coisa alguma. Senti que fazia parte da floresta, como se fosse uma traça e as minhas asas estivessem a ficar da cor da casca, como se fosse uma árvore e o meu sangue estivesse a ficar mais espesso ao transformar-se em seiva. Não sei quanto tempo esperei, mas provavelmente foram apenas alguns minutos. Também não sei do que estava à espera. Até que as raparigas chegaram.

Eram as duas raparigas que eu vira antes, aquelas que estavam a passear o cão que mais parecia um lobo. Percebi que eram elas, mesmo antes de as ver, pelo ritmo e o raspar das passadas. Sei que

parece impossível, mas é verdade. Aproximei-me ainda mais da árvore e mudei de posição, de maneira a conseguir espreitar por detrás do tronco. O topo das cabeças das raparigas afloraram no cimo da ladeira — um cabelo arruivado e liso, o outro, escuro e encaracolado — e depois os seus rostos, e depois o resto do corpo, e por fim o cão.

— Qualquer dia, cuspo-lhe na comida — estava a dizer a ruiva — e ela nem sequer vai saber.

A dos cabelos aos caracóis fez um ruído solidário e evasivo. As orelhas do cão rodaram e ocorreu-me que poderia pressentir-me, puxar as raparigas e ladrar. As raparigas iriam dar com uma mulher adulta escondida atrás de uma árvore. O que faria eu então?

Tive vontade de recuar a cabeça para trás do tronco, mas pensei que o movimento poderia chamar a atenção do cão, por isso fiquei muito quieta e tentei suster a respiração. Imaginei-me outra vez como uma árvore, ou uma mulher transformada numa árvore, com os lábios cobertos de casca. E, se calhar, resultou, porque as raparigas passaram por mim e dobraram a curva do caminho, a ruiva ainda a enumerar as coisas em que gostaria de cuspir ou, de outro modo, conspurcar, a dos cabelos encaracolados a fazer ruídos solidários. E nenhuma delas, nem sequer o cão, percebeu que eu estava ali.

Assim que desapareceram de vista, regressei ao caminho. Agora, percebia com clareza porque ali fora. Pensara, sem saber que o pensara, que se me pusesse ali, no mesmo sítio onde ele me tinha degolado, saberia alguma coisa, sentiria alguma coisa. Julgara que poderia lembrar-me da minha morte. Mas não. Essa constelação de pregas em particular não figurava neste cérebro, neste corpo. O corpo a que pertencia estava num cemitério, a transformar-se lentamente em fertilizante. Não foi um pensamento terrível. Na verdade, nem sequer foi assim tão mau. Porque aqui estava eu, a tê-lo. Ali iam as raparigas à minha frente. E aqui estava eu, a fazer a curva do trilho, a virar para a direção de onde viera. Aqui estava eu, de regresso a casa.

— Falas-me daquele dia? — pedi ao Silas.

— Outra vez? — Era de noite, estávamos na cama.

— Por favor.

— Porque é que me perguntas sempre estas coisas quando as luzes estão apagadas?

— Pela proteção do escuro? — Como ele não reagiu, insisti. — Si?

Sabia que ele não gostava de recordar aquele dia, mas fazia-o quando eu pedia. E, às vezes, eu pedia. Eram fases. Houve fases em que pedia todas as noites, outras em que não o fiz durante semanas. Ele era paciente comigo. O Silas era um homem bom.

— No dia em que desapareceste — começou, como se estivesse a ler de um livro —, cheguei a casa do trabalho, como de costume.

Tinha ido buscar a Nova à creche.

— A Nova — suspirei.

— A Nova — assentiu ele. — Ela estava bem. *Está* bem.

E estava. Está. Mas parte de mim sofreu com isso, por ter estado bem sem mim. Por estar bem mesmo que eu não estivesse aqui agora. Fiz um esforço para não pensar no saco no fundo do armário, o qual ainda não desfizera.

— Entrámos em casa — disse ele. — Tu não estavas lá. Ou melhor, cá.

Tencionava desfazê-lo, mas estava sempre a protelar. O saco parecia ser a prova de alguma coisa, de quem eu fora, de quem não era agora.

— Quando é que percebeste que eu estava desaparecida? — indaguei.

— Ao fim de uma hora? — respondeu ele. — Duas? Faláramos nessa tarde. Disseste que ias correr, mas não estavas a atender o telemóvel. Fiz alguns telefonemas. Às tuas amigas, ao Javi, ao teu pai. Ninguém te vira. Liguei para as emergências. Disseram que era cedo demais para fazer uma participação.

Imaginei-o a andar pela casa, os olhos velados, os olhos arregalados, os passos focados, os passos descontrolados. Imaginei-o a mexer nas minhas coisas, à procura de alguma pista. Porém, não encontrara o saco, não encontrara os objetos escondidos lá dentro, no fundo.

— Ia a sair para ir eu mesmo à tua procura quando ligaram das emergências. Alguém encontrara umas sapatilhas no mesmo parque onde a primeira mulher fora assassinada.

— A Angela — disse eu.

— E a operadora lembrara-se do meu telefonema. Talvez fosse apenas uma brincadeira, disseram, mas queriam que eu fosse ver, para o caso de serem as tuas sapatilhas.

Uma brincadeira. Aquando dos homicídios, alguém começara a deixar sapatos de mulher pela cidade numa espécie de brincadeira sinistra. Pensara-se que seriam uns miúdos. Porém, certa noite, eu dobrara a esquina do corredor de uma mercearia e vira uma mulher a pousar lado a lado um par de sapatos de tacão alto dourados, ali mesmo à frente dos legumes. A mulher era da minha idade, bem vestida, o cabelo apanhado no cimo da cabeça, camisa engomada e calças largas. Quando me vira, fingira que acabara de encontrar os sapatos. «Há gente para tudo!», dissera, endireitando-se, e depois pirara-se, deixando os sapatos ali, no chão. Nunca revelei a ninguém o sucedido. O nosso segredo. Meu e dela.

— Fui ao parque — disse o Silas. — Vi-as. As sapatilhas.

— E?

- E eram tuas.
- Sabes onde estão agora?
- O quê?
- Essas sapatilhas. As minhas sapatilhas.
- Lou.
- Estou só a perguntar.
- Acho que a polícia as tem? — Ele expirou. — Podemos...
- Podemos parar agora. Podemos parar.

Não o iria obrigar a contar-me o resto, sobre o grupo de buscas a andar por cima dos fetos, sobre o cão a seguir o rasto do meu cheiro, sobre aquela segunda identificação que ele tivera de fazer, não de umas sapatilhas. Do corpo. O meu corpo. Não o iria obrigar a contar-me sobre a detenção do Early, a sua confissão, o anúncio da comissão de replicação a informar que nos trariam de volta. Não o iria obrigar a contar tudo isso, não esta noite.

Rebolei para ele e beijei-lhe a espiral de cima da orelha, a orla da raiz dos cabelos, os sítios que consegui encontrar no escuro.

- Amo-te, sabes? — disse eu.
- Eu também te amo.
- Amo-te monstruosamente.
- Amas-me como um monstro amaria?
- Sim. Com presas e garras.

Encontrei o canto da boca dele. Ele abraçou-me, com força, de tal forma que eu não conseguia beijá-lo, nem mesmo falar, mal conseguia respirar. Encostou a cara ao cocuruto da minha cabeça e rosnou no meu cabelo. Porém, aquele rosnar não soou lá muito bem; pareceu quase um soluço. Ficámos assim algum tempo, um minuto, completamente imóveis, a cana do nariz dele encostada à parte de cima do meu crânio, e não percebi se ele estava a chorar, e também não lho quis perguntar. Quando o meu ecrã tocou, ele abriu os braços e largou-me. Rebolei para a mesa de cabeceira e peguei no pequeno quadrado de luz azul. A Celia Baum agendara uma sessão para o dia seguinte.

Corrida

Tinha começado a correr quando era menina. Ficara feia com a puberdade, partes de mim cresciam a ritmos diferentes, outras partes não cresciam de todo. Uns rebentos dolorosos afloraram acima de uma barriga pueril e rechonchuda. Os meus pequenos seios tinham uns discos duros no meio, como o caroço de um fruto. Às vezes, receava que fossem dois tumores a crescer-me no peito. O meu cabelo resvalava para toda a parte, oleoso e serpentino, para a boca e para os olhos. O Odd sugerira que eu o mantivesse curto ou que, pelo menos, o penteasse para trás, mas eu sabia que isso seria um erro, pois iria deixar a minha cara à vista, onde o nariz e o maxilar eram mais salientes do que as maçãs do rosto e a testa. No meio daquilo tudo, pestanejavam os meus olhos, pequenos e escuros e chocados com aquilo em que me transformara. Fechava-os quando via o meu reflexo no espelho. Ser bonita era ter uma hipótese de ser amada. E eu não era bonita, portanto, nunca seria amada. Era o que eu pensava.

As minhas pernas eram a única coisa que se aproveitava. Ainda eram uma das partes de criança que me restavam, curtas e robustas e com covinhas nos joelhos. Podia contar com as minhas pernas. Transportar-me-iam. Eram úteis.

Certa tarde, estava com as minhas amigas à porta da estação ferroviária, onde se apanhava o comboio para Detroit. Estávamos com as nossas *swiftboards*, a rodopiá-las nas paredes e nos bancos de jardim, a irritar os adultos. A estação ficava para lá da distância que nos deixavam afastar com 11 anos. Na verdade, os nossos pais julgavam que estávamos em casa umas das outras, mas uma das raparigas, a Gemma, sabia dar a volta à aplicação de localização, pelo que íamos aonde nos dava na gana, o que era, é claro, muito mais longe do que os nossos pais nos autorizavam a ir.

Tive vontade de urinar e fui à casa de banho da estação. Quando saí, as minhas amigas tinham desaparecido e a minha *swiftboard* também. Teria sido ideia da Gemma deixar-me ali. Éramos duras umas com as outras. Não éramos rudes, nunca rudes. Nós, raparigas, aprendemos a ser delicadas desde tenra idade; a delicadeza fora um

aspecto trabalhado. Mas havia outra lição nisso, algo que os adultos não sabiam que nos estavam a ensinar: o modo como a delicadeza podia ser esperada de uma rapariga, exigida dela, na verdade, e depois utilizada contra ela. Nós, raparigas, não falávamos sobre isso, mas sabíamos que era verdade — claro que sabíamos que era verdade —, pelo que nos desafiávamos umas às outras a aventurarmo-nos até à zona proibida que ficava para lá da delicadeza, onde, esperávamos, pudesse existir a dureza.

Há anos que não falo com elas, com essas raparigas. Tenho uma sensação delas no mundo, como suponho que tenham de mim. De acordo com as últimas informações que tive, a Gemma é advogada, a Peyton é professora e a Daisy foi atrás do marido para França. A Peyton e a Daisy também têm filhos. Presumo que já saibam o que me aconteceu. Sei que a Peyton sabe; depois do meu homicídio, enviou um bilhete ao Odd. Mas a Peyton sempre foi bem-educada. As outras não disseram nada. Compreendo. É difícil saber o que dizer.

No dia em que me abandonaram na estação, as minhas amigas sabiam muito bem que eram quase dez quilómetros até minha casa, o que não era nada nas nossas *swiftboards*, mas praticamente impossível a pé. Também sabiam que se eu não chegasse a casa a tempo do jantar, os meus pais iriam à minha procura e ficariam a saber que eu fora até ao centro da cidade e que me poriam de castigo.

Estávamos em outubro, quase novembro, e começara já a escurecer, as trevas pareciam brotar do chão e não do céu. Tinha uma hora e meia para percorrer dez quilómetros. Seria possível se fosse a correr. Por isso, corri.

Nunca correria assim — *sprints* no recinto da escola, sim, ou durante jogos nas aulas de Educação Física, mas não longas distâncias. Descobri que gostava. Gostava da forma como correr me ligava ao meu corpo e, ao mesmo tempo, me apartava dele. Gostava da forma como conseguia ultrapassar a dor e atingir um estado de satisfação. Tinha as pernas curtas. Não era veloz, mas descobri que era capaz de continuar sem parar se mentisse a mim mesma. Estava a ser perseguida, tentei convencer-me. Seria capaz de escapar ao meu perseguidor, mas só se continuasse a pôr um pé à frente do outro. Ele era mais forte e mais veloz; tinha algo a ganhar. Mas eu tinha uma vantagem; mais determinação, e tinha algo a perder.

No ano seguinte, na secundária, entrei para a equipa de atletismo e, para com os meus botões, contava a mesma história sempre que corria. Ele estava a perseguir-me; eu tinha de lhe escapar. Era a atleta mais lenta de curta e média distância da equipa, mas o treinador inscreveu-me em provas de longa distância e eu dava sempre o máximo o tempo todo. E subi sempre ao pódio.

A sessão da Celia Baum foi a última do dia. Claro que foi. Pois está claro. Estava sempre a lembrar-me dela das filmagens da sala de audiências do tribunal, as mãos a tapar os olhos, mãos ossudas, mãos de velha, onde se conseguia ver as veias, as encruzilhadas dos ossos. Imaginei como seria passar os braços à volta de uma mulher nesta postura, como os seus braços ficariam encostados ao seu corpo pela força dos meus, como ela não me conseguiria ver. Mas, também, uma pessoa nunca consegue ver aquela que a está a abraçar, mesmo sem estar a tapar os olhos. A pessoa fica a olhar por cima do ombro da outra e vice-versa. Estão demasiado próximas.

Esperei até estar no veículo autónomo a caminho do trabalho para telefonar à Fern. Não podia falar à frente do Silas, que ainda não sabia de nada disto. Acordei-a com o meu telefonema. Disse-lhe que ela tinha razão; a Celia utilizara o talão de oferta; o plano dela resultara.

— Foi rápido — foi tudo o que respondeu.

Esperara que se mostrasse presunçosa, mas ela não desperdiçou nem um segundo a vangloriar-se. Estava focada, aplicada nesta situação impraticável que divisara. Era algo em que eu reparara em relação a ela desde aquela primeira vez, no Bar None, o modo como ela parecia tratar o caos como uma forma de senso comum.

— Irá ser assim... — disse a Fern e, de algum modo, eu soube que ela estava deitada na cama, os pés esticados no ar, a fletir um pé e depois o outro, a agitar os dedos dos pés com a expectativa. — Ela vai entrar na tua Sala. Tu vais estar lá sentada à espera dela. Ela não vai saber quem tu és. Vais estar a usar o teu fato.

— Queres dizer a minha pele.

— O teu fato de velhota gorducha. Vais dizer: «Venha cá.» E vais abraçá-la.

Aqui estava a falha do plano. Será que eu a conseguiria abraçar? Não tinha assim tanta certeza. Sentira-me tão zangada com aquela filmagem, aquela em que ela era apenas uma menina. Agora já não sentia isso, mas mesmo assim... Era a mãe do homem que me assassinara. Consequiria eu passar os braços à volta dela? Consequiria

reconfortá-la?

— Vais abraçá-la — repetiu a Fern, como se conseguisse ler o meu pensamento. — E quando ela relaxar nos teus braços, vais dizer algo como: «A senhora carrega muita tristeza, não é? Consigo senti-la dentro de si.»

— Nós não dizemos coisas dessas.

Fora do veículo autónomo, o céu era prateado, era uma mancha, era da cor da água turva que deixamos no lava-louça. E eu começava a chegar à conclusão de que esta sessão com a Celia Baum era uma péssima ideia.

— Vais dizer-lhe: «Conversar pode ajudar» — continuou a Fern.

— Como te disse, não fazemos terapia conversacional.

— Mas tu *podes* dizer isso, não *podes*? Não há nenhuma regra que te proíba.

— Acho que não consigo fazer isto.

— É claro que consegues. É só falar. São só algumas palavras.

— Não saberia o que lhe dizer em primeiro lugar.

— Isso é fácil.

— Ai, é? E então? O que é que lhe digo?

— Vais dizer-lhe que também és mãe.

☆

A minha primeira sessão do dia foi um caso único, alguém com uma pele cintilante e pixelizada, a Sala engalanada como se fosse o céu, como se estivéssemos a pairar nas nuvens. Tive de manter os olhos fechados enquanto abraçava a pessoa, caso contrário, ficava com vertigens por causa dos *pixels* e da altura. Depois, foi um idoso que queria que eu lhe segurasse a cara com as minhas mãos, o olhasse nos olhos e sorrisse. «Com bondade», pediu. «Por favor, com bondade.» Mesmo antes do almoço, entrou o Sr. Pemberton; hoje, a camisola de gola alta era cor de ameixa, os movimentos, leves. Sentou-se na beira do sofá e estendeu-me as mãos.

— Como está? — perguntei. Percebi que estava feliz por o ver.

— Hoje? Estou bem. E a senhora? Como está?

— Nervosa — escapou-me.

Ele franziu o cenho.

— Não. Desculpe. Estou bem.

— Está nervosa porquê?

— Por favor. A sessão é sua.

— Sim, é — concordou ele. — E quero saber porque está nervosa.

— Não é por nada. Um cliente novo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Receia agarrar-lhe os pulsos e não os largar?

— Porque é que o senhor regressou depois de eu fazer isso? — indaguei.

— Oh, não sei. — Baixou o olhar para as nossas mãos. — Talvez segundas oportunidades? Creio que acredito em segundas oportunidades.

— Pois, está bem. Eu também.

Ele olhou outra vez para mim, a testa franzida.

— Acredita?

— Claro. Quem não acredita? — Não lhe revelei que eu era, essencialmente, uma segunda oportunidade. Refiro-me à minha própria existência.

— Não deixa de ser uma coisa agradável de se ouvir — disse ele. — Depois de se ter um filho, os nossos dias parecem ser compostos apenas por erros. E o que está em causa? Apenas a saúde e a felicidade do nosso filho.

Hesitei, olhei para ele outra vez.

— O senhor tem filhos?

— Sim. — Assentiu com a cabeça.

— Eu tenho uma filha.

— Com que idade?

— Nove meses.

— Nove meses. Uau. Está cá fora há tanto tempo quanto estive lá dentro.

— Foi o que eu disse! E o senhor? O seu?

— Dois filhos. Com 13 e 17 anos.

— Adolescentes!

— E de que maneira! Mas um bebé... Lembro-me desses dias. E noites. O meu mais novo tinha cólicas. A minha mulher não aguentava, disse que não sabia que iria ser assim, que se calhar não estava talhada para aquilo. Até ameaçou deixar-me.

— Sim — disse eu, devagar. — Sim, é complicado.

Não lhe disse que também sentira o mesmo. Poderia ter dito. Deveria. Afinal de contas, ele falara-me da sua vida. Porém, a vergonha que sentia era demasiado forte. Também não lhe falei do saco no armário. É claro que não lhe falei disso.

— Eu não sabia o que fazer — disse ele —, como tirá-la desse estado de espírito.

Depois de me trazerem de volta, depois de eu ser assassinada e clonada, consegui sentir a vida que quase perdera. Que, na realidade, perdera. Agora que me tinha sido dada uma segunda oportunidade, conseguia sentir todos os fragmentos da minha vida, todos os pormenores: o ruído seco da fita adesiva da fralda da Nova ao descolar a aba, os lábios gretados do Silas ao beijar-me a testa, o entrelaçado

de luz matinal que entrava pela janela da cozinha, os ladrilhos macios debaixo dos meus pés descalços, o meu corpo consoante se movimentava por estas salas, abraçava estas pessoas, vivia esta vida, que era a minha vida.

— Mas ela lá conseguiu encontrar o seu rumo — disse ele.

— Ainda bem que a sua mulher conseguiu ultrapassar as dificuldades — respondi-lhe.

— Sim — disse ele. — Conseguiu ultrapassar as dificuldades.

No formulário de registo, a Celia Baum assinalara a caixa para um abraço padrão. Para todas as outras opções, indicara «sem preferência». Antecipei-me e pus a sala no modo predefinido, com a lareira e os dois sofás frente a frente.

Quando iniciei a sessão, a Celia já se encontrava sentada num dos sofás, mesmo na beira, todo o corpo virado para a lareira, que não estava acesa. Estava a usar uma das peles genéricas da Sala, a morena bonita dos nossos anúncios publicitários, com pequenas sardas a polvilhar-lhe o queixo e a testa. Tinha a cabeça baixa e estava a passar uma unha pelo tecido do sofá no sentido contrário ao correr do pelo. Acendi a lareira e ela assustou-se, virou-se, afastando a mão do tecido com um ar culpado.

— Não o consegue estragar — disse eu. — Deixar-me-ia espantada se conseguisse sequer puxar um fio.

— Quer dizer se conseguisse puxar um *pixel*? — corrigiu-me.

Tinha a voz áspera, a voz de um fumador, mais velha do que a pele jovem que a cobria. Sentei-me na outra ponta do sofá.

— Gosto de trocadilhos — continuou a Celia, com nervosismo. — São horríveis, eu sei. A forma de humor mais desprezível. Mas se isso abona em meu favor, detesto quintilhas humorísticas. Consegue imaginar como será deveras *ser* de Nantucket³? Pobres pessoas. Devem dizer todas que são da cidade ao lado.

— A senhora tem piada — disse eu, e percebi que estava a ser sincera.

Ela relaxou um pouco os ombros.

— E a senhora é simpática.

Naquele preciso momento, decidi: não iria manipular esta mulher, não a iria perturbar, independentemente de quem fosse o filho dela, independentemente daquilo que ele me fizera. Proporcionar-lhe-ia uma sessão normal e mandá-la-ia à vida dela. A Fern teria de engendrar outro plano.

— O formulário dizia que deseja um abraço padrão simples? — inquiri.

— Abraço padrão. Sim. Parece que pedi um desses.

— Desculpe, é jargão da empresa e significa abraço sustentado.

Quer que... — Fiz o gesto. — Podemos tentar?

Ela olhou para a almofada vazia ao seu lado e, passado algum tempo, anuiu. Aproximei-me e sentei-me ao lado dela. Entrelacei os dedos em cima das pernas para ela poder ver onde eu tinha as mãos. O nervosismo dela fizera com que o meu diminuísse e desaparecesse. Afinal de contas, era uma cliente, e eu já passara por isto uma centena de vezes.

— Podemos fazer isto da maneira que preferir — expliquei. — A senhora pode ficar como está agora e eu abraço-a. Ou então, se preferir, pode virar-se para mim. Manter-nos-emos abraçadas até ao fim da sessão. A menos que queira mudar de posição, caso em que me poderá informar. Ou se quiser parar, diga-me. Não há problema. Está bem?

Ela fez uma careta.

— Isto é um bocado esquisito, não?

— Poderá ajudar se encarar isto como um corte de cabelo ou uma limpeza dentária. Ou uma massagem?

— Uma massagem, pode ser. Assim está bem. — Ainda estava sentada com o corpo ligeiramente inclinado para o meu. — De lado.

— Certo — disse eu. Levantei os braços.

Mesmo antes de a cingir, ela gritou:

— Espere!

Baixei os braços e recuei.

— Quando se sentir preparada.

— Não, não é... — Olhou de relance para mim, depois desviou o olhar. Estava a mexer as mãos no regaço, a puxar os dedos alternadamente, como que a tirar anéis difíceis de sair. — Não é isso. É só que... — Suspirou. — É que a minha aparência não é mesmo esta.

— Oh, não faz mal. A minha aparência também não é esta. — Apontei para o meu tronco amplo com o casaco de malha. — As peles facilitam o processo, é só isso.

— Gostaria de saber se é *possível* eu ter a minha própria aparência. Se eu quiser...

Lembrei-me da sala de audiências do tribunal, da mulher a tapar os olhos.

— O que foi? — perguntou-me perante o meu silêncio? — É contra as regras?

— Não, não — respondi. — De forma alguma. No canto superior direito do seu capacete tem um ícone, uma pessoa pequenina. Se tiver um avatar que utiliza com frequência, pode importá-lo. Está a ver?

— Estou. Assim?

Um segundo depois, a modelo das sardas tremulou e desapareceu, dando lugar à Celia Baum. O seu cabelo era uma asa de castanho-acinzentado, como uma ave cujas penas se devem confundir com a

vegetação rasteira; tinha uma cara estreita com as maçãs do rosto e o queixo proeminentes, e uns olhos assustadoramente claros, daqueles olhos em que o azul parece quase branco. Olhou para mim, avaliando a minha reação.

— Conhece-me? — perguntou, de súbito e num tom agudo. — Sabe quem sou?

Não tomei a decisão de mentir. Só que a mentira intrometeu-se, mais depressa do que a verdade.

— *Deveria* conhecer?

Ela fitou-me por instantes.

— Não — acabou por responder. — Não, não deveria. Sou só uma mulher qualquer. Uma mulher qualquer de Nantucket.

— Que coincidência — balbuciei. — Eu sou da cidade ao lado.

Ela deu uma gargalhada.

— Podemos... — começou. — Podemos avançar agora?

Cingi-a com os braços. De início, ficou quieta, a maçã do rosto apoiada no meu ombro, mas acabei por sentir os seus braços a subir e depois as pontas dos dedos nas minhas costas. Passados alguns minutos, começou a chorar baixinho no meu ombro, o que é comum entre os nossos clientes, e senti algo a destrancar-se dentro de mim. Afaguei-lhe as costas com pequenos movimentos circulares até ela se acalmar, tal como faria por eles, tal como faria por qualquer outra pessoa.

— Quero fazer mais uma pergunta — disse-me, a cara encostada ao meu ombro.

Ao ouvir isto, senti um calafrio. De algum modo, consegui ouvi-lo por detrás das suas palavras, o estalar de um galho debaixo do pé, a respiração a ser contida.

— Sim? — disse eu.

Ela afastou-se do abraço.

— A senhora disse que esta — gesticulou para mim — não é a sua aparência.

— É verdade.

— Quer dizer que pode assumir qualquer aparência?

— *Qualquer* não.

— Mas poderia assumir determinada aparência? Por exemplo, a aparência de um homem jovem? Um homem na casa dos trinta? Sabe, é que tenho um filho...

Eu deveria ter terminado a sessão; era o que eu deveria ter feito. Poderia ter-lhe dito que estava maldisposta ou que ocorrera uma anomalia no sistema ou, bom, qualquer desculpa que me ocorresse. Mas não foi o que fiz. O que fiz foi clicar na opção no meu capacete, no pequeno ícone de uma pessoa, despiando a minha pele da empresa e revelando o meu avatar predefinido, aquele que era exatamente igual

a mim.

A Celia Baum pestanejou. Depois tapou a boca com a mão. Durante um demorado momento, entreolhámo-nos; ela como ela; eu como eu.

— Afinal conhece-me — disse-me por entre os dedos.

— Sim.

— Isto não tem piada. Acha que tem piada?

— A ideia não é ter piada.

— Então, quer fazer-me sofrer?

— O quê?

— Ao assumir a aparência de uma delas? Dela, da última?

— Dela? Não. Esta sou eu.

— Isso não é...

— Esta sou *eu*.

Ela começou a abanar a cabeça, as mãos ainda a tapar a boca.

— Sou a Louise — disse eu. — Sou ela. Sou eu. Eu e uma amiga enganámo-la para a fazer vir aqui e encontrar-se comigo.

Ela parou de abanar a cabeça e baixou as mãos.

— Porque fariam semelhante coisa?

— Porque ele não quer falar connosco. O Edward Early. O seu filho. Pensámos que *a senhora* poderia convencê-lo a falar connosco. Temos perguntas — disse eu, mas ela já encerrara a sessão e eu estava a falar para um sofá vazio. — Temos perguntas — repeti, mais alto, para ninguém.

— Odd? — Foi um alívio quando ele atendeu.

Eu tinha saído do emprego antes que alguém tivesse hipótese de me impedir, antes de a Sarai ter oportunidade de me perguntar porque parecia perturbada, antes de a Celia ter tempo de apresentar queixa, antes de o Javier me poder chamar ao seu gabinete e, finalmente, despedir-me. Havia um parque do outro lado da rua, mas eu já não conseguia sentar-me em parques. E no café ao fundo da avenida comercial toda a gente ficaria a olhar para mim. Restou-me o passeio em frente, onde me pus a caminhar para trás e para diante.

— O que se passa? — perguntou o Odd, sem sequer dizer olá.

— Como sabes que se passa alguma coisa?

— Pela tua voz.

Por algum motivo, aquilo fez-me desatar a chorar.

— Estás magoada? — perguntou ele com brusquidão. — Louise? Estás bem? O Silas está contigo?

— Eu... Não, não é nada disso. Estou bem. Mas tive um dia mau. No trabalho.

— É só isso? — perguntou ele. — Há coisas piores no mundo. — Mas o seu timbre era afável.

— Quis ligar-te.

— E ligaste — disse-me, e depois, para alguém, não para mim: — Não, ela está bem.

— Quem está aí contigo?

— Ninguém — respondeu. — O que estás a fazer neste momento?

— Estou a caminhar.

— Caminhar é bom. Estás a inspirar fundo? E a expirar?

Fiz o que ele disse, quando o disse. Inspirei fundo, expirei.

— Estou melhor — afirmei. E estava. — Sei que agora tens de ir.

— Sim... tenho — disse ele. — Mas ainda não. Posso ficar mais um minuto.

— Podes? — perguntei, a voz fraca.

— Caminho contigo — disse ele. — Caminho enquanto tu caminhas.

3 Referência a uma famosa quintilha que alude a Nantucket. [*N. T.*]

Mulher mistério

Uma vez, vi um policial em que o assassino desmembra o corpo da vítima e espalha os membros por vários sítios, de modo que os inspetores têm de os encontrar e juntar as peças do *puzzle* até formarem um cadáver completo. Há uma cena em que encontram a perna decepada da mulher. Os inspetores não conseguem saber de quem se trata sem a cabeça ou pelo menos uma mão. Conforme um deles refere, até um dedo serviria.

— **N**ão contes comigo — disse à Fern.

Foi no dia depois da sessão com a Celia Baum e eu estava outra vez num veículo autónomo a falar com a Fern. Estava mal-humorada e ensonada. Passara a noite inteira às voltas na cama sem conseguir dormir.

«Estás aí a fazer um casulo?», perguntara o Silas.

«Sim. Transformei-me numa lagarta», respondera eu.

«O que se passa?»

«Nada», mentira outra vez. «Asas de borboleta.»

E ele rira-se e não insistira no assunto.

— Porque é que não tens atendido as minhas chamadas? — disse a Fern. — Estou aqui a morrer. E quando digo morrer, quero dizer mesmo *morrer*. Sangue, vísceras, tudo.

— Não ouviste o que eu disse? Para mim, chega. Desculpa.

— Lou — disse ela num tom doce, como se eu estivesse irritada e só precisasse de ser serenada, o que só me deixou ainda mais irritada. — Vá lá. Estava combinado.

— Ontem não correu bem. Ela não vai falar com o filho.

— Podes tentar outra vez.

— Não. Vou pedir-lhe desculpa.

— Vais o quê? Lou!

O meu veículo autónomo abrandou até parar.

— Vou pedir-lhe desculpa. Já aqui estou.

*

Imaginara a Celia Baum a trabalhar numa escola de tijolos vermelhos a cair aos bocados, livres-trânsitos e cheiros de cantina, mas, na realidade, o gabinete do superintendente era uma sala normal no meio de ortodontistas e corretores hipotecários, num daqueles labirínticos parques empresariais. Imaginara a Celia sentada por detrás de um

balcão curvo, *Posso ajudá-la?*, e uma taça com rebuçados, duros como pedaços de vidro. Mas a mulher que estava sentada na receção não era a Celia. Tinha uns olhos grandes e uma franja ainda maior, e limitou-se a assentir com a cabeça quando eu lhe disse que era uma encarregada de educação preocupada. Indicou-me a fila de cadeiras ao lado da sua secretária.

Sentei-me onde ela indicou e tentei pensar no que dizer quando aparecesse alguém para ouvir as minhas preocupações parentais. Por sorte, um minuto mais tarde, a própria Celia assomou do corredor, do outro lado da secretária. Parou para dizer à rececionista que ia ao «sítio bom» e perguntar se ela queria que lhe trouxesse alguma coisa.

— Café? Chocolate? *Whisky*? — perguntou.

— E se fossem as horas perdidas da minha vida? — disse a rececionista.

— Então, estricnina.

Brindou a rececionista com um sorriso fugaz e saiu pela porta sem olhar na minha direção. Eu segui-a, dizendo por cima do ombro à rececionista que regressaria em breve, embora, é claro, não fosse regressar.

O parque empresarial era um origâmi de passadiços bem cuidados e portas espelhadas. Se a Celia tivesse dobrado a esquina, de certeza que a teria perdido de vista, mas ela estava mesmo ali, no passeio em frente, a ler qualquer coisa no seu ecrã, como se estivesse à espera de que eu me aproximasse. Chamei-a e ela levantou a cabeça. Fitámo-nos por instantes. Depois tomou uma decisão — consegui lê-la no seu semblante, a tomada da decisão — e caminhou para mim.

— Ele não o fez? — disse ela. — Ele disse-me que o faria. Mas, enfim, ele é conhecido por... — Cruzou os braços. — Bem, pedi-lhe que não me mentisse mais.

— Desculpe? — disse eu. Não fazia ideia do que ela estava a falar.

Ela fez um trejeito estranho com a boca.

— *Desculpe?*

— Desculpe, eu não...

— Pode parar... — Fechou a boca, abriu-a outra vez. — Pode parar de pedir desculpa? Não sei o que dizer a isso. Por isso, pode parar? Por favor?

— Posso parar.

— Obrigada — respondeu com um suspiro irritado.

— Não tem... de quê.

Ela olhou para os pés e cuspiu uma gargalhada.

— Posso pedir-lhe desculpa só mais uma vez? — perguntei.

Ela não disse que não.

— Não devíamos tê-la tentado enganar — disse eu. — Desculpe pelo nosso comportamento. E se a deixei incomodada ou a fiz sentir...

— Fez sentir o quê? — interrompeu-me. — Não. Fiquei *feliz* por fazer alguma coisa para a ajudar. Não era preciso enganar-me, querida — disse ela, e eu estremei com aquela forma de tratamento, e ela estremeceu quando eu estremei. — Bastava pedir.

Avançou um passo para mim para me pegar nas mãos, mas depois parou com um «Oh!» e entrelaçou os dedos à frente do peito.

Eu tinha recuado perante o seu avanço; não tencionara fazê-lo, nem sequer me apercebera de que o fizera, mas senti os pés a arrastar para trás. Forcei-me a avançar outra vez e pensei em pegar-lhe nas mãos, mas cheguei à conclusão de que também não conseguia fazer isso. Assim, entrelacei os dedos das mãos como ela, à frente do peito. E ficámos ali, o reflexo uma da outra.

— Ele é meu filho — disse-me, baixinho. — Será sempre meu filho.

— Tenho uma filha.

— Eu sei — disse ela.

E é claro que sabia. «A jovem mãe», era assim que me tratavam sempre nas reportagens. Fora assim que a acusação se referira a mim na leitura da sentença, quando descreveram o que o filho dela me fizera. Fora o que a comissão de replicação anunciara aos quatro ventos quando anunciaram que nos iriam trazer de volta.

— Ele é meu filho — repetiu. Levou as mãos enlaçadas aos lábios e tocou-lhes, como quem beija um amuleto. — Perguntei a mim mesma: *Serei capaz de não o amar?* Quero que o saiba, que saiba que fiz essa pergunta a mim mesma. E a resposta é sempre não. Apenas não. É como quando as pessoas dizem: «Não é uma pergunta.» Não é. Uma pergunta. São apenas algumas palavras que eu disse e que não têm significado algum. Tenho mais vinte e sete dias com ele. Depois, metem-no em estase. Não vai estar morto. Mas eu acabarei por estar. Por isso, nunca mais o verei. Reconforto-me ao pensar que ele irá despertar num mundo futuro, ao pensar que irá despertar e estar... curado. Não sei. Se calhar, não deveria sentir isto. Mas, como disse, ele é meu filho.

Abriu muito os olhos. Sei que estava a tentar impedir que as lágrimas lhe escorressem pelo rosto. Eu própria utilizara essa tática uma ou duas vezes.

— Falei com ele e ele concordou em recebê-las — disse ela. — Se o quiserem visitar, podem fazê-lo.

Levantou a cabeça e, quando a baixou outra vez, tinha a cara seca.

O que fiz na semana antes de eu e a Fern irmos visitar o Edward Early? Fiz mais turnos na Sala. Ajudei mais clientes. Uma menina que ficou tão tensa que os seus músculos começaram a vibrar e consegui ouvir os seus dentes a ranger. Um homem enorme que desatou a soluçar assim que o abracei. Uma idosa que murmurou «Agora, agora,

agora», como se estivesse a preparar-se para fazer alguma coisa; a cada *agora* fiquei à espera de que ela entrasse em ação, mas, fosse o que fosse, nunca o fez.

No fim de cada sessão, sentei-me no sofá mais um minuto, cinco, vinte. Aquela sala era tranquilizante. Era. Conseguia sentir onde o meu corpo estivera em contacto com o corpo dos meus clientes, apesar de nunca nos termos tocado na realidade. A sensação era boa nos seios, na barriga, nos braços. Quero com isto dizer que me pareciam úteis.

A última pessoa que ajudei antes de ir ver o Edward Early não foi um cliente, mas a minha própria menina, a minha Nova. Era sábado de manhã e ela fungou, encostada ao meu peito. Pensei na forma como a sua carinha crescera dentro de mim, ali mesmo, entre as minhas entranhas. Era a única pessoa do mundo que se aconchegara no interior das minhas costelas.

Estas costelas.

Não estas costelas.

Beijei o cocuruto da cabeça dela e deitei-a no berço. E depois fui ao encontro do homem que matara a mãe dela.

Foi a Fern a conduzir, num carro que pedira emprestado a um amigo; a distância até ao centro de estase justificava todo esse trabalho. Não me lembrava da última vez que estivera dentro de um carro que não fosse um veículo autónomo. Este carro cheirava a cão grande e havia papéis de rebuçados espalhados, virados do avesso, deixando à vista o interior prateado. O guiador parecia grande demais, aparatoso, um ornamento, não uma ferramenta. A Fern cingiu-o ao de leve com os dedos, nos quais as unhas pintadas de prateado sobressaíam como os papéis dos rebuçados.

O centro de estase ficava em Kalamazoo, a pouco mais de uma hora de distância. Não falámos muito. A Fern pôs a tocar umas músicas das quais eu ouvira excertos em toda a parte. A determinada altura, perdera a noção daquilo que as pessoas mais ouviam, algures entre os momentos em que fui mãe e em que fui assassinada. A Fern cantarolou entre dentes um pouco de uma das músicas, verbalizou uma ou duas palavras e, por fim, desatou a cantar o refrão a plenos pulmões. Percebi que estava louca de felicidade, num estado de êxtase. Eu, pelo contrário, estava apavorada. A Fern trauteou outra música e rodou o guiador com um movimento seguro e ininterrupto, segurando-o enquanto voltava à posição original.

— Gostas de conduzir — observei.

— Claro que sim.

— O que é que te agrada em conduzir?

Ela olhou para mim de relance.

— O mesmo que a todos.

— O quê?

Pareceu quase ofendida, como se me dissesse: «Como é que te atreves a não saber?»

— O facto de podermos ir a qualquer sítio. Podes simplesmente tomar uma decisão e, no minuto seguinte, partir.

— Não sei conduzir — admiti. Era verdade. Crescera numa comunidade planeada e, depois disso, sempre utilizara veículos autónomos, autocarros e comboios.

— Posso ensinar-te — disse ela sem desviar o olhar da estrada.

— Não era uma indireta.

— Mas é fácil. Basicamente, são dois botões e uma alavanca. E depois mantém-se esta coisa virada numa direção razoável. — Deu uma palmadinha no guiador. Assim que o largou, o carro passou para a outra faixa de rodagem. Os veículos autónomos à nossa volta desviaram-se, acelerando ou abrandando de forma a ficarmos em segurança numa bolsa de estrada vazia. A Fern corrigiu a trajetória. — Não lighes a isto — disse ela. — É preciso alinhar a direção. Conduzir é fácil. Devias aprender. Ias gostar.

— De algum modo, não consigo esquecer o facto de ficar responsável por uma tonelada de metal a precipitar-se pelo espaço.

— Isto tem travões, sabes? É um dos dois botões de que falei.

— Sim, mas que botão?

Ela sorriu.

— No regresso, conduzes tu.

Raspei o vidro com uma unha.

— No regresso — repeti.

Seguimos em silêncio durante algum tempo, duas mulheres dentro de uma tonelada de metal a precipitar-se pelo espaço. Agora estávamos fora da cidade e a seguir pelo meio de terrenos cultivados. O céu estava carregado e escuro, como um ecrã brumoso. A primavera começara há pouco tempo; as plantas ainda não tinham despontado.

— Estás nervosa? — quis saber a Fern. — Não estejas.

— Bem, estou... num carro. Estou num carro e alguém vai a conduzir-me — disse-lhe. E depois: — E tu, estás? Nervosa?

Ela brindou-me outra vez com aquele olhar ligeiramente ofendido, como se eu estivesse a ser propositada e inexoravelmente ridícula.

— Eu? De forma alguma.

Surgiu uma curva e o sol atravessou a bruma, deixando o mundo quente, brilhante e impossível de ver. Consoante a luminosidade diminuiu, avistei a placa do centro de estase; faltavam seis quilómetros.

Certa vez, no grupo de apoio, uma de nós perguntou que sonhos seriam administrados ao Edward Early quando o pusessem em estase.

A Gert dissera que não era possível saber ao certo, mas que geralmente, em casos como este, a pessoa receberia sinais de bondade, seria afagada e acalmada e acolhida nuns braços gigantes durante cerca de uma década. Depois, ser-lhe-iam apresentadas oportunidades de retribuir essa bondade, de oferecer fruta a um coelho com fome ou colocar um penso rápido no joelho esfolado de uma criança.

«Pensei que talvez o fossem assustar», dissera alguém.

Na verdade, eu. Fora eu quem o dissera.

Este centro de estase estava cercado por uma vedação alta com um portão motorizado, junto do qual se via um pequeno parque de estacionamento. O parque estava quase cheio; a Fern ocupou o último lugar livre, perto da estrada. Esperámos. Havia outras pessoas à espera dentro dos carros. O sol continuava a passar por uma nesga, pelo que só víamos movimento e sombras por detrás dos vidros, a sugestão de coisas. Quando o portão abriu e o autocarro nos veio buscar, as pessoas saíram dos carros e constatámos que éramos só mulheres. Arrastámo-nos para o interior do autocarro, de cabeça baixa, talvez por uma questão de privacidade, talvez por vergonha, não sei. O que sei é que vi muitos sapatos e nenhum rosto.

Eu e a Fern sentámo-nos na sala de espera do centro de estase. Era tudo revestido a ladrilhos ou vinil. Uma sala que podia ser limpa. Ao fim de uma hora, chamaram os nossos nomes e a Fern murmurou:

— Já esperei mais por menos.

Levantou-se de um pulo, respirando fundo, depois agarrou-me pelo braço e olhou-me de alto a baixo, como que à procura de lesões.

— Estás pronta?

— Estou — respondi. — Ou melhor, não.

Tinha a respiração fraca, como se não conseguisse encher completamente os pulmões. Só me apercebi disso quando falei e mal consegui um sussurro.

— Mas não sei se alguma vez estarei pronta — continuei. — É assim mesmo, não é? As coisas acontecem e depois já estão a acontecer.

— Sim, é isso — disse a Fern. — As coisas acontecem e depois já estão a acontecer.

Pegou na minha mão e franqueámos a porta juntas.

*

Alguns assassinos em série são bem-parecidos. O Ted Bundy tinha aqueles olhos apaixonados e aquele sorriso dissimulado, de braço enfaixado numa ligadura falsa como se estivesse a assumir um compromisso de honra. Alegadamente, o Theodore Harp era ainda

mais bonito em pessoa do que nos noticiários. Uma repórter disse que tivera de fazer um esforço para não se aproximar dele e acariciar-lhe o rosto, mesmo sabendo que ele tinha dissolvido toda aquela gente em ácido, transformando-as em papa e vapor. Depois há os feiosos, os excessivos. Por fim, os insossos, aqueles fulanos com ar de instrutor de condução, como o BTK⁴ Killer ou os colegas de escritório como o Arlo Lowell, fulanos sem queixo e de óculos, quem poderia suspeitar deles?

O Edward Early era desengonçado e tinha o rosto demasiado comprido para ser considerado bem-parecido, mas tinha uns olhos bonitos, grandes e límpidos, como os de uma estrela do cinema mudo, e mexia-se com a elegância desajeitada que os homens altos e magros conseguem ter, como que se dançassem uma valsa embriagada pelo mundo. As notícias gostavam de falar do modo como o Early enrubescia, coisa que fazia com frequência e furiosamente, o rosto rosado afogueado à menor provocação, exceto quando a conversa incidia sobre os seus homicídios; aí, a sua tez ficava cerosa.

Estava a corar no instante em que eu e a Fern entrámos na sala de visitas. Tinham-nos dado uma sala privativa, uma pequena réplica da área de espera, com um sofá de vinil e um conjunto de cadeiras e o cheiro dos produtos de limpeza no ar. A porta fechou-se depois de entrarmos; a fechadura estalou. Antes de entrarmos, tinham-nos feito uma súplica das práticas de segurança. Tinham-nos assegurado que já não havia o risco de o Edward Early tentar qualquer ato violento. Além disso, seríamos vigiados o tempo todo pelas câmaras do centro. Mesmo assim, tinham-nos dito qual a palavra que deveríamos gritar caso precisássemos de ajuda, um código de perigo que não era «socorro».

O que senti ao conhecer o meu assassino? É uma pergunta perfeitamente razoável. De algum modo, não senti nada de especial. Senti que estava num lugar muito longínquo. Senti que era outra pessoa. Senti que estava a ver uma versão pequenina de mim mesma a entrar na sala e a caminhar para o homem sentado no sofá de vinil.

O Edward Early escolhera a almofada central do sofá, enrugando o vinil sempre que mudava de posição. Não parecia mais pequeno ao vivo, como é costume dizer-se das pessoas famosas. Também não parecia maior. Porém, era maior do que eu e a Fern. Esperara que se fizesse acompanhar de um ou dois advogados, mas éramos só nós os três na sala. Mais tarde ficaria a saber que ele não informara os advogados de que iria encontrar-se connosco. Estava a corar, tal como os repórteres diziam que fazia, completamente vermelho desde a raiz dos cabelos até ao pescoço. Estremeci quando reparei que tinha os olhos brilhantes, lacrimejantes.

Parei à porta quando me ocorreu que ele poderia levantar-se para nos cumprimentar. O que faria eu se ele me estendesse a mão?

Recusá-la? Cuspir-lhe em cima? Apertá-la? Apenas apertar-lha? Todas me pareceram possibilidades iguais. A Fern passou por mim com passos largos, e embora o Early tenha mudado outra vez de posição, fazendo o vinil sussurrar debaixo de si, não se levantou. Por detrás do rubor e das lágrimas, ostentava uma expressão de expectativa cortês enquanto a Fern se aproximava, como se ela lhe fosse perguntar as horas.

A Fern cumprimentou-o com um ruído abrupto, algo como «olá» ou «ei».

— Dia — respondeu o Edward Early. Reparei que não disse o «bom».

A Fern sentou-se numa das cadeiras à sua frente. Eu ainda estava colada à porta, mas não a podia deixar ali sozinha, pelo que me forcei a avançar e a ocupar a outra cadeira.

O Early estava a olhar para a Fern, fixando nela os seus olhos escuros. Não era um olhar ameaçador. (Por outro lado, como é que podia *não* ser ameaçador quando um homem daqueles olha para uma pessoa?) Era neutro, firme, as sobrelanceiras erguidas, como se estivesse à espera de que ela falasse em primeiro lugar. A cortesia dele enfureceu-me. Apeteceu-me assassiná-lo para me vingar. Foi a expressão que me ocorreu: *Assassiná-lo para me vingar*.

A Fern, por seu turno, manteve-se tão senhora de si e calma que, de início, pensei que estava a fitá-lo com desprezo, à espera de que ele desse o primeiro passo. Só quando falou, com uma voz débil e solta, como num número de ventriloquismo, é que percebi o que estava a acontecer. Algures entre a sala de espera e a sala de visitas, algures entre a porta e a cadeira, a Fern perdera a coragem. Estava a tremer. Estava sem reação. Estava com medo.

— Fern? — disse eu.

Ela olhou para mim de relance, de olhos vítreos como os de um coelho. Engoliu em seco sonoramente. O cabelo caíra-lhe para a frente da cara, e ela tentou atirá-lo para trás de uma forma que, creio, pretendia ser indiferente, mas que acabou por parecer um arrepio. Apeteceu-me reconfortá-la, mas não o podia fazer à frente dele. Por isso, repeti o seu nome.

Foi quando o Early decidiu falar. Pronunciou-se num timbre apazível, o que foi terrível.

— Como estás? — perguntou-lhe.

— Como estás *tu*? — retorqui.

A minha intenção foi soar ríspida, mas o Early limitou-se a sorrir. As lágrimas vacilaram nos seus olhos e o rubor espalhou-se como uma erupção cutânea pela testa e pelo queixo.

— Obrigado por perguntares — disse ele. — Hoje de manhã, comi papas de aveia com fruta fatiada por cima. Maçã. Banana. As fatias de

maçã estavam um pouco oxidadas, mas eu comi na mesma. É apenas um químico que reage ao ar. Não quer dizer que tenham algum problema. Não estão podres. — Olhou para as mãos, que estavam inertes sobre as pernas. Levantou outra vez o olhar, ainda para a Fern e não para mim, como se tivesse sido ela a fazer a pergunta. — Estou bem, acho, dadas as circunstâncias. Sim, estou bem. Mas, Fern, como estás tu?

— Eu... — balbuciou a Fern, mas faltou-lhe a voz.

— Aí está uma resposta muito melhor do que a minha! — retorquiu o Early com uma gargalhada, que lhe engelhou a cara e fez com que as lágrimas começassem a correr. — Posso alterar a minha resposta?

— Ela está ótima — disse eu. — Na verdade, não podia estar melhor.

Por fim, ele olhou para mim e algo lhe perpassou o semblante. Cólera? Desconfiança? A expressão desapareceu antes de eu a conseguir identificar.

Esfregou os olhos e mostrou-me as pontas dos dedos húmidas.

— Olha. Aqui. Desculpa por isto.

— O quê? — indaguei.

— As minhas lágrimas. São ofensivas para ti.

— Não são — redargui, apesar de serem.

— Bem, se eu estivesse no teu lugar, ofender-me-iam. Os médicos estão a submeter-me a um tratamento farmacológico para aumentar a minha capacidade de empatia. Uma preparação para a estase. Se queres saber, funciona demasiado bem. — Limpou mais uma vaga de lágrimas com os nós dos dedos. — É por isso que percebo que te sentes ofendida pelas lágrimas. Consigo sentir isso em ti.

— Tu não me conheces.

A Fern fez um ruído. Levantei-me da minha cadeira, aproximei-me dela e peguei-lhe na mão. Era uma bola de osso, fria e rija.

— Queres ir embora? — perguntei-lhe. — Podemos ir embora.

— Isto é difícil para vocês — disse o Early.

E eu virei-me para lhe gritar alguma coisa, mas a Fern antecipou-se.

— Eu era assim? — perguntou. — Eu era... *assim*?

Não percebi o que ela quis dizer, mas ele percebeu.

— Não — respondeu. — Debateste-te.

— Não faças isso — avisei-a.

— Ah, é verdade. Não se lembram — disse ele, como se tivesse acabado de se lembrar de que nós não nos lembrávamos, embora com certeza estivesse ciente disso. Agora que estávamos a falar dos nossos homicídios, o rubor apagara-se da cara dele. O sangue recuara lá para onde quer que ia, para o poço negro do seu ser.

— Ela não se lembra — disse eu. — Nenhuma de nós se lembra. Por isso, é como se não te tivéssemos conhecido. Como se nunca nos tivesses tocado. — Sorri-lhe com malícia; senti que tinha os cantos da boca repuxados até às orelhas. Talvez não devesse ter ficado espantada com o quanto lhe queria mal. — É como se tu não fosses ninguém. Como se não fosses nada.

— Estás zangada — disse ele, pensativo.

Estava outra vez com aquela expressão, a que eu não conseguira identificar. Depois, de súbito, percebi: ele estava a olhar para a Fern, mas estava a *observar-me* a mim. Estava a estudar-me, como que à espera para ver o que eu faria.

— Tu não me conheces — repeti.

— Não — disse ele, apenas. — Não conheço.

Foi um comentário inofensivo, mas havia algo na forma como o disse. De repente, tive aquela sensação de estar no *Early Evening* e de o assassino vir atrás de mim, a serpentear pelas ruas atrás de nós, a dobrar as mesmas esquinas que nós dobrámos segundos antes, na nossa peugada. Mesmo não conseguindo ainda ouvir os passos dele, sabemos que vem atrás de nós. É apenas uma questão de tempo.

O Early inclinou a cabeça para a Fern.

— A *ela*, conheço-a. A *ela*, matei-a. — Fez um compasso de espera para enxugar os olhos, que estavam outra vez cheios de lágrimas. — Desculpa — disse. — Fui indelicado.

— Queres ir embora? — perguntei à Fern. — Anda. Vamos embora.

— A *ti*, porém — disse ele —, a *ti* nunca te conheci.

E lá estavam os passos. E cá estava a faca.

— Não sei quem te assassinou — disse o Early. — Só sei que não fui eu.

4 Iniciais do nome com que se autoapelidou e que significam «*bind*», «*torture*» e «*kill*», ou seja, amarrar, torturar e matar. [N. T.]

Nó

Eu era uma criança nervosa. Quando o meu pai pintou a sala de estar de um acolhedor tom de canela, encostei a cara às paredes, passei os dedos por elas, e fiquei preocupada com a cor anterior, o azul-claro, que deveria estar a sentir-se encurralado. Na noite anterior às visitas de estudo, era costume deitar-me de costas, agarrar punhados de roupa da cama e dizer para com os meus botões: *Amanhã à noite vou estar aqui outra vez, na minha cama.*

Aquela sensação de nó na garganta, comecei a chamar-lhe, aquela amálgama de ansiedade e desespero que provoca um vazio na barriga. Senti-me melhor ao dar-lhe um nome, tal como um diagnóstico faz uma pessoa sentir-se melhor. Aquela sensação de nó na garganta. Referi esse nome aos meus pais e, ao longo dos anos, foi encolhendo até ser só «o nó», e eles diziam: «É o nó, Louise? O que achas, Lou? Nó?» As palavras deles revestiam-se de uma qualidade escarninha que me enfurecia e isolava.

Porque é que eu era assim? E porque é que os outros *não* eram assim? Porque é que não compreendiam — e porque é que eu não conseguia explicar — que a sensação de nó na garganta não era eu a engolir algo grande demais? Era algo grande demais a engolir-me mim.

— **E**stás a mentir — alguém disse. Foi a Fern.

Debruçara-se para a frente na cadeira, a sua mão ganhava vida debaixo da minha. E eu ainda estava aqui, nesta sala, a ouvir isto. *Estou aqui, nesta sala, a ouvir isto*, repeti para com os meus botões. Sentia-me mais distante do que nunca. Senti que era uma velha a contemplar a minha vida. *Estou aqui, nesta sala, a ouvir isto*.

— Não acreditamos em ti — disse a Fern.

O Early suspirou.

— Compreendo. Não tenho credibilidade.

— Para com isso! — disse a Fern. — Não podes tentar ser amável. Não podes tentar ser simpático. Tu *serraste-me* a garganta e meteste-me num carrinho de compras. Foi isso que fizeste. E eu posso não me lembrar, mas aconteceu. E *tu* lembras-te. — Apontou-lhe um dedo com raiva. — Por isso, podes dizer o que quiseses, mas fizeste o que fizeste.

— Sim, fiz... a ti. A ela, não. — Começou outra vez a chorar copiosamente, escorrendo-lhe lágrimas pela cara. — Desculpem — disse, e enxugou as lágrimas. — É deste *tratamento* que me estão a fazer. Isto! — Agitou a manga húmida. — Não consigo evitar!

E com isso regressei ao meu corpo. Encaixei-me nele com força. Consegui sentir-me até aos meus próprios limites, as partes de mim que não sentiriam dor mesmo que fossem cortadas, o cabelo, as pestanas, e as luas encardidas e mortas das minhas unhas.

— Tu confessaste — disse-lhe eu. — Disseste aos inspetores. Disseste que me seguiste. Tinhas um bloco de notas. Escondeste-te atrás de uma árvore e esperaste que eu aparecesse no caminho. Porque dirias tudo isso se não me tivesses matado?

— Não tenho como o dizer com... delicadeza. — Olhou de relance para a Fern.

— Diz na mesma.

Ele fez um compasso de espera, engoliu em seco.

— Eles já achavam que tinha sido eu — disse. — E eu *matara* as outras. Por isso, pensei: quatro, cinco? Que diferença faz? Mais pareceu-me melhor.

— Melhor — disse a Fern com uma voz que saiu das profundezas da garganta.

— Sei o que parece. Vejo-o *agora*... Com este *tratamento* que me estão a administrar, consigo perceber as falhas... Não, consigo *sentir*... — Olhou-nos à vez e levou uma mão ao peito. — Não, não, não vou fazer isso. Não vos vou obrigar a ouvir-me dizer aquilo que sinto.

— Porque é que me contaste isto agora? — perguntei. — Porquê? As lágrimas escorriam-lhe desenfreadamente pela cara.

— É isto que as pessoas sentem? *Mal*? Culpa? E quando fazem aquilo que é correto, algo virtuoso, é apenas para não se sentirem *assim*? É isso que é ser *bom*? O significado de *ser bom*?

— Porque é que me contaste isto agora? — repeti, mais alto.

Ele olhou para mim como se só naquele momento me tivesse ouvido. As lágrimas acumulavam-se-lhe no queixo e pingavam.

— Porque comecei a sentir-me mal — explicou —, como as pessoas se sentem.

E eu não consegui. Não consegui ouvir mais. Tinha-me levantado e ido até à porta. Estava a bater à porta e a gritar para a abrirem. Estava a gritar a palavra que não era «socorro».

*

Eu e a Fern estávamos sentadas no carro emprestado, no parque de estacionamento junto ao portão do centro de estase. De quando em vez, o portão abria-se com um tinido e o autocarro saía, largando as visitas que se apressavam a ir para os seus carros e a arrancar. Ninguém se demorava por ali. Ninguém olhava melancolicamente para o centro. Queriam estar noutro sítio, longe. Eu... Eu podia ficar algum tempo neste parque de estacionamento; não sabia para onde ir depois disto.

Apanhara alguns papéis de rebuçados do chão do carro e estava dedicada a um projeto que consistia em virá-los do avesso, e depois ao contrário, vermelho para prateado, prateado para vermelho. Ao meu lado, a Fern remexia nos comandos do carro. Ligara o rádio e depois desligara-o outra vez, aumentara o aquecimento e depois diminuía-o.

— Não acredito nele — acabou por dizer.

Olhei para ela.

— Não?

— É um assassino.

— Que motivo teria para mentir apenas sobre mim? Apenas sobre o meu homicídio?

— Que motivo teria para degolar mulheres? Que motivo teria para as descalçar? — Fez um gesto abrangente. — Estás mesmo a tentar

aplicar a lógica ao comportamento deste homem?

— Oh, não! Não chegaste a perguntar-lhe — acabara de me ocorrer.

Porquê eu?, quisera ela perguntar-lhe. Em vez disso, ficara sem reação. E eu fugira.

— Não faz mal — disse ela.

— Faz, pois.

— Tenho a minha resposta: não há uma explicação. Foi uma palermice minha querer saber porquê.

Concentrei-me nos papéis de rebuçados enquanto a Fern me observava. Tinham nomes alegremente grosseiros, como ChuckleBar, Fazbo e Mister Winks. Fiquei a pensar sobre quem os teria inventado. Imaginei um grupo de executivos a dispararem nomes disparatados ao longo de uma comprida mesa de reuniões. A Fern aproximou-se de mim e tocou-me delicadamente no ombro com a ponta dos dedos. O seu rosto bonito espelhava preocupação. Se eu fosse assim bonita, sempre que estivesse perturbada olhava-me ao espelho para me tranquilizar.

— Tens fome? — perguntou. — Vamos comer qualquer coisa?

Abanei a cabeça.

— Beber um copo? Qualquer coisa forte?

— Não.

— Podemos ir para minha casa? Ou dar uma volta de carro?

— Não sei.

— Mais uma pergunta... — começou a Fern.

— Nenhuma destas perguntas é a pergunta — disse eu.

Ela mordeu o lábio de cima.

— Sabes qual é a pergunta.

E percebi pela cara dela que sabia.

A pergunta era esta: *Se o Edward Early não me assassinou, quem foi?*

— Preciso de falar com a Lacey — disse eu.

— Agora — respondeu a Lacey quando lhe perguntei quando é que eu e a Fern poderíamos passar por casa dela.

Dei uma desculpa ao Silas. O *brunch* prolongara-se, as compras, qualquer coisa. Ele importava-se? Não. De todo. Percebi que se importava um pouco, pela forma como disse que não se importava. Sabia que ele queria que eu tivesse este tempo, um tempo de normalidade, pensava ele, como antes, quando saía com uma amiga. Eu teria rido se conseguisse rir. A Nova estava a fazer um espalhafato em segundo plano; tinha um dente a nascer. Já lá estão quando os bebés nascem, um conjunto completo de dentes enterrados nas gengivas, à espera para romper. *Nova*, apeteceu-me gritar em resposta aos gritos dela, *Nova! Alguém assassinou a tua mãe!* Mas não gritei e

disse ao Silas que estaria em casa em breve.

Quando eu e a Fern chegámos a casa da Lacey, um de rés do chão e primeiro andar em Okemos, com empenas e cheia de trepadeiras, foi a mãe quem abriu a porta. A mãe da Lacey, viemos a saber, também pertencia aos Luminols.

— Talvez a Lace não vos tenha dito, mas fui *eu* que a meti nisto — disse com um pouquinho de orgulho enquanto pegava nos nossos casacos. — O que aconteceu foi que um homem me contactou depois de a Lace ser... e antes de ser... Bem, nós dizemos que é o período intermédio, aquele período em que vocês desapareceram antes de regressarem. Adiante, esse homem contactou-me e disse que ele e os amigos estavam a investigar o assassinio da Lacey, e perguntou se me importava de responder a algumas perguntas. E eu pensei: *Porque não?* Parecem boas pessoas. Parecem ter o coração no sítio certo. É aqui. — Indicou o peito. — Não aqui. — Tocou na cabeça. — Ou, muitas vezes, aqui. — Deu uma palmada no próprio traseiro. — Então, encontrámo-nos. E o homem era o Brad. O Brad! — repetiu, como se soubéssemos quem era. — E eu, bem, tomei-lhe o gosto. Refiro-me ao trabalho. Era o que deveria ter feito a vida inteira. Não tem piada? Refiro-me à vida. Refiro-me àquilo que fazemos e àquilo que não fazemos. Depois, quando o Brad foi despejado e a Thistle não conseguiu pagar o alojamento, fez todo o sentido virem os dois viver comigo e com a Lacey. E com os quatro a viver aqui, bem, isto passou a ser o QG dos Luminols. QG significa «quartel-general». Talvez já saibam disso. Nunca sei o que as pessoas sabem e o que não sabem. Eu? Eu gosto de saber tudo, por isso não me importo que as pessoas me expliquem coisas. Mas a Lace diz-me que algumas acham que é presunção. Espero que não me considerem presunçosa.

Pendurou os nossos casacos em cabides. Era uma mulher pequenina, folgada e jovial, de nariz arrebitado e olhos enormes, como um desenho animado ou aqueles cãezinhos que as mulheres levam dentro das malas. Nunca, nem num milhão de anos, eu diria que era a mãe da Lacey, que era elegante e cáustica, mas foi isso que ela disse que lhe deveríamos chamar, mãe da Lacey.

— Tatum é o meu outro nome — disse ela. — O nome que me chamam no banco.

— Trabalha num banco? — indaguei.

Ela sorriu com um ar descarado e disse:

— Não. Devia trabalhar?

— Mãe, o que lhes estás a dizer? — A Lacey apareceu no *hall*, de lábios carmins revirados para baixo como um cartão do Dia dos Namorados disforme.

— Quem? Eu? Estou só a fazer conversa. Vê só quem é! A Fern e a Louise!

— Sim, eu sei. Fui eu quem as convidou.

— Mas, quero dizer, *olha* só para elas! — A Tatum abraçou os nossos casacos e brindou-nos com um sorriso aberto.

— Sim, aqui estão elas. Vejo-as todas as semanas. Desculpem — disse a Lacey. — Ela entusiasma-se.

— De facto, sim — interveio a Tatum —, e não pede desculpa por isso. Vocês são uns milagres, todas vocês.

Então, voltou o sorriso para a Lacey e, de algum modo, este aumentou de intensidade; ficou mais largo. Quase me fez doer as minhas próprias bochechas, a largura daquele sorriso, o amor que transparecia. Olhei para a Fern, que ainda não falava com a sua família, presa num impasse por causa da recusa em mudar-se para o Arizona. E depois havia o Odd, que estava sempre demasiado ocupado para falar, sempre com pressa de desligar o telefone, como se pudesse avançar por cima da minha voz, da minha própria existência. Foi com angústia que percebi que não era capaz de imaginar o Odd a sorrir para mim.

— Vocês são almas puras e lindas — continuou a Tatum —, e nós arrancámos-vos do abismo. Puta que pariu aquele Edward Early.

Olhou para nós, expectante.

— Isso mesmo — disse a Fern, arrojada. — Puta que o pariu.

— Sim! — A Tatum ergueu o punho, segurando os nossos casacos ao alto. A Lacey revirou os olhos.

A Tatum fez sinal para entrarmos e foi à frente a zumbir.

— Fiz bolinhos de limão — disse. — Gostam de bolinhos de limão? Não sei porque é que estou a perguntar. Quem é que não gosta de bolinhos de limão? Só um psicopata. — Brindou-nos com um sorriso por cima do ombro. — Foi uma piada. Gostam de piadas?

— Daqui a um minuto, ela acalma — disse a Lacey. — Talvez.

Chegámos a uma sala de jantar, ou aquilo que já fora uma sala de jantar. Ainda se viam as marcas na alcatifa do sítio onde devia ter estado uma mesa comprida; nas janelas, cortinados pesados; o guarda-louça, situado na parede mais afastada, estava cheio, não de pratos, mas de unidades de alimentação, capacetes e luvas de sistemas de realidade virtual. No meio da sala, estavam suspensas seis camas de rede de realidade virtual, formando um círculo em redor de um candelabro que fazia lembrar teias de aranha. Duas das camas de rede estavam ocupadas por pessoas com os capacetes postos.

— Sei que parece o covil de um programador louco — disse a Lacey. — Foi ficando assim, tipo, aos poucos.

A Tatum saiu da cozinha com o prometido prato de bolinhos de limão. Deixou-se cair numa rede vazia e esticou as pernas.

— Thistle! Brad! Temos visitas! — anunciou. As pessoas que estavam nas camas de rede levantaram os capacetes e a Tatum

estendeu a mão para fazer as apresentações. — Apresento-vos a Fern e a Louise!

A Fern acenou fugazmente.

— Toda a gente me trata por Lou — disse eu.

— Nós sabemos — responderam eles em uníssono.

Eu imaginara os Luminols como homens escanifrados, narigudos e com défice de sol, uma mistura entre Sherlock Holmes e Steve Jobs; porém, não eram nada assim. O Brad estava na casa dos 40 e tinha barba comprida, aos caracóis, como um monge descalço de um romance de fantasia. A Thistle parecia praticamente saída da secundária, a pele bem tratada e um rabo de cavalo ainda húmido, como se tivesse acabado de sair da aula de Educação Física.

— Aquelas estão livres. — A Thistle apontou com um dedo do pé para duas camas de rede à frente da dela. — O Jae foi visitar a irmã, e o Charlie está no trabalho.

A Fern deitou-se com facilidade numa cama de rede. Eu fui até à outra e puxei as cordas elásticas.

— De certeza que eles não se importam?

— Importar? — disse o Brad. — Será uma honra para o Charlie.

— Tu és a preferida dele — acrescentou a Thistle.

— Preferida quê? — perguntei antes de perceber a resposta: vítima de homicídio preferida.

O meu rosto deve ter transparecido a minha reação, pois a Thistle fez uma careta de infelicidade.

— Desculpa. Fui...

— De maneira alguma. — Sentei-me cautelosamente na beira da cama de rede. — Quem é que não quer ser a preferida de alguém?

— Pois, ela tem razão. Porque é que *eu* não sou a preferida de ninguém? — A Lacey deitou-se na última cama de rede, raspando os pés no chão.

— Tu és a *minha* preferida, querida — disse a Tatum.

— Uau. Obrigada, mãe.

E eu senti aquela angústia outra vez, como se fosse uma órfã. *Nova*, pensei, tentando reconfortar-me. *Silas*.

A Tatum virou-se para mim e para a Fern.

— Ela já era sarcástica antes de tudo isto. Não é novidade.

— Queres dizer que não fui clonada por um cientista muito sarcástico? — disse a Lacey.

— Estás a ver? É assim mesmo — continuou a Tatum. — Diz coisas assim desde pequena.

— Ou se calhar o Edward Early mergulhou a faca numa vasilha de sarcasmo antes de me esfaquear com ela.

— É capaz de estar o dia todo nisto — disse a Tatum.

— Ou então, já sei, se calhar toda a gente que conheço é

extremamente entediante e esta é a única maneira que tenho de manter um fragmento de sanidade.

A Thistle levou um dedo ao queixo.

— Acho que essa hipótese é a mais acertada.

— Então? — disse a Lacey. — Porque é que estão aqui?

— Lace! — admoestou-a a Tatum. — Elas não precisam de um motivo para vir a nossa casa.

— Mas elas têm um motivo — retorquiu a Lacey. — Porque eu já a convidei. — Virou os olhos para mim. — E ela riu-se de nós.

— Eu não diria que me *ri* — refutei.

— Então, dirias que gozaste?

— Lace — repetiu a Tatum.

— Estivemos hoje com o Edward Early — informou a Fern.

E depois disso mais ninguém se riu.

Para dizer a verdade, ficaram todos em silêncio, e depois desataram a falar ao mesmo tempo.

— Vocês viram-no? — disse a Thistle num tom de fascínio. — Tipo, mesmo *ele*?

— Os advogados deixaram? — indagou o Brad.

— Vocês estão bem? — perguntou a Tatum.

— Essa besta — disse a Lacey — recusou os nossos pedidos de visita.

— Bem, se quiseses, podes ir agora — disse eu. A minha própria frase ecoou-me na mente: *Podes ir agora. Podes ir.* Mas fiquei onde estava.

A Fern estava a observar-me, a segurar as cordas elásticas ao lado da cara. Estava à espera de que eu lhes revelasse o resto. Afinal de contas, era para isso que ali estávamos. Fez-me sinal com a cabeça. Tinha de ser eu a dar a informação. Por isso, disse-o de uma só vez.

— Ele não me matou.

Viraram-se todos para mim e olhara-me fixamente. Como não?

— Em relação às outras, admite — prossegui. — Em relação a mim, diz que mentiu. Diz que fui assassinada por outra pessoa. Não por ele.

Continuaram a olhar fixamente para mim, em silêncio. Estavam em choque, pensei, motivo pelo qual demorei um minuto a perceber que havia algo de errado nos seus semblantes.

— Ele podia estar a mentir para gozar comigo — continuei. — Sei que, ao ir visitá-lo, lhe dei a oportunidade de fazer isso. Foi um risco que eu e a Fern sabíamos que... um risco que sabíamos que... — Não me ocorreu a palavra. — Foi arriscado. Mas pensei que, como vocês têm feito, bem, aquilo que têm feito, pensei que poderiam gostar de saber o que ele disse, para o caso de, bem, para o caso de informar, para o caso de...

— Querida — atalhou a mãe da Lacey. Disse-o como se fosse a minha própria mãe. Aquilo magoou-me outra vez. Magoou-me.

E eis o que havia de errado nos seus semblantes: não estavam surpreendidos. Não estavam nada surpreendidos.

Fechei a boca com força, depois abri-a outra vez, e depois arrependi-me de o fazer porque o que saiu foi:

— Vocês *sabiam*?

Segui a negociação silenciosa dos Luminols sobre quem seria o próximo a falar. Vá-se lá saber porquê, a escolhida foi a Lacey, e a voz dela, que no grupo sempre pronunciara palavras inteiras e naturais, a voz dela, que sempre fora brutal como o dedo do pé de uma mulher morta a raspar na areia, a voz dela tornou-se de repente delicada, de uma forma que me deu vontade de chorar.

— *Suspeitávamos* — disse ela.

Entrelaçou os dedos em cima das pernas e endireitou-se. Quando voltou a falar, foi no seu típico timbre inexorável.

— O teu homicídio tem diferenças.

— Diferenças?

— O facto de ele não expor o corpo.

— Porque eu fugi.

— O *facto* de teres fugido — realçou ela.

— A hora do dia — disse a Fern, e não consegui deixar de sentir uma pontada de traição.

— Sim — concordou a Thistle. — A Lou, de tarde; as outras, à noite.

— Tu tiveste testemunhas — continuou a Lacey. — Duas. Nenhuma das outras teve testemunhas. Além disso, o local. Repetido. O mesmo parque que a Angela.

— Mas as sapatilhas... — disse eu.

— Deixadas por um imitador.

— Além disso... — Calei-me e abanei a cabeça. — Não sei porque estou a esforçar-me tanto para defender que foi ele.

— Porque era uma resposta — disse o Brad. Tinha a mão na barba, como se fosse uma luva, com os dedos inseridos nas concavidades dos caracóis. — Ei, estás em boa companhia. Todos nós estamos bastante obcecados em encontrar respostas.

— Foi por isso que me convidaram, não foi? — perguntei à Lacey, compreendendo a resposta ainda antes de terminar a pergunta. — Para vir aqui? Querias revelar-me as tuas suspeitas. Sobre o meu homicídio?

— Sim.

— Porque é que não *me disseste* simplesmente? Porque é que não me disseste nas sessões do grupo?

— *Não*. — A Tatum quase gritou. — Não digas nada àquele grupo.

— O quê? — Eu e a Fern virámo-nos para ela. — Porque não?

Ela respirou fundo, recompondo-se, e inclinou-se para a frente na sua cama de rede. Estava a agarrar a travessa de bolinhos de limão com força, como se fosse capaz de a partir em cima do joelho.

— Vocês não estiveram aqui no período intermédio — explicou. — Sei que vos contaram o que aconteceu, viram as notícias, isso tudo, mas o que não compreenderiam se aqui *estivessem*, o que foi claro e se tornou cada vez mais claro, é que a *tua* morte, Louise, foi o ponto de viragem. O teu marido, desolado, em todos os noticiários. A tua bebé recém-nascida. Sabes como é difícil arranjar argumentos para trazer alguém de volta? *Cinco* alguéns?

— Cinco alguéns que não são ninguém — acrescentou a Lacey.

— Bem, não fui *eu* quem disse isso. — A Tatum sorriu para a filha. — Vocês são uns milagres, todas, sem exceção.

— Mãe — disse a Lacey, como que envergonhada, mas percebi que, bem lá no seu íntimo, estava secretamente agradada.

— A comissão de replicação foi apanhada naquele escândalo — continuou a Tatum —, com os subornos e aquele homem horrível que clonaram; mas depois da morte da Louise, a história do assassino em série tornou-se viral, as celebridades ficaram a saber e cada vez mais mulheres começaram a pintar o pescoço com batom, apelando para vos trazerem de volta. — Fez um compasso de espera e olhou para mim com ternura. — Querida — disse —, tu foste um argumento que puderam usar, uma mulher branca, jovem e bonita, cuja profissão é abraçar pessoas. Não tinhas *saído à noite*. Eras *casada*. Eras *mãe*. Eras inocente.

A Fern estava a abanar a cabeça.

— Então, agora acham que se as pessoas souberem que não foi o Edward Early que matou a Lou, que foi outro homem, irmão... fazer o quê? Voltar atrás com a decisão? Matar-nos outra vez?

— Não, querida. Não necessariamente isso — disse a Tatum.

— Não *necessariamente* isso?

— Toma. Come um bolinho. — Estendeu-nos a travessa com os bolinhos de limão.

— Mãe — resmungou a Lacey.

— O que foi? Achei que uma coisa doce lhes faria bem. Quem é que não gosta de coisas doces?

— No teu lugar? — pipilou a Thistle, olhando para mim. — Se fosse eu? Não diria a ninguém o que o Edward Early te disse. — Esperneou, fazendo a cama de rede balançar. Os nossos rostos seguiram-na a subir e a descer. — Nem sequer a nós teria dito.

— Isso é grosseiro — retorquiu a Lacey, a mais grosseira de todos.

— É sensato — insistiu a Thistle. — Pensa nisso: se foi outra pessoa que te matou, Lou, essa pessoa agora sente-se segura. Pensa que a Lou

pensa (pensa que o mundo pensa) que foi o Edward.

— Estás a dizer que não estou em segurança? — disse eu. — Devia ir à polícia.

— Aos mesmos que erraram da primeira vez? — disse a Tatum.

— E posso perguntar — interveio o Brad — *por que motivo* erraram eles quando nós, uns amadores, conseguimos identificar todas as discrepâncias?

— Estás a sugerir que a polícia sabia que não fora o Early a matá-la? — indagou a Fern.

— Estou a *afirmar* que a polícia não é mais do que um bando de desastrados cujas investigações não são de fiar. — Sorriu. — É essa a nossa convicção por aqui.

— Então, quem foi que me assassinou? — perguntei.

— Sim. Quem? — A Lacey inclinou-se para a frente, como se estivesse à espera de que a conversa chegasse a este ponto. — Tu saberás melhor do que nós, Lou. Quem te salta à mente?

— Ninguém.

— Tens a certeza?

— Sim. Ninguém.

Era verdade. Não tinha rivalidades, rancores ou inimigos. Tinha uma vida normal. Era como a Tatum dissera. Tinha um marido e um bebé. Trabalhava num serviço de terapia de toque de um *franchising* num centro comercial ao ar livre. Era apenas uma mulher vulgar.

— Ninguém? Nesse caso, pode ser qualquer pessoa — disse a Lacey.

— Era exatamente o que eu queria dizer — disse a Thistle, ainda a balouçar. — Independentemente de quem quer que te tenha assassinado, agora tu sabes mais do que essa pessoa pensa que sabes. É uma vantagem. Porquê desperdiçá-la?

Respirei fundo e olhei em redor, para o círculo de rostos, rostos a denotar preocupação.

— Tens razão — respondi. — Não vou contar a ninguém. Nem sequer ao Silas.

E os Luminols voltaram a fazer aquilo, a entreolhar-se noutro debate silencioso.

— Eu sei, eu sei, é o meu marido — prossegui —, mas ele iria ficar preocupado, e já se preocupou muito nos últimos tempos. O que foi? — Perguntei isto porque eles continuaram a entreolhar-se. E como nenhum respondeu, repeti: — O que foi?

— Em termos estatísticos, se o Edward Early não te assassinou... — começou a Lacey. — *Em termos estatísticos...*

— Não — interrompi-a.

A Lacey soergueu as sobranceiras desenhadas a lápis.

— Podes dizer o que quiseses. Continuarão a ser estatísticas.

— Não para aquilo que estás prestes a sugerir. Não para isso. O Silas não é uma estatística — disse eu. — É o meu marido.

— É isso que estou...

— E eu *conheço-o*. Além disso, se vamos falar de estatísticas, haveria sinais de alerta. Ameaças. Abuso. Nunca houve nada disso. Nem uma vez, nunca.

A Lacey levantou o queixo.

— Nem nos dias antes do teu homicídio? Não te lembras. Não o podes afirmar com certeza.

— Isso foi apenas uma semana, no máximo. Achas que ele se tornou uma pessoa completamente diferente numa semana?

Ouvi as minhas palavras depois de as dizer. *Uma pessoa completamente diferente*. Como nós. Mas nem nós éramos isso.

— Tu viste-o nos noticiários — prossegui —, quando eu estava desaparecida, quando encontraram o meu corpo. Viste como ficou transtornado.

— Pareceu muito transtornado — retorquiu a Tatum, com diplomacia, mas eu apanhei a palavra que ela utilizou. *Pareceu*. E, com franqueza, era um *cliché* tão forte como a jovem e bonita vítima de homicídio, não era? O marido assassino numa demonstração silenciosa e masculina da sua mágoa.

— Ele ficou transtornado — insisti, embora não tivesse estado presente para o ver com os próprios olhos. Não estivera em parte alguma. Não existira. — Ele *está* transtornado. E está aliviado por eu estar de volta. Não estaria aliviado se tivesse sido ele a matar-me.

Seguiu-se um silêncio demorado, depois a Tatum disse:

— Só queremos que estejas em segurança.

E os outros murmuraram o seu acordo.

O que ela não disse, o que nenhum deles disse, o que ficou para uma pequena voz pérfida no meu âmagio dizer foi: *Ele também estaria aliviado se tivesse escapado com o crime*.

Algumas coisas que o Silas fazia

Apanhava-me o cabelo com a mão e segurava-o à beira da nuca até eu acabar de cortar as cebolas ou apertar os atacadores ou fazer qualquer outra coisa que me fizesse o cabelo cair para a frente da cara.

Apanhava pestanas da minha cara. Limpava os cantos dos meus lábios, tirava-me remelas. Também os pedaços de unhas dos pés que eu deixava ficar no chão depois de as cortar.

Ficava do lado da cama onde o ar da ventilação fazia cócegas e a luz da rua incidia.

Chamava-me borracho.

Dava-me liberdade.

A Fern teve de devolver o carro ao amigo, por isso regresssei a casa num veículo autónomo, circunstância que me deixou perigosa e desastrosamente só. Durante toda a viagem, refutei a insinuação dos Luminols de que o Silas fora o meu assassino. O meu monólogo interior continuou sem parar, uma ininterrupta tagarelice mental que não me cedeu um momento para considerar o facto de nenhum dos Luminols estar comigo no veículo autónomo, por isso com *quem* exatamente estava eu a argumentar?

Ainda estava nisso quando entrei em casa. Dei por mim quase a correr à procura do Silas, mas ele não estava na sala de estar, nem na cozinha. A meio do corredor, parei à porta do quarto da Nova, porque lá estava ele. Acabara de mudar a fralda à bebé e estava a vestir-lhe o pijama. A última luz do dia entrava pela janela, conferindo um tom azul-escuro à cena doméstica: a Nova a espernear, o Silas a agarrar-lhe um pé e a dar-lhe um beijo na sola. Fiquei à porta a observá-los.

Mas depois... Acho que nem sequer pestanejei, mas foi como se o tivesse feito. Foi como se uma pálpebra translúcida se tivesse baixado sobre os meus olhos, uma segunda película transparente como têm os cães e os lagartos. Ou talvez fosse o contrário disso, como se uma pálpebra invisível se tivesse por fim levantado e eu já não estivesse a espreitar por entre a sua neblina. Sabem como às vezes, às vezes, olhamos para o nosso companheiro e vemos um desconhecido? Toda a familiaridade se esfuma de repente e as adoráveis formas do seu rosto tornam-se apenas isso, formas. Quem era este homem que estava em minha casa?

O Silas estava a cantar para a Nova daquela forma solta e extravagante que cantamos quando estamos sozinhos. A cantiga era inventada por ele, desconexa e dissonante. Estava no trocador de fraldas, de costas para a porta, a cabeça inclinada por cima da bebé. Eu ainda tinha as palmas das mãos encostadas aos dois lados da ombreira, mas agora os dedos tinham-se dobrado, preparados para me impelir para o interior do quarto ou para me afastar pelo corredor fora, uma dessas duas coisas. Se me afastasse agora, antes de ele

levantar a cabeça, nunca saberia que eu estivera ali.

Porém, esperei, atenta e tensa, pelo momento em que ele se viraria e me veria. Estava atenta. A quê? À expressão desprevenida no rosto dele.

Quando se virou, assustou-se ao ver-me. Mas, também, que outra coisa seria de esperar? Afinal de contas, eu surpreendera-o. E logo de seguida esboçou um sorriso tranquilo.

— Já chegaste — disse. — Como foi o *brunch*?

— Sabes como é. Foi um *brunch*.

— O que comeste?

A pergunta apanhou-me desprevenida e atarantei-me a tentar lembrar-me de alimentos.

— Ovos e torradas. Um café.

— Malpassados, compota de framboesa, uma colher de natas, uma de açúcar. — Recitou as minhas preferências ternamente, como um feitiço, e imaginei cada petisco num prato à minha frente, na minha língua.

— É o que costumo pedir.

Ele olhou pela janela para o lusco-fusco.

— Para onde foi o dia?

Foi-se embora, quis dizer-lhe. Depois disse mesmo:

— O dia foi-se embora.

E não fora isso que acontecera? Naquela manhã, eu estivera sentada à frente do Edward Early. O meu assassino.

Não o meu assassino.

Agora, poucas horas depois, aqui estava eu de regresso a casa, e tudo mudara.

— Tive saudades tuas — disse o Silas. Depois atravessou o quarto e eu senti o ar preso debaixo do esterno, ali mesmo, naquele sítio onde o osso se curva como um buraco de fechadura. Perguntei-me se iria estremecer quando ele me tocasse.

Cheguei à conclusão de que não. Mais do que isso, percebi que, quando me beijasse, eu me encostaria a ele, que os meus lábios se apartariam, que abriria a boca. Mesmo que parte de mim continuasse à porta ainda a observá-lo. Mesmo que parte de mim não conseguisse ter a certeza absoluta. Mesmo que houvesse uma possibilidade, uma ínfima possibilidade, uma residual possibilidade de... Mas não. Era impossível.

Quando terminámos o beijo, os olhos dele reluziam daquela maneira. Sabem como é, aquela maneira. Pegou na bebé ao colo e disse:

— Deixa-me só...

Deitou a Nova no berço. Esperei que ela chorasse, que quebrasse o feitiço em que me encontrava, mas por uma vez ela deixou-se deitar

sem um queixume. Durante todo esse tempo, estive ciente de estar a observar o Silas enquanto ele não me estava a observar a mim. Estive ciente das omoplatas dele enquanto se debruçou sobre o berço, ciente da sua coluna vertebral, ciente dos músculos das suas costas a rolar por cima dos ossos, ciente daquele ponto mole onde o crânio se junta ao pescoço.

O Silas endireitou-se e voltou para junto de mim. Abri outra vez a boca na dele.

E houve um momento em que pensei que poderia pôr um travão às coisas. O Silas estava a olhar para mim, e pensei na forma como o meu corpo fora destruído e depois reconstituído. Questionei-me se ele também pensava nisso, se estava a ter o mesmo pensamento neste instante. Comecei a enroscar-me sobre mim mesma. Tive o impulso de o afastar. Mas depois, de algum modo, a mesma ideia rodou e tornou-se libidinosa: ser em simultâneo velha e nova, nascida e fabricada, conhecida e desconhecida. Ser todas essas coisas ao mesmo tempo sob as mãos dele.

Depois, o Silas deixou-se cair de costas no colchão, as molas rangeram. Esticou os braços para os lados. Disse que tivera saudades daquilo.

— Eu também — respondi, porque é aquilo que se deve dizer e porque era verdade.

Poderia ter-lhe dito então, naquele momento, protegida pela penumbra, com o pegajoso cheiro a maresia dos corpos encostados um ao outro. Poderia ter-lhe dito o que o Early me confessara. Mas depois lembrei-me do que a Thistle dissera: *Sabes mais do que essa pessoa pensa que sabes. É uma vantagem. Porquê desperdiçá-la?* Ela era apenas uma criança, mas tinha razão. Eu desperdiçara tantas coisas por uma questão de hábito, por amor, por nada em troca. Porque não manter uma vantagem? Porque não guardá-la a sete chaves para quando fosse preciso?

— Contas-me outra vez? — disse em vez disso.

Um compasso de espera.

— Borracho. Agora não.

— Mas trata-se do meu homicídio.

— Importas-te de não dizer...

— Está bem. Trata-se da minha vida.

Ele ficou outra vez em silêncio, depois disse:

— Cheguei a casa do trabalho.

Virei-me de barriga para baixo. O Silas ainda estava deitado de costas, de braços esticados. Sob a fraca luminosidade da janela, conseguia ver os contornos da sua testa, do nariz, do queixo, mas não conseguia ver-lhe os olhos. Não importava. Não importava se conseguia ver-lhe os olhos ou não. Ele não era um suspeito. Era o meu

marido.

— Tinha ido buscar a Nova à creche — instiguei-o.

— Tinha ido buscar a Nova.

— Eu tinha-te telefonado durante o dia.

— Nada de especial. Era normal.

— Disse-te que ia correr.

— Disseste que nos veríamos mais tarde. «Vemo-nos em casa.»

— Mas depois não cheguei a casa.

E então ele ficou em silêncio. O quarto, os corredores, a casa, tudo em silêncio.

— Esperaste por mim — disse eu.

— Esperei, liguei, procurei...

— Procuraste? — Soergui-me. — Procuraste o quê?

— Nada. As tuas sapatilhas. Para ver se ainda estarias a correr.

As minhas sapatilhas. Ele teria procurado no armário.

— Não me tinhas dito isso. Nunca disseste isso.

— Eu... — Ele deu uma pequena palmada no colchão. Não vi o gesto no escuro, apenas senti a deslocação do ar, o barulho das palmas das mãos, o ligeiro ondular das molas e do estofo. — Esqueci-me.

Imaginei o Silas a entrar no quarto com passos largos, a abrir as portas dos armários, a empurrar os cabides pesados, as roupas a estremecerem com a força das mãos dele. E depois tê-lo-ia visto, o saco, ao fundo. Ter-se-ia ajoelhado e aberto o fecho, visto o passaporte, o cordão umbilical seco e tudo o resto. Nesse preciso instante, no preciso momento da sua descoberta, o barulho da porta nas suas costas, eu a chegar da corrida, e ele teria... poderia ter... atravessado o corredor, abespinhado, a querer uma discussão, uma explicação, um pedido de desculpa. Em vez disso, começáramos a lutar. E talvez me tivesse empurrado. Ou talvez não. Talvez só tivesse dado um passo súbito na minha direção e eu recuado depressa demais. Caíra. Batera com a cabeça numa esquina, numa superfície, numa beira. Talvez uma esquina da minha casa me tenha rachado a cabeça. O meu homicídio.

Poderia ter acontecido isso. Um acidente. Ele não teria feito de propósito. Ter-se-ia debruçado sobre mim em choque, envergonhado, angustiado. Teria olhado para mim...

Mas não. Não era possível.

— Encontraste-as? As sapatilhas?

Ele olhou para mim.

— Tinha-las calçadas.

Mas não tinha, na verdade não tinha. Estavam alinhadas lado a lado no trilho, sem os meus pés lá dentro.

Os meus pés estavam descalços quando o cão da polícia me descobrira, polpa de folhas e argila e sangue coagulado.

Não desviei o olhar da janela do quarto, da luz noturna e dos ramos rendilhados. Mantive-me quieta, mesmo quando uma gota fria me escorreu pela garganta e até ao estômago, como se eu tivesse partido um termómetro dos antigos e engolido uma gota prateada de mercúrio.

— Tiveste esperança de que eu estivesse viva? — perguntei.

— O quê?

— Antes de encontrarem o meu corpo, quando estava apenas desaparecida, tiveste esperança de que me encontrassem viva?

— Lou. É claro que sim.

— Não. Expressei-me mal. O que queria dizer era: *acreditaste* que eu estava viva?

Ele engoliu em seco.

— A verdade — disse eu.

— A verdade — assentiu ele. — Tentei convencer-me de que estarias perdida ou confusa ou magoada. Inconsciente até, mas viva. Desejei todos os cenários, mas se *acreditei*? — Expirou. — Bem vistas as coisas, sou pragmático.

Era verdade. Ele era um homem pragmático. Toda a gente o diz.

— E quando me encontraram? Ou melhor, o meu cadáver.

— O quê?

— Como é que foi?

Ele ficou outra vez em silêncio, depois disse:

— É como dizem que é. É como nos filmes. Os inspetores batem à porta. Já sabemos o que nos vão dizer quando os vemos no alpendre.

— E?

— E o quê? O que mais queres que te diga, Lou? — Ficou com a voz embargada. — Foi um pesadelo.

Toquei-lhe no braço.

— Mas agora está tudo bem. — Ele agarrou a minha mão e apertou-a com força contra o músculo do braço. — Está tudo bem. Tu regressaste. Estás aqui.

E eu imaginei mais uma coisa, mais uma possibilidade, outra coisa. Imaginei um homem ajoelhado no chão de um quarto vazio, este quarto. Imaginei um homem que pensara ter perdido a mulher. Este homem, esta mulher.

— Javi? — disse eu. A porta do gabinete dele estava encostada. Se batesse, tê-la-ia aberto, por isso chamei pela frincha.

— Quem chama por mim? — respondeu. — Que melodiosa voz me invoca?

Entendi isso como uma autorização para entrar. O Javier estava de pé junto da parede mais afastada, a endireitar um quadro, uma pintura abstrata de cores garridas e linhas deslizantes. Empurrou

suavemente a moldura, depois recuou um passo para ver, avançou outra vez e deu um jeitinho na outra direção. O quadro ficou exatamente na posição original. Satisfeito, assentiu com a cabeça e rodou sobre os calcanhares.

— O que achas?

— Parece-me que está direito.

— É claro que está. Acabei de o endireitar. Estava a perguntar o que achas *da pintura*. Eras capaz de a comer? Eras capaz de a devorar dentada a dentada?

— Se eu era capaz de *comer* a tua *pintura*?

— É assim que se sabe se a arte presta para alguma coisa. Se tivermos vontade de a devorar. Se a quisermos mastigar e engolir e digerir. É assim que se sabe o valor de qualquer coisa. Por exemplo, tens vontade de comer a tua bebé, não tens?

— O quê? *Não*.

— Não? Não te apetece trincar aquelas bochechas? Mordiscar aqueles dez dedinhos dos pés?

— As pessoas costumam dizer isso, mas é apenas em termos metafóricos.

— A arte é uma metáfora.

— Javi.

— O que foi? Não queres falar sobre arte?

— Nem por isso.

Sentei-me na cadeira à frente da secretária com a esperança de que ele percebesse a deixa. Felizmente percebeu. Perambulou até ao seu lugar e sentou-se à minha frente.

— Tão séria. — Rodopiou um dedo a indicar a minha cara. — Não fizeste merda outra vez, pois não?

— Não, Javi. Não fiz merda.

— Se tivesses feito, eu protegia-te, sabes? Por ti, Lou, sou capaz de preencher todos os formulários. Mas, por favor, oh, por favor, não me obrigues a preencher os formulários.

— Hoje nem sequer estou a trabalhar.

— Estás aqui no teu dia de folga? — Ele estremeceu. — E tão séria!

— Quero fazer-te umas perguntas sobre o meu homicídio.

Ele franziu o cenho com genuinidade, mas depois tentou disfarçar fingindo um franzir do cenho.

— Tão séria. Estás a ver? Eu percebi logo que estavas assim. Os meus instintos estão bem afinados.

— Impressionante.

— Estás a ser sarcástica, mas bem lá no fundo *estás* impressionada. Também consigo perceber isso. Estás a ver? Instintos. Portanto, queres que te diga o que disse aos inspetores, é isso? Sobre ter-te visto naquela noite?

Fiquei completamente imóvel.

— Que noite?

— Oh! Não? Pensei que estavas a falar disso.

— Agora estou. Que noite?

— Cerca de uma semana antes de... bem.

— Uma semana antes do meu homicídio.

— Sim. Vi nos registos de entrada/saída que vinhas aqui depois do horário normal.

— Eu vinha ao escritório?

— Fizeste-o uma vez. Depois duas. Na terceira noite, esperei por ti.

— E viste-me? Falámos?

— Disseste que tinhas de sair de casa.

— Por causa do Silas?

Ele fez um compasso de espera, enrugou a testa.

— Do Silas? Não. Tu vinhas aqui e sentavas-te na tua Sala, só isso. Estavas em baixo. A passar um mau bocado. Acho que se chama a isso *melancolia pós-parto*.

— Acho que não se chama assim desde os anos 50 — expliquei-lhe.

Ele pôs os dedos em forma de campanário e tocou com as pontas no bigode.

— E disseste que estavas a ser seguida. Pelo assassino.

— Disse-te que o Edward Early estava a seguir-me? — repeti. — Na semana antes do meu homicídio? Disse-te isso?

— Nessa altura, não sabíamos o nome dele.

Olhei-o, embasbacada. Apeteceu-me gritar: *Porque é que ninguém me disse isso? Porque é que tu não me disseste isso?* Mas já sabia a resposta. Ninguém queria falar sobre o meu homicídio; nem sequer conseguiam proferir as palavras. Queriam seguir em frente, esquecer o assunto, começar de novo. Eu era um novo começo.

— Porque é que eu achava isso? — insisti. — Tinha-o visto a seguir-me?

— Não sei. Tinhas bastante certeza de estares a ser seguida pelo assassino em série que deixava os sapatos das mulheres. Estavas com medo de seres a próxima vítima dele. — O Javi tocou outra vez no bigode. — Lamento.

— Pois, bem, ninguém *quer* ser assassinado.

— Não, refiro-me a mim, pessoalmente. *Lamento*. Devia ter acreditado em ti.

— Porque é que haverias de acreditar? Devo ter parecido uma louca qualquer.

— Lá isso pareceste. — Ele inclinou a cabeça e analisou-me como se eu fosse o quadro que acabara de endireitar. — Mas, na verdade, não eras uma louca qualquer, pois não? Não, não eras. Tinhas razão.

Foi preciso bater à porta com insistência até a Fern a abrir.

— Lou? — disse, energicamente, como se fôssemos amigas que tinham perdido o contacto, como se não nos víssemos há meses, há anos. Olhou por cima do ombro. Estaria alguém com ela? O pequeno apartamento estava cheio da habitual barafunda, mas, tanto quanto eu conseguia ver, não estava lá mais ninguém.

— Enviei-te uma mensagem — disse eu, sentindo de repente que deveria ter esperado pela resposta dela em vez de lhe aparecer à porta. Encolhi os ombros. — E agora aqui estou, à tua porta, a interromper o teu *Early Evening*.

— O quê? — disse ela, a pestanejar.

Apontei com o queixo para a mão dela; estava a usar uma única luva de realidade virtual.

— Ah, isto? Não. Estava no grupo de estudo. Adivinha quem tem uma luva de realidade virtual e não leu nada do que tinha de ler? — Levantou a mão enluvada e fez um sorriso sardónico.

— Estavas a estudar. Vou-me embora.

— Ei, não. Já terminámos. — Abriu mais a porta e fez sinal para eu entrar. — Depressa! Por causa do gato.

Mas o *Spoon* estava a preguiçar em cima do frigorífico, a fitar-me com um olho amarelo preguiçoso. A Fern arranjou espaço para mim na cama, pegando no seu capacete e na segunda luva de realidade virtual e num monte de livros e roupas, largando-os com um baque no chão. Eu empoleirei-me na beira do colchão enquanto ela se ocupava a mudar objetos de um sítio para outro de uma forma que, na realidade, não arrumava coisa alguma, apenas mudava a posição da barafunda.

— Falei com o Javi, o meu chefe, sobre o meu homicídio.

A Fern deteve-se, de braços cheios de camisolas. Estava de costas viradas para mim, pelo que não lhe consegui ver a expressão, mas falou com uma voz tensa.

— Pensei que tinhas decidido não contar a ninguém. Disseste aos Luminols que não ias contar a ninguém.

— E não contei. Não lhe disse aquilo do Early. Só lhe perguntei sobre os dias antecedentes, os dias de que não tenho memória. Para o caso de ele ter reparado em alguma coisa.

Ela pousou as camisolas e ajoelhou-se à minha frente, colocando as mãos nos meus joelhos. Não consegui deixar de reparar na forma como os seus olhos perscrutaram a minha cara, da têmpora à narina, ao lábio inferior, do lóbulo da orelha à pálpebra, como que a fazer um catálogo das minhas feições.

— Fiz uma coisa má — declarou ela.

— Tu? — zombei. — Nunca.

— Nunca deveria ter-te levado comigo a ver o Early. Tu estavas

bem. Feliz.

— Não estava.

— Mas estavas *bem*. Eu devia ter-te deixado em paz.

— Não, ainda bem que me levaste porque...

— Porque agora estás...

Sobrepus a minha voz à dela.

— *Porque* tenho o direito de saber o que me aconteceu.

Ela fechou os olhos. Tinha as pálpebras de um roxo muito claro, não da maquilhagem, mas do sangue que corria mesmo por debaixo da pele. Abriu-as e os seus olhos eram do castanho mais escuro, mosqueados de dourado e verde, como cores deformadas através do vidro.

— Mas nós *sabemos* o que nos aconteceu — disse ela. — Fomos assassinadas. E agora estamos outra vez vivas.

— O Javi disse-me uma coisa — anunciei.

Ela sugou os lábios.

— Na semana antes do meu homicídio — prossegui —, estava a ser seguida por alguém.

— O quê?

— Eu disse-lhe que o Edward Early andava a seguir-me.

— Está bem. — Ela assentiu com a cabeça devagar. — E isso bate certo com a confissão do Early à polícia. O que quer dizer que ele mentiu quando nos disse que não foi ele. Estava só a meter-se contigo.

— Talvez. Mas e se eu apenas *pensasse* que era o Early que me andava a seguir? E se, na realidade, fosse outra pessoa?

— Quem?

— Não sei.

A Fern observou-me durante um minuto, depois bateu-me nos joelhos, duas palmadas rápidas.

— Eu compreendo — disse ela. — Eu também queria uma resposta. Um motivo para o absurdo. A maldade, a injustiça, a horribilidade. Mas, às vezes, acontecem coisas horríveis. Às vezes, essas coisas horríveis acontecem-nos a nós.

— Não se trata de aceitação.

— Não? Agora já passou.

Ela continuou a fitar-me intensamente, como que a querer obrigarme a concordar com ela. Era impossível compreendê-la. Primeiro, quis esquecer a mulher que era antes de morrer, depois quis confrontar o seu assassino, e agora mudara outra vez de ideias e instigava-nos a seguir em frente, a não olharmos para trás, nem sequer de relance. Estava tão confusa como eu, e não era de admirar. Toda esta situação era como um jogo infantil em que somos rodopiados sem parar e toda a gente se ri quando cambaleamos e andamos aos ziguezagues.

— Agora já passou — repetiu a Fern. — Deixa as coisas assim.

— Não sei...

Mas antes de ter tempo de dizer o que não sabia, que era praticamente tudo, a Fern pegou-me nas mãos e encostou-as à boca, não as beijando, mas segurando-as, encostadas aos lábios, a respiração a roçar-lhes ao de leve. Quando as pousou de novo nas minhas pernas, estavam manchadas com o batom dela.

— Lou — disse-me.

Mas eu estava a olhar para as minhas mãos, para os sussurros vermelhos dos seus lábios.

— O que foi? — disse eu.

— Eles deram-nos vidas novas.

— Mas...

— Vamos viver as nossas vidas novas.

O Odd atendeu o meu telefonema com um «O que aconteceu?».

— Isso é o teu novo olá?

— Ligaste-me para o trabalho.

Eu sabia disso. Não podia esperar pelo dia de folga dele. Estava num veículo autónomo a caminho de casa, vinda da casa da Fern. Consegui ouvir o zumbido do hospital por detrás do Odd, um marulhar constante e agradável; ninguém adivinharia que havia ali pessoas doentes, com dores, até a morrer.

— Antes do meu homicídio... — Fiz uma pausa, à espera de que ele me interrompesse ou me instigasse a passar a frase à frente, como o Silas fazia.

Contudo, ele apenas me incitou:

— Antes do teu homicídio... Sim?

Encostei a testa ao vidro do veículo autónomo por instantes. Foi um alívio ouvir outra pessoa proferir aquelas palavras.

— Nós falámos?

— Como assim?

— Naquele dia. Eu telefonei-te?

— Não. Não, o Silas é que me ligou. Não sabia onde estavas.

— Ele também me disse isso.

— Pois, foi isso que aconteceu.

— O que foi que ele disse?

— Quem? O Silas? Perguntou se eu te tinha visto. Que não estavas em casa. Que não estavas a atender o teu ecrã. Se eu sabia de ti.

— E?

— E eu disse que não.

— Como foi que ele te pareceu?

— Como foi que ele me *pareceu*?

— Sim.

— Preocupado, Louise. Pareceu-me preocupado. — O Odd suspirou

e, por instantes, o ruído do hospital foi abafado pelo barulho da respiração dele. — Percebo que a tua situação deva levantar certas dúvidas sobre como foste...

— Não é isso. Não é uma questão... existencial.

— Então o que é?

E quase lhe disse ali mesmo o que o Edward Early me dissera. Porque o Odd não era a Gert. Nem era a comissão de replicação. Não era o Silas. Ele era meu pai. Conhecia-me desde quando eu mal abria os olhos, conhecia-me desde quando as minhas únicas palavras eram o choro, conhecia-me como eu conhecia a Nova, desde um nível celular, desde o princípio. Se eu precisasse de alguma coisa, ele dar-ma-ia. Eu também sabia isso. Porém, no fim, acabei por não lhe dizer. Não o quis preocupar; foi a mentira que disse a mim mesma. A verdade estava na ligeira pausa que ele fazia agora, sempre, antes de dizer o meu nome. A verdade era que não me viera visitar desde que eu saíra do hospital. A verdade era que andava a evitar-me. Para mim, ele era meu pai. Mas quem era eu para ele?

— Não me recordo desse dia — disse-lhe, em vez disso —, nem de alguns que o antecederam.

— Trata-se de amnésia retrógrada: a perda de memória antes do evento. É um efeito do processo de replicação. Os teus médicos não te explicaram isso?

— Sim, explicaram. Estava só a pensar... Quando foi a última vez que falámos? Antes do meu homicídio, claro.

— Foi no sábado anterior — respondeu sem hesitar. É claro que se recordaria da última vez que falara com a filha antes de esta morrer.

— Eu disse-te que alguém me andava a seguir?

— A seguir-te? Referes-te a *ele*?

— Não sei. Eu não te disse nada do género?

— Não. Nada.

— Mas estava perturbada?

— Por causa de andar alguém a seguir-te?

— Por causa de qualquer coisa. Acho que talvez estivesse perturbada ou preocupada.

— Estás a sentir-te assim agora? Perturbada? Preocupada?

— Não, não. Agora não.

— Está bem — disse ele. — Isso é bom. Está tudo bem.

— Mas naquele momento? Da última vez que falámos?

— Pareceste-me normal.

Senti uma angústia súbita ao ouvir isto. Talvez fosse da entoação com que ele o disse.

— Sobre o que falámos?

— Sobre nada de especial. As coisas do costume.

— Sobre o quê? Diz-me uma coisa que eu tenha dito.

— Vejamos. Disseste-me que a Nova tinha aprendido a abrir e a fechar as mãos.

— Oh! — Mordi o lábio; não queria ter gritado.

— O que foi?

— Gostava de me lembrar de assistir a isso.

Fiquei com os olhos alagados de lágrimas. Ainda tinha a testa encostada ao vidro do veículo autónomo. Se as fosse chorar, estas lágrimas escorreriam diretamente para o vidro. Já alguma vez pensaram sobre como as lágrimas se anulam consoante nos escorrem pela cara, como chorar é precisamente isso, lágrimas a desenrolar-se até não serem coisa alguma?

— Bem — disse o Odd, devagar —, ela ainda o consegue fazer agora, não consegue? A Nova? Consegue abrir e fechar as mãos?

Era o que a Fern dissera por outras palavras: *Vamos viver as nossas vidas novas*.

— Tens razão. Posso vê-la a fazer isso agora.

— Porque não vais fazer isso, Louise? — disse o meu pai. — Porque não vais para casa e a vêes a fazer isso agora?

E eu disse-lhe que o iria fazer. Iria fazer precisamente isso.

Gravidez

Tinha adorado estar grávida. Tinha adorado passar as mãos pela barriga, uma bola, uma semente, um globo cheio de estrias. Ouvira mulheres a falar sobre sentirem o bebé a mexer-se ou a dar pontapés dentro da barriga. Eu? Eu conseguia sentir a Nova com soluços dentro de mim. Conseguia sentir todos os seus pequenos *soluços*.

Está bem, não tinha adorado todas as quarenta semanas de gravidez, não todos os malditos momentos. Não adorara o refluxo nem as veias tumefatas nem o cansaço. Quem poderia adorar essas coisas? Bem, tinha adorado um pouco o cansaço quando causava aquela sensação de estar a flutuar na superfície de alguma coisa, de que eu *era* a superfície de alguma coisa. Eu era o lustro acetinado de um copo de leite; eu era o líquido a tremular na borda do copo, na iminência de transbordar.

Depois transbordei. A Nova nasceu e eu fui levada na maré para alto-mar. Dias mais tarde, dei outra vez à costa, a carga alijada ou os destroços, uma dessas coisas, a que fora a embarcação. Recuperei a consciência dias mais tarde, a rede de amamentar enfiada na cabeça e a Nova agarrada à minha mama gretada. Estava a lutar e, ao mesmo tempo, fora de combate. Sei como isso se chama. Sei que há um nome para isso. Não preciso de o dizer.

Não quero dizer que não a amava, independentemente daquilo que sentia, do que não sentia. Há maneiras diferentes de se amar alguém. Há maneiras.

— **D**evo estar de regresso por volta das quatro — disse à Preeti.

— O mais tardar, às cinco. Caso contrário, o Silas estará aqui às cinco e meia.

Como a rapariga não reagiu a nada disto — estava outra vez absorta com os seus óculos digitais —, disse num tom mais alto:

— Preeti?

Ela estremeceu e voltou à realidade.

— Desculpe.

— Não podes ignorar a Nova dessa maneira, sabes?

— *Nunca* o faria.

Era verdade; não o faria. Às vezes, eu e o Silas espreitávamo-la através do ecrã de parede. De facto, ela era extremosa com a Nova. Andava com a bebé ao colo durante horas a cantar-lhe cantigas disparatadas ao ouvido.

— Desculpe — repetiu. — É que... — Levantou um dedo, como quem diz *só um minuto*, depois levou esse mesmo dedo à haste dos óculos digitais. — Vou perguntar-lhe — disse, a falar com outra pessoa, não comigo —, por isso podes parar de falar disso agora, está bem? Desculpe — repetiu.

— Presumo que estivesses a falar de mim? — aventei.

— Sim, estava. — Ela levou a mão à boca e puxou tanto o lábio inferior que consegui ver a parte húmida e um pedaço das gengivas. Largou o lábio e este voltou ao seu lugar. — Eu e as minhas amigas, bem, estávamos curiosas...

Preparei-me para as perguntas do costume, aquela curiosidade indelicada do género «Como foi ser assassinada?».

— Como é a Angela?

— A Angela?

— A *Angela* — repetiu ela, de forma expressiva.

— Tu e as tuas amigas devem ser fãs do *Early Evening*.

Não sabia bem o que pensar de a Preeti e as suas amigas adolescentes andarem a esquivar-se à faca do Edward Early, mas o jogo não devia ser muito diferente de outros jogos de realidade virtual

que elas jogavam, provavelmente até menos violento.

A Preeti repuxou a boca para o lado.

— Hum, não. Nós não... jogamos. Os jogos são... A senhora sabe.

— Não sei.

— Debilitam a escolha.

— Fazem o quê?

— Desculpe. — Ela levou a mão à face, primeiro a palma, depois as costas, como que a sentir a temperatura da pele. — Estou a preparar-me para os exames, sabe? Por isso, é só ensaios e oratórias de manhã à noite. Às vezes, saem-me palavras assim.

Premiu a haste dos óculos digitais e disse para as amigas:

— Sou eu outra vez. — Fez uma pausa, os olhos a sondar a resposta. Consegui ver as letras pequeninas refletidas nas pupilas. Sempre me fizeram lembrar daquelas velas de aniversário cintilantes.

— Debilitar — disse ela. — Por favor, acrescentem à minha lista.

Baixou a mão e olhou outra vez para mim.

— Estamos a manter um registo. Quem disser mais palavras que saem nos exames durante, tipo, conversas normais, tem de pagar a próxima pizza. Porque, sabe como é, nenhuma de nós quer ser essa mete-nojo.

— Parece divertido — disse eu.

A Preeti encolheu um ombro, como se a minha resposta desajeitada de adulto não merecesse os dois ombros, o que realmente não merecia. Tocou outra vez nos óculos digitais e disse:

— A Kat diz olá.

— A mim?

— Sim, a si.

— Olá à Kat.

— Ela diz olá à Kat. — Os olhos da Preeti desfocaram. — Agora a Janelle também quer dizer olá.

— Se vocês não jogam *Early Evening*, como é que conhecem a Angela?

Ao ouvir estas palavras, a Preeti fez um sorriso de orelha a orelha. Nunca a vira tão sorridente.

— *Toda a gente* conhece a Angela. Ela é, tipo, um modelo a seguir. Eu sei, eu sei o que isto parece, mas estou mesmo a falar a sério. Ela está a renovar-se. Nós também estamos a renovar-nos.

— Estão a renovar-se? Como assim?

— Em relação à maneira como vocês nos criaram.

— Nós? — Levei a mão ao peito.

— Não *vocês*, vocês. *Vocês* no geral. *Vocês*, o mundo.

— Sabes ao que as adolescentes geralmente se referem quando falam em renovação?

— Sei. *Gloss*.

Sorri à espera de receber um sorriso em resposta.

Ela respondeu num tom de voz muito sério:

— Não temos nada contra o *gloss*.

A Fern não estava na sessão. Se estava atrasada, estava *muito* atrasada. Já tinha passado mais de meia hora e ela ainda não aparecera. A Jazz estava a meio de uma longa história acerca da cunhada, sobre como estava sempre a sugerir que ela escrevesse um *bestseller* de revelações sobre o seu homicídio.

— É assim que ela lhe chama — disse a Jazz. — Não um romance ou um livro de memórias, mas um «*bestseller* de revelações». No outro dia, enviou-me uma lista de ideias para o título.

Tinham passado três dias desde que eu fora ao apartamento da Fern. Não tivera mais notícias dela, mas ela também não tivera mais notícias minhas. Mesmo assim, fiquei preocupada. O mais provável era estar só atrasada. Ela chegava sempre atrasada. Eu estava sempre a olhar para a porta, depois a tentar não olhar para a porta.

— Cada ideiazeca que tem é um trocadilho — continuou a Jazz. — *O Corte mais Profundo* ou *O Fio da Navalha*. E todos terminam com o subtítulo *A História de Jasmine Jacobs*. Tipo, *Ferimento Perfurante: A História de Jasmine Jacobs*.

— Isso é fantástico — disse a Lacey. — Ela não quer ser minha cunhada?

— Podes ficar com ela.

Quando me sentara no círculo, no início da sessão, a Lacey brindara-me com um olhar frio e calculista. Eu respondera com um pequeno aceno e ela apertara os lábios em reconhecimento. Estávamos de acordo. Nenhuma de nós aludiria ao meu encontro com o Edward Early aqui no grupo.

— E o que poderás dizer-lhe, se a tua cunhada insistir no assunto? — inquiriu a Gert.

— Ela vai insistir no assunto — disse a Jazz. — Tenho a certeza.

— Então, *quando* o fizer, o que dirás?

— Bem, eu disse-lhe que estou a escrever o livro. Ou melhor, o *bestseller* de revelações.

A Gert ergueu as sobrancelhas.

— E quando o livro não se materializar?

— Alguém teve notícias da Fern? — explodi.

Olharam todas para mim. Interrompera a sessão.

— Lou — disse a Gert —, se queres partilhar alguma coisa com o grupo, podes levantar a mão.

Levantei a mão e, enquanto esta subia, disse:

— Alguém falou com a Fern? — Sondei os membros do grupo: ombros a encolher e cabeças a abanar. Virei-me para a Gert. — Ela

disse-te que não vinha hoje?

— Há algum motivo para estares tão preocupada com a ausência da Fern?

— É que... eu vi-a há alguns dias e... — hesitei.

— Eu vi-a ontem à noite — disse a Angela.

— O quê? — quase gritei. — Onde?

A Angela atirou os cabelos compridos para trás dos ombros, um ombro de cada vez. Passara a usar a roupa que usava no jogo, não exatamente a mesma camisola sem mangas ou as mesmas calças largas de bolsos, mas peças parecidas. Hoje, trazia uma blusa branca, justa, e umas calças de bolsos quadrados. Se o comportamento era um pouco ofensivo, também lhe conferia poder. Anunciara no início da sessão que dissera ao ex-namorado para parar de a seguir; quando ele fizera ouvidos moucos, ela rodara sobre os calcanhares no passeio e começara a caminhar na sua direção. Perplexo, ele começara a recuar e ela seguira-o por dois, três quarteirões até ele começar a fugir dela. Eu dissera a mim mesma para contar o sucedido à Fern mais tarde; ela iria adorar uma história assim, talvez até adorasse o facto de a protagonista ser a Angela.

— Vi-a no parque — informou a Angela, referindo-se à Fern.

— Que parque?

Ela alisou uma madeixa de cabelo que ficara presa num dos seus brincos de argola.

— Sabes, o parque. O *nosso* parque.

Olharam todas para mim e eu não soube para onde olhar. *O nosso parque*. Estava a referir-se ao parque onde eu e ela fôramos assassinadas. O que estaria a Fern lá a fazer? E depois fiz a mim mesma a pergunta que se impunha: o que estaria a Fern lá a fazer depois de me dizer para deixar de fazer perguntas sobre o meu homicídio?

— Estava a fazer o quê?

A Angela encolheu os ombros.

— Estava lá.

— A Fern estava só lá. No parque. De noite — repetiu a Lacey, cética.

— Espera. Referes-te ao jogo? — indagou a Jazz, e tudo mudou de figura. — Tu viste a Fern no parque no *Early Evening*?

— Sim, no *parque* — disse a Angela, como se fosse óbvio. — Vi-a lá todas as noites desta semana.

— Todas as noites desde quando? — perguntei.

— Desde... sábado.

Sábado. O dia em que nós visitámos o Edward Early.

— Falaste com ela?

— Falar? Não. As pessoas não me deixam parar.

Ao dizer «pessoas», referia-se aos seus fãs, as centenas de jogadores que se reuniam a uma hora e num lugar combinados no *Early Evening* para cercar a Angela enquanto ela jogava. Atuavam como um escudo humano, uma dúzia de camadas de Angelas, de forma que quem estava a jogar na personagem do Edward Early não conseguisse chegar à verdadeira. Pelos vistos, era considerado um grande feito matar a verdadeira Angela no jogo.

— Hummm — zumbiu a Lacey. — Como é que sabes que era a Fern? Ela não seria igual — apontou para a Angela — a ti?

— Sim, mas era ela.

— Se clicarmos num jogador, podemos visualizar a respetiva informação — explicou a Jazz.

Lembrei-me da luva do sistema de realidade virtual na mão da Fern quando ela me abrira a porta. Dissera que era para um grupo de estudo, que não lera aquilo que deveria ter lido. Mas não era a primeira vez que mentia.

— Meninas — disse a Gert —, tenho de perguntar: será justo estarmos a falar da Fern quando ela não está presente?

— Ela parecia estar à espera de alguém — continuou a Angela, ignorando-a completamente.

— Queres dizer, à espera de que o Early a fosse matar? — disse a Lacey com veemência.

— Não era isso. É um espaço virtual — explicou a Angela, puxando uma madeixa de cabelo, com força, como se a fosse arrancar da cabeça —, as pessoas encontram-se lá.

— E ela estava no parque? — perguntei.

— Como eu disse. No trilho.

As outras olharam para mim e depois baixaram a cabeça.

Que trilho? Não era preciso perguntar e a Angela não precisava de responder. Todas as noites desde que o Edward Early nos dissera que não me matara, a Fern entrara no jogo e esperara no trilho onde eu fora assassinada.

A Fern não estava a responder às minhas mensagens, por isso fui diretamente do grupo das sobreviventes para o prédio dela, onde, com a minha agitação, me perdi imediatamente na colmeia de corredores iguais. Por fim, dei com a porta dela. Ou assim pensei, mas, quando bati, quem atendeu foi uma mulher que não era a Fern. Estava de pijama, o qual tinha minúsculas nuvens felpudas cosidas, e o cabelo apanhado em dois puxos, um de cada lado da cabeça.

— Sim? — disse, com brusquidão.

— Oh! Desculpe — disse eu.

— Desculpe porquê?

— Por acordá-la.

— Não estava a dormir. — Ela encolheu o queixo. — Estamos a meio da tarde.

— Pois. Mas pensei... — Olhei de relance para o pijama dela.

— É o meu dia de folga. Gosto de estar confortável.

— Enganei-me na porta — admiti.

— Este prédio é um autêntico labirinto — disse ela.

— Mas talvez tenha visto uma vizinha, uma mulher, de cabelos compridos e escuros, bonita?

A mulher franziu o cenho e respondeu:

— Acabei de me mudar.

Forcei um sorriso.

— Desculpe mais uma vez. Pelo incómodo.

— De facto, incomodou, mas não faz mal. Boa sorte para encontrar a sua... seja lá quem for. — Começou a fechar a porta, mas antes de ter tempo de a fechar, passou um gato amarelo a correr. — Bolas! Pode apanhá-lo?

Eu já o tinha apanhado. Agarrara-o instintivamente.

— *Spoon!* — exclamei. — É o gato dela — disse à mulher. — Da pessoa que ando à procura. A minha amiga.

A mulher recebeu o gato a espernear das minhas mãos.

— Nesse caso, bateu à porta certa. O gato estava incluído no apartamento.

— Não compreendo.

— É um subarrendamento. O gato pertencia à inquilina original. Ela teve de partir à pressa. A empresa de gestão de condomínios perguntou se eu me importava de cuidar do gato. E não. Não me importei. Muito. — Abriu a porta para eu poder ver o interior. — É a casa da sua amiga?

A cama da Fern continuava no meio da sala, mas agora muito bem feita. O resto da tralha fora afastada para os lados de forma a arranjar espaço para as caixas meio por desembalar da mulher. Assenti.

— Suponho que ela não lhe tenha dito que se ia mudar. Como lhe disse, foi à pressa. Deixou ficar as merdas todas. Também deixou o gato. Mas ele é fixe. — Encostou a testa à dele. — Como foi que lhe chamou?

— *Spoon.*

— Como o talher?

— É o nome dele.

— Estranho.

— Pois, é uma espécie de piada privada.

— Não é isso. Estranho porque ela deixou instruções para o alimentar e tudo. — A mulher encolheu os ombros. — Disse que ele se chamava *Lou*.

A caminho de casa, enviei outra mensagem à Fern.

Fui ao teu apartamento. Está lá a viver outra pessoa
Onde estás?
Estás bem?

Ela não respondeu. Senti que estava a atirar pedras para um lago, cada uma a ser absorvida pela água sem formar qualquer ondulação.

Porque é que a Fern se fora embora? Porque dissera que o nome do gato era o meu? Precisava de falar com alguém, mas não tinha com quem falar. Podia falar com a Lacey, só que não, porque ela estava convencida de que o Silas me tinha assassinado. Podia falar com o Silas, só que não, porque andara a mentir-lhe. Podia falar com a Fern, só que não, porque ela se tinha ido embora. E não conseguia deixar de sentir que se fora embora por minha causa.

O veículo autónomo atravessou a tarde; faixas de sombra e sol deslizaram pela minha cara. Finalmente, a neve suja e meio derretida dera lugar à lama, e pairava no ar um cheiro argiloso, uma mescla de decomposição orgânica e amadurecimento, enquanto as coisas do inverno viravam as barrigas inchadas para o céu. Era primavera; em breve, seria verão. Já se conseguia ver os pequenos nós nas árvores, os rebentos duros e verdes cujos crânios explodiriam formando florações coaguladas. Fui inundada por uma calma súbita, uma certeza silenciosa, firme e ensolarada de que iria ficar tudo bem. A minha outra eu podia ter morrido, mas eu estava aqui agora. Eu estava aqui.

Mas depois o veículo autónomo virou para a minha rua e vi uma ambulância e dois carros da polícia à frente da minha casa. O Silas estava no relvado a falar com um agente. Estava de costas para mim, pelo que não consegui ver os braços dele, logo, não consegui ver se tinha a bebé ao colo. Não consegui ver a bebé de todo. Gritei para o veículo autónomo parar, embora ainda estivesse a meio quarteirão de distância. Não interessava. Eu já estava fora do carro e a correr pela rua abaixo, os meus pés, a minha respiração, o sangue nos ouvidos, todo o meu ser a bater pela Nova pela Nova pela Nova.

Partir

Tive uma amiga cujo namorado relatava pormenorizadamente todos os sonhos que tivera na noite anterior. Todos os corredores que se dobravam sobre si mesmos, todos os sabonetes que não faziam espuma, todos os gatos vadios com a cara da mãe, ele contava-lhe tudo. Assim que ela abria os olhos, ele apoiava-se sobre um cotovelo e começava naquilo. Era a sua versão de «Bom dia». Ela pensara que talvez o suportasse se ele não sonhasse tanto. Tinha, pelo menos, quatro sonhos por noite, às vezes seis. Demorava uma eternidade a ouvi-los todos, até a cafeteira ficar vazia.

A minha amiga começou a embebedar o namorado à noite, na esperança de que ele caísse num sono profundo e sem sonhos. Porém, mesmo assim, ele sonhava, e, na manhã seguinte, descrevia-os sob a testa enrugada da ressaca. Depois, tentou misturar comprimidos para as constipações no chá que ele tomava antes de dormir, o que apenas tornou os sonhos mais brumosos e o relato mais lento e fastidioso. Certa noite, enquanto ele dormia, ela, em desespero, segurou a almofada por cima da cara dele, apenas por um momento. Apenas por um momento, disse ela. Porém, isso só fez com que ele sonhasse com nuvens. Pela manhã, descreveu-lhe as formas que estas criavam no céu.

No fim, não tendo mais nada para tentar, deixou-o. Deu-lhe um beijo de boas-noites e, assim que ele adormeceu, saiu pela porta em bicos de pés. Mudou de número de telefone, de apartamento, de emprego e de amigos; tudo para que ele não a conseguisse encontrar. Disse que não estava zangada com ele. Não teve a intenção de o magoar. Disse-me que aquilo foi a coisa mais amável que lhe ocorreu fazer por ele, transformar-se numa pessoa dos sonhos dele, alguém que desaparecera com o romper da aurora.

Decorridos segundos que mais pareceram anos, o Silas virou-se para mim e, como um exalar, como um bater do coração, lá estava a Nova nos braços dele. Tinha uma expressão animada e os pés a bater na barriga dele. Ao vê-la, escapou-me um degrau e tropecei, mas não caí de joelhos como me apeteceu fazer. Estava tudo bem. Ela estava bem. Eu podia abrandar e percorrer a distância que faltava a caminhar e pegar na minha bebé ao colo.

Toda a gente no relvado me olhava de uma maneira que me levava a crer que eu estivera a gritar enquanto ia a correr. Talvez estivesse. Há um ano, se visse uma mulher a correr atabalhoadamente pela rua abaixo a guinchar pela filha, teria pensado em algo vago como «um amor de mãe», mas não teria compreendido. Há um ano, não saberia como a bebé se tinha alimentado da minha carne e do meu leite, se tinha alimentado da pessoa que sou; como ela era feita de mim, como o seu rosto era meu nos seus lampejos, era do Silas nas suas pregas. Ela era eu e era ele e, num capricho do destino, era ela própria. Além disso, eu jurara protegê-la.

O veículo autónomo que me transportara ainda estava parado no meio da rua, de porta escancarada. Um socorrista foi fechá-la e o veículo seguiu o seu caminho. O Silas entrepôs-se entre mim e os outros, impedindo-me de os ver e impedindo-os a eles de me verem a mim.

— Está tudo bem — dizia ininterruptamente em relação a alguma coisa. Alguma coisa estava bem: a bebé ou eu ou tudo. *Tudo*, decidi. *Está tudo bem*, enquanto passava as mãos pela cabeça da Nova, a sua bendita cabeça intacta.

— Esteve aqui um intruso — explicou-me um dos agentes, como quem diz *estivemos a jantar* ou *esteve a chover*. Não havia feridos. Nada fora roubado. O intruso entrara e saíra pela janela do quarto. O agente olhou-me expressivamente. Eu pensara que a janela estava fechada; foi o que lhe disse. Ele explicou-me que havia *drones* a sobrevoar o bairro, à procura de... alguém. A *babysitter* não fora capaz de fazer uma descrição.

A *babysitter*. A Preeti. Como é que eu me esquecera da Preeti?

A rapariga também estava ali fora. Eu não a vira porque ela estava afastada, com outro agente, à sombra da bétula do vizinho. Estava de frente para o tronco da árvore, a arrancar pedaços da casca. Tinha o cabelo a tapar-lhe a cara.

Fui ter com ela, apesar de o agente ainda estar a falar comigo. Afinal de contas, a Preeti era uma criança. Alguém devia ver como ela estava. Alguém devia afastar-lhe o cabelo da frente dos olhos e dizer-lhe que estava tudo bem. Porque é que ninguém estava a afastar-lhe o cabelo da frente dos olhos? Atrás de mim, ouvi o Silas a dizer alguma coisa ao agente e a seguir-me.

A Preeti estava a fitar a árvore como se fosse um objeto extremamente interessante. Desaparecera aquele seu comportamento mordaz, a fala arrastada e hostil, o nariz arrebitado. Os seus olhos eram enormes por debaixo da franja, sem pestanejar uma única vez e depois a pestanejar muito em rápida sucessão, como se ela não estivesse a ver nada e depois a ver tudo ao mesmo tempo. Onde estavam os seus adorados óculos digitais novos? Algures, mas não na sua cara.

— Preeti — disse eu —, onde estão os teus óculos?

— Não podemos falar com ela enquanto não estiver presente um dos pais ou um tutor — informou o agente que estava com a Preeti.

— Talvez *o senhor* não possa — disse eu.

O agente fez um ruído de frustração, mas não me tentou impedir quando passei por ele. A Preeti estava ocupada com uma lasca de bétula nas mãos, a desfazê-la em pedaços. Deve ter-me ouvido a aproximar, mas só levantou a cabeça quando cheguei mesmo ao pé dela. Estava com ar de quem poderia desatar a fugir ao ver-me.

— É a senhora — disse-me num tom baixo e infelicíssimo.

— Sou eu — assenti. — Estou aqui agora. Está tudo bem. — Pousei a bebé numa anca de forma a ficar com uma mão livre, a qual levantei. — A tua franja. Posso?

Depois de ponderar um pouco, a Preeti assentiu com a cabeça e eu afastei-lhe a franja dos olhos. Ela estremeceu e afastou a mão da árvore.

— Estiveste bem — disse-lhe. — Foi assustador. Foste corajosa.

Era o que eu teria gostado que alguém me dissesse se fosse uma rapariga na mesma situação. Que raios, era o que teria gostado que me dissessem neste momento, sendo uma mulher na situação em que me encontrava, o que gostaria que me dissessem a toda a hora.

— E continuas a ser corajosa — acrescentou o Silas.

Ele acenou com a cabeça daquela forma que lhe era peculiar, como se conseguisse arrancar-nos a nossa concordância com um aceno de cabeça, convencer o nosso queixo a sacudir em consonância com o

dele. Eu detestava quando ele me fazia isso. Mas com a Preeti resultou. Ela começou também a acenar com a cabeça, com movimentos curtos e rápidos.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Ela ouviu um barulho nas traseiras da casa — informou o Silas.

— Não foi, Preeti?

— Ouvi um barulho — repetiu a Preeti. — Foi na cozinha.

— Meus senhores — disse o agente —, se pudermos esperar até estar presente um dos pais ou um tutor...

Mas agora que a Preeti começara a falar, parecia que não se iria calar.

— Pensei que era a Nova — esclareceu a rapariga. — Sabem como às vezes ela não quer fazer a sesta? Por isso eu disse: «Quem está a ser marota?» Não foi a ralar, apenas na brincadeira. — Olhou de relance para mim. — Eu não lhe chamaria *mesmo* marota.

— Eu sei que não — tranquilizei-a.

— Foi então que ouvi os passos. A Nova não... Quero dizer, ela nem sequer sabe andar. Foi quando percebi que estava mais alguém em casa. — Voltou os olhos para o Silas, que ainda estava a lançar-lhe os seus acenos de cabeça. — Por isso, disse: «Quem está aí?» Como ninguém respondeu, liguei para número de emergência. O operador disse para eu sair da casa, mas...

— Mas a Nova — disse eu, sentindo uma volta no estômago. A Nova estivera nas traseiras da casa *com o intruso*. A bebé choramingou como que a enfatizar este mesmo facto, mas era apenas a queixar-se por eu estar a apertá-la com demasiada força.

— Eu não a podia deixar — disse a Preeti.

— E não deixaste — disse o Silas. — Foste buscá-la. E o intruso fugiu.

— Pelo corredor.

A rapariga estava outra vez a mexer na árvore. Puxou outra lasca do tronco, desta vez uma comprida e enroscada. Olhei de relance para a janela para ver se os vizinhos estavam a assistir à tortura imposta à sua árvore. Acenei-lhes, sentindo-me ridícula; eles afastaram-se da janela e fecharam as cortinas.

— Então, viste-o? — perguntei à Preeti. — No corredor? Quem era ele?

— Talvez seja melhor não falarmos disso agora — disse o Silas.

— Sim. Por favor, não falem mais com ela — insistiu o agente.

— Não vi — disse ela. — Não vi nada. Não propriamente. Um vulto. Quero dizer, não sei. — Estava a falar num timbre monocórdico e distante, como alguém a falar durante o sono. *Em choque*, pensei. É assim que soa alguém que está em choque.

— E depois telefonou-me — disse o Silas. — Não foi, Preeti?

Cheguei aqui pouco antes da polícia. O intruso já tinha desaparecido há muito.

O intruso. Ocorreu-me então uma coisa, uma possibilidade que se abriu debaixo de mim como se me tivessem tirado o chão de debaixo dos pés, como os ossos a desaparecer-me do corpo, como o monstro a soprar para a minha cara o seu hálito quente a cheirar a sangue. *Ele*. O intruso podia ser ele. O meu assassino. E depois ocorreu-me outra coisa, ainda pior.

— Ele fugiu pelo corredor — repeti. — Foi isso que disseste?

A Preeti sussurrou um sim quase impercetível.

— Isso quer dizer que estive no quarto da Nova.

— Não sabemos isso — disse o Silas.

— O que é que lhe estaria a fazer?

O Silas pareceu momentaneamente alarmado.

— Isso... não. A bebé está bem. Olha.

— Há pessoas que raptam bebés — disse eu.

— Meus senhores — interveio o agente outra vez.

Ao mesmo tempo, a Preeti estava a dizer:

— Acho que ela não veio raptar a Nova.

Demorei algum tempo a perceber o que a rapariga dissera. Virei-me para ela e ela encostou-se à árvore.

— *Ela?* — repeti.

— Lou — o Silas tocou-me no braço.

— A Preeti disse «ela» — afirmei. — Tu disseste «ela» — exclamei, dirigindo-me à Preeti. — Foi uma mulher que tu viste? A fugir pelo corredor, poderia ser uma mulher?

— Eu não... Na verdade... — balbuciou a Preeti.

— Vamos com calma — disse o Silas.

— Uma mulher um pouco parecida comigo?

A rapariga fitou-me, os olhos jovens, sem o brilho dos óculos digitais a protegê-los. Devagar, começou a anuir outra vez com a cabeça.

— Sim — acabou por dizer. — Acho que foi uma mulher. — Virou-se para o agente. — Foi uma mulher.

Eu teria levantado a outra mão para tapar a boca, mas ainda tinha a bebé ao colo. Assim, em vez disso, enterrei a cara no cocuruto da cabeça dela.

— Lou? — Senti a mão do Silas no ombro. — O que se passa?

Levantei a cabeça e reparei que ele... todos eles estavam a observar-me com atenção, preocupados.

— O intruso — disse eu. — Sei quem é.

Nesse final de tarde, depois de todos se irem embora, percorri as divisões da minha casa, do meu lar. Fora a Fern quem deambulara por

estas mesmas divisões horas antes; percorrera o corredor, entrara no quarto e saíra pela janela. Os agentes da polícia tinham ouvido com paciência enquanto eu explicara que tinha uma amiga que desaparecera de repente, que essa mesma amiga sabia que eu não estaria em casa, mas sim no grupo de apoio ao qual ambas pertencíamos, ao qual ela própria não comparecera. Deu para perceber que não acreditavam em mim; percebi-o pela dureza dos cantos das suas bocas, pelos olhares de relance que não conseguiram deixar de trocar. Não era novidade não acreditarem em mim, não era novidade nenhuma. Talvez tivessem acreditado em mim se eu pudesse explicar o *porquê* de a Fern ter invadido a minha casa, se pudesse indicar algum ato que estava a cometer, um objeto que estava a roubar.

Contudo, não podia dizer-lhes o que ela roubara. Nem sequer sabia como ela soubera que estava ali. Depois de todos irem embora, abri a porta do armário. Não havia nada ao fundo. O meu saco de lona verde desaparecera.

Fiquei de pé defronte do armário, o saco desaparecido, a bebé ao colo. A Fern também estivera ali. Exatamente no sítio onde eu estava. Olhei fixamente para a Nova e ela devolveu-me o olhar. Esticou o braço para o espaço por cima do meu ombro, onde outrora estivera o meu cabelo comprido.

— Nova — disse eu, balouçando-a. — Nova, Nova.

E a pequena pessoa que eu tinha nos braços emitiu um pequeno som. Expandi a caixa torácica de surpresa e espanto, expandi-a com amor, até pensar que a poderia partir e então deixaria de se chamar caixa.

Repeti o nome dela e a Nova emitiu aquele som outra vez.

Quase chamei o Silas, mas decidi não o fazer. Quis guardar aquilo para mim, por uma noite, por agora. Amanhã dir-lhe-ia que a bebé aprendera o seu próprio nome.

Ficar

Sempre tive jeito para ficar até ao fim. É uma coisa para a qual tenho jeito.

Fico até ao fim dos filmes a ver os créditos, até ao último maquilhador e técnico de imagem. Penso que, no lugar deles, gostaria que pelo menos uma pessoa visse o meu nome.

Sou sempre a última a ir-me embora das festas. De facto, sou conhecida entre os amigos e conhecidos por ajudar a lavar a louça, por secar os pratos com delicados círculos, por perguntar onde se guardam os copos. Sento-me com a cadela da família a afagar-lhe as orelhas até ela se saturar e ir para a sua cama.

Sempre fui assim. Quando era pequena, queria ficar em casa. Não podia ir dormir a casa de amigas. Desatava a chorar e era preciso chamar um dos meus pais para me ir buscar, remelento e a fazer um esforço para não parecer chateado, de casaco por cima do pijama.

Uma criança a chorar para voltar para casa durante uma dormida em casa de uma amiga não é caso único; eu, porém, não chorava porque a casa da minha amiga tinha um cheiro esquisito ou porque não conseguia adormecer numa cama estranha. Chorava porque estava convencida de que os meus pais se esqueceriam de mim, que depois de uma noite passada fora de casa, o seu amor iria esmorecer e esfumar-se. Imaginava-me a regressar a casa no dia seguinte e a ver os dois a entreolhar-se e a dizer: «Quem é aquela que está a bater à porta?»

— **A**s vezes, fico aqui sentada, só a ver — disse-me a Jasmine.

— Se não me apetecer, sabes, *ação*.

«Aqui» era o pórtico de um prédio de apartamentos, algures no mundo do *Early Evening*. «Pórtico» não é a palavra mais indicada; na verdade, era uma espécie de passagem, um esconderijo estreito num bloco de apartamentos, tornado ainda mais estreito pelas colunas de ambos os lados da porta. A mim, parecia-me um bom sítio para uma pessoa ficar encurralada, mas a Jazz disse que o utilizava como esconderijo. Sentou-se com facilidade, de pernas cruzadas, atrás de uma coluna. Eu sentei-me do outro lado, atrás da outra coluna.

Aqui, ela não tinha a aparência da Jasmine. Tinha a aparência da Angela, mas eu também. Estávamos as duas a usar as peles da Angela, o decote pronunciado, os rabos de cavalo a esvoaçar nas costas. Se a ideia do avatar era fazer-me sentir durona, não estava a resultar. Sentia-me fina como uma demão de tinta na parede de um prédio, a ideia que outra pessoa tinha de uma heroína dos filmes, um esboço que facilmente poderia ser apagado.

— Melhoraram as coisas por aqui — disse eu, seguindo o padrão de trevos verdes e dourados aplicado no degrau no qual estava sentada.

— Sim, arranjaram programadores há dias. Espera só até seres esfaqueada. Criaram todos os pormenores até ao osso. — A Jazz coçou o interior do braço da sua Angela magricela como que para demonstrar, mas as unhas não deixaram marcas. — E olha para isto. — Inclinou-se para mim, tocando no lóbulo da orelha; tinha uma série de furos.

— Eh, lá! Orelhas furadas.

— Foi ideia da Angela. Verosimilhança, diz ela.

— Espanta-me que conheça essa palavra.

A Jazz lançou-me um olhar sarcástico.

— A palavra-chave é *monetizar*. Podem comprar-se argolas para pôr aqui. — Tocou outra vez nos furos. — Mas ninguém faz isso porque os Edwards agarram-nas e arrancam-nas.

— E deixa-me adivinhar: o sangue fica a secar no nosso pescoço?

— Fica — disse a Jazz, bufando com desdém. — É fácil troçar da Angela — continuou, passado algum tempo. — Ela não é o que aparenta.

Fiquei inquieta com o crescer da sensação de vergonha e de ficar na defensiva.

— E agora todas temos a aparência dela — respondi, de modo frívolo.

Na rua, passavam Angelas com passos rápidos e a espreitar nervosamente por cima do ombro. De vez em quando, passava um Edward a trotar de faca em riste. Como é que se podia chamar entretenimento a isto? Quem é que entraria neste mundo para matar ou ser morto? Para esfaquear ou fugir? Porém, eu entrara. Entrara neste mundo.

Em minha casa, deitara-me na cama de olhos fechados até ouvir um ressonar tão frágil como o fumo a vir do lado do Silas. Depois, deslizara de debaixo dos cobertores e caminhara até à despensa da cozinha, tirando o capacete e as luvas da prateleira com cuidado para não fazer barulho. Colocara-os e iniciara a sessão.

Olhando à hora avançada, havia um número surpreendente de jogadores no *Early Evening*. Primeiro, dirigira-me ao parque. Ficara na orla da relva, o banco de jardim onde a Angela fora assassinada como uma sombra espalmada no relvado, o trilho de corrida por detrás a desaparecer no meio das árvores. Fora aqui que a Angela vira a Fern. Eu sabia que era onde deveria ir procurar, mas não tive coragem de entrar para o parque, nem meter lá um pé. Em vez disso, deambulava pelos bairros da cidade, esquivando-me aos Edwards e às suas facas, seguindo as Angelas, como se eu própria fosse o Edward. Clicara em todas as cabeças, em todos os perfis, à procura do nome da Fern. Com um dos cliques, vira o nome da Jasmine a pairar por cima da cabeça de uma Angela numa aura espinhosa.

— Coincidência encontrar-te aqui — dissera.

— Nem por isso — retorquira a Jasmine. — Venho aqui muitas vezes.

A Jazz era diferente no jogo. Não era só por estar a usar a pele da Angela — o seu corpo baixo e roliço alongava-se, os cabelos raiados de branco eram ruivos, a cara redonda, de óculos, refundia na Angela umas pequenas feições de ganso. Não era, no entanto, só o seu aspeto; era a sua postura, a forma como inclinava a cabeça, como se estivesse a avaliar as coisas, a forma como articulava as frases em vez de as deixar enrolarem-se, a forma como balouçava os ombros e estalava os dedos e mantinha o olhar atento na estrada. Porém, não se pode perguntar a uma pessoa se mudou. Não se pode perguntar isso. Assim, em vez disso, eu disse:

— Os teus pesadelos estão... Quero dizer, como estão eles?

— Como estão os meus pesadelos? — repetiu ela. — Estão bons. O mais velho anda a candidatar-se a universidades. O mais novo entrou para uma equipa de *t-ball*.

Ruborizei.

— Desculpa. Foi uma pergunta estúpida.

— Não, não — disse ela. — Podes perguntar. Agora são... menos.

— Por jogares?

Ela olhou fixamente para a estrada e encolheu os ombros.

— O jogo. O grupo. O tempo. Quem sabe?

— Mas gostas de vir aqui.

— Gostar? Não sei se é gostar. Isto acalma-me. — Torceu a boca para um lado e encolheu os ombros. — Talvez não devesse acalmar, mas a verdade é que acalma. Além disso, aprendi a não questionar as coisas que me ajudam.

— Costumas encontrar alguma das outras aqui?

A Jazz encostou-se ao edifício.

— Apenas a Angela. No meio da multidão que a venera.

— São muitos? Os fãs?

— Dezenas.

— A minha *babysitter* é uma delas.

— Mas não vi a Fern. É isso que estás a perguntar, não é?

— Eu... Sim. Preciso de falar com ela.

A Jazz começou a dizer mais alguma coisa, mas depois calou-se e encostou um dedo ao lábio. Recuou para as trevas da entrada e gesticulou para eu fazer o mesmo. Um segundo depois, passou um Edward, mesmo à frente da entrada, a brandir a faca. Se virasse a cabeça, ver-nos-ia ali, fracamente escondidas na penumbra, à mão de semear.

Ao contrário da pele da Angela, que tinha pormenores até aos furos nas orelhas, a pele do Edward Early não era uma réplica do verdadeiro. O assassino em série do jogo tinha a mesma estrutura esgalgada e as pestanas pretas do Early de carne e osso, mas os *designers* tinham-lhe dado braços musculosos e um queixo anguloso. Suponho que assim teria um ar mais assustador. Eu achei que era mais assustador com o seu aspeto real, como uma pessoa comum, qualquer pessoa.

Do seu lado do pórtico, a Jasmine levantou mais dois dedos, que se juntaram ao que já estava encostado aos lábios. Baixou-os um de cada vez, numa contagem decrescente. Quando terminou, o Edward desaparecera.

— Então, vieste aqui procurar a Fern — instigou-me.

— Ela mudou-se. Não responde às minhas mensagens. E esta tarde entrou à socapa em minha casa, enquanto eu estava com o grupo.

A Jazz assobiou por entre os dentes da frente.

— Eu sei. É... — Embora não soubesse o que era.

— Discutiram?

— Não é isso.

— Um caso amoroso?

— Também não. — Inclinei a cabeça para cima. Havia uma fissura a serpentear pelo teto da alcova, dando a entender que bastaria um pequeno safanão para todo o edifício desabar sobre nós. — A Fern descobriu uma coisa sobre mim. E agora não fala comigo.

— Deve ter-te magoado — disse a Jazz.

Estive quase para protestar e dizer que não me magoara; estava à procura de respostas, apenas isso. Porém, acabei por dizer:

— Julguei que ela era minha amiga.

— E a Angela viu-a aqui, por isso agora andas à procura dela aqui. Presumo que já tenhas procurado no parque.

— Passei lá perto. Não... Não consegui entrar.

Antes de ter tempo de explicar que sabia que não fazia sentido, que fora ao parque real, na vida real, que sabia que isto era apenas um jogo, antes de ter tempo de dizer qualquer uma dessas coisas, um Edward assomou de detrás da minha coluna. Tinha os olhos cintilantes, a faca empunhada. Quando olhei para a lâmina desde este ângulo, levantada por cima da minha cabeça, não pareceu uma lâmina, mas antes uma linha a findar num ponto. Abri a boca.

Porém, antes de ter tempo de gritar, a Jazz suspirou e levantou-se. Esticou-se por cima da minha cabeça para agarrar o punho do Edward, o que segurava a faca, e torceu-o. O braço dele estalou. Ele gritou de espanto e largou a faca. A Jazz baixou-se e, com a outra mão, agarrou a faca antes de esta cair ao chão. Largou-lhe o punho e agarrou-lhe uma mão-cheia de cabelos, puxando-lhe a cabeça para trás e deixando o pescoço à vista. Passou-lhe a faca pela garganta. O sangue espirrou contra a porta e correu-lhe pelo peito. Um lampejo de medo percorreu os seus olhos, antes de perderem todo o brilho, como moedas lançadas ao ar e caídas. A Jazz esticou os braços e abriu as mãos, largando aquilo que estava a segurar. A faca ressaltou até à rua; o Edward caiu inerte aos seus pés. Morto.

Ela virou-se para mim, limpando as mãos às calças largas, embora as mãos fossem a única coisa nela que não estava suja. Todo o resto do seu corpo estava salpicado de sangue.

— Jazz — disse eu, ofegante. — Meu Deus.

— Queres que vá contigo ao parque?

A caminho do parque, a Jazz despachou Edward atrás de Edward. Matou-os com eficiência, mecanicamente. À medida que os seus corpos caíam, imaginei os jogadores que os comandavam, rapazes e

homens do outro lado da realidade, a gritarem obscenidades e a atirarem os capacetes para o chão. Depois de muitas mortes, chegámos finalmente à orla do parque. O trilho ondeava à nossa frente, cinza-claro sob o luar, como que feito de conchas ou ossos esmagados. Respirei fundo, endireitei os ombros e entrei para o caminho.

Enquanto caminhávamos, o saibro rangia sob os nossos pés, outro novo efeito que fora criado. Pelo caminho, a Jazz pontapeara um dos Edwards na cara, fazendo-lhe voar um dente da boca, o qual me deixara um arranhão na bochecha. Eu encontrara-o no chão e apanhara-o, examinara as reentrâncias e os bicos. Uma violência tão pmenorizada.

Atravessámos os relvados do parque, sozinhas. Porém, assim que entrámos para o bosque, um Edward saiu de detrás de uma árvore. Começou a levantar a faca, mas a Jazz arrancou-lha da mão e espetou-lha na barriga. Ele caiu por terra. Passado um instante, o corpo tremulou e desapareceu. Metera-se no caminho à nossa frente; fora esse o seu erro. Devia ter esperado até depois de passarmos e agido nas nossas costas, como o Edward Early me fizera. Ou alguém me fizera.

Quando vi a ladeira à nossa frente, a ladeira onde ele me esfaqueara, comecei a correr para lá. Senti um formigueiro nas palmas das mãos e nas bochechas. O meu primeiro pensamento foi que seria uma anomalia nas minhas luvas e no capacete, mas não, era apenas eu, apenas o meu medo. Subi a ladeira a correr. Eu não estava nesta ladeira, não estava neste bosque, disse para com os meus botões enquanto corria. Era uma mulher na sua cozinha, na sua despensa, a levantar os joelhos bem alto, a correr sem sair do sítio. Quando cheguei ao cume, prostrei-me.

A Jazz também chegou ao cimo. Dobrou-se sobre si mesma, as mãos apoiadas nos joelhos, a recuperar o fôlego.

— Ela não está aqui — disse eu.

— Podemos esperar — propôs a Jazz.

Então, esperámos. Agachei-me ao lado de uma árvore enquanto a Jazz caminhava de um lado para o outro.

— Os desconhecidos costumavam confundir-me com ela — disse eu no silêncio —, com a Fern. Depois do homicídio dela, antes do meu.

A Jazz parou de caminhar e encolheu os ombros.

— Nunca reparei nas parecenças.

— Naquela época, pensei: *E se ele me mata a seguir? E se me mata por eu ser parecida com ela?*

— Achas que foi isso que aconteceu?

Ponderei sobre a pergunta. Mesmo que não tivesse sido o Edward Early a assassinar-me, poderia ter sido isso que acontecera, um

imitador, uma vítima inspirada noutra.

— Não — concluí, baixinho. — Acho que foi apenas azar.

— Azar. — A Jazz bufou de raiva. — Sabes o que eu costumava pensar? Quando vi aquelas raparigas pela primeira vez nos noticiários, aqueles rostos sorridentes? Pensei: *Já estás velha demais para isso, graças a Deus. Graças a Deus que não és uma jovem bonita.*

— Obrigada por vires comigo — disse eu.

— Tornou a minha noite interessante.

Levantei-me.

— Podemos ir.

— Não queres esperar mais um pouco?

— Acho que ela não vem. Quando a Angela disse que viu a Fern aqui, pensei...

— Pensaste o quê?

— Não. Nada. Estava equivocada.

— Vá lá, diz. O que foi que pensaste?

— Pensei que ela estava aqui à minha espera.

Infelicidade

É difícil descrever o que senti, mas vou tentar.

Senti-me como o eco em vez do som. Senti-me como o folhelho em vez da espiga, a terra em vez da raiz. Senti-me encharcada. Senti-me imunda. Senti que estava a espreitar por cima do ombro. Não senti nada de especial.

A tristeza era uma coisa. Podia ultrapassá-la. Dormir, conseguia fazê-lo com bastante facilidade, horas e horas de sono, sonhos como um pântano, enlameados, esquecidos. Acordar, também o conseguia fazer. Consequia levantar-me e meter-me debaixo do chuveiro. Consequia puxar o pente pelos nós do cabelo molhado. Consequia enfiar os braços pelas mangas de uma camisa, primeiro um, depois o outro. Consequia pôr comida na boca, conseguia mastigar, conseguia engolir. Consequia levantar essa mesma boca quando o Silas parava para se despedir com um beijo. Consequia oferecer os meus lábios.

E a bebé. Consequia tratar da bebé, conseguia trocar a fralda à bebé, conseguia pegar na bebé ao colo, embalá-la. Não conseguia sentir a bebé.

A tristeza era uma coisa, mas o medo era outra. Não conseguia fazer nada com o medo, e ele não me deixava.

O medo era indefinível, por isso dei-lhe nomes. Iria pisar a bebé. Iria asfixiar a bebé. Iria deixar cair a bebé. Iria abandonar a bebé.

O medo era amorfo, por isso dei-lhe formas. Era um lago e eu estava debaixo de água. Era um chão e eu estava debaixo das tábuas. Era uma boca e eu estava debaixo da língua.

Ninguém gosta de ouvir falar de infelicidade. Nem eu gosto de ouvir falar da minha própria infelicidade. Direi apenas uma última coisa: saí de debaixo dela. Dei um passo, depois outro, depois outro.

Direi mais uma coisa: quero viver.

Quando acordei na manhã seguinte, atordoada depois da noite no jogo, o Silas já estava a pé e calmo, tão calmo. Estava com aquele ar de quem está determinado a aplicar essa mesma calma em mim, quer fosse por pura força de vontade ou com uma pistola de cola quente. Eu ainda mal me sentara na cama, mas ele já tinha um café na mão e um sorriso na cara, um sorriso plácido como uma piscina de água pouco profunda, plácido como uma duna de areia, plácido como um zoológico onde é permitido fazer festas aos animais. Informou-me que tinha tirado o dia de folga. Podíamos levar a Nova a algum sítio, ao jardim, ao parque infantil, ao zoológico.

Atrapalhei-me com o meu ecrã. Fora o seu zunido que me acordara. Zumbia ainda agora, na minha mão, com uma mensagem da Lacey:

Vem cá.

E outra vez.

Novas provas

Vem agora

O Silas sentou-se na beira da cama.

— Quem é?

Sorri pesarosamente, tentando adivinhar o melhor ângulo que os meus lábios poderiam formar.

— É o Javi.

O Silas franziu o cenho.

— Não vamos ao zoológico?

— Estão todos de baixa. Tenho de os substituir. Desculpa.

Ele respirou fundo, forçou um sorriso.

— Vai ajudar o Javi. Daremos cumprimentos teus aos macacos.

Assim que abriu a porta, a Lacey disse:

— Não vais gostar disto.

— Mas tu gostas? — disse eu. A sua boca carmesim fazia lembrar um rebuçado agriçoce.

— Eu? Não. Mas eu também não gosto de nada.

Recuou e eu entrei para a casa, seguindo-a pela sala de jantar, onde a Tatum estava sentada à frente do Brad, o qual passava os dedos pelos caracóis da barba.

— Oh, Louise! Estás aqui! — gritou a Tatum.

— Onde está a Thistle? — perguntei.

— Está na *escola*! — A Tatum proferiu a palavra como se fosse uma tragédia.

Ocupei uma cama de rede que estava livre, e eu e os Luminols entreolhámo-nos durante um longo e incómodo momento, até que eu disse:

— Seja lá o que for, podem dizer-me. Estou preparada.

Era mentira. Seguirá os sinais desde que chegara: a presunçosa previsão da Lacey, o cumprimento desesperado da Tatum e o olhar cabisbaixo do Brad. Fosse o que fosse, iria ser mau.

— Lamento. — O Brad baixou a cabeça, deixando ver os cabelos ralos no alto da cabeça.

Levou os dedos ao ecrã, recolhendo alguma coisa e lançando-o para o ecrã de parede. Era um extrato bancário, o meu extrato bancário e do Silas, para ser mais precisa, o registo de um levantamento de dez mil dólares, para ser ainda mais precisa. Desde o meu homicídio que eu não consultara o saldo.

— Então, ele levantou dinheiro. E depois? — disse eu. Mas era metade do nosso dinheiro. E eu não soubera. Ele não me tinha dito, nem que o tinha feito, nem com que propósito.

— Vê a data — disse a Lacey.

— Não é a data do meu homicídio — ripostei.

Não era. Era três dias mais tarde, o dia em que encontraram o meu cadáver.

— Por que motivo precisaria ele de um monte de dinheiro assim? — indagou a Lacey. Brindou-me com um olhar penetrante, à espera de que eu chegasse à explicação que ela evidentemente já tinha em mente.

— Por imensas razões — disse eu. — Pode ter contratado um detetive privado para me encontrar. Pode ter oferecido uma recompensa a quem me encontrasse em segurança.

— Ou poderia estar a preparar-se para se pisgar — alvitrou a Lacey.

— Ou pode ter pagado a alguém para te matar — disse a Tatum com uma simplicidade de arrepiar.

— Foi para um detetive privado — insisti. — Ou para uma

recompensa.

— Ele alguma vez te falou de um detetive? De uma recompensa?
— perguntou a Lacey.

Desviei o olhar. Ela sabia que não.

— Nós esmiuçámos todos os documentos públicos, todas as notícias, e não há qualquer alusão a qualquer uma dessas coisas.

— Como foi que conseguiram isto? — perguntei.

— O Brad tem uma amiga.

— Lamento muito — murmurou o Brad outra vez. Passou os dedos pela barba, esfiando os caracóis grossos.

— Tens uma amiga que é detetive?

— Arquivista.

— E ela deu-te isto? O extrato da minha conta bancária privada?

— Pode perder o emprego, é verdade. — O Brad tinha os olhos assustados e húmidos. — Arriscou porque está preocupada contigo.

— Preocupada comigo? Eu nem sequer a *conheço* — disse eu.

— Conheces-me a *mim* — intrometeu-se a Lacey. — Por isso, confia em *mim*.

— Lace — murmurou a Tatum.

— O que foi? Não percebo porque é que ela está a ser tão teimosa.

— Não percebes porque é que eu não estou a concordar imediatamente que o meu marido me assassinou?

— Sim. Não percebo. — Ela virou a cama de rede para a minha, segurando-se com os dedos dos pés. — Porque podes estar a viver com um assassino. Podes ser assassinada outra vez.

— Então porque é que ainda estou viva? Porque é que ele não me assassinou já?

— Talvez o vá fazer.

— Durmo mesmo ao lado dele. Poderia fazê-lo a qualquer momento.

— E achas isso tranquilizador?

— Não é só o dinheiro, querida — disse a Tatum, baixinho.

— O quê? — disse eu. — O que mais?

A Tatum olhou para a Lacey, esta olhou para o Brad e este assentiu com a cabeça. A Lacey virou-se outra vez para mim e já não tinha aquele ar presunçoso.

— A amiga do Brad, a arquivista, disse que, antes de a comissão de replicação se envolver, antes de apanharem o Early, antes de ele confessar, antes disso tudo, os inspetores tinham a certeza de que fora o Silas quem te assassinara.

— Porque é sempre o marido — atalhei. — O suspeito é sempre o marido.

— Não. Porque eles acharam que ele estava a mentir.

— Sobre o quê?

— Não sabem — disse a Lacey.

— Bem, ora aí está uma prova irrefutável.

— Mas depois de o interrogarem ficaram todos com a mesma sensação. Todos os inspetores ficaram convictos de que ele estava a mentir sobre o teu homicídio.

Se eu fosse uma esposa melhor, teria confiado nele. Teria tido amor, incondicional, ilimitado. Uma esposa melhor manteria a firme convicção de que o marido nunca a magoaria, nunca lhe tocaria com um dedo que fosse, nunca lhe faria mal. Eu? O que foi que fiz? Fui para casa e comecei a vasculhar as coisas do Silas.

O Silas ainda estava no zoológico com a Nova e, supostamente, eu ainda estaria no trabalho. Mantive-me a par da localização dele através de uma série de mensagens alegres que fingi estar a enviar nos intervalos entre clientes. Seria assim que as pessoas encobriam casos amorosos? Entravam no quarto do outro e colavam na cara um sorriso ceroso e um pouco de fanfarronice?

Primeiro, consultei a nossa conta bancária, ainda com a esperança de que o extrato que o Brad me mostrara fosse um erro. Mas depois confirmei que faltavam mesmo dez mil dólares, e não era um valor desprezável. Metade das nossas poupanças, era disso que estávamos a falar. Eu e o Silas tínhamos acesso à conta. Ele devia saber que, em determinada altura, eu acabaria por perceber que o dinheiro desaparecera. Já teria uma desculpa preparada. *Uma explicação*, corriji-me. *Uma explicação razoável*.

Pelo menos, o facto de o dinheiro não ter sido repostado refutava a teoria da Lacey. Não podia ser dinheiro para fugir, porque o Silas ainda estava aqui e o dinheiro continuava em parte incerta. Se tivesse mudado de ideias em relação a fugir, tê-lo-ia depositado outra vez. Um assassino contratado, fora essa a proposta da Tatum. E isso iria ao encontro do que o Edward Early me dissera. Se não me matara, talvez tivesse sido um assassino contratado e, para despistar as suspeitas, fizera com que eu parecesse uma das vítimas do Early.

Continuei a procurar, sentindo-me como uma intrusa na minha própria casa. Não havia nada escondido no meio das peúgas e camisolas do Silas, nada debaixo do colchão, nada na prateleira de cima da despensa. Nenhuma carta de amor de outra mulher. Nenhum passaporte com um nome falso. Nenhuma faca. Na verdade, não esperara encontrar uma faca. Não obstante, vasculhara o monte de camisolas dobradas com dedos hesitantes, atenta ao serrilhado de uma lâmina.

O Silas enviou-me outra mensagem. Ele e a Nova tinham terminado a visita ao zoológico. Estariam em casa dentro de vinte minutos.

Respondi que também já estava em casa. Pedi para ele trazer alguma coisa para comermos. O ser desprezível que eu era pediu, ganhando assim mais algum tempo.

A sério? Porque a bebé estava a ficar irrequieta.

Por favor. O meu turno foi longo. Eu estava faminta. Não havia nada no frigorífico.

E ele concordou porque era bom para mim, porque me alimenta, porque me ama. E eu era horrível exatamente pelos mesmos motivos.

Até que ponto se pode conhecer alguém? Conhecer deveras alguém? Essa é uma das dúvidas do casamento. Quiçá, a dúvida. Há quem diga que a atração impõe que *não* se conheça alguém, impõe os espaços em branco, os recônditos escuros, a lente desfocada. Dizem que o mistério é fundamental. Mistério. Bem, eu estava a meio de um neste preciso momento e não se podia dizer que estivesse a gostar muito.

Até que ponto nos conhecemos a nós mesmos? Essa é outra dúvida do casamento. Como sabemos que nos manteremos fiéis? Interessados? Dedicados? Como sabemos que continuaremos apaixonados? E mesmo que fiquemos todas essas coisas, como sabemos se, um dia, não vamos esticar um braço e destruir algo insubstituível? E a verdade é que provavelmente faremos isso, e então coloca-se a questão: quão bons somos com um tubo de cola?

Tentei aceder ao correio do Silas, mas as contas dele estavam em modo de reconhecimento ocular e eu não tinha os olhos dele.

Tinha acabado de desistir quando me lembrei do ecrã de parede. Podia investigar o histórico. Aprendera a fazer isso durante os meus tempos complicados, nos meses depois do nascimento da Nova, quando tinha de apagar as horas e horas que passava a jogar o jogo do falcão em vez de estar a cuidar da bebé. Pesquisei os registos e encontrei os habituais resíduos domésticos — contas pagas e filmes em *streaming* e telefonemas atirados para o ecrã de parede. Havia o registo das horas que eu passara a jogar o *Early Evening* na noite anterior. Havia o telefonema que fizera ao Odd quando a Nova estivera com febre.

O telefonema antes desse, julguei inicialmente ter sido um feito por mim; mas depois passei os olhos por um telefonema semelhante feito umas semanas antes. Assim que percebi para o que estava a olhar, encontrei mais. Um telefonema feito numa quarta-feira de manhã quando eu tivera um turno na Sala. Outro no sábado em que eu e a Fern visitáramos o Edward Early. E mais. Havia mais. *Prova*, pensei ao encontrar outro. E outra vez: *Prova*. Mas prova de quê? Não sabia.

Nesse preciso instante, ouvi o barulho de que estava à espera: o decisivo baque de uma porta de carro a fechar na rua em frente à

casa. De seguida, seria o barulho da fechadura da porta da frente, o roçar dos sacos de comida e os passos do meu marido no corredor. Só tinha uns segundos, mas agora sabia onde procurar.

Gritei a data do meu homicídio.

No início, não aconteceu nada. Depois a lista de datas começou a recuar pelas semanas e meses, desesperantemente devagar no início, depois mais depressa, desfocada, até finalmente parar nesse dia. No dia do meu homicídio, o Silas, frenético, a caminhar de cá para lá, a vasculhar a casa, deve ter transferido todos estes telefonemas para o ecrã de parede, porque ali estavam, os carimbos de data e hora a acumular-se conforme fez mais e mais telefonemas: ao Javi, às minhas amigas, mulheres com quem eu praticamente perdera o contacto depois do nascimento da Nova; e, por fim, um telefonema ao Odd; e depois um para o número de emergência. Tudo isto batia certo com o que o Silas me dissera: fizera uma série de telefonemas para me localizar e, quando não o conseguira, participara o meu desaparecimento.

Nas minhas costas, do outro lado do corredor da nossa casa, o ferrolho rodou, a porta abriu-se e o Silas chamou:

— Borracho?

Foi quando vi, aquilo de que andava à procura, o nome que vira noutra sítio, várias vezes, na lista de telefonemas: Gert.

A Gert telefonara ao Silas todas as semanas. Todas as semanas desde o meu homicídio.

O meu primeiro pensamento fora que ela estaria a dar notícias sobre mim, sobre a minha recuperação, e sentira a cara a arder de indignação. Os telefonemas, porém, remontavam a um período muito anterior para ser isso. Havia telefonemas anteriores ao início das sessões do grupo de sobreviventes, anteriores a eu regressar a casa do hospital, antes de a comissão de replicação me ter trazido de volta. E aqui estava o carimbo de data e hora do primeiro telefonema, o telefonema em que a conversa entre o Silas e a Gert começara. Não fora no dia do meu homicídio; fora no dia seguinte. Dois dias depois disso, um cão da polícia encontraria o meu corpo enroscado numa valeta na berma da estrada.

A Gert telefonara ao Silas quando eu ainda estava desaparecida, antes de encontrarem o meu cadáver, o que parecia sugerir que ela já sabia que eu estava morta.

Mistério de um assassinio

O *feed* de notícias alimentou-nos. Deu-nos a provar as mulheres assassinadas, os títulos sensacionalistas, as especulações descabidas, os perfis comoventes.

O homicídio da Angela, o primeiro do lote, foi um choque, um «nesta cidade pacata», um «Como foi isto acontecer aqui?». Os repórteres adoraram descrever os seus longos cabelos, o pescoço degolado, com as árvores como pano de fundo. As comparações com contos de fadas escreveram-se a si mesmas. O par de sapatos praticamente não mereceu atenção.

Quando encontraram a Fern no parque de estacionamento do centro comercial, as notícias apresentaram fotografias e mais fotografias dela. Na realidade, era a mesma fotografia; apenas a exibiram ininterruptamente. Conseguíamos praticamente ouvi-los dizer: *Tão bonita! Lamentável!* Seria menos lamentável se ela fosse feia, suponho.

A morte da Jasmine fez três, o número de homicídios que é preciso para se considerar que se trata de um assassinio em série. Os repórteres já tinham reparado nos sapatos, uma assinatura, um cartão de visita, uma promessa de mais homicídios. Os artigos começaram a incluir colunas laterais com sugestões de segurança: «Como encontrar companhia para caminhar!», «Cuidado com o rabo de cavalo, ou seja, o puxador do atacante!», «Cinco artigos que tem na mala e que podem ser utilizados como arma!».

Como é que um momento de curiosidade se transforma numa obsessão, a semente solitária se transforma num campo de ervas daninhas, o único micróbio se transforma num estado febril? Quando descobriram a Lacey, a girar no carrossel, eu tornara-me uma consumidora destes homicídios, uma ávida seguidora, uma fã. Esquadrinhava o *feed* todos os dias, várias vezes por dia, sem deixar escapar o rasto de comentários dos leitores. O meu cérebro era um catálogo de provas, uma matriz de pormenores e pistas e conjeturas. Se, ao menos, a Angela não tivesse ido ao parque de noite... Se, ao menos, a Fern não fosse tão bonita... Se, ao menos, a Jasmine não

usasse aqueles sapatos... Vi e revi as decisões daquelas mulheres mentalmente, como se eu pudesse tomar decisões diferentes, como se a minha atenção, a minha sagacidade, pudesse mudar o rumo dos acontecimentos, como se eu própria as pudesse salvar.

O que foi que fiz?

O que é que teriam feito?

Eu? Fugi.

Não dessa forma. Não passei pelo Silas e saí pela porta da frente. Primeiro, desliguei o ecrã de parede. Depois, apaguei a expressão da minha cara. Ouvi o Silas a entrar no quarto depois de mim. Repetiu o meu nome, agora num tom jocoso e frustrado porque eu não respondera aos seus prévios chamamentos. *Vira-te*, disse eu à mulher que eu era. *Vira-te e sorri*.

Vi-me a partir de um lugar profundo dentro do meu ser. Fiquei espantada por ser tão fácil ser ela. Era como chegar à prateleira mais alta, tirar de lá uma enorme terrina de vidro e virar-me a segurá-la com cuidado nas mãos. Virei-me. Sorri. Abeirei-me do meu marido. E beijei-o. Beijei-o na boca.

Tomei-lhe a Nova dos braços, mas não a olhei muito de perto, pois sabia que não conseguiria manter o sorriso na cara. E lá fomos para a cozinha. Sentei a minha filha na cadeirinha, tirei o saco de comida da mão do meu marido e atarefei-me a dispor os vários recipientes no balcão. Durante todo esse tempo estive a falar com o Silas; cantarolei a minha metade de uma amena conversa, fiz as atenciosas perguntas depois de ele dizer alguma coisa, disse aquela piada que só ele entenderia. Não me recordo de uma única palavra. Comi umas garfadas da comida que ele me trouxe, o número de garfadas que se impunha. Não me recordo do sabor. Recordo-me, porém, de mastigar, porque disse a mim mesma: *Estás a mastigar. Mastiga. Tens de mastigar agora e engolir*. Não me recordo da desculpa que dei para sair de casa. Quando voltei a mim, estava num veículo autónomo a mais de um quilómetro e meio de distância, e aquela outra mulher, a esposa sorridente, deixara-me, desaparecera, fugira a correr para o lado de lá das montanhas. Despedi-me dela. Estivera presente quando precisara dela e estava-lhe agradecida.

Programei o veículo autónomo para ir para casa do Odd. Eram quase quatro horas até Rockport. Quando lá chegasse, contar-lhe-ia

tudo. Ele era meu pai. Sentia por mim o mesmo que eu sentia pela Nova.

A Nova. Deixara-a com o Silas, percebi com um baque. Que tipo de mãe faz isso? Mas não havia problema, tranquilizei-me. Estava tudo bem. O Silas nunca faria mal à Nova; se eu sabia alguma coisa, era isso.

Seguiria o meu caminho. Iria ao encontro do Odd. Podia confiar nele, se não para acreditar em mim, pelo menos para me ouvir. A partir daí, eu poderia decidir o que fazer.

E era o que teria feito, suponho, se o meu ecrã não zunisse outra vez, e mais outra. Abri a mensagem sem hesitar e saltou do ecrã um convite em relevo, do tipo que se recebe para casamentos, envelopes a revelar outros envelopes, como uma rainha com as suas muitas camadas de roupa. O envelope exterior fora prensado com um salpico de lacre que fez um estalido ao abrir. O papel no interior ostentava a caligrafia mais fantástica, letras arredondadas e serifas com arabescos. A mensagem dizia:

Foi formalmente convidada para

A Noite é Nossa

Local: Early Evening

Hora: Agora

O convite dobrou-se automaticamente, repondo o lacre, que, conseguia agora ver, fora prensado com o rosto de uma mulher. Pareceu-me familiar, essa mulher. Olhei mais de perto. Demorei um minuto a perceber quem era, agora que o seu rosto estava fundido não em metal, mas em lacre vermelho. Era a cara da aldraba da porta que dava acesso ao *Early Evening*. Era a mulher que mordida a argola. Agora não tinha uma argola na boca. Não tinha nada na boca a não ser os dentes. E sorria com todos eles, ferozmente.

O meu ecrã zumbiu outra vez com uma mensagem da Lacey para mim e para a Jasmine:

Receberam?

Eu e a Jazz respondemos que sim.

Mensagem da Lacey:

Sabem que foi a Angela que enviou o convite

Foi?

perguntou a Jazz.

Quem mais poderia ter sido? O que andará a tramar desta vez?

Depois uma resposta da Jazz:

Não sei. Vou entrar

Um minuto depois, outra vez a Jazz:

Entrem, já

O meu coração começou a bater com força. Verifiquei a minha rota. No caminho para sair da cidade, o meu veículo autónomo teria de passar pela Sala, onde havia um capacete e luvas, no meu cubículo. Já era tarde. O Javi já teria regressado a casa; todos os outros estariam a atender clientes. Eu poderia entrar e sair sem que ninguém me visse. Veria do que se tratava e depois iria embora.

Mudei o destino do veículo autónomo para o centro comercial e, dez minutos depois, estava na Sala. Tal como previra, estava tudo tranquilo no escritório, todos enfiados nos seus cubículos, de capacetes postos, as mãos a contorcerem-se delicadamente. Foi por isso que quase dei um encontrão na Sarai, que ia a sair da *kitchenette*. Ela fez um ruído e recuou num passo de dança. Tinha os olhos brilhantes e disse o meu nome num sussurro cúmplice. Tentei passar por ela, mas ela virou-se avidamente.

— Vais entrar? — indagou.

— Vou — menti, esperançada de que não tivesse prestado muita atenção à agenda do dia. — Tenho um cliente à espera.

— Não, perguntei se vais *entrar*?

— Sim, vou só...

Ela sorriu.

— Não tens de mentir. Sobre o cliente.

— Não estou a mentir.

— Eu também recebi o convite.

Passou uma mão pela cara e, quando a baixou, estava a mostrar os dentes. Demorei um segundo a compreender: estava a imitar a aldraba, a mulher do lacre. Deixou de fazer aquela cara, mostrando outra vez um rosto inexpressivo.

— É melhor irmos — disse. — Não queremos perder nada.

Estugou o passo pelo corredor na direção do seu cubículo. Vi-a a percorrer o caminho e depois fui para o meu, calcei as luvas, pus o capacete e iniciei a sessão. E dei um grito de surpresa.

O Sr. Pemberton estava sentado no sofá da minha sala.

Ele endireitou-se com um movimento brusco; estivera a relaxar, os pés pousados no braço de um sofá.

— Merda — deixou escapar.

— O que está a fazer aqui?

Ele balbuciou uma não resposta.

Tínhamos uma sessão marcada? Tentei lembrar-me das marcações, a última coisa na minha mente naquele momento. Hoje eu nem sequer estava a trabalhar. Talvez tivéssemos uma sessão amanhã e ele se tivesse baralhado com as datas? Mesmo assim, um cliente não deveria ser capaz de entrar na minha Sala sozinho.

— Como foi que entrou aqui? — perguntei.

Ele humedeceu os lábios.

— Não sei. Apenas entrei.

— Apenas *entrou*?

— Iniciei a sessão e apareci aqui.

— E deixou-se ficar?

— Desculpe. — Ele ergueu as mãos e levantou-se do sofá. — Precisava de um sítio para pensar e... Lamento imenso. Vou-me embora agora. Vou-me embora.

Respirei fundo, fazendo um esforço para não me esquecer de que ele era um cliente. Também me lembrei de como fora amável quando eu lhe agarrara os pulsos, como regressara para outra sessão, como me perdoara, como conversáramos, como me escutara quando eu falara.

— Tudo bem — disse eu. — Foi um mal-entendido.

— Um mal-entendido, sim. E agora vou-me embora. Obrigado, Lou.

Abri a boca, mas ele já desaparecera antes de eu ter tempo de perguntar como sabia o meu nome.

A porta que dava para o *Early Evening* estava escancarada. A aldraba com a cara da mulher já não estava lá, como se lhe tivessem crescido braços e pernas de metal e ela se tivesse arrancado da madeira e ido a caminhar para algum sítio. Franqueei a porta. As ruas do *Early Evening* pareciam como de costume: montras com as luzes apagadas; grades de segurança fechadas; janelas com luz onde uma cortina podia mexer-se e um rosto espreitar para o exterior, mas ninguém viria em nosso socorro. Mais à frente ficava o cruzamento com o semáforo da Jazz a piscar o seu parar, parar, parar.

Um par de Angelas deambulava do outro lado da rua; estavam a olhar em redor, tal como eu. Questionei-me se uma delas seria a Sarai, mas quando cliquei nos seus perfis, vi que eram desconhecidas. De qualquer maneira, acenei-lhes e uma acenou-me em resposta.

— Sabem o que está a acontecer? — perguntei do meu lado da rua.

Elas trocaram impressões. Depois, a que me acenara fez um gesto a indicar o parque.

— Acho que é por aqui.

— O quê? — perguntei, no preciso instante em que a outra gritou:

— Cuidado!

Quando me virei, já era tarde demais. O Edward vinha na minha direção numa correria desenfreada. Levantei as mãos para proteger a cara e o pescoço. Esperei que a faca me perfurasse as entranhas, preparei-me para a vibração que me enviaria para o alpendre, para o início do jogo.

Não senti a dor.

Baixei as mãos devagar, à espera de ver o Edward ali de pé, com um esgar, esperando que eu baixasse a guarda para me degolar. Porém, não havia ninguém no passeio à minha frente. Virei-me e vi-o mais ao fundo da rua, ainda a correr. Passara por mim como uma flecha e seguira caminho. No quarteirão seguinte dobrou uma esquina, a do semáforo da Jazz, e desapareceu de vista. Para onde iria a correr? *Porque* iria a correr?

As duas Angelas ainda estavam do outro lado da rua, inteiras e incólumes. Também estavam a olhar para o sítio por onde ele fora.

Ouvi mais passos nas minhas costas e lobriguei um grupo de Angelas a dobrar a esquina. Quando me viram, abrandaram.

— Para onde é que ele foi? — perguntou uma.

Apontei e elas seguiram nessa direção.

— Viste aquilo? — perguntou-me uma das Angelas do outro lado da rua.

— Vi o quê? — respondi. Houvera muito que ver.

— Aquelas Angelas tinham facas — disse a outra.

Virei-me para o outro lado. O grupo de Angelas ia agora a dobrar a esquina, mas pareceu-me ver um lampejo prateado nas mãos de uma delas. Assim que o pensamento me cruzou a mente — *faca* —, a minha luva emitiu um zunido. Olhei para a minha mão, ou melhor, para a mão da Angela com as suas unhas pintadas de vermelho. Aparecera-me no punho uma comprida faca serrilhada. Levantei a faca, rodando a lâmina para um lado e para o outro, reluzindo sob a luz dos candeeiros. Quando me virei para mostrar a minha nova arma às Angelas, reparei que agora também elas tinham facas e estavam a fitá-las, atónitas.

— Ora aí está! — disse uma delas, a rir.

— Vamos a isto! — gritou a outra.

Desataram a correr atrás das outras. Atrás de mim, outra Angela iniciou a sessão e cambaleou para o passeio. Arregalou os olhos ao ver a minha faca e depois uma faca apareceu na sua própria mão. Fiz-lhe sinal e começámos a correr, alcançando as outras duas Angelas quando estas iam a dobrar a esquina.

Já não se via o grupo que ia a perseguir o Edward solitário, mas não era difícil adivinhar para onde tinham ido. O parque ficava mais à frente. Continuámos a correr. Quando os estreitos quarteirões da

cidade deram lugar à vastidão de verde, avistei-as: Angelas e mais Angelas a brandirem facas e mais facas. E estavam a retalhar Edwards.

Os Edwards eram em menor número do que as Angelas, numa proporção de pelo menos cinco para um. Além disso, os Edwards estavam agora de mãos a abanar, enquanto as Angelas estavam armadas. A maioria das Angelas tinham formado pequenos bandos, como o que eu vira há pouco. Um bando cercava um Edward e cada Angela avançava à vez para desferir um golpe até ele cair. Quando um Edward morria, não desaparecia e voltava ao início do jogo, como de costume. Pelo contrário, ficava ali por instantes e depois os seus olhos abriam-se, renascendo neste mundo de Angelas com as suas facas reluzentes.

— Eles não conseguem reiniciar — disse eu à Angela que me seguira até aqui. — Olha. Ficam ali, simplesmente. — As outras duas Angelas tinham-se juntado à refrega no parque e eu já não as conseguia distinguir das restantes.

A nova Angela agarrou-me o braço, apontou e sussurrou:

— É ela.

Olhei para onde estava a apontar. Estavam a assomar mais Angelas do meio das árvores, filas e filas delas, dezenas, magotes. Marcharam vindas do meio do bosque, onde eu tinha sido assassinada. Um exército de Angelas, era o que eram. Além disso, haviam assumido uma tática bélica, flanqueando uma única Angela que seguia à frente. Cliquei nela e surgiu o seu nome. Era a minha Angela, a verdadeira Angela. É claro que era.

— Angela! — chamei quando passaram por mim. — Angela! Espera! Sou a Lou!

Mas éramos tantas a chamá-la que ela nem sequer virou a cabeça. O exército de centenas de Angelas seguiu-a pelo parque e para as ruas da cidade, onde se viam Edwards a fugir delas.

— Lou? — Uma das Angelas separara-se do magote, com um trio atrás dela, segurando as facas junto ao corpo. Cliquei no perfil.

— Preeti?

— Sim. Olá.

— Pensava que não jogavas estes jogos.

— Oh, isto não é um jogo — disse uma das outras, com reverência.

— É um *evento*.

— São as tuas amigas? — deitei-me a adivinhar.

— Digam olá — ordenou a Preeti às Angelas que a seguiam, e, acanhadas, elas acenaram como as adolescentes que eram com as mãos que não seguravam as facas.

— Podem ir — disse-lhes ela. — Já vos apanho.

A procissão de Angelas continuava a passar por nós e as amigas dela juntaram-se à cauda. A Preeti ficou comigo, a remexer nos bolsos

das calças largas.

Por fim, levantou a cabeça e deixou escapar um:

— Está bem?

— Referes-te ao intruso que entrou lá em casa?

Ela assentiu com a cabeça.

Nem por sombras, apeteceu-me dizer, mas ela era uma criança, pelo que disse:

— Estou bem. E tu, estás bem? Tu é que estavas em casa.

Alguém gritou no parque, um grito mais alto e mais demorado do que os outros gritos. Virámo-nos as duas na direção do som, mas era impossível perceber quem estava a gritar ou porquê. Quando me virei para trás, a Preeti estava a observar-me. Abriu a boca, fechou-a outra vez.

— O que foi? — perguntei.

Ela mexeu nos bolsos, mordeu o interior da bochecha.

— Preeti. O que foi?

— Ele disse-me para eu não dizer nada.

— Quem? — perguntei, até que se fez luz. — O *Silas*?

— Ele disse que isso só a iria perturbar, porque a senhora não se iria lembrar. — Ela semicerrou os olhos. — E *não* se lembra, pois não?

— Não me lembro de quê?

— De estar em casa.

— Que casa?

— Na *sua* casa.

— Na minha casa? — repeti. — Não...

— Foi a senhora quem esteve lá — disse ela. — O intruso foi a senhora.

Lá estava outra vez, a gota prateada de mercúrio a escorrer-me pela garganta. E, desta vez, eu engolira-a e ela espalhou-se pelo meu estômago, pelos meus órgãos, pela minha pele, até toda eu me transformar em metal, frio e duro e...

— Diz-me o que aconteceu — pedi-lhe.

Ela arrastou os pés e cerrou os punhos.

— Foi o que eu contei na altura. Ouvei que estava alguém em casa e chamei as autoridades. Quando fui buscar a Nova, alguém correu pelo corredor. Mas menti quando disse que não vi quem era. Eu vi. Era a senhora.

Eu, disse para com os meus botões.

Não eu.

Eu.

— A princípio, não a reconheci — continuou a Preeti — por causa da peruca. — Ela tocou nas pontas do cabelo, o cabelo comprido da Angela. — Mas depois olhou para trás. Eu chamei-a. Mas a senhora continuou a correr. E fiquei outra vez com medo. Não compreendi

porque é que tinha regressado sem me dizer nada. Nem porque tinha fugido. Por isso, liguei ao Silas. Ele disse que a senhora estava confusa por causa... bem... por causa de tudo por que passou. Disse-me que ia a caminho. Disse-me para eu ligar outra vez para as autoridades, para lhes dizer que me tinha enganado em relação ao intruso, mas era tarde demais. Eles já estavam a estacionar em frente à casa. Por isso, decidi dizer que não vira a pessoa, que apenas a ouvira.

— Oh, Preeti — disse com um suspiro. E além de tudo o que estava a sentir, sentia-me zangadíssima com o Silas por pedir a esta rapariga para mentir.

— Depois, mais tarde, no relvado, quando a senhora disse que o intruso era uma mulher, uma mulher parecida consigo, pensei que afinal de contas se lembrasse. Por isso disse que sim, que fora quem vira, uma mulher parecida consigo, porque, bem... — Ela enfiou as mãos nos bolsos, virando-os do avesso e depois metendo-os para dentro outra vez. — *Foi quem eu vi. Vi-a a si.*

E depois, vá-se lá saber como, eu estava fora do jogo e outra vez no veículo autónomo na estrada, com a confissão da Preeti a ecoar-me na mente. Ainda faltavam duas horas para chegar a casa do Odd. Era demasiado tempo. Demasiado lento.

— Odd! — gritei quando ele atendeu o telefone. — Estou a caminho daí.

Contudo, antes de ele ter tempo de me dizer que eu não devia ir lá, que não me podia receber, que era certamente o que iria dizer, ouvi alguém em segundo plano. Nem sequer ouvi que palavras disse, apenas um fragmento de som, mas foi o que bastou para reconhecer a voz dela.

O Odd começou a falar mais alto e mais depressa. Eu sabia que ele estava a tentar encobrir a voz, com a esperança de que eu não tivesse ouvido.

Porém, eu falei mais alto.

— Quem está aí?

— O quê? — disse ele. — Ninguém. Foi a televisão.

— Odd — disse eu, devagar.

— Louise — disse ele, com um suspiro, derrotado.

— O que é que a Fern está a fazer em tua casa?

Odd

Acima de tudo, o Odd confeciona os meus pratos prediletos de quando eu era criança. Muitas tostas de queijo, muitos *noodles* instantâneos. Comemos juntos enquanto assistimos a reposições de programas educativos em que pessoas trabalham a madeira ou sopram o vidro, nada que tenha sangue, nada que tenha lágrimas. Sopro, tudo bem. Às vezes, assistimos a programas de culinária. Comida também pode ser.

O Odd não me força a falar sobre o que aconteceu. Não me obriga a falar sobre aquele dia ou sobre todos os dias que se seguiram. Sobre o Silas. Sobre a Nova. Não me obriga a falar sobre ti. Quando tu ligas, apressa-se a ir para a outra sala para eu não ter de ouvir o seu lado da conversa.

A noite passada confessei-lhe que me andava a esgueirar para casa para ver a bebé, para te ver. Expliquei-lhe que tinha de ter a certeza de que ela está bem, de que tu estás bem, de que *vocês as duas* estão bem. Porque eu iria partir, disse-lhe. E desta vez tinha de ter a certeza de que deixara tudo como deve ser, não como da outra vez. Desta vez, iria partir, e não fugir.

Ele não ficou zangado comigo, o Odd. Também não tentou dissuadir-me. Ficou em silêncio um minuto e depois disse que estava bem. Sou-lhe mais grata por isso do que por todas as tostas com todo o queijo. Ele é meu pai e, apesar de não me compreender, ama-me. Ainda me ama.

O meu plano era ficar sentada no veículo autónomo e não pensar.

Porém, isso não resultou. Enquanto o veículo percorria a distância entre East Lansing e Rockport, eu permaneci sentada, a pensar. Pensei na funcionária da creche que sabia que a Nova era minha sem que eu tivesse de lhe dizer, que presumira que eu estava lá para a levar a dar um passeio a meio do dia. Pensei em todas as vezes que a Gert telefonara ao Silas, todas as semanas, mesmo antes de encontrarem o meu corpo. Pensei no dinheiro que desaparecera da conta bancária, os dez mil dólares que nunca reapareceram. Por fim, pensei na Nova a estender a mão para o espaço vazio por cima do meu ombro, à procura do meu cabelo comprido.

O Odd não respondera à minha pergunta: o que é que a Fern estava a fazer em casa dele? Ou suponho que já tivesse a resposta preparada. «Explicamos-te quando cá chegares. Até breve», fora o que me dissera. *Explicamos*. Admitira que não estava sozinho. Há meses que não estava sozinho; agora, eu compreendia isso.

As autoestradas estavam desertas. Era tarde e eu viajava numa direção pouco apreciada. Amiúde, cruzava-me com outro veículo autónomo, cujos faróis faziam a minha sombra esticar-se e depois colapsar outra vez sobre mim. O meu ecrã zuniu com uma mensagem do Silas, depois outra. Não podia falar com ele, agora não. Deixei-o sem resposta.

Pareceu-me que nunca mais chegava a casa do Odd, mas depois lá estava, o veículo autónomo saía da autoestrada, cruzando as praças quadrangulares dos quarteirões da baixa de Rockport, passando pelos campos cultivados e entrando num caminho não pavimentado assinalado com um número, a rua onde o Odd vivia longe de tudo e de todos, onde ninguém se lembraria de procurar.

As árvores que cercavam a pequena casa do Odd já se tinham decidido pela primavera. Estavam em botão e cheias de insetos a zumbir à sua volta. O Odd estava à espera no degrau de cima do alpendre, com uma garrafa de cerveja pousada ao lado do pé. Tinha uma segunda garrafa para mim e, sempre preparado, um abre-

garrafas, com o qual dava pancadinhas na perna. Estava sozinho.

Quando me apeei do veículo autónomo, as minhas pernas quase cederam sob o meu peso. Estivera sentada demasiado tempo, congelada na mesma posição, e tinha as pernas dormentes. Apoiei-me na lateral do veículo e esperei que o sangue me fluísse outra vez pelas pernas. À minha volta, os insetos cantavam com as asas e as patas, e o Odd esperou por mim no alpendre.

Tentei espreitar para trás dele, pela porta com tela, à procura de movimento dentro de casa, mas as lâmpadas cor de laranja contra os mosquitos brilhavam mais forte do que a luminosidade das divisões que estavam na penumbra. Ali, naquele momento, nunca me sentira mais nova, nem mesmo quando os médicos me despertaram no hospital e me disseram que eu acabara de nascer.

Quando consegui caminhar, avancei e sentei-me no degrau ao lado do Odd. Nenhum de nós se mexeu ou abraçou o outro. O Odd abriu a segunda cerveja e passou-me a garrafa para a mão.

— Não tens de me dizer — disse eu.

— Não? — indagou ele.

— Não. Eu já sei.

— Foi a *babysitter*?

— Ela não sabe o que viu. Pensa que era eu.

— Ótimo. — Ele assentiu com a cabeça por cima da cerveja. — Mais simples.

— A Fern está aqui? — perguntei, bebendo um gole de cerveja. Tinha um paladar verde como as árvores, ou talvez fosse da minha língua.

— Chegou há uns dias.

— Porquê?

— Pelo mesmo motivo que tu, Lou.

Olhei para lá dele.

— Queres tratar-me por outro nome? — disse, baixinho. — Talvez pelo meu nome do meio? Seria mais fácil para ti?

Conseguia ver o reflexo das lâmpadas contra os mosquitos nos óculos dele, fazendo os seus olhos parecer lanternas, como orbes, douradas, oraculares. Tinha o coração a bater com força. Não sei se queria que ele dissesse que sim ou que não. E depois soube: queria que dissesse que não. Queria que ele dissesse que eu era a Lou, a sua Lou, que sempre fora, e sempre seria, a sua Lou, o nome que ele e o meu pai tinham escolhido para mim.

— Então, então — disse ele.

Eu estava a chorar.

— Ela precisava de um sítio onde ficar e eu acolhi-a. — Ele levantou um braço e eu encaixei-me nele. Afagou-me as costas com pequenos movimentos circulares, como fazia quando eu era pequena.

Apesar de nunca me ter afagado as costas. Apesar de eu nunca ter sido pequena. — Também te acolheria se precisasses.

Levantei a cabeça.

— Acolherias?

— Claro que sim. És minha filha. São as duas minhas filhas. — Ele afastou-se e brindou-me com um sorriso. — Mas tu... Tu estás bem.

— Não estou.

— Estás.

— Estou a tentar — disse eu, com uma fungadela.

— Tu estás bem, Lou.

— O mundo está louco — disse eu.

— Louco enfurecido ou louco demente?

— As duas coisas.

— Pois — concordou ele. — Tens razão. Vamos entrar?

Olhei outra vez para a porta com a tela. Agora que os meus olhos se tinham habituado à penumbra, conseguia distinguir uma luz fraca ao fundo da casa, onde ficava a cozinha.

— Posso acabar a cerveja?

Ficámos sentados em silêncio enquanto fiz isso. Dei grandes goles com longas pausas de permeio, com vontade de entrar, mas, ao mesmo tempo, sem vontade. Por fim, pousei a garrafa no chão do alpendre; o fundo de vidro fez um barulho cavo que pareceu envolver-nos, a todos, a casa, os insetos nas árvores.

— Espera — disse eu quando começámos a levantar-nos.

Ele fez um compasso de espera.

— Tenho medo.

Ele olhou para mim.

— Pois — repetiu.

Pois.

— Está bem. — Pus-me de pé. — Estou pronta.

Segui-o pela sala de estar escura com a sua televisão antiquada e o sofá com almofadas, pelo corredor estreito com as dedadas na parede, até às traseiras da casa, onde havia uma minúscula cozinha com plantas dependuradas, a bancada pegajosa com gordura de cozinhados antigos e uma mesa de jantar redonda vermelha ao centro.

A Fern estava sentada à mesa. Olhou para mim com um sorriso travesso, como se soubesse que se portara mal, mas como é que eu podia sentir outra coisa a não ser satisfação por a ver?

A mulher que estava sentada à frente da Fern também olhou para mim, e eu estava a fitar o meu próprio rosto. Ela era eu.

Ela não era eu.

Ela era ela, a minha outra eu.

O plano

Eu não esperava nada. Não planeei nada de antemão e não pensei no que aconteceria depois. Pois, então. O que acham disto como um plano bem pensado?

Começou naquela noite em que o Javi me apanhou a esgueirar-me para o escritório. A expressão dele, não a suportei. Apanhara-me aqui, neste lugar vulnerável, apanhara-me na minha vergonha e desespero. Esboçou uma expressão, uma expressão que me fez sentir que eu poderia ter de regressar a casa e arrancar toda a minha pele. Abri a boca para explicar que tivera de sair de casa e não, não sabia porquê, só sabia que tivera de sair, o que queria dizer que precisava de um sítio para onde ir, pelo que viera para aqui, para a minha Sala. Porém, não disse nada disso. Não sei porque é que, em vez disso, disse aquilo que disse. Talvez algum recanto do meu cérebro se lembrasse de quando o Javi me batera à porta, convicto de que eu fora a última vítima. Porque eu lhe disse que andava a ser perseguida pelo assassino em série. A história saiu-me da boca como um salpico de cuspe e caíra no chão no meio de nós.

Embora fosse mentira, não me parecia uma mentira. Pareceu-me uma forma de dizer a verdade. Há meses que eu era perseguida por alguma *coisa*, ou por alguém. Estava constantemente à beira do pânico. Tinha a certeza de que ia morrer. Foi aí que começou, a mentira, a mentira que deu origem a ti.

Terminou naquela tarde no parque, quando descalcei as sapatilhas. Como disse, não planeara nada daquilo, não planeara fugir, não pensara no que pareceria depois de o fazer. Mas ali estava eu no trilho, a descalçar uma sapatilha e depois a outra.

No início, foi uma brincadeira, uma brincadeira comigo mesma, só para ver como seriam as minhas sapatilhas ali no caminho sem os meus pés lá dentro. Havia pessoas que faziam isso com o calçado durante o período dos assassinios, uma brincadeira... uma brincadeira de mau gosto. Mas depois tirei o ecrã do bolso e larguei-o na relva. E depois comecei a correr, a correr pelo meio das árvores, só de meias. E, de súbito, deixou de ser uma brincadeira.

Estava a correr, mas não estava a ser perseguida. E também não ia a perseguir coisa alguma. Ia a correr como fazemos quando somos crianças, sem um propósito a não ser sentir como as pernas foram criadas para nos impelir para a frente.

A estrada estava à minha frente.

Ceguei lá.

Uma mulher, uma desconhecida, parou o veículo autónomo por minha causa. Parou porque viu outra mulher descalça, sem o ecrã, na berma da estrada. Afinal de contas, poderia ser ela naquela situação. Poderia ser qualquer uma de nós. Perguntou onde estavam as minhas sapatilhas. Eu respondi que estavam lá atrás, algures no meio das árvores, que as deixara e começara a correr.

Deixei-as e comecei a correr. Deixei o resto à imaginação dela.

Disse-me para entrar no veículo autónomo. Seguimos em silêncio. Ela saiu no seu destino, mas deixou o crédito ativo no veículo. Disse-me para levar o veículo para qualquer sítio, um sítio seguro. Por isso eu trouxe o veículo até aqui, até à casa do Odd.

Mais tarde, esperei que a mulher me denunciasse, que contactasse a polícia, fosse aos noticiários, dissesse que me vira, que me dera boleia. Ainda não o fez. Se calhar, nunca viu os noticiários. Se calhar, pensa que me está a proteger. Ou, se calhar, encontraram-na e explicaram-lhe o que aconteceu, o que eu fiz e o que fizeram para corrigir a situação.

Quando desapareci, tornou-se muito difícil voltar atrás. Havia a perturbação, as notícias, todas as pessoas que se voluntariaram para me procurar. Havia o Silas. Como é que poderia começar a explicar ao Silas? E havia a Nova. A Nova — eu não podia, não posso. Além disso, a verdade era, a verdade é, que não queria regressar. Esperei pela vontade de regressar, mas ela nunca veio.

Não sabia o que te aconteceria quando fiz o que fiz. Quero que saibas isso. Não sabia que iriam fazer isso. Criar-te. Não sabia que fingiriam ter encontrado o meu corpo. E que depois criariam o teu corpo. Porque não havia um corpo. Ou melhor, o meu corpo está aqui. Eu continuo dentro dele. Sou eu.

— **O**lá, Lou — disse a Fern, toda descontraída.

— Tens andado a evitar-me — disse-lhe.

Ela sorriu de modo cativante e recostou-se, pousando um pé descalço, e depois o outro, em cima da mesa.

— Se achas que *ela* tem andado a evitar-te, nem quero pensar no que achas que *eu* tenho andado a fazer — disse a mulher com a minha cara. E, apesar de ela não ser eu, tenho de admitir que era o tipo de coisa que eu poderia dizer.

Durante o caminho preparara-me para o encontro com ela, a minha outra eu, mas não havia como me preparar para me encontrar com ela. Encontrar-me com ela não foi como ver o meu próprio reflexo no espelho. Não foi como ver uma notícia sobre mim no noticiário. Não foi como ter uma irmã gémea. Como foi?

Foi como ter uma música na cabeça e depois ouvir alguém a trauteá-la. Foi como ir a um sítio que só vira numa fotografia e descobrir o canto da sala de onde fora tirada. Foi como ouvir o Odd a contar uma história da minha infância e não saber se me lembrava do acontecimento real ou apenas do relato dele. Foi um pouco como todas essas coisas. Foi um pouco como nenhuma outra coisa. Eu era ela e ela era eu. Porém, bastou um olhar para perceber que não éramos a mesma. E eu não sabia como explicar essa diferença.

— Fern — disse o Odd com um olhar contundente para os pés descalços dela, para o tampo da mesa limpo.

— Desculpa, Odd. — Ela deixou a cadeira oscilar para baixo e colocou as pernas debaixo da mesa. Empurrou a cadeira que estava à sua frente com um pé. — Queres sentar-te?

Eu ainda estava à porta a olhar fixamente para a minha outra eu. Ela fez um trejeito com a boca e encolheu um ombro. Eu sabia o que queria dizer: a situação era terrivelmente confrangedora.

— Alguém quer café? — perguntou o Odd, e como ninguém respondeu, disse: — Bem, quero eu. — E acercou-se da bancada para o começar a preparar.

— Lou — disse a Fern. — Senta-te.

Eu sentei-me à pequena mesa de cozinha vermelha. Lembrava-me de olhar para o tampo desta mesa na manhã do funeral do meu pai, para os arranhões feitos ao longo dos anos pelos nossos pratos empurrados à pressa, e pensar que alguns desses arranhões tinham sido feitos pela força das mãos dele, pensar que ele estivera ali e que agora não estava, mas eu ali continuava.

Do outro lado da mesa, a minha outra eu observava-me em silêncio. Perguntei-me se estaria a lembrar-se da mesma coisa. Senti que devia ser capaz de adivinhar os seus pensamentos, mas, para ser franca, não fazia ideia. Ela ainda tinha o cabelo comprido. O cabelo que a Nova tentava agarrar. Levei a mão ao meu pescoço despido. Eu cortara o meu. Ela envergava umas roupas antigas que eu deixara em casa do Odd, uma *sweatshirt* tão puída que os punhos estavam a ficar esfiapados e as calças salpicadas com a tinta com que eu e o Odd pintáramos o alpendre com uma nova demão há três verões. Mas, bem vistas as coisas, ela é que o ajudara a pintar o alpendre, os cotovelos dela é que tinham desgastado aquelas mangas. Tudo o que era meu fora dela primeiro, era mais dela.

Brindou-me com um sorriso, um sorriso enigmático e hesitante. Era assim que eu sorria às vezes? Não era o sorriso que eu reconhecia das fotografias ou do espelho. Esticou a mão por cima da mesa e disse:

— Prazer em conhecer-te.

— Não! — gritou a Fern. — Não apertem as mãos!

— O quê? — disse eu.

— Porque não? — disse ela.

— O mundo explode! — retorquiu a Fern.

A minha outra eu mirou a Fern com um olhar que transparecia exasperação e divertimento.

— Somos clones, não viajantes no tempo.

— Além disso — disse eu —, o mundo já explodiu.

— Só que não — redarguiu ela com uma voz fraca. — Continuou a existir.

— O que *esperavas* que acontecesse? — perguntei-lhe.

Não o disse com rudeza, mas sem rodeios. Pareceu-me uma pergunta justa, mas ela baixou os olhos e a Fern estalou a língua e, nas minhas costas, o tilintar do Odd a preparar o café parou.

— Não esperava nada — disse ela ao fim de um longo momento.

— Não planeei nada de antemão e não pensei no que aconteceria depois. Pois, então. O que achas disto como um plano bem pensado?

E depois passou a explicar-me como simulara o próprio homicídio, sem tencionar simular o próprio homicídio.

Falou numa voz ligeiramente irónica, como que a troçar de si mesma pelo seu próprio sucesso involuntário, mas quando terminou, recostou-se e fixou o olhar no tampo da mesa, e eu consegui perceber

que, bem lá fundo, continuava aturdida com o que fizera.

— Ou melhor, o meu corpo está aqui. Continuo dentro dele. Sou eu — concluiu.

E com isto, levantou-se e saiu da cozinha. Na frente da casa, ouvi a porta com a tela a ranger ao abrir e depois a fechar.

— Devo... Ou talvez tu... — disse eu. *Ir atrás dela*, era o que queria dizer.

— Deixa-a — disse o Odd.

— Tens a certeza? Porque eu iria querer que alguém...

— Ela não és tu, Louise. — Ele disse isto brandamente. Tinha-se virado outra vez para o balcão.

— Não é, tu sabes — disse a Fern. E eu lembrei-me de quando, no Bar None, no dia em que nos tornáramos amigas, no dia em que eu lhe roubara a carta, que já então ela se referira à sua antiga pessoa como *a minha outra eu*. — Como poderíamos ser a mesma pessoa que fomos, qualquer uma de nós, depois daquilo por que passámos? — continuou a Fern. — É isso que a Gert, a comissão de replicação e todos os outros têm de engraçado. Nós somos a causa deles, as vítimas que eles salvaram. Mas não somos apenas isso. Não somos apenas aquilo que nos aconteceu. Somos pessoas. Reagimos ao mundo. Mudamos.

— Acho que não somos as mesmas que éramos — disse eu. Olhei de relance para o corredor, o sítio por onde ela desaparecera. E não disse o resto do que estava a pensar: *Eu não os teria deixado*. — Em vez disso, disse à Fern: — Tu percebeste que ela estava viva.

— Impressionada? — A Fern inclinou a cabeça, satisfeita consigo mesma.

— Como é que descobriste?

— A minha mente é como um coador. — Ela deu uma palmadinha na têmpora. — Espera. Disse coador? Queria dizer ratoeira. A minha mente é como uma ratoeira.

— Fern. Como é que descobriste?

— Na verdade, foram os Luminols — disse ela. — Quando a mãe da Lacey disse que fora o teu homicídio a convencer toda a gente a trazer-nos de volta, pensei: *Isso é marketing aplicado ao homicídio*. Assim, calculei que fosse precisamente isso: marketing. Uma história que alguém estava a contar. E se era uma história que alguém estava a contar, bem, então talvez o homicídio fosse apenas parte da história, inventado.

— *Supuseste?*

— Mas foi fácil de supor. — A Fern olhou para onde eu acabara de olhar, para o corredor. — O que ela fez foi algo que eu poderia ter feito.

— Porque é que não me disseste?

— Mas eu *disse-te* — afirmou a Fern.

— Não disseste. Desapareceste.

— Mas deixei o gato.

— Foi *assim* que me disseste? — Estalei a língua. — Dando o meu nome ao teu gato?

— Porque havia duas Lous. Claro como a água! — A Fern endireitou-se. — Sinceramente, não tenho culpa se não consegues compreender uma pista simples.

— Não respondeste a nenhuma das minhas mensagens.

— Porque achei que não devias vir aqui.

— Porquê?

— Porque a irias julgar.

Abri a boca para dizer que isso não era verdade, mas depois fechei-a porque ela estava certa. Eu não a compreendia, a minha outra eu. Não compreendia como ela era capaz de deixar a sua vida. Deixá-los. Deixar o Silas. Deixar *a Nova*. Ela carregara-a no ventre, dera-a à luz, alimentara-a com o seu corpo. Fizera todas as coisas que eu não fizera, todas as coisas que desejava ter feito para sentir que era a mãe da Nova. E mesmo assim ela dera um passo e depois outro e outro e... Não. Era incompreensível.

O Odd acercou-se da mesa e distribuiu as canecas. Nenhuma de nós pedira café, mas sorvemo-lo na mesma, e estava como devia estar, amargo e quente.

— Esta apareceu há uns dias. — O Odd apontou com o queixo para a Fern. — Disse que sabia quem estava aqui. Eu disse-lhe que estava enganada. Depois desatou a gritar por cima do meu ombro para a casa.

— O que foi? — disse a Fern. — Exagerei?

— Só um bocadinho — retorquiu o Odd.

— Bem, o que importa é que ela me ouviu. Apareceu no corredor.

— Como soubeste que ela estava aqui? — indaguei. — Também supuseste?

— Isso não foi uma suposição. Apenas alguma pesquisa e um pouco de chantagem.

— Chantagem?

A Fern encolheu os ombros.

— Primeiro, passei algum tempo no *Early Evening*, sentada no trilho onde foste assassinada. Ou melhor, onde *não* foste assassinada. Foste e não foste. Seja lá o que for. Pensei que ela poderia regressar lá.

— A Angela viu-te lá.

— Ai, sim? Bem, foi um fiasco. Então, chantageei a Gert.

— A Gert sabe — disse eu, devagar. — Sabe, não sabe?

— Tu conheces a Gert — disse a Fern —, assustadora e vestida de ganga.

— Ela apareceu aqui no dia a seguir à Louise aparecer — explicou

o Odd. — Foi uma semana muito movimentada.

— Como foi que ela...

— Descobriu? — Ele encolheu os ombros. — Fez um acordo com a Louise. Para ela se manter ao largo. Ter uma nova vida. Em troca, salvaria outras quatro mulheres.

— Salvar quatro mulheres? O que quis dizer com isso?

Foi a Fern quem respondeu.

— Referia-se a nós: a Angela, a Lacey, a Jazz e eu. E tu por arrasto.

— A jovem mãe — recordei.

— A compreensiva jovem mãe — concordou a Fern. — Os Luminols estavam certos em relação a isso. A Gert podia usar-te, o teu homicídio. As mulheres com batom no pescoço. As celebridades. Tudo isso foi obra da Gert, nos bastidores, a agitar as coisas. E da comissão de replicação também.

— Simularam o meu homicídio para vos poderem trazer de volta?

— *Lou* — rosnou a Fern.

— Não, é claro. Não foi isso. — Era a mesma velha história, que se preocupavam connosco, que nos estavam a salvar. Quantas vezes teria de aprender que o que realmente importava eram eles? Tentei outra vez. — Simularam o meu homicídio para salvar a comissão de replicação.

Estavam envolvidos num escândalo, os clientes abastados, os pagamentos secretos, o lapso do governo que se revelara ser, bem, um lapso. E depois o político que tinham trazido de volta e que se viera a saber ser um violador. Seguiria-se um alvoroço. Falara-se de encerrar a comissão por completo. Mas depois a comissão trouxera-nos de volta, salvara cinco mulheres assassinadas e passara a ser a heroína.

— *Marketing* aplicado ao homicídio — repeti.

— Toda a gente adora mulheres mortas — disse a Fern. — Desde que sejam o tipo certo de mulheres mortas.

— Mas a equipa de busca *encontrou*-me — disse eu. — O meu corpo. Houve um corpo.

— Lou, tem dó — disse a Fern. — A Gert trabalha literalmente num sítio que clona pessoas. Não achas que conseguem criar um cadáver?

Fiquei horrorizada.

— Estás a dizer que ela me clonou, outra eu, e depois...

— Não — disse o Odd, com firmeza. — Uma cópia. Um invólucro.

— Um recipiente — acrescentou a Fern.

Enterrei a cara nas mãos. Uma cópia de mim sem ninguém lá dentro.

— Será que podes não... Podemos não lhe chamar isso? — pedi.

Eles baixaram o olhar para a mesa.

— O Silas também sabe — disse eu. Não era uma pergunta. —

Descobri imensos telefonemas da Gert, antes sequer de encontrarem o meu corpo. A Gert deve ter dito a verdade ao Silas.

— *Eu* disse a verdade ao Silas — intercedeu a minha outra eu.

Estava de volta, de pé, à porta da cozinha. Se tinha estado a chorar, não se notava. Sentou-se outra vez no seu lugar à mesa, à minha frente. A Fern e o Odd olharam para mim e para ela, e deve ter sido chocante, arrepiante, ver as duas frente a frente, um espelho com vida.

— Parem com isso — disse-lhes ela.

— Disseste ao Silas? — instei-a.

— A Gert não queria que dissesse. Disse que era uma complicação desnecessária. Queria deixá-lo a pensar que eu fora assassinada como todas as outras pessoas. Disse que, no fim, seria mais fácil para ele. Mas eu não pensei o mesmo. Que seria mais fácil acreditar que a mulher morrera apavorada, em sofrimento. Achei que ele merecia saber a verdade.

Tantas coisas pequenas, tantas coisas que tinham feito o Silas parecer suspeito, agora faziam sentido. O dinheiro. O Silas dera-lho, a sua metade das suas poupanças, divididas equitativamente. Os inspetores que acharam que o Silas estava a mentir sobre o meu homicídio tinham razão; estava mesmo. «Estou feliz por estares de volta», dissera-me o Silas. E depois: «Deixa-me corrigir. Estou feliz por estares aqui.» Todo este tempo, o Silas *estivera* a esconder um segredo, só não era o segredo que eu pensara que ele *estivera* a esconder.

— Estás arrependida? — perguntei.

— De lhe contar? Não.

— De o magoares.

— É claro que sim.

— E a Nova?

— Deixei-os para *não* a magoar. — Disse isto com uma entoação que, deu para perceber, revelava que já teria repetido o mesmo para com os seus botões muitas vezes. — É melhor eu desaparecer antes de ela ter memórias minhas. Se não posso ter a certeza de que vou ficar, o melhor é desaparecer.

Pensei outra vez naqueles meses depois do nascimento da Nova, no desespero atolado em depressão, a ânsia de fugir unida à incapacidade de me mexer. Era como um feitiço que transformara o meu corpo em pedra, mas deixara o medo intacto, de modo que eu petrificara, uma estátua submersa num mar de pânico. Não sabia como ela conseguira ultrapassar, a minha outra eu, como conseguira ultrapassar aquela sensação, daquela vez. Só sabia como eu a ultrapassara. E *ultrapassara*-a. Agora sabia isso, também.

— Tive de os deixar — disse ela. — Teve de ser. E continua a ser. Nunca pensei que fosse capaz de o fazer. Pensei que não conseguiria

ser essa mulher. Mas agora *sou*. — Olhou para mim, e os seus olhos, que eram os meus olhos, que não eram os meus olhos, eram decididos e desanuviados. — Não vou regressar.

— Mas regressaste — atalhei. — Regressaste à creche. À casa. Foste ver a Nova. Estiveste no quarto dela.

— Não o devia ter feito — disse o Odd com um estalar da língua.

— Sim — concordou ela, ternamente. — Eu disse-lhes que me manteria longe. Para sempre. Pelo bem do Silas e da Nova. Pelo teu bem. Se as pessoas soubessem o que a Gert fez, o que nós fizemos, bem... — Mordeu o lábio, inclinou a cabeça. — Parece que não tenho lá muito jeito para cumprir promessas.

Naquele momento, ocorreu-me que devia ter medo dela. Afinal de contas, ela era a verdadeira assassina, dela própria e minha.

— Não podes roubar a minha vida — disse-lhe.

— Não regressei para roubar a tua vida — disse ela. — Desisti dessa vida. Só tinha de me assegurar de que tu não... — Não concluiu o pensamento.

— Que eu não o quês?

— Que tu não os abandonavas, como eu fiz.

— Não vou abandonar.

— Eu sei — murmurou. — Eu sei.

— Não somos a mesma pessoa — disse eu.

Ela não estava a chorar, mas eu conhecia o meu próprio rosto e sabia a expressão que fazia quando estava a fazer um esforço para conter as lágrimas.

— Vou partir — disse ela.

— Vais? — disse eu. — Para onde?

— Não sei. Vamos viajar primeiro.

— Vamos? Quem?

Ela olhou de relance para a Fern, que a olhou com um sorriso, um sorriso que não significava *qualquer dia, um dia, em breve*, mas um sorriso que significava *sim, aqui, sim, agora*.

— Arranjamos um sítio onde ficar por uns tempos.

— É esse o teu desejo? — perguntei. — Não é por teres medo?

Ela levantou o queixo.

— É esse o meu desejo *e* tenho medo.

Observei-a, a mulher com a minha cara. Parecia ter medo? É curioso, mas eu não sabia como se afigurava o medo na minha própria cara, embora o tivesse sentido bastantes vezes. O que sabia era que ela não era eu. E quem saberia dizer porquê? Quem saberia dizer porquê ela isto? E porquê eu aquilo? Uma de nós queria partir. Uma de nós queria ficar. Uma de nós carregara a Nova no ventre, dera-a à luz. Uma de nós seria a mãe da Nova. Eu era a mãe da Nova.

— Vai — disse eu. Espalmei as mãos no tampo vermelho. Os

arranhões eram demasiado indistintos para os conseguir sentir nas palmas das mãos, mas estavam ali; eu sabia que estavam. — Tu vais e eu fico. Certifico-me de que ela fica bem. Vou amá-la por ti. Vou amar ambos por ti. E por mim.

Ela esticou-se por cima da mesa e agarrou as minhas mãos.

Como eu previra, o mundo explodiu.

Como ela previra, o mundo não explodiu.

— Obrigada — disse ela, apertando-me as mãos.

Regresso

É tão cedo que ainda está escuro quando eu e a Fern partimos.

Tenho o cabelo molhado do chuveiro, os olhos lacrimejantes do sono. Metêramos as malas no carro na noite anterior. O amigo da Fern jurara que ele ainda tinha muitos quilómetros para percorrer quando lho vendera. Acredito que sim.

A Fern contorna-me para colocar os últimos objetos entre os assentos, acondicionando-os aqui e ali, esquecendo-se e depois lembrando-se do seu casaco. O Odd está de pé no alpendre. Parece não saber o que fazer com as mãos. Não para de as passar dos bolsos para a balaustrada e outra vez para os bolsos. Quando finalmente arrancarmos, terá de decidir o que lhes fazer. Levantará uma delas para acenar em despedida. É isso que fará.

O céu está agora a passar de negro para azul, os insetos a mudar de turno, cedendo o lugar aos pássaros. A Fern sai da casa com o casaco como um ramalhete na mão, agita-o acima da cabeça como um prémio. Sinto algo no peito, uma sensação de que irei ver o horizonte.

A Fern atira-me as chaves, um tilintar aéreo que agarro em pleno voo.

— Queres conduzir? — pergunta.

Quero.

Quando o veículo autónomo finalmente encostou defronte da casa, as luzes ainda estavam acesas. O Silas esperara por mim. Antes de sair de casa do Odd, eu tinha respondido às mensagens que ele enviara para o meu ecrã. Dissera-lhe onde estava, o que agora sabia e que estava bem. E que iria para casa.

Fui dar com ele no quarto da Nova, sentado no chão, encostado ao berço. A luz de presença iluminava-lhe o nariz aquilino e o rosto, o seu rosto familiar.

— Olá, desaparecido — disse eu. Porque sou como sou.

— Olá, amiga — respondeu. Porque ele é como é.

— Ela está a dormir? — Avancei em bicos de pés e espreitei por cima das grades do berço.

— Queres acordá-la?

— Não, não.

— Não faz mal se a acordares. Às vezes, acordo-a só porque tenho saudades dela.

Sorri.

— Eu também faço isso.

Debrucei-me sobre o berço, suficientemente perto para sentir o calor a emanar da pele dela, para ver os fios das suas pestanas, para ouvir o débil chuchar dos seus lábios enquanto sonhava que estava a mamar. Foi então que se intrometeu o pensamento de que eu não a poderia amamentar, e que a Nova estava a sonhar com ela, a minha outra eu. Porém, desta vez, esse pensamento não me contorceu as entranhas. Ela dera à Nova aquilo que podia e agora eu estava aqui para lhe dar aquilo de que ela precisaria no futuro. A minha filha. O meu marido. Estávamos aqui, os três, estas duas pessoas e eu. Estávamos juntos.

Num acordo tácito, eu e o Silas fomos para o nosso quarto. Ele sentou-se na cama de pernas cruzadas e eu sentei-me de frente para ele. Aproximei-me até os nossos joelhos se tocarem. Senti uma mistura de emoções, configurando-se e reconfigurando-se como os insetos à porta da casa do Odd. Fúria e mágoa e culpa e alívio.

Pensara outra coisa, enquanto o veículo autónomo serpenteava pelas mesmas estradas por onde me tinha levado, como uma linha a ser enrolada de novo num carrinho. Da perspectiva do Silas, eu abandonara-o. Abandonara-o e, ainda que só por um dia, deixara-o a pensar que tinha sido assassinada. Como é que seria possível ele não me odiar por isso? Mas ele *não* me odiara. Não odiara. Cuidara de mim. Escutara-me. Amara-me. E o que isso significava para mim era que ele sabia que eu não era ela. Ele sabia que fora ela quem fizera isso, não eu. Via-me como eu mesma. Na minha mistura de sentimentos, havia esperança.

— Mentiste-me — disse eu.

— Borracho... — começou ele.

— E eu menti-te — disse eu. — Muito. Mentimos muito um ao outro.

— Muito mesmo — acrescentou ele.

— Porque é que *fizemos* isso?

— Medo — disse ele.

— A porra do medo — concordei. — Tinhas medo de quê?

— Vejamos. Que tu quisesses deixar-me outra vez.

— Não vou deixar — disse eu.

Ele engoliu em seco.

— Não?

— Não. Quero ficar aqui contigo.

— Sei que não podes prometer que nunca vais ter vontade de partir — disse ele.

— Nenhum de nós pode prometer isso. Mas — disse-lhe, devagar — posso prometer que se alguma vez *sentir* que quero partir, te direi. Prometes o mesmo?

Ele assentiu com a cabeça.

— Prometo.

Depois de um compasso de espera, disse:

— Também tive medo de que a verdade te magoasse.

— Tem piada. — Bati com os joelhos nos dele. — Eu também tive medo disso.

— Se calhar — aventou —, podemos simplesmente acreditar que somos ambos fortes?

— Boa ideia — disse eu. — Porque somos.

Fui a uma última sessão do grupo das sobreviventes do assassino em série. Cheguei tarde e, quando ocupei o meu lugar no círculo, as outras estavam todas a falar do que acontecera no *Early Evening* na outra noite, aquilo de as Angelas chacinarem os Edwards. Desde então que ninguém conseguira jogar mais o jogo. A empresa desativara a plataforma uma hora depois do ataque. Todos os jogadores, os

assassinos e os assassinados, foram cuspidos de volta para os seus corpos, para as suas vidas. Na manhã seguinte, a empresa fizera um comunicado, no qual anunciava que a programação fora comprometida por uma fonte desconhecida. O jogo estaria inacessível até ser possível assegurar a sua integridade.

— Foste tu, não foste? — perguntou a Lacey à Angela. — Pirateaste o jogo. Enviaste um convite a toda a gente.

— Ouvi dizer que foram piratas informáticos — disse a Angela com um ar de perfeita inocência.

— Pois, sim — disse a Jazz. — Piratas informáticos.

— Porque é que *piratas informáticos* fariam tal coisa? — perguntou a Lacey à Angela, de olhos semicerrados. — Quero dizer, na tua *opinião* — acrescentou.

— Talvez estivessem fartos de que o jogo fosse sempre igual — disse a Angela enquanto, devagar e com todo o decoro, passava o cabelo para trás de um ombro, depois do outro. — Talvez quisessem uma história diferente. O que foi? — perguntou. — Porque é que estão todas a olhar para mim?

— Porque tu és uma celebridade — disse a Lacey.

— Longe disso — murmurou a Angela, visivelmente agradada.

— Lacey, acabaste por jogar? — perguntei.

— Sim.

— E então?

Ela apontou para a Angela.

— Tiveste um exército de ti mesma! Quero um igual. Um exército de Laceys. — Suspirou. — Fazes ideia do que poderia fazer com um?

— Sim, e é assustador — disse a Angela.

A Lacey riu ao ouvir estas palavras. Todas nós também.

Ouvi as outras a falar sobre o jogo, sobre as suas semanas, sobre as suas famílias e amigos, sobre as suas vidas domésticas e profissionais, até que a sessão estava prestes a chegar ao fim.

Como sempre, a Gert virou-se para mim e disse:

— E tu, Lou? Alguma coisa que queiras partilhar?

— Por acaso, até quero. — Sentei-me na beira da minha cadeira cor-de-rosa e sondei os semblantes das mulheres que formavam o círculo. A rima começou a desenrolar-se na minha mente: *Edward Early, numa escuridão sem fim, Edward Early, deixou Angela no jardim, largou Fern no carrinho, deitou Jasmine no caminho...* Parei-a. Bastava. Já tínhamos ultrapassado isso. Não éramos elas. E, garantidamente, não éramos uma rima. — Esta é a minha última sessão — anunciei.

A Angela e a Jazz protestaram.

— Podemos fazer isso? — perguntou a Lacey.

A Gert ficou muito quieta. Observou-me, sem se mexer ou mudar de expressão, congelada num frágil sorriso cortês. Como é que a Fern

a descrevera? Assustadora e vestida de ganga.

— Vocês ajudaram-me — afirmei. — Todas vocês. Não conseguiria ter ultrapassado estes últimos meses sem vocês. Mas tive uma longa conversa com... bem — olhei a Gert nos olhos —, comigo mesma, e percebi algumas coisas. Acho que, neste momento, o grupo não é o que eu preciso.

Sem diminuir o sorriso um milímetro que fosse, a Gert disse:

— De que é que tu *precisas*, Lou?

— Da minha vida — disse, resoluta. — Apenas de viver a minha vida.

Ela inclinou a cabeça.

— Deves fazer o que é melhor para ti. Espero que saibas que foi por isso que te trouxemos de volta. E é o que eu sempre tentei alcançar, o que é melhor para vocês, para cada uma de vós, todas. Espero que isso tenha ficado claro.

— Como disseste, trouxeste-nos de volta.

— Isso mesmo — respondeu ela. — Trouxe.

Obsequiei-a com um sorriso.

— E agora aqui estamos.

Ela mostrou uma expressão preocupada. Ótimo. Deixá-la sentir-se um pouco desconfortável, um pouco insegura. Tinham-nos trazido de volta, mas isso não significava que podiam controlar-nos.

— Primeiro a Fern, agora tu — disse a Lacey. — Foda-se.

— Vamos sentir a tua falta, Lou! — gritou a Angela.

— Espero que não — disse eu. — Espero que continuemos a ver-nos.

— É bom que sim — intercedeu a Jasmine. — Quem mais é que me poderia ajudar a escrever *Por detrás da Lâmina: A História de Jasmine Jacobs*?

— E a mim a escrever *Amolador de Facas: As Crónicas de Lacey Adler*? — redarguiu a Lacey.

— E *Ferida Aberta*, o *bestseller* de revelações de Angela Reynolds?

— «*Ferida Aberta*»? Angela, isso é nojento.

A Angela encolheu os ombros.

— As coisas nojentas vendem.

— Pronto, pronto — começou a Gert —, se pudermos...

Não se devia ter incomodado. Não a deixámos falar.

O Sr. Pemberton marcara a primeira sessão do dia. Acontecera muita coisa na semana anterior, demasiado para absorver. No entanto, aquilo deixara-me curiosa, as perguntas cuidadosas que ele me fizera durante as sessões, a história que contara sobre a depressão pós-parto da mulher, e depois a forma como o encontrara sozinho na minha Sala, como me tratara pelo meu nome ao encerrar a sessão, um nome

que eu nunca lhe revelara, um nome que ele não deveria saber.

Por isso, não foi um avanço absoluto quando, sentada no sofá à frente dele, segurando as suas mãos, eu disse:

— És tu, não és?

O Sr. Pemberton afastou as mãos e pestanejou. Porém, não disse «O quê?». Nem disse «Quem?».

Passado uns instantes, o homem da camisola de gola alta da cor das pedras preciosas tremulou ao desaparecer e ela apareceu no lugar dele, a minha outra eu, a outra metade desta história.

— Não fiques zangada — disse ela.

— O que estiveste a fazer todas estas semanas? A vigiar-me?

— A assegurar-me.

— A *assegurar-te* de quê?

Ela olhou para as nossas mãos dadas e depois para mim.

— A assegurar-me de que estavas bem. A assegurar-me de que não irias fugir.

— Eu disse-te que não iria fugir. Estou aqui.

— Eu sei. Vim despedir-me.

— Onde estás? — perguntei. — A verdadeira tu?

— Num quarto de hotel.

— Num quarto de hotel onde?

Ela sorriu.

— Algures.

— Então, sempre o fizeste. Foste embora.

— Estou a caminho.

— Bem, eu também estou a caminho — disse eu. — E estou bem.

Ela fitou-me durante um momento, depois abraçou-me com força. Senti a cara dela encostada à minha. Os braços dela, os meus braços. A cara dela, a minha cara. O corpo dela, o meu corpo, meu.

— Muito bem — disse ela.

Com isto, tremulou e desapareceu.

E eu percebi que me estava a abraçar a mim mesma.

Agradecimentos

Entre os membros do grupo de apoio de sobreviventes que escreveram um romance sobre um assassino em série, figuram:

A minha editora, Sarah McGrath, que acreditou em mim e que tornou este livro muito melhor.

O meu agente, Doug Stewart, que me segurou a mão, me protegeu e defendeu o meu trabalho.

Alison Fairbrother, Delia Taylor, Glory Plata, Nora Alice Demick, Vivianne Do e o resto da equipa da Riverhead.

Ben Browning, Jack Butler, Caspian Dennis, Rich Green, Szilvia Molnar e um agradecimento especial a Maria Bell, que merece os chocolates mais refinados.

Os meus colegas e alunos do Emerson College.

Kate Beutner, Kris Bronstad, Julie Glass, James Hannaham, Rajiv Mohabir, Jessica Treadway e Novuyo Tshuma, que me fizeram companhia durante este projeto, com um agradecimento adicional para Kate e Kris, que nunca deixaram de responder a uma mensagem, e a Rajiv, que estava presente quando escrevi as últimas páginas.

A minha mãe, Beth Williams, que leu duas vezes o manuscrito quando o meu pai não pôde, e o meu pai, Frank Williams, que viveu uma vida cheia de livros e histórias e que estará sempre comigo nestas páginas.

As minhas cadelas, *Fia Ginger*, que ficou à minha beira enquanto escrevi este livro (tenho saudades tuas, miúda) e *Zelda Togarashi*, que me mordeu os pulsos durante a revisão.

Ulysses Loken, a quem agradeço do fundo do coração por tudo o resto.

Sobre este livro



Lou tem um casamento feliz e é mãe de uma criança adorável. É também a quinta vítima de um assassino em série que tem assolado a cidade. Trazida de volta à vida e devolvida aos braços da família graças a um projeto governamental, Lou sente-se agradecida por essa oportunidade. Mas à medida que se tenta readaptar à rotina, contando para isso com o grupo de apoio criado para as vítimas de Edward Early, o assassino, apercebe-se de que existem ainda perguntas por responder relativamente aos dias que antecederam a sua morte — e também acerca de pessoas que deveriam ser de total confiança.

Assim, de um momento para o outro, deixa de ser suficiente cuidar da filha, amar o marido e manter o emprego de que sempre gostou; agora, é-lhe urgente desvendar as circunstâncias da sua morte.

Sombrio e divertido, com um ritmo compassado e carregado de surpresas, *O Meu Homicídio* é um romance feito para ser lido de uma assentada e uma lufada de ar fresco no thriller clássico.

**«Um daqueles livros raros, emocionalmente inteligente
e de leitura divertida... É garantido que manterá
os leitores acordados até altas horas da noite.»**

The New York Times

Sobre a autora

Katie Williams é a autora premiada de dois romances, *Tell the Machine Goodnight* e *O Meu Homicídio*, e dos romances YA *Absent* e *The Space Between Trees*. Os seus textos e artigos têm surgido em publicações como *Best American Fantasy*, *American Short Fiction*, *The Atlantic* ou *Subtropics*. Trabalha atualmente como professora assistente de Escrita Criativa no Emerson College, em Boston.

O Meu Homicídio foi bestseller nos Estados Unidos, vendido para vários países, nomeado Melhor Livro do Ano pela NPR, e a Netflix já comprou os direitos para a sua adaptação televisiva.

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA:

katiwilliamsbooks.com

Instagram: [@pixellkate](https://www.instagram.com/pixellkate)